



TEATRO PARA CRIANÇAS NO RECIFE - 60 Anos de no Século

VOLUME
01

Leidson Ferraz





TEATRO PARA CRIANÇAS NO RECIFE – 60 Anos de História no Século XX

VOLUME
01

Leidson Ferraz

Recife/2016
Edição do autor

Ficha técnica

Texto, pesquisa, organização, edição e proponente cultural

Leidson Ferraz

Assistentes de pesquisa

Elivânia Araújo e Mônica Maria

Revisão

Leidson Ferraz e Rodrigo Dourado

Projeto gráfico e diagramação

Claudio Lira

Tratamento de imagens

Clara Negreiros e Claudio Lira

Coordenação administrativa

Laurecília Ferraz

Todos os esforços foram feitos para registrar o crédito das fotos utilizadas neste livro. Como na maioria não havia qualquer indicação do fotógrafo, contamos com o apoio dos artistas fotografados, que abriram seus acervos particulares, autorizando assim a publicação das imagens. No entanto, quase todas pertencem ao Acervo Projeto Memórias da Cena Pernambucana.

Nenhuma matéria jornalística está aqui reproduzida na íntegra, tendo todas as suas fontes, sem exceção, devidamente registradas, como respeito ao direito autoral das mesmas.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferraz, Leidson

Teatro para crianças no Recife – 60 anos de história no Século XX, volume 1 / Leidson Ferraz. -- Recife, PE : Ed. do Autor, 2016.

ISBN 978-85-905343-7-2

1. Crianças como atores 2. Teatro - Literatura infantojuvenil 3. Teatro - Pernambuco - História 4. Teatro brasileiro 5. Teatro e crianças 6. Teatro infantil I. Título.

16-04519

CDD-792.098134

Índices para catálogo sistemático:

1. Pernambuco : Teatro para crianças : História
792.098134
2. Teatro para crianças : Pernambuco : História
792.098134



Este trabalho tem a pretensão de salvar de uma certa morte parte da história teatral para crianças no Recife, reunindo momentos lúdicos, intensos, belos, equivocados, dramáticos e corajosos de tantas vidas. A começar daqueles que deixaram rastros de uma memória mínea, colhida em matérias de jornal ou raros programas de espetáculos. Por simplesmente terem tentado fazer algo com imaginação, coragem, respeito e amor à infância, ainda que alguns nem expressem tanto em suas produções, meu desejo é que nas linhas desta pesquisa continuem a existir ou simplesmente resistir ao esquecimento.

Dedico esta pesquisa a minha mãe, Luzinete de Castro Ferraz, que cultivou minha infância com tamanho zelo. No mais, agradeço aos que fazem o FUNCULTURA, Arquivo Público Estadual de Pernambuco e a todos os artistas que me ajudaram com informações ou material de seus acervos.





7 | Apresentação

17 | Ano 1939

31 | Anos 1940

62 | Anos 1950

96 | Anos 1960

131 | Anos 1970

196 | Apontamentos finais

197 | Referências

Sim, há crianças na sala de espetáculos!



etimologia da palavra infância, infante é aquele que não fala, não tem voz e vez, uma tradução infelizmente perfeita da história do teatro para a infância no Brasil e, consequentemente, em Pernambuco, ambas com tão poucas publicações. Para sanar parte deste vácuo, dediquei-me a lançar a pesquisa *Teatro Para Crianças no Recife – 60 Anos de História no Século XX*, em 2013, inicialmente na Internet e agora, em 2016, com o seu Volume 01 publicado em livro, além do *Panorama do Teatro Para Crianças em Pernambuco (2000-2010)*, livro editado em 2015, todos incentivados pelo FUNCULTURA.

No entanto, minha atenção a este segmento não parou aí e atualmente dedico o meu olhar sobre o que existia antes da primeira encenação feita por e para crianças a ocupar o Teatro de Santa Isabel, a peça *Branca de Neve e os 7 Anões*, pelo Grêmio Cênico Espinheirense, em 1939, um marco para a produção cênica voltada às crianças em Pernambuco. Foi assim que se iniciou o projeto das matinais infantis dominicais naquele palco, ideia do administrador da casa, o teatrólogo Valdemar de Oliveira, oportunizando àquele público teatro específico ao seu mundo. Mas quais as opções de teatro para a infância antes, se é que existiam?

Partindo dos pressupostos do historiador David Lowenthal¹ ao afirmar que tocamos apenas de forma tangencial o nosso conhecimento do passado, sendo ele fugidio, repleto de resíduos, pequenas frações, fragmentos dos fragmentos, e que o que aconteceu jamais pode ser verdadeiramente conhecido, me atrevo a pontuar momentos da relação da criança com a arte teatral na cidade em que habito, o Recife, não negando que este painel tem um caráter seletivo de lembranças ao escolher como principais fontes, além de livros sobre a história do teatro no Brasil, periódicos da imprensa recifense ao longo dos tempos. Isso porque acredito que

1. LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Revista Projeto História*. São Paulo: PUC/SP, 1998.

todo mapeamento que relembra o passado é crucial para nosso sentido de identidade. Afinal, saber o que fomos confirma o que somos.

Compreende-se que desde que chegou às terras brasileiras trazido pelos portugueses, o teatro nunca fez distinção entre as plateias adultas ou infantis, a começar das apresentações de caráter missionário realizadas pelo teatro jesuítico no Século XVI. No livro *Pequena História do Teatro no Brasil*,² o pesquisador Mario Cacciaglia anota que uma das primeiras peças representadas no país, *Diálogo Sobre a Conversão do Gentio*, do padre Manuel da Nóbrega, quando de sua exibição no Espírito Santo em 1583, ao ar livre e tendo como fundo a selva, contou com os próprios índios como atores “e um coro de crianças nuas e sarapintadas [que] alegraram o espetáculo com gritos de guerra e danças desenfreadas. Outros meninos indígenas dançaram e cantaram quadras pastoris ao ritmo de violas, tamboris e flautas”.

Ou seja, o nosso teatro já nasceu voltado a todas as idades, com garotos na plateia ou mesmo representando. Com o passar dos anos, em meio a religiosos, indígenas e, mais à frente, estudantes – as poucas personagens femininas eram jovens travestidos –, as crianças formavam o público perfeito para apreender lições de conversão e educação nas exibições cênicas por pátios de colégios, procissões, no adro das igrejas ou ao ar livre. E se nos séculos XVII e XVIII vemos o teatro confundido com as festividades públicas e sofrendo até mesmo a proibição de acontecer em qualquer parte da nossa jurisdição por meio de uma pastoral religiosa, somente com o alvará de 17 de julho de 1761, assinado pelo Marquês de Pombal, foi instituída a necessidade de casas de espetáculos em todo o território nacional.

No Recife, em 1772, surgiu, então, a Casa da Ópera, o primeiro teatro em terras pernambucanas, um edifício térreo localizado no bairro de Santo Antônio, onde hoje é a rua do Imperador. Nos setenta e oito anos em que esta casa de espetáculos sobreviveu, ainda que tenha tido de grandiosas a medíocres produções em sua programação esporádica, vindas principalmente do estrangeiro, não encontramos registros de peças voltadas à meninada, mas é quase certo que os filhos da melhor sociedade deviam acompanhar seus pais àquela diversão adulta que, se na cultuada França era sinônimo de elegância, no Recife ocupava uma casa de fama bastante duvidosa. A promiscuidade praticada por homens e mulheres costumava fechar o teatro constantemente por decisão policial.

No entanto, dá para imaginar que garotos de todas as classes sociais, seja nos camarotes de 1^a, 2^a ou 3^a ordem, ou na plateia composta por caixeiros e comerciantes, deleitavam-se com as comédias ali representadas ou ainda os drama-lhões, peças de quaresma, números esparsos de danças e cantos ou durante as temporadas líricas, bem mais constantes. No mais, presume-se que a sensação para o público mirim devia ser as noitadas de prestidigitação e fantasmagoria, a

2. CACCIAGLIA, Mario. *Pequena História do Teatro no Brasil (Quatro Séculos de Teatro no Brasil)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986. p. 83.



exemplo das récitas do Mr. Siasset em outubro de 1829, que, segundo Valdemar de Oliveira na pesquisa intitulada *Origem do Teatro, no Brasil*,³ ainda inédita, prometia “estudos athe sobrenaturaes”, trazendo a cada noite uma “nova invenção de Optica e Chimica”. Ainda no século XIX, aos poucos os pernambucanos foram aventurando-se a ocupar a cena nas primeiras sociedades dramáticas do Recife.

Estas, em número bem reduzido, costumavam apresentar espetáculos sociais com pretensão de agradar a toda a família, mesmo que a maioria fosse exibida no horário noturno das 20h30 e com temáticas nem sempre atraentes à meninada. O Congresso Dramático Beneficente, fundado em 12 de junho de 1884, e a Dis tração Dramática Familiar da Torre, atuante a partir de 1896, esta última com “teatrinho” próprio e elegante, segundo o *Diario de Pernambuco* (26 de outubro de 1902),⁴ são exemplos daquele momento, quando ainda não havia espetáculos direcionados a criança mas as comédias de costume serviam para entreter-las. Não era raro surgir na imprensa alguns chamarizes, como a oportunidade de ver um espetáculo de variedades ou a distribuição de bombons aos pequeninos espectadores, mesmo nas sessões noturnas.

Foi então que o Brasil viu a “febre” de meninos e meninas prodígio transformados em estrelas para agradar as famílias no tradicional horário noturno das 20h30. Talvez a primeira destas equipes a chegar no Recife, agora no elegante Teatro de Santa Isabel, inaugurado desde 1850, tenha sido a Companhia Infantil de Zarzuelas, que aportou em agosto de 1893, trazendo a família do ator e empresário Raphael Arcos, sua esposa e também atriz Raphaela Fernandez, junto às crianças Raphael, Fernando e Maria. A temporada, que deveria acontecer por trinta dias, foi encerrada antes do previsto, com a equipe partindo em viagem de navio para o Maranhão. Logo na estreia, um cronista teatral do *Jornal do Recife*⁵ atestou: “Não é o que se pôde chamar uma bôa companhia que provoque entusiamo á platéa, porém também não quer dizer que não seja digna de aplausos”. As crianças, claro, foram muito mais valorizadas artisticamente do que os adultos em cena.

Bem melhor recebida foi a Grande Companhia Infantil do Rio de Janeiro, do empresário Umbelino Dias, que causou verdadeiro furor na plateia masculina ao chegar à capital pernambucana em maio de 1899, isto porque as jovens do elenco foram recebidas como verdadeiras divas e, mesmo implicitamente, esbanjavam certo apelo sexual. Tanto que suas fotografias eram expostas no teatro, em livrarias, e comercializadas até em cafés da cidade. A temporada aconteceu no Teatro de Santa Isabel com um repertório eclético de revistas, operetas, zarzuelas, vau-devilles, comédias e cançonetas, com destaque para a opereta *Os Sinos de Corneville*, a revista madrilena *A Gran-Via*, a zarzuela espanhola em um ato *O Dominó (La Mascarita)*, e a peça sacra *Milagres de S. Benedito*, de Souza Pinto.

3. OLIVEIRA, Valdemar de. *Origem do Teatro, no Brasil*. Recife: obra inédita/Acervo Projeto Memórias da Cena Pernambucana. s. d.

4. Theatros e Diversões. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de outubro de 1902. p. 2.

5. Companhia Infantil. *Jornal do Recife*. Recife, 8 de agosto de 1893. Theatros e Salões. p. 3.



No elenco de moças e rapazes, Elvira Guedes, Consuelo Uhles, Deocleciano Costa, Franklin de Almeida, Irene, Celestino, Miranda e Gastão (alguns só tinham o seu primeiro nome divulgado), sob regência do maestro Sotter dos Santos e direção artística do ator Phebo. Ali começou o partidarismo entre estudantes e comerciantes, divididos entre “elviristas” e “consuelistas”, louvando cada qual sua artista mirim preferida. Chegaram mesmo a confrontos físicos na época. As sessões aconteciam quase que diariamente, sempre às 20h30. Na despedida, a 1 de junho de 1899, finalmente uma *matinée* foi programada, especialmente oferecida à infância pernambucana, com apresentação do 2º ato do vaudeville *Niniche*, com música de M. Boulland, seguido da zarzuela *O Dominó*. Os anúncios de jornal chamavam a atenção que o elenco seria constituído “por todos os petizes da Companhia!”.

A vitoriosa equipe voltou ao Recife a 2 de junho de 1900, depois de sucesso pelo Espírito Santo, Amazonas, Maranhão e Paraíba, ficando em cartaz até 31 de julho daquele ano, tendo como novos destaques Júlia Martins e Luiz de França, este um ator alagoano já radicado em Pernambuco. Duas obras musicadas em repetição, *Marcha de Cadiz* e *Tim-Tim Por Tim-Tim*, foram os maiores sucessos desta vez. No meio da temporada, Consuelo Uhles abandonou a equipe e realizou um espetáculo em benefício próprio a 29 de julho de 1900. Após tanto alvoroço dos espectadores, a Grande Companhia Infantil do Rio de Janeiro acabou dissolvida no Recife, mesmo após duas brilhantes temporadas, ambas com disputas entre duas alas masculinas no intuito de consagrar suas artistas prediletas.

Em paralelo às visitas das companhias estrangeiras ou que chegavam principalmente do Rio de Janeiro em turnê pelo “Norte” do país, todas com foco no público adulto, a produção local recifense foi crescendo nestes primeiros anos do século XX, com novas sociedades dramáticas aparecendo, praticamente a maioria com “teatrinhos” próprios. Entre estas, a Arcádia Dramática Beneficente Pinheiro Chagas, em atividade entre 1906 e 1908, no Pátio do Carmo; o Grêmio Dramático Espinheirense, atuante entre os anos de 1907 a 1915, no bairro do Espinheiro; e a Diversão Dramática Familiar Júlio Dantas, fundada em 1908 e com registro de atividades até 1911. A programação, sempre que possível mensal, apresentava um drama em três atos seguido de uma comédia em um ato. Algumas vezes, finalizava-se com uma série de monólogos e cançonetas.

A 25 de julho de 1909, por exemplo, a Polínia Dramática Areiense realizou mais um espetáculo social para os seus associados no “teatrinho” que possuía no bairro de Areias, com o drama em dois atos *Como Deus Castiga*, com destaque aos atores Manuel Durães, Moraes Pimentel, Bernardo Netto e Amélia Pinto. Num dos intervalos, houve sorteio de uma boneca entre as crianças presentes. Em seguida, foi apresentada a comédia *O Criado Distraído* (raramente os autores eram divulgados). Paralelo à programação local, as grandes companhias que chegavam de fora também passaram a programar sessões especiais aos pequeninos, ainda que o foco fosse nos familiares que pagavam ingresso. Em abril de 1910, em turnê com a Grande Companhia Dramática do Theatro da Exposição Nacional de 1908, a atriz Lucília Peres programou uma grandiosa *matinée* dominical no Teatro de

Santa Isabel com a peça *Rei dos Ladrões*, dando entrada grátils às crianças e ainda distribuindo-lhes bombons.

Com a aparição do cinema no Recife no início do século XX, aos poucos foram sendo instituídas as *matinées* infantis como opção de diversão. O teatro não escolheu esta segmentação, e meninas e meninos continuavam frequentando os mesmos espetáculos vistos por adultos, mas quase sempre pagando ingresso com preço menor ou tendo entrada franca, desde que acompanhados de alguém da família (certamente para atrair aqueles familiares que não podiam estar no teatro à noite ou não tinham com quem deixar suas crianças). Desde o Cinema-Pathé, o primeiro a funcionar na capital pernambucana, inaugurado no dia 27 de julho de 1909, na antiga rua Barão da Victoria, hoje rua Nova, as sessões começavam ao meio-dia e seguiam continuamente até às 22 horas. O mesmo aconteceu com o Cinema Royal, lançado em 6 de novembro de 1909, na mesma rua Barão da Victoria, com *matinée* de meio-dia às 16 horas já em seu segundo dia de funcionamento. Nesta mesma data, no Teatro de Santa Isabel, a visitante Companhia Miranda oferecia uma *matinée* de *A Viúva Alegre*, ópera cômica de Franz Lehár, às 14 horas, com distribuição de bombons às crianças.

Já no Cinema Popular, surgido em 4 de setembro de 1910, no Largo da Penha, bairro de São José, as sessões iniciavam-se mais cedo ainda, às 10 horas. Os filmes curtos programados misturavam dramas e comédias e espécies de documentários do cotidiano mundial. Ainda no decênio 1910, surgiram novas casas de diversões no Recife. O Teatro-Cinema Helvética foi inaugurado em 26 de março de 1910, na rua dr. Rosa e Silva, hoje rua da Imperatriz, mas já nos anos 1920 só apresentava funções cinematográficas e números de variedades (o Pequeno Edson, integrante da Companhia Infantil de Variedades, chegou a ser aclamado “o ídolo da petizada” durante temporada ali, entre agosto e setembro de 1926). Ainda em 6 de outubro de 1911 surgiu o Polytheama Pernambucano (mais à frente, Cine-Teatro Polytheama), funcionando na rua Barão de São Borja, também no mesmo estilo.

No ano de 1915 o Recife viu ser erguido o Teatro do Parque, inaugurado na rua Visconde de Camaragibe, hoje rua do Hospício, no dia 24 de agosto (em janeiro de 1920 o espaço recebeu temporada vitoriosa da Companhia Lyrica Juvenil, da Itália, com artistas adolescentes cantando óperas afamadas como *Tosca*, *Bohemia* e *Lucia de Lammermour*); o Cine Ideal, funcionando na rua Vidal de Negreiros, o Pátio do Terço, no Bairro de São José; e o Teatro Moderno, lançado em 15 de maio de 1915, em frente à Praça Joaquim Nabuco, cineteatro que costumava marcar apresentações cênicas antes de cada exibição cinematográfica. Lá, no início dos anos 1920, os humoristas João Bozan e Tampinha fizeram sucesso nas *matinées* infantis programadas aos domingos pela manhã, com farta distribuição de bombons à “petizada”, como se falava na época, em meio a concursos infantis.

Na área de produção cênica, talvez a professora de danças clássicas Miss Gatis tenha sido a pioneira a promover espetáculos voltados à infância no Recife, ainda que não fossem peças de teatro, mas, sim, fantasias coreográficas. Em 1925, A

Princesa Adormecida foi uma de suas primeiras realizações, com o título em inglês *The Sleeping Beauty*, tendo no elenco crianças da colônia inglesa no Recife e “amiguinhos brasileiros e suíssos (sic)”, conforme o *Diario de Pernambuco* (19 de dezembro de 1925).⁶ A direção foi dela em parceria com o senhor C. Clarence Horton. Em seguida, a mesma produziu *The Mask of Time*, outra fantasia coreográfica com crianças inglesas e brasileiras no elenco. Por décadas depois ela continuou apresentando espetáculos no Teatro de Santa Isabel, quase sempre no encerramento do ano letivo, algo que outras instituições de ensino também faziam com programação de números variados de dança, música, teatro ou humorismo.

Como o tímido segmento teatral no Recife continuava a ser dominado pela presença de companhias nacionais ou internacionais em itinerância, frente às poucas iniciativas de artistas locais, algumas daquelas continuaram a programar sessões especiais dedicadas à meninada, mas com os mesmos espetáculos apresentados à plateia adulta, já que ainda não havia o conceito de censura e distinção de faixa etária para público específico. No entanto, provavelmente as partes de maior maioria eram amenizadas. Este foi o caso, por exemplo, das companhias de revistas que chegaram ao Recife no ano de 1927 para o Teatro do Parque, oportunizando ao público mirim assistir o mesmo repertório oferecido à noite aos adultos, com sessões agendadas nas “*Matinées Infantis*” dos domingos, às 14h30.

A Companhia Negra de Revistas, que tinha como um de seus astros aquele que futuramente seria conhecido como o Grande Otelo, na época um menino com “aquela pôse toda de gente grande”, segundo o jornal *A Provincia* (13 de abril de 1927),⁷ ofereceu duas *matinées* ao mundo infantil pernambucano durante sua temporada no Teatro do Parque, em abril de 1927, com a revista *Café Torrado* e cobrança de ingressos. Já a Companhia Nacional de Revistas do Rio de Janeiro, no mesmo Teatro do Parque, em junho de 1927, programou para a meninada as revistas *A' La Garçonne* e *Meu Bem, Não Chora...*, ambas com farta distribuição de bombons oferecidos pela fábrica Renda, Priori & Irmão. Vale lembrar que era mais comum às crianças ter como opção cultural a presença de ventrílocos, mágicos e animais amestrados nos teatros.

Somente no ano de 1930 uma equipe local, o Grupo Cine-Teatro, lançada pelo Teatro Moderno, passou a agendar uma *matinée* específica para a criançada, curiosamente com uma peça que provavelmente não tinha nenhum interesse aos pequeninos espectadores, *O Amor Faz Coisas...*, de Samuel Campelo. Tanto que a iniciativa não teve reprise. No dia 17 de maio de 1931 aconteceu outra *matinée* infantil com texto aparentemente mais atrativo, *A Máscara Verde*, de autor e diretor não revelado, como lançamento do grupo Arts Nouveaux. O *Diario de Pernambuco* (5 de maio de 1931)⁸ ressaltou que a obra era um “magnifico vau-deville que por suas constantes situações ultra-comicas bem merece a expressão

6. Teatro Santa Izabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de dezembro de 1925. Scenas & Telas. p. 1.

7. Companhia Negra de Revistas. *A Provincia*. Recife, 13 de abril de 1927. Theatros e Cinemas/Parque. p. 3.

8. Teatro Santa Izabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de maio de 1931. Scenas & Telas. p. 3.

de verdadeira fabrica de gargalhadas". A programação foi encerrada com um ato variado de canto com elementos do Grêmio Familiar Madalenense. Num dos intervalos foram sorteados brindes às crianças.

Ainda no mês de junho de 1931 surgiu a notícia no *Diario de Pernambuco* (12 de junho de 1931)⁹ que o carioca José Carlos Queirolo, popularmente conhecido por Chicharrão, iria exibir no Cine Teatro da Paz, no bairro de Afogados, por três *matinées* às 15 horas, a começar daquela data, o seu interessante conjunto de animais: "[...] a cobra equilibrista, o macaco que dansa (sic) maxixe com sua companheira Dondoca, o burro diplomata, a macaca que trabalha na bola e se equilibra no arame e os cachorros acrobatas". Por sua vez, enquanto o Teatro Moderno recebia a instalação de aparelhos para renovação do ar na sua sala de espetáculos, continuavam naquele centro de diversões, aos domingos, as "Matinées Infantis" com filme seguido do ventríloquo Argo e sua troupe de bonecos, além do sorteio de brindes.

Com o aparecimento do Grupo Gente Nossa em agosto de 1931, liderado pelo diretor do Teatro de Santa Isabel, o teatrólogo Samuel Campelo, no domingo 15 de novembro de 1931, às 14h30, foi programada a primeira vesperal infantil da equipe com o sainete *Mamãe Quer Casar*. Crianças acompanhadas não pagavam ingresso. A peça conseguiu agradar a "petizada", mas ainda não era uma dramaturgia específica para meninos e meninas, e, sim, voltada para toda a família ou mesmo só interessando aos adultos. Uma nova vesperal foi realizada no domingo 22, com distribuição de bombons e apresentação das farsas *Atrapalhações de Um Noivo e Engano da Peste*, seguidas de anedotas caipiras por Barreto Júnior e Renato Marques e números de canto com Lélia Verbena, Zuzu Rocha e Armando Lívio. A iniciativa não deu certo e ganhou explicação no *Diario de Pernambuco* (28 de novembro de 1931):¹⁰

Sendo difícil conseguir peças que interessem á criançada e ao mesmo tempo, as pessoas adultas, o *Grupo Gente Nossa* resolveu acabar com os vesperais infantis. Era desejo do Grupo realizar tambem tardes femininas, o que, entretanto, agora não é possivel fazer. Assim, pois, resolveu dar apenas vesperais aos domingos, sem a denominação de infantis, mas não improprios para crianças em que estas tenham entradas grátis bem como fazer abate nos preços de entradas para senhoras e senhorinhas.

Mesmo assim, não foram poucas as vezes que o Grupo Gente Nossa iria oferecer peças pretensamente para todas as idades em horários específicos à meninada, exatamente a partir de 1932, ano em que, além de peças declamadas, o coletivo passou a programar operetas e burletas. No mês de março, continuando sua intensa programação no Teatro de Santa Isabel, o Grupo Gente Nossa ofereceu a peça *A Cabocla Bonita*, de Marques Porto e Ari Pavão, com música de Sá Pereira, evento que deu entrada franca às crianças acompanhadas e que contou com um

9. Cine Teatro da Paz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de junho de 1931. Scenas & Telas. p. 2.

10. Amanhã – Vesperal do "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de novembro de 1931. Cenas & Telas. p. 4.

ato variado em sequência com a participação do repentista Minona Carneiro e do tenor Vicente Cunha, entre outras atrações.

A partir daí, foram muitas as montagens que tentaram reunir público de todas as idades na plateia, com destaque a textos como *O Interventor*, de Paulo Magalhães, e *A Rosa Vermelha*, opereta de Samuel Campelo (libreto) e Valdemar de Oliveira (partitura musical), tendo a atriz/cantora Maria Amorim como protagonista. Bem recebida por público e crítica nas sessões noturnas anteriores, esta peça fez uma vesperal especial para crianças (com estas mais uma vez entrando gráts se acompanhadas da família), terminando com um ato variado em que Minona Carneiro cantou emboladas. Em agosto de 1932, nova tentativa com *O Homem da América*, comédia de Francisco Dornellas, desta vez com abatimento no ingresso para estudantes e crianças.

Importante lembrar que no início daquele ano, foi a pequena “black-girl” Little Esther, dançarina negra com doze anos de idade e já afamada em todo o mundo, quem surgiu como a primeira “estrela” a aportar no Teatro de Santa Isabel, acompanhada de sua Breakaway Jazz e do artista cômico brasileiro Valdomiro Lôbo, este em números de canto, declamação e contos humorísticos. A menina norte-americana, uma “endiabrada negrinha”, “rival de Josephine Baker”, como a chamavam na imprensa, já era conhecida do público recifense por ter sido um dos destaques do filme *Follies 1929*, da Fox-Film. Ela conseguiu fazer várias matinées e soirées (sessões à tarde e à noite) no Teatro de Santa Isabel, sempre com casa cheia, atraindo espectadores de todas as idades.

O fato é que, até o lançamento das matinais dominicais com dramaturgia específica para as crianças e elenco de meninos e meninas como intérpretes e não mais atores adultos, algo que só aconteceria em 1939, o Grupo Gente Nossa tentou, por diversas vezes, chamar a atenção de garotos e garotas do Recife, garantindo atrativos aos seus familiares na plateia. *Chuva de Filhos (Meu Bebê)*, do francês Maurice Hennequin, “peça para rir do princípio ao fim”, segundo o *Diario de Pernambuco* (4 de dezembro de 1932),¹¹ foi outra obra naquele ano de 1932 que também ganhou sessão especial à petizada, em vesperal. Numa fase vitoriosa, o Grupo Gente Nossa ainda fez o remonte de *A Honra da Tia*, comédia de Samuel Campelo lançada em 1931, agora com crianças entrando gratuitamente na plateia, além da distribuição de brindes e bombons. Números de variedades também foram vistos nos intervalos de cada ato.

A estreia do mês de dezembro de 1932 foi *O Cazuza Não Tem Pai!*, sainete cômico de Djalma Bittencourt, voltado a todas as idades. Além de números de canto e declamação nos intervalos, mais brindes foram distribuídos às crianças. O momento era tão promissor que *O Cazuza Não Tem Pai!* voltou à cena em 1933. A seguir, foi a vez da opereta *O Gato Escondido*, libreto de João Valença, com música de Raul Valença, ganhar também sua vesperal, assim como aconteceu com a

11. A vesperal no “Santa Isabel” – O espetáculo na noite no São Miguel. *Diário de Pernambuco*. Recife, 4 de dezembro de 1932. Vida Teatral/O Grupo Gente Nossa e os seus espetáculos de hoje. p. 8.

comédia *O Amigo Tobias*, original espanhol da dupla André del Prada e González del Toro, com tradução de Brandão Sobrinho, aqui acompanhada de números de canto e a Jazz Gente Nossa tocando nos intervalos.

O lançamento de *Bombonzinho*, de Viriato Correia, no Teatro de Santa Isabel, se deu a 10 de março de 1933, às 20h45, com vesperal em sequência no dia 12, às 15 horas, em mais uma récita com entrada franca às crianças acompanhadas. Encerrando a série de espetáculos daquele mês e com o objetivo de estimular a produção dramatúrgica local, subiu à cena no dia 30 a opereta de costumes regionais *Coração de Violeiro*, dos Irmãos Valença, “trabalho contendo uma partitura lindíssima e um libreto capaz de fazer rir ao mais sisudo espectador, á parte um fio de ação sentimental que é um dos encantos dessa obra teatral”, assegurou o *Diário de Pernambuco* (29 de março de 1933).¹² Nos principais papéis, os intérpretes Maria Amorim e Vicente Cunha. Meninas e meninos pagavam ingresso (a sessão começou às 21 horas, numa quinta-feira). Devido ao êxito da estreia, a peça retornou em vesperal de despedida no dia 1 de abril de 1933, um sábado à tarde, agora com as crianças acompanhadas entrando gratuitamente.

E eis que uma nota quase impensável para aquele momento surgiu no jornal *Diário da Manhã* (4 de outubro de 1933)¹³ como divulgação de um Grupo Infantil fundado na rua Carlos Lyra, no bairro de Afogados, “que trabalha em theatro particular, na residencia do sr. Zaldo Just”. No elenco dos “pequenos amadores”, Benícia Portella, Romilda Virães, Divanise Macedo, Odetta Cavalcanti, Margarida Martins, Zaida Just, Eliete Oliveira, Maria Olívia, Zaldo Just, Romualdo Virães, Bento Dantas, Dinalton Cavalcanti, José Edison e João de Oliveira. Infelizmente não há mais registros sobre este grupo nos jornais pesquisados. No entanto, sabe-se que muitas crianças atuavam nos seus “teatrinhos de quintais” naqueles anos de início do século XX, mas nunca (ou quase nunca) divulgados jornalisticamente. Nas escolas, o teatro já era presença certa em todas as festividades há muito tempo.

Com a chegada do ano de 1934, foi a vez de aportar no Recife a Companhia de Grandes Atrações Vilar-Azevedo para uma temporada de seis dias no Teatro Moderno, com apenas uma *matinée* infantil. Procedente do Teatro Cassino de Buenos Aires, a equipe era liderada por Júlio Vilar, ilusionista já conhecido do público recifense, acompanhado dos acrobatas e malabaristas Irmãos Azevedo; dos gladiadores de fama mundial, os Almeidas; e dos cães amestrados Fly and Jambo, que faziam operações aritméticas; além de uma orquestra, entre outras atrações do seu repertório de variedades. A partir de 12 de dezembro de 1935 nova oportunidade aconteceu às crianças com a inauguração da Festa da Mocidade no Jardim 13 de Maio (hoje, Parque 13 de Maio), por estudantes de escolas superiores da cidade, em prol da Casa do Estudante de Pernambuco (na época, ainda em construção no bairro do Derby). O evento atraía multidões a cada final e início de ano, oferecendo parque de diversões, exibições de mamulengos, circenses e shows musicais ou cômicos para todas as idades, além de concursos infantis.

12. Grupo Gente Nossa. *Diário de Pernambuco*. Recife, 29 de março de 1933. Cenas & Telas. p. 5.

13. Grupo Infantil. *Diário da Manhã*. Recife, 4 de outubro de 1933. Theatros. p. 12.

Já em 1937 estreou, no Teatro de Santa Isabel, a revista cívico-escolar *Coisas do Meu Brasil*, da professora Maria Elisa Viegas, com alunos do Grupo Escolar Maciel Pinheiro, grandiosa montagem que contou com o maestro Nelson Ferreira regendo a Orquestra da Rádio Clube de Pernambuco. Foram cinco sessões no total, mas tratava-se de uma obra com números variados, de caráter didático e cívico, e não com dramaturgia pensada para o imaginário da infância. Mesmo assim, *Coisas do Meu Brasil* ganhou reapresentações em 1940 e 1941. Foi somente com a estreia de *Branca de Neve e os 7 Anões*, adaptação do tradicional conto por Coelho de Almeida, sob direção de Augusto Almeida, com elenco do Grêmio Cênico Espinheirense, que o Recife pôde começar a ver uma sequência de peças feitas por e para crianças, em projeto que finalmente abriu espaço para a diversão teatral da criançada, agora não mais pegando carona em obras voltadas aos adultos.

E a partir desta 1ª Grande Matinal Infantil do Grupo Gente Nossa, com artistas dos quatro aos doze anos em cena, uma verdadeira reviravolta aconteceu no teatro recifense, finalmente com atenção aos pequeninos intérpretes e espectadores, agora reconhecidos como público específico e com arte própria para o seu mundo onde a fantasia era a mola-mestra. Acompanhe mais detalhes desta trajetória neste livro, um mapeamento da produção teatral direcionada à infância na capital pernambucana de 1939 até 1999 (dividido em dois volumes), ou seja, os sessenta primeiros anos do teatro verdadeiramente para a infância no Recife. Se tanta história aqui pontuada nos chega fragmentada, é porque nenhum repertório de lembranças é contínuo. Umas recordações submergem para sempre em nossa memória; outras, emergem à superfície. Ainda que minimamente, as pesquisas a que me dedico, tentam fazer isto: trazê-las à tona de alguma forma. Boa leitura!

Recife, maio de 2016.

Leidson Ferraz

Autor, jornalista, pesquisador teatral e mestrando no programa de Pós-Graduação em História da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco)



1939

O

bservando raríssimas fotos da plateia do Teatro de Santa Isabel publicadas nos jornais das primeiras décadas do século XX, é possível ver crianças em meio aos adultos. Elas estavam ali acompanhando parentes nas sessões de óperas, balés, recitais de música, festivais de arte de instituições de ensino, vesperais para moças ou mesmo espetáculos de teatro voltados para maiores de idade. Isto porque, até 1939, nenhuma peça inteiramente específica para crianças ainda havia sido apresentada na mais importante casa de espetáculos da capital pernambucana. Foi o médico, jornalista, músico e teatrólogo Valdemar de Oliveira quem mudou esta situação assim que assumiu a direção do Teatro de Santa Isabel em substituição ao também teatrólogo Samuel Campelo, falecido a 10 de janeiro daquele ano.

Os dois artistas integravam o Grupo Gente Nossa, o mais atuante conjunto teatral pernambucano daquele momento, em atividade semiprofissional desde 1931, com repertório voltado, até então, ao público adulto. A proposta da equi-

pe era valorizar a dramaturgia brasileira – quando obras importadas estavam tão em voga no nosso país – e, principalmente, a nordestina, com montagens de operetas, burletas, alguns dramas e especialmente comédias, algumas musicadas, em intensa circulação pelos mais distintos palcos. Samuel Campelo fundou o Grupo Gente Nossa junto a Elpídio Câmara e tinha em Valdemar de Oliveira seu principal parceiro, tanto que este assumiu a direção geral da equipe após sua morte. Já o cargo de direção do Teatro de Santa Isabel foi oferecido a Valdemar de Oliveira pelo prefeito do Recife, Novaes Filho, com a aprovação do interventor federal no Estado, Agamemnon Magalhães, ambos comprometendo-se a ajudar financeiramente os projetos ali desenvolvidos.

Desde 1934, em coluna assinada no *Jornal do Commercio*, Valdemar de Oliveira reclamava que o teatro para crianças deveria existir no Brasil com um grupo dedicado a este gênero especificamente, seguindo exemplo de países como Rússia, França e Argentina. Cinco anos depois, no Recife, teatro infantil ainda era sinônimo de peças curtas inter-



Valdemar de Oliveira

pretadas por crianças nas escolas ou nos cineteatros dos subúrbios, quando exibiam-se garotas e garotos prodígios que cantavam, dançavam ou interpretavam textos curtos, além de um ou outro artista da dança, do humor, da música, do circo ou do esporte em números variados, assim como acontecia nos programas comemorativos de rádios ou festivais de arte dos educandários que ocupavam o Teatro de Santa Isabel. A ideia de promover nesta luxuosa casa de espetáculos teatro com dramaturgia específica para a "petizada", como se falava na época, nasceu para Valdemar de Oliveira assim que viu os dois filhos, Reinaldo e Fernando de Oliveira, brincando de "interpretar", logo após uma sessão de cinema.

Mandei, certo domingo, meus filhos a uma matinée cinematográfica, no "Moderno", do Recife. No dia seguinte, um deles empunhou uma faca para o outro e andaram em correrias desabaladas, dando tiros... de boca, pelo quintal. Um era "sheriff", outro o bandido... Nesse dia, decidi-me a empreender espetáculos para crianças no Recife.

Foi o que escreveu à imprensa (segundo documento pertencente ao acervo do Teatro de Amadores de Pernambu-

co, sem indicação de jornal ou data e apenas com o título "O teatro infantil, no Recife"), lembrando ainda a falta de divertimentos educativos nas poucas distrações oferecidas à infância na cidade. Na realidade, através do Grupo Gente Nossa, Valdemar pôs em prática algo que já vinha divulgando no *Jornal do Commercio*, o teatro para e com crianças, ideia da educadora Juanita Machado, que em 1936 tentou (e parece, sem sucesso) criar o *Theatro Infantil* no Recife, de caráter essencialmente pedagógico, seguindo os passos do *Theatro da Criança*, ação dos professores Vera Grabinska e Pierre Michailowsky desde 1931, no Rio de Janeiro, com apresentações de textos curtos, recitais de poesias, pianistas, cantores e coreografias em atos variados desempenhados por meninos e meninas.

Após a morte de Samuel Campelo, num sábado à noite, 4 de março de 1939, o Grupo Gente Nossa reiniciou suas funções no Teatro de Santa Isabel com a estreia da comédia-canção adulta *Onde Estás, Felicidade?*, de Luiz Iglesias, graças ao incentivo financeiro da municipalidade e do Estado. Valdemar de Oliveira ficou à frente da administração. No elenco, os atores Alzira de Oliveira, Aucélia de Sousa, Elpídio Câmara, Lourdes Monteiro, Barreto Júnior, Oswaldo Barreto, Luís Carneiro, Tancredo Seabra, Alfredo de Oliveira, Lenita Lopes e Luiza de Oliveira. A direção artística foi assumida por Filgueira Filho, tendo como ponto – uma função importantíssima para o teatro da época, que "soprava" as falas para os atores de uma caixa no proscênio do palco – Abelardo Cavalcanti (conhecido como Coleguinha); e Caldas Araújo, o contrarregra. Exatamente na manhã seguinte Valdemar de Oliveira deu início ao projeto que

finalmente abriu espaço para a diversão teatral da criançada naquele palco, com um espetáculo completo na 1ª Grande Matinal Infantil do Grupo Gente Nossa.

A peça escolhida foi *Branca de Neve e os 7 Anões*, adaptação do tradicional conto por Coelho de Almeida, sob direção de Augusto Almeida, com elenco do Gremio Scenico Espinheirense (que no ano seguinte se intitularia Grupo). A montagem já havia sido apresentada em teatrinho próprio deste conjunto, armado no quintal da casa do diretor Augusto Almeida, com reunião da "melhor sociedade do bairro do Espinheiro em torno da idéia do amadorismo teatral", segundo o *Jornal do Commercio* (12 de janeiro de 1941, p. 4.). A sessão no Teatro de Santa Isabel se deu no domingo, 5 de março de 1939, a partir das 10 horas. No elenco, Theresinha Fonseca (Branca de Neve), Antônio Carlos Almeida (Príncipe), Theresinha Ferreira (Rainha), Maria Isabel Martins (Aia), Geraldo Martins (Caçador), Zezé Oliveira (Mestre), Nazareth Oliveira (Feliz), Augusto F. Almeida (Somneca), Albertina F. Almeida (Atchim), Geraldo Carvalho (Zangado), Leisa Almeida (Dengoso), Marcos Almeida (Dunga) e Themira Oliveira (Feiticeira). Todas as crianças em cena, dos quatro aos doze anos, eram artistas iniciantes, mas profissionais importantes compuseram a ficha técnica, como Mário Nunes e Álvaro Amorim, pintores já famosos que assinaram os cenários; e Antônio Paurílio, da P.R.A.-8, a Rádio Clube de Pernambuco, que dirigiu a orquestra tocando no fosso do teatro.

Seguindo-se à peça, foi apresentado um ato variado com os cantores adolescentes Iracema Diniz e Rômulo Paiva, do Programa Juvenil da P.R.A.-8;



além de números do humorista Salomão Absalão (o ator Ary Guimarães), do grupo Boca de Forno e da dupla The Black Boys. Dois detalhes curiosos foram a instalação de um microfone no palco, para o público ouvir os pequenos artistas, e a distribuição gratuita de leite pasteurizado aos "pimpolhos" da plateia. A verdade é que, até aquele momento, as crianças desfrutavam de poucas opções de diversão cultural no Recife. Nos cinemas, por exemplo, eram raras as sessões dedicadas ao público mirim (Valdemar chegou a afirmar, segundo documento pertencente ao acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco, sem indicação de jornal ou data e apenas com o título "Teatro Infantil", que os programas cinematográficos destinados aos meninos, em vez de educar, faziam o contrário). Um dos poucos a promover matinês dominicais já há algum tempo, com filmes de censura livre, mas não voltados especificamente às crianças, era o Cine-Moderno, que anunciou, para aquele mesmo dia e horário da peça, *Jim das Selvas*, com Grant Withers e Betty Jane Rhodes, seguido do faroeste *Tenacidade*, com o querido cowboy John Wayne. Ou seja, concorrentes fortíssimos.

Para piorar, aquele era um feriado local prolongado, com a segunda-feira sendo dedicada a Revolução Pernambucana



de 1817, portanto, pais e filhos já poderiam ter-se dirigido às praias. Mas a ideia deu certo. E provavelmente até mesmo Valdemar de Oliveira deve ter se surpreendido com a resposta de público, que lotou o Teatro de Santa Isabel até a torrinha, consagrando sua proposta de oferecer, com cobrança de ingressos populares, teatro à meninada. Tanto que, a pedidos, uma nova sessão da peça foi agendada para o domingo seguinte, 12 de março de 1939, contando com mais um ato variado com números do ator paulista Joca Silva, sapateador, parodista cômico e imitador de animais; estreia das Irmãs Oliveira (Luísa, Amparo e Therezinha) cantando; e um "sketeh" final concluído com a marcha carnavalesca *O Gordo e o Magro*, sucesso do período. Na ocasião, a Fábrica Pilar distribuiu seiscentas caixas de biscoito à plateia.

Só a título de curiosidade, o filme *Branca de Neve e os Sete Anões*, primeiro longa metragem de animação dos estúdios Disney, lançado em 1937 nos Estados Unidos, chegou ao Recife em outubro de 1938, com temporada de sucesso primeiramente no Cine-Theatro do Parque e, em seguida, no Cine-Moderno. A receptividade foi tamanha no Brasil que o filme ganhou versão radiofônica pelas mãos do escritor e draturgo Raymundo Magalhães Jr., com os mesmos diálogos e músicas da obra

cinematográfica, transformando-se num grande sucesso do radiotheatro no Rio de Janeiro, com repercussão no país inteiro. Oduwaldo Cozzi assinava a direção. Esta versão para o rádio foi veiculada pela primeira vez no Recife no dia 20 de outubro de 1938, pela Rádio Clube de Pernambuco, a P.R.A.-8, das 19 às 20 horas, com patrocínio dos produtos Peixe em "programma dedicado ás creanças (sic) do Brasil".

Importante citar que, naquele início do ano de 1939, antes da sessão da peça *Branca de Neve e os 7 Anões* pelo Grêmio Scenico Espinheirense, na tarde de 29 de janeiro, às 15 horas, o mesmo palco do Teatro de Santa Isabel recebeu uma versão de *A Gata Borralheira*, provavelmente um balé divulgado erroneamente nos jornais como "peça" e "representação theatrical". A montagem integrou um festival em benefício das obras da Capella de Santa Therezinha, localizada no Derby, com desempenho de dezenas de alunas de Miss Betsy Gatis, conhecida professora de danças clássicas em atividade no Recife pelo menos desde 1927. Ainda naquele começo do ano, uma outra casa de espetáculos também vinha recebendo o público mirim, o Cine-Encruzilhada, por conta da temporada de Ratinho e Sua Companhia de Revistas, Burletas e Sainetes do Rio de Janeiro.

Lá, além de peças impróprias para menores de quatorze anos, apresentadas todas as noites, eram programadas vesperais das moças em qualquer dia da semana, às 15 horas, quando “creanças de 5 anos em deante” podiam assistir a produções como *Flor de Manacá*, “optima burleta regional”, seguida de “um colossal acto variado! Tarde de alegría! Música e arte!”; ou *Rancho da Serra*, outra burleta regional, tendo na sequência “1 acto variado – Canto! Ane-dotas etc.”, como diziam os anúncios da época. No final do mês de janeiro de 1939 foi a Genésio Arruda e Sua Cia. de Disparates Cômicos quem ocupava o Cine-Encruzilhada, com sessões diárias. A “temporada de riso e arte” incluía, além dos espetáculos adultos noturnos, vesperais e matinées com ingressos mais baratos às crianças, com destaque no elenco para uma artista mirim a despertar a admiração de muitos: Wally.

Ela era uma garotinha prodígio, “original estrella theatrical de 5 anos de idade que dansa, canta e sapateia com arte e perfeição”, divulgada como “a Shirley Temple brasileira”, em referência à atriz mirim dos Estados Unidos, estrela de vários filmes. As apresentações desta sua versão brasileira eram acompanhadas de Argus e Seus Bonecos e de “disparates cômicos” interpretados por Genésio Arruda, conhecido como “a gargalhada em pessoa”, e seus artistas. Entre estes trabalhos voltados a todas as idades, *O Domador de Onça*, *A Anastácia e Os Fugitivos do Cemitério do Aracá*, quase sempre com “distribuição de bombons à gurizada”.

Ainda naquele ano, vale registrar que no dia 14 de janeiro foi inaugurado o Jardim Zoo-Botânico de Dois Irmãos e que a Festa da Mocidade promovida

pela Casa do Estudante de Pernambuco tinha como uma de suas atrações o Parque de Diversões Imperial, instalado na praça da Faculdade de Direito do Recife. Mas, independente destas outras opções de diversão, as matinais dominicais específicas para as crianças foram um sucesso e abriram novas perspectivas para o Grupo Gente Nossa, que enfrentou tremenda crise em 1938 com o Teatro de Santa Isabel entregue sucessivamente a companhias visitantes e elenco dispersado por um tempo, além da doença de Samuel Campelo, que o levou à morte. Pesquisadores como Joel Pontes (*O Teatro Moderno em Pernambuco*, 1966, p. 28.), Alexandre Figueirôa (*O Teatro em Pernambuco*, 2003, p. 45.) e Ana Carolina Miranda (*O Grupo Gente Nossa e o Movimento Teatral no Recife (1931-1939)*, 2009, p. 157.) referendam que quem o atacou mais profundamente foi a proibição, pela censura estadual, de sua peça *S.O.S.*, que seria apresentada no Recife pela Companhia Renato Vianna, do Rio de Janeiro.

Desde o seu lançamento em 2 de agosto de 1931, o Grupo Gente Nossa vinha conseguindo manter programação intensa para adultos. Por semana, eram muitas as sessões de espetáculos, seja no Teatro de Santa Isabel ou nos cineteatros dos subúrbios, como o Cine-Theatro Olinda do Feitosa, no bairro de Campo Grande; Cine-Eldorado, no Largo da Paz; o já citado Cine-Encruzilhada, no bairro de mesmo nome; ou Cine-Torre, também no bairro homônimo, entre outros, com revezamento constante de montagens em estreia. Isto sem contar as excursões a outras cidades e estados.

Em 1939, por conta do incentivo público e com Valdemar de Oliveira na ad-



Samuel Campelo

ministração do grupo, a agenda lotada voltou a acontecer. Tanto que no sábado anterior a 2ª Grande Matinal Infantil, por exemplo, os atores Elpídio Câmara, Luís Carneiro, Oswaldo Barreto, Alfredo de Oliveira, Barreto Júnior, Luiza de Oliveira, Lourdes Monteiro, Alzira de Oliveira e Gina de Almeida estrearam a comédia adulta *O Hóspede do Quarto N° 2*, de Armando Gonzaga, solenizando a passagem do 60º dia de falecimento de Samuel Campelo com uma obra “escrita com a só preocupação de fazer rir”, como lembrou o *Jornal do Commercio* (12 de março de 1939, p. 8.), peça escondida talvez para diminuir a lembrança de sua enorme ausência. Após a matinal infantil do domingo, no Teatro de Santa Isabel, a peça foi reapresentada em vesperal às 15 horas e, na segunda-feira, em sessão gratuita para operários do Centro Educativo Operário de Afogados, algo que passou a acontecer frequentemente em atenção às camaçadas mais populares e como contrapartida ao financiamento do poder público.

Paralelo às tantas produções para adultos e após a certeza de resposta positiva do público com a peça *Branca de Neve e os 7 Anões*, pelo convidado Gremio

Scenico Espinheirense, Valdemar de Oliveira decidiu reunir crianças filhos de pessoas da melhor sociedade do Recife num elenco próprio, incluindo seus dois rebentos, Reinaldo e Fernando de Oliveira, respectivamente com nove e dez anos naquele período, para participar de peças que se caracterizaram pelo seu cunho instrutivo e educativo. Lançou, então, o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, departamento autônomo com a intenção de promover projeto teatral voltado especificamente à criança, fomentando, inclusive, a dramaturgia neste segmento. Quis provar que a meninada, além de artista, poderia ser um público certeiro, com programação e horário específicos numa sequência de “matinais” aos domingos na mais importante casa de espetáculos do Recife. Suas intenções de “formação”, inclusive de público futuro, eram nítidas.

No seu livro de memórias *Mundo Submerso* (1985, p. 139.), ele revela:

[Teatro] Para crianças – e por crianças, porque sua meta não seria divertir, mas, instruir, sem que elas desconfiassem disso. Planejei aproveitar vocações existentes nos meios escolares, fazê-las interessar-se pelo teatro, ensiná-las a falar, a andar, a cantar, a dançar, a portar-se e comportar-se. Mais dez ou quinze anos, esperava eu, essa miúchalha viria a constituir numeroso público teatral e, o que é mais significativo, reforçaria os quadros amadoristas da cidade, como de fato sucedeu, para exemplificar, com um José Maria Marques, uma Janice Cantinho Lobo, um Reinaldo de Oliveira, que vieram a integrar-se no elenco do Teatro de Amadores de Pernambuco. [...] Hoje, há médicos, advogados, engenheiros, donas de casa, viúvas, vovôs e vovós, que não esquecem, tenho certeza, o Teatro Infantil, com que criamos a plateia de vinte anos mais.

O lançamento do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa aconteceu na 3ª Grande Matinal Infantil, dividida em duas partes, no domingo 19 de março de 1939. Inicialmente, foram vistas três peças curtas no desempenho da meninada: *Com a Rainha é Assim...*, *O Valente e o Intelligente* e *Prisioneiro de Guerra*, de autoria de Joracy Camargo e Henrique Pongetti. Finalizou o programa a revista *A Hora do Calouro*, de José Capibaribe, pseudônimo do próprio Valdemar de Oliveira, criado anos antes para assinar a revista *Sai, Cartola*, além de marchinhas populares como *Sá Zeferina Está de Volta e Ai, Que Ele é do Mato*. Na última parte da apresentação, a cantora adolescente Maria Celeste estreou interpretando sambas. Nos intervalos, houve números variados com Paulo Bezerra, outro cantor adolescente. Mas as expectativas daquele domingo já estavam, de fato, voltadas para a próxima Grande Matinal Infantil, que marcaria o lançamento de *A Princesa Rosalinda*, primeira opereta infantil escrita e musicada por Valdemar de Oliveira para e com crianças.



Durante toda aquela semana, a publicidade nos jornais alardeou: "Montagem em 2 atos e 7 quadros de Valdemar de Oliveira. Guarda roupa luxuoso. Lindos bailados. Números de música e de bale. Inteiramente interpretada por crianças" (saliente que havia uma atriz adulta no papel da Avozinha, Lourdes Monteiro, atriz do Grupo Gente Nossa desde a sua fundação em 1931, esposa do ator e diretor Elpídio Câmara). Com diversos cenários – os clássicos telões pintados da época – assinados por Mário Nunes e música e direção de Valdemar de Oliveira, tendo como colaboradoras as senhoras Maria Elisa Viegas de Medeiros, Labis Villaça e Dagmar Beltrão, com o próprio autor regendo os músicos no fosso do Teatro de Santa Isabel, a opereta infantil *A Princesa Rosalinda* estreou como superprodução na matinal do domingo 26 de março de 1939. O enredo começa com uma avozinha contando aos seus três netos a história da protagonista, que acaba desenvolvendo-se no palco com diversas outras personagens.

A trama faz uma louvação à fantasia e, principalmente, aos "bons costumes": num reino distante, a princesa Rosalinda vivia só e muito triste. Ao ceder uma esmola para uma mendiga, sem saber que se trata de uma fada disfarçada, esta lhe revela que existe um príncipe adormecido há anos numa rosa do jardim real. Desencantado pela fada, o Príncipe Walter apaixona-se pela princesa e pede a mão da jovem ao rei. Como há diversos outros pretendentes, o soberano decide que sua filha se casará com aquele que praticar a mais bela ação dentro do mínimo possível de tempo. O príncipe ganha a competição ao revelar que transformara em moedas o seu palácio para espalhá-las entre o povo. "Pobre



ficará, mas de coração satisfeito”, diz o rapaz. O romance, então, termina bem, ao som de mais uma canção em meio a “bailados”: “Rosalinda! Feliz tu hás de ser! Rosalinda! Rosalinda! Rosalinda!”. No enredo, note-se a importância dada às boas ações, como mais um aprendizado à criançada.

A cantora Maria Celeste apresentou-se no intervalo e houve distribuição gratuita de setecentas e vinte latinhas de goiabada Peixe à plateia, oferta da firma Carlos de Britto & Cia. No elenco, Lourdes Monteiro (Avozinha), Reinaldo de Oliveira, Fernando de Oliveira, Valdemar Rodrigues Filho (1º, 2º e 3º Menino), Anita Dimenstein (Princesa Rosalinda), Maria Auxiliadora Medeiros, Edmilda Lopes, Leonorzhina Vasconcelos, Ivanda Oliveira (1ª, 2ª, 3ª e 4ª Dama), Zenilda Vilaça (Fada), Lenira Vilaça (Juanito, personagem cômico que fez muito sucesso, filho adotivo do rei e um comilão inveterado); Walter Dimenstein (Príncipe Walter), José de Aguiar (1º Ministro), Geraldo Vilaça, Edmir Lopes (1º e 2º Oficial), Paulo Bezerra (Tenente Paulo), Ranúzia Cordeiro Azevêdo, Norma Beltrão Xavier, Maria de Lourdes Beltrão, Marinete Morais (Borboletas), Maria Lia Farias (Dançarina) e Rodolfo Carvalho (Rei). Este último, com doze anos na época e já reconhecido como um garoto-prodígio das artes, adulto se tornaria nacionalmente conhecido

como Carvalhinho, ator e humorista do teatro, do cinema e da televisão.

Permanecendo em cartaz aos domingos, por mais de um mês, algo raro para a época, devido ao sucesso de público (excetuando no dia 23 de abril, quando *Branca de Neve e os 7 Anões* foi re-apresentada), a despedida da temporada aconteceu em 7 de maio de 1939, dividindo a cena com um ato variado formado pela peça curta *Com a Rainha é Assim...*, tendo a menina Lenira Vilaça no papel título, além de números com a dupla Ferreira Castro e o cômico Picolino, do elenco do Circo Nerino. Latinhas do Doce Leão foram distribuídas ao público pela empresa Amorim, Costa & Cia. O mais curioso nesta última sessão foi um lembrete que surgiu no *Diário de Pernambuco* (7 de maio de 1939, p. 2.): “De acordo com a determinação do juiz de Menores, somente poderão ter ingresso crianças maiores de 4 anos”. Esta novidade é intrigante, já que nos jornais da época não se encontra qualquer justificativa para tal proibição, mas, pode-se deduzir que o choro dos menores de cinco anos tenha incomodado o público presente nas sessões anteriores.

O estranho é saber que um juiz tomou a iniciativa do veto à entrada dos pequeninos no teatro, algo que continuará a acontecer na programação matinal seguinte, com a estreia da nova

A Princesa Rosalinda



produção do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, *O Pequeno Polegar*. Mas antes de tratar desta peça, vale citar as impressões de um repórter do jornal *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas* (24 de abril de 1939, p. 8 e 3.) ao assistir a reapresentação de *Branca de Neve e os 7 Anões* e relatar curiosidades sobre a plateia:

Para a matinal infantil de hontem, no Santa Isabel, estava annunciado – *Branca de Neve e os Sete Anões*, de autoria do escriptor allemão Grimm e adaptado ao theatro pelo dr. Coêlho de Almeida. Duas vezes fôra levada a peça no mesmo theatro e o Grupo Scenico Espinheirense já o (sic) encenara duas vezes tambem. Não obstante isso as poltronas e demais localidades do theatro da praça da Republica, estavam totalmente ocupadas. Os cinemas tambem já se haviam encarregado de levar um film de Walt Disney sobre o mesmo motivo. Vale reproduzir flagrantes obtidos pela reportagem desta folha no velho theatro para dar aos leitores uma idéa (sic) da victoria que já conseguiu entre nós o theatro infantil. [...] São centenas de garotos que procuram lugares e se comprimem junto á bi-

lheteria para aquisição de ingressos. Ha uma particularidade nesse ponto: antigamente cabia aos paes o serviço da compra de ingressos mas hoje são os filhos que se encarregam de fazel-o (sic). A' entrada está um funcionario do Santa Isabel encarregado da distribuição de bombons ás creanças. Não tem mãos a medir. Um a um os meninos recebem o seu pacote de balas ou a latinha de doce e vae (sic) para o seu logar. A maior ambição da creançada é pelos assentos da primeira fila. [...] Com as primeiras badaladas das 10 horas tem inicio o espectaculo. A ansiedade de todas as matinaes. Não são raras estas expressões entre a meninada: "A tua irmã vae trabalhar hoje?", "Aquelle de calça comprida é Zezinho? – Como está diferente...", "Paulo fica bem com roupa de gente grande" e outras phrases semelhantes. A maior ansiedade depois é para que termine o acto para bater as palmas. Ha creanças que se comprazem com as palmas e chegada a vez não perdem a oportunidade para prolongal-as (sic). Durante a representação algumas creanças se comportam caladas, umas com as mãos seguras ao queixo, outras com o corpo inclinado para a frente demonstrando grande interesse pela peça. Ha as que com-

mentam, que pedem impressões dos companheiros. Em geral as meninas de 10, 12 e 14 anos já se externam sobre toilette, criticam gestos e emittem opiniões sobre a maquillage da princesa que foi exagerada ou está com defeito na pronuncia. [...] Alguns que haviam assistido a peça se compraziam em dizer aos companheiros o que ia succeder no segundo acto. Houve um aparte na creançada que valeu por todo o espectaculo: quando a bruxa se approximou de Branca de Neve offerecendo-lhe a maçã uma creança do meio da platéa gritou: "Não queira porque está envenenada...".

Dividida em dois atos e oito quadros, a "fantasia musical" *O Pequeno Polegar*, adaptação de Coelho de Almeida a partir do conto de Perrault, com música de João Valença, estreou a 14 de maio de 1939, ocupando o Teatro de Santa Isabel por duas manhãs dominicais. No palco, além de quinze crianças e adolescentes, a participação do ator adulto Gerson Vieira, do Grupo Gente Nossa (em entrevista realizada no dia 20 de abril de 2011, Reinaldo de Oliveira, que também integrou aquele elenco, lembrou que Gerson Vieira era o diretor artístico da montagem, mas não há qualquer referência a isto nem no programa da peça nem nos jornais, sem, no entanto, revelar quem assumiu tal função). Lenira Vilaça, a mesma que interpretou Juanito n'A Princesa Rosalinda, viveu a personagem principal, Polegar, mas não era a única garota a interpretar papel masculino. Ainda no elenco, Rodolfo Carvalho (Tomaz, o Lenhador), Edmilda Lopes (Teresa, sua Mulher), José de Aguiar (Pedrinho), Reinaldo de Oliveira (Mário), Amparo Oliveira (Joãozinho), Valdemar Rodrigues Filho (Luís), Teresa de Oliveira (Gastão), Sunia Campelo (Paulo), Maria Celeste (Marta, a Mulher do Gigante), Paulo Bezerra (Rei Edu-

ardo), Clóris Passos (Rainha), Antônia Oliveira, Edmir Lopes (Guardas Reais) e Aluísio Magalhães (1º Ministro), além de Gerson Vieira (Gigante Papão).

O libreto da peça é um tanto cruel: por conta de uma grande seca que a tudo arrasou, um casal de lenhadores decide largar os sete filhos na floresta, na esperança de serem adotados por outros lenhadores. Ouvindo a conversa dos pais, Polegar, o mais jovem de todos, traça um plano e espera que durmam para apanhar um punhado de pedrinhas do lado de fora da casa. Na manhã seguinte, como decidido, o pai abandona os sete filhos na floresta, mas o zombeteiro Polegar consegue trazê-los de volta, já que marcou o caminho com a ajuda das pedrinhas. Chegam exatamente a tempo de ouvir as lamentações da mãe, após fartar-se numa grande refeição conseguida graças a uma dívida paga ao seu marido. Os meninos, então, invadem a casa para alegria dos pais, mas enquanto narram o acontecido, o Polegar devora as sobras do jantar. No dia seguinte, ainda pela perspectiva de pobreza, o lenhador abandona novamente seus rebentos na floresta.

Desta vez, o Polegar não consegue voltar com seus irmãos porque, ao invés de pedrinhas, só conseguiu trazer um pão e os pássaros comeram todos os pedacinhos lançados ao chão. Do alto de uma árvore, ele descobre uma casa ao longe, sem saber que lá mora o Gigante Papão e sua esposa. Esta os acolhe e lhes dá alimento, mas o Gigante quer mesmo é devorá-los. No entanto, Polegar, bastante esperto, além de conseguir salvar a todos, ainda rouba suas Botas de 7 Léguas. Em terras do Rei Eduardo, o pequenino conquista não só as graças do sobera-



A Princesa Rosalinda



no como até ganha um cargo de conselheiro real. A trama termina feliz com os meninos confraternizando-se não somente com os pais, mas com a mulher do Gigante, que os havia ajudado a fugir. O grandão ainda consegue ser perdoado. "E a felicidade chega para todos", finaliza o programa. A presença de crianças menores de quatro anos na plateia continuou a ser proibida por determinação judicial.

No dia 18 de maio de 1939, excepcionalmente numa quinta-feira, *A Princesa Rosalinda* voltou ao palco do Teatro de Santa Isabel, às 10 horas, para realizar um festival em benefício da Matriz de São José, ou seja, com renda revertida para esta instituição, totalizando sete apresentações. Já *O Pequeno Polegar* fez sua segunda e última apresentação na matinal de 21 de maio de 1939, mesmo dia em que o núcleo adulto do Grupo Gente Nossa apresentou, na vesperal das 15 horas, a opereta *Bobby e Bobette*, de Valdemar de Oliveira, original de 1935, tendo Alfredo de Oliveira e Luiza de Oliveira como protagonistas. A partir daí, o Teatro de Santa Isabel passou a ser ocupado pela Companhia de Comédias Palmeirim-Cecy, dos artistas empresários Palmeirim Silva e Cecy Medina, que retornou a Pernambuco a bordo do navio Nep-

tunio do Sul para temporada de vinte e um espetáculos adultos, durante um mês, com seis peças de autores nacionais e quinze de estrangeiros. A estreia aconteceu em 28 de maio de 1939 com a comédia *Vou Entrar na Família*, texto alemão com tradução de Matheus da Fontoura. Esta vinda ao Recife foi um fracasso financeiro.

A permanência de companhias de fora por semanas era bem frequente no Teatro de Santa Isabel, o que gerava desconforto com as produções locais, isto sem contar com os diversos concertos musicais que lá aconteciam e até mesmo formaturas colegiais, entre outras atividades. A cada final de ano, por exemplo, diversos educandários promoviam festas de encerramento do ano letivo naquele palco, com um programa variado que reunia números de canto, piano, cenas teatrais e etc. Esta situação de pauta disputadíssima vai perdurar por décadas, com reclamações constantes dos artistas e da imprensa. Sem acesso aos domingos no Teatro de Santa Isabel, Valdemar de Oliveira desistiu de promover as matinais dominicais, muito provavelmente também pela constante programação adulta que o Grupo Gente Nossa mantinha, com viagens programadas e um segundo elenco a ficar no Recife, com



A Princesa
Rosalinda

sessões nos cineteatros dos subúrbios. Mas não morreu o seu sonho de um teatro direcionado à infância.

Para se ter ideia da intensa atividade do Grupo Gente Nossa, mesmo sem seu palco principal, logo no dia 31 de maio de 1939, uma quarta-feira, os pernambucanos retornaram à cena com *Um Rapaz de Posição*, no Cine-Torre. Na quinta-feira, 1 de junho, apresentaram *Cala a Boca, Etelvina!*, no Cine-Eldorado. No domingo, 4 de junho, no Cine-Encruzilhada, foi a vez de *O Hóspede do Quarto nº 2*. E na terça, dia 6, *Onde Estás, Felicidade?*. Após isso, parte da equipe seguiu para temporada de comédias no Theatro José de Alencar, em Fortaleza, com dezoito integrantes. Somente no dia 23 de julho de 1939, o Grupo Gente Nossa promoveu mais uma matinal, às 10 horas, no Teatro de Santa Isabel, ainda que não conste na imprensa nenhuma citação ao seu Teatro Infantil. Naquele domingo, registrou o *Diario de Pernambuco* (19 de julho de 1939, p. 2.), foi apresentado "um movimentado programma organizado pelo Gymnasio Vera-Cruz [...] a cargo de alumnos daquelle educandario", com "numeros de canto, bailados, scenas comicas, duetos, etc." e participação dos artistas cômicos Picolino, Bozano e Fernandes, do elenco do Circo Nerino. Na vesperal, às 15 horas, reapresentação da comédia adulta *Frederico II*, original em três atos de Eurico Silva.

A 2 de agosto de 1939, o Grupo Gente Nossa estreou *Mocambo*, um de seus maiores sucessos naquele ano, lançado em data de seu 8º aniversário. Voltada para adultos, a obra de Valdemar de Oliveira e Filgueira Filho foi concebida em homenagem a Liga Social Contra o Mocambo, campanha do Governo de Pernambuco criada pelo interventor Agamemnon Magalhães no combate à habitação insalubre. Divulgada como "a peça da atualidade", fez tanto sucesso que chegou a cumprir duas sessões num único dia. Naquela que seria sua última apresentação, na terça-feira, 15 de agosto de 1939, em vesperal às 15 horas e comemorando um público de mais de quatorze mil pessoas, um anúncio no *Diario de Pernambuco* (13 de agosto de 1939, p. 11.) deixou claro que a meninada também se fazia presente: "Haverá distribuição de massas e biscoitos Aimoré ás senhoras e ás crianças". Posteriormente, *Mocambo* voltou a ser apresentada em outros teatros e cidades, inclusive no ano seguinte, sob o título "a peça mais discutida dos últimos anos", chegando a quarenta e nove representações.

Em setembro de 1939 quem fez sucesso entre a criançada do Recife foi o campeão norte americano de atletismo Tarzan Moderno, que cumpriu temporada de "Grandes Matinais Infantis" às 10 horas, no Theatro Moderno, com "nu-

merosos jogos sportivos", conforme o *Diario de Pernambuco* (23 de setembro de 1939, p. 5.). Na sequência às suas apresentações, sempre era exibido um filme, como, por exemplo, *Espantalho*, *Espantado*, comédia dos 3 Patetas. Um fato curioso é que, provavelmente por conta da boa repercussão dos espetáculos voltados para a infância no Teatro de Santa Isabel, iniciativa que atraiu famílias inteiras ao lazer teatral naquele primeiro semestre do ano, algumas companhias e "troupes" visitantes passaram a inserir no seu repertório produções voltadas a um público mais abrangente, dos adultos às crianças, algo que perdurou somente por aquele ano, já que a Guerra diminuiu bastante as turnês pelo Brasil, em época que a navegação era o transporte mais utilizado.

Foi o caso da Companhia de Revistas do Theatro Recreio do Rio, que apresentou no Recife uma "peça rigorosamente familiar", *Cabeça de Porco*, objetivando o público infantil também, além de *O Gury*, "peça para as famílias pernambucanas", burleta de Freire Júnior e J. Ayberé, inspirada nos argumentos das "fitas" de Shirley Temple, com o "notável desempenho da garota prodígio Isa Rodrigues e o engraçadíssimo Oscarito", conforme anúncio no *Diario de Pernambuco* (27 de outubro de 1939, p. 7.). Curiosamente foi vista em duas sessões noturnas, num sábado, às 19 e 21 horas, com "matinée

chic" no domingo, às 14 horas. Entre as "troupes" visitantes (aqueles que investiam em repertório mais popular e cômico), a Grande Companhia de Revistas e Sainetes Tatusinho, também do Rio de Janeiro, dirigida por De Chocolat, trouxe à capital pernambucana o sainete em dois atos *A Derrota do Campeão*, de Antônio Sampaio, em grandiosa matinée às 15 horas, numa quinta-feira, no Cine-Encruzilhada. Na sua divulgação constava: "Esta peça é de fazer rir de inicio ao fim, e deve ser assistida por toda guryzada".

Da produção local, ainda em 1939 surgiu um outro destaque cênico voltado a todas as idades: *O Sonho de Yara*, da Escola Normal Pinto Júnior. Provavelmente seguindo os passos do amigo Valdemar de Oliveira, o professor e dramaturgo Cândido Duarte, com longa carreira no Recife e diretor daquela instituição, escreveu e dirigiu esta revista cívico-escolar "de fundo moral, cristão, educativo", segundo o *Jornal do Commercio* (17 de setembro de 1939, p. 2.), cuja estreia aconteceu a 10 de novembro, no Teatro de Santa Isabel, após vários adiamentos. No elenco, quarenta alunas normalistas, todas estreantes de palco. Os "bailados" eram criações de Maria Orlando Andrade Bezerra; a música, executada por uma orquestra, do professor e maestro Carlos Diniz; os cenários de Balthazar da Câmara e Mário Nunes; e o luxuoso



O Sonho de Yara

guarda-roupa confeccionado “pelas famílias das alumnas que tomam parte no desempenho da peça”, segundo aquele mesmo jornal. Toda a renda foi em benefício da Sociedade Propagadora de Instrução Pública, mantenedora da Escola Normal Pinto Júnior.

Com cânticos e “bailados”, o prólogo se passava num trecho da floresta amazônica, quando a índia Yara sonha com “um Brasil imenso, poderoso e feliz. Viu-o guiado pela Cruz, transformar-se em um país civilizado, culto, cristão; crescer e progredir, dando ao mundo as mais bellas lições de patriotismo e fé, civismo e bravura”, como registrado ainda naquele mesmo *Jornal do Commercio*. Com a chegada da personagem História, esta lhe fala:

[...] nas lendas e dansas do Amazonas, nas canções do Danubio, na vida dos gregos e no culto que elles tinham á dansa e á belleza, nas glorias de Portugal; diz-lhe como o Brasil será desvendado ao mundo pelos portugueses e ainda como caminhará atraves dos sonhos sob a protecção dos céus e da Cruz.

A partir daí, a montagem desenvolve-se em mais dois atos. O primeiro, acontecendo no Rio de Janeiro e na Bahia, em épocas diversas, e o segundo no Recife, “com scenas de grande effeito, em que a revista focaliza os mais variados aspectos de nossa vida social, sendo tambem homenageadas as industrias do Estado”, reforçou outra edição do *Jornal do Commercio* (20 de agosto de 1939, p. 8.). Os papeis principais de Yara e História foram confiados, respectivamente, às alunas Maria José Sarrinho e Nilza Pires. Em novo número, o *Jornal do Commercio* (3 de dezembro de 1939, p. 2.) saldou o trabalho como um “teatro sadio, [...] de grandeza pa-

triótica, de nobreza christã”. A pedidos do público a montagem foi reapresentada, totalizando três récitas no Teatro de Santa Isabel em 1939.

De acordo com a retrospectiva teatral que fez do ano, o *Jornal do Commercio* (14 de janeiro de 1940, p. 2.) esclarece que foram realizados três outros espetáculos infantis naquele mesmo palco, sendo dois pelo Gymnasio Vera Cruz e um pelo Instituto Recife (com números variados em sequência); uma matinal infantil avulsa no Dia da Criança, sem referência a quem a promoveu (provavelmente também com atrações variadas); além do melodrama *Presépio*, dirigido pelos Irmãos Valença (João e Raul Valença) e organizado pela Directoria de Reeducação Social, com três exibições no Collegio Nobrega. Já o Grupo Gente Nossa, sem contar as excursões promovidas naquele ano para Fortaleza, João Pessoa, Caruaru e Goiana, realizou um total de 222 espetáculos somente no Recife e em Olinda. “Destes, 14 foram sacros, 24 foram especialmente dedicados aos operários e 13 á petizada”, registrou o jornal. E foi essa a atenção dada à infância em 1939, ano que finalmente abriu as portas para o segmento teatral direcionado a este público no Recife.



Raul Valença

ANOS 1940

2 n quanto não lançava nem um espetáculo novo para crianças, Valdemar de Oliveira dedicou parte do seu tempo para escrever mais duas obras infantis, além de aprimorar *A Princesa Rosalinda*. Em 25 de fevereiro de 1940, às 10 horas, e sob os auspícios do interventor Agamemnon Magalhães, do prefeito Novaes Filho e do Serviço Nacional de Theatro (instituição federal criada em 21 de dezembro de 1937), o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa finalmente voltou à cena no Teatro de Santa Isabel, "bastante aguardado pelo público", como lembraram os jornais. O retorno aconteceu com a inédita revista infantil *Terra Adorada*, escrita, musicada e dirigida por Valdemar de Oliveira, também na regência da orquestra. Nos dois atos e oito quadros, além de "19 belíssimos números de música!" e "luxuoso guarda-roupa!", como ressaltavam os anúncios da época, vinte e um componentes participavam, na sua maioria crianças e adolescentes, com presença mínima de adultos.



Terra Adorada

O enredo mostra um grupo de meninos que, a bordo do Zepelin, faz um passeio por vários países até retornar ao Brasil, "onde não há nada melhor". Os cenários de Álvaro Amorim, com representações de ambientes na Europa, China e América do Norte e Sul, ganharam destaque. No elenco, Luizinha de Oliveira (Mimi), Reinaldo de Oliveira (Mário), Amparo Oliveira (Maria), Lui-za de Oliveira (Mamãe), Nair Rotman (do Conservatório Pernambucano de Música, nos papéis de Anjo, Hungria, Escandinávia), Lígia Reis (Serva Chinesa, Venezuela, Holanda), Terezinha Oliveira (Serva Chinesa, Colômbia), Elza Rotman



Terra Adorada

(Suíça, França), Anita Dimenstein (América, Argentina, Ping-Li), Walter Dimenstein (Balkans, Brasil, Pong-Fo), José de Aguiar (Alemanha, Peru, Século XX), Rômulo Paiva (Marinheiro, Modinha, Chile, Inglaterra), Paulo Bezerra (Marinheiro, Uruguai), Iracema Diniz (Portugal, Samba), Maria Celeste (Plin-Plin-Tchim, Finlândia), Caldas Araújo (Rússia), R. Preston (Marte), Maria do Carmo Cavalcanti (Bélgica, Serva Chinesa), Dunalva Tavares de Moraes (Espanha, Bolívia, Frevo), Moacir Diniz (Marinheiro, Equador) e Antônio C. Almeida e Terezinha Fonseca (Dançarinos Húngaros).

Por sua atuação no papel de Mimi, uma boneca que acompanha os garotos pelo tour mundial, Luizinha de Oliveira, filha da atriz Luiza de Oliveira, integrante de longa data no Grupo Gente Nossa e também em cena nesta montagem, ganhou destaque no jornal *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas* (9 de março de 1940, p. 1 e 3.):

Luizinha sobressaiu-se no elenco de "Terra Adorada". Prendeu a atenção do público na encarnação da "boneca", o papel que lhe foi confiado, o mais difícil papel da revista. Saliu-se com graça e inteligência, conduzindo-se de maneira impressionante. Aliás todos que tomaram parte na revista representaram muito bem deixando a melhor impressão. Mas, o que aconteceu com Luizinha foi a natureza do papel, que exigia

mais do que os outros a presença de uma artista. E a menina correspondeu ao máximo do que se esperava. Movimentou-se em cena como uma artista experimentada, desembaraçando-se das situações difíceis com espontaneidade. Via-se na menina a revelação de uma grande artista de futuro, que trouxe do berço a verdadeira vocação pelo teatro. E é nessas revelações que está toda a importância do teatro infantil.

A repercussão de *Terra Adorada* foi tamanha que a peça foi até assistida, em vesperal, pelos chefes dos governos dos estados nordestinos numa homenagem especial aos interventores federais, além de contar com a presença "de altas autoridades do Estado, figuras destacadas do nosso meio social", conforme o jornal *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas* (2 de março de 1940, p. 8.). Sobre a montagem, o interventor de Pernambuco, Agamemnon Magalhães, escreveu para a Rádio Clube de Pernambuco e *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas* (12 de março de 1940, p. 3.):

Recife, com o Teatro Infantil de Waldemar de Oliveira, tem tido horas de emoções delicadas. Horas de emoções altas. A sua peça – "Terra Adorada" é um primor de arte. Arte que fixa a inquietação da criança no século XX, dando realidade ao sonho do menino, em quem o Zeppelin despertou a curiosidade de conhecer o mundo. A imaginação infantil



desdobra-se, então, em maravilhas de scenas através dos paizes da Europa e do Oriente, suprehendendo a attitude ingenua das creanças, que representam com travessura e intelligencia. A musica sacode o scenario com as notas dos climas das nações, que o Zeppelin, cheio de meninos, visita. Correm o mundo e voltam as creanças loucas pelo Brasil. Loucas pela Terra Adorada, com as suas praias, os seus coqueiros, as suas acacias, os seus passaros, as suas arvores frutiferas, o céo claro, o clima equal, a musica, os typos regionaes a alegria, a fartura e a paz. Sente-se que os meninos viram no velho mundo o que as creanças não gostam de ver, nem de sentir. A exasperação, o sofrimento, sentimentos estranhos e desconhecidos num paiz cheio de espaços, num paiz grande e tranquillo como o Brasil. [...] Waldemar de Oliveira está de parabens. [...] Não sei de acontecimento mais original, nem mais edificante, nos annaes do theatro brasileiro.

No domingo 5 de maio de 1940, também às 10 horas, voltou à cena *A Princesa Rosalinda*, ainda sob os auspícios do Serviço Nacional de Theatro, do interventor Agamemnon Magalhães e do prefeito Novaes Filho. Apresentada como opereta pela imprensa e como "luxuosa revista" em seu programa, a montagem foi reformulada para melhor, com elenco onde se mesclavam antigos e novos integrantes. Permaneceram nos mesmos papeis: Anita Dimenstein (Prin-

cesa), Walter Dimenstein (Príncipe), ambos integrantes do casting da P.R.A.-8; Paulo Bezerra (Tenente Paulo); Maria Lia Faria (Dançarina), Reinaldo de Oliveira (que passou do papel de 1º Menino para o Rei nesta nova versão) e Valdemar Rodrigues Filho (agora não mais o 3º, mas apenas Menino). Como novatos no elenco (inclusive, com alguns dos pais das crianças sendo divulgados na imprensa), Amparo Oliveira, Elza Rotman (1ª e 2ª Menina), Maria Celeste Ceres Trindade, Iracema Diniz, Clóris Passos (1ª, 2ª, 3ª e 4ª Dama), Nair Rotman (Fada), Luizinha de Oliveira (Juanito); Janice Cantinho Lôbo (Romeu), Anneliese Cantinho Scher (Julieta), Rômulo Paiva, Clóvis Passos e Moacir Diniz (1º, 2º e 3º Oficial), além de Luiza de Oliveira (Avó), única adulta.

No dia da estreia, o *Jornal do Commercio* (5 de maio de 1940, p. 4.), além de destacar "Novos Interpretes – Novos Scenarios – Novas Marcações – Nova Orquestração – Nova Montagem – Novos Numeros de Musica", deu mais detalhes sobre as alterações ocorridas:

A partitura de "A princesa Rosalinda" foi enriquecida com varios numeros de musica, como sejam o "Bailado de Romeu e Julieta", a "Marcha dos soldadinhos", o "Decimino de officiaes e damas" e a "Marcha Nupcial", tendo sido a orquestração escripta por Carlos Diniz.

A Princesa Rosalinda

A Princesa Rosalinda



Novos scenarios foram feitos pelos scenographos Alvaro Amorim e Mario Nunes, tendo sido repintado o grande scenario de scenoplastia que servirá para os aposentos da princesa e para o grande salão real. Estes dois scenarios apresentarão um rigor de montagem ainda não assinalado, em peças do genero em Pernambuco. As marcações estiveram, em grande parte, a cargo de Walter de Oliveira, sendo todo o guarda roupa, novo. A orchestra, que se acha sob a regencia do autor da partitura, se compõe de 12 figuras, devendo ter inicio o espectaculo ás 10 horas, com distribuição de biscoitos Aymoré aos petizes.

De passagem pelo Recife e após assistir ao espetáculo, Gama e Silva, delegado especial da Sociedade Brasileira de Autores Theatrais (SBAT), escreveu a Valdemar de Oliveira carta que foi publicada no *Jornal do Commercio* (16 de junho de 1940, p. 4.):

Você, com toda a simplicidade de seu terno branco de nortista, sem batuta, como Stokowski, rege a orchestra em cuja composição sur-

prehendo valores que honrariam qualquer orchestra do Rio de Janeiro ou de São Paulo. [...] Luisa de Oliveira, metida na pelle de uma avozinha, tem na voz, toda a melodia de uma authentica "grand mère": e, com toda a doçura, conta a seus escolares netinhos: era uma vez... Dahi em deante, é o Imperio da Gente Miuda. Meninos e meninas tomam a serio os seus papeis, tem-nos "na ponta da língua". [...] A menina que desempenha o papel de Princesa é um encanto. Melodia na voz quando declama, atitudes delicadas quando representa, meiguice em todas as situações; exactamente como convem a uma princesa de contos de fada. Que elegancia, que brejeirice de quasi authentica "souhrette" na Damazinha de Honra da Princesa que tagarella e reclama por tudo e por nada; a desenvoltura, a graça, a "sams façons" da Luisinha, essa alhoeirinho que confirma que filha de peixe sabe nadar; o menino que desempenha o papel de Rei (pequeno no tamanho, grande nas atitudes); aquella bonequinha gaia-ta e brejeiríssima de olhos negros e cabellinhos louros, encaracolados, que com sua vozinha de passarinho,



dentro de uma das rosas, canta ou pipilha qualquer cousa de celestial e que no final da peça tão maliciosamente faz commentarios e espio pelo buraco symbolico da fechadura... [...] admiravel, commovedora! [...] E, depois de cerca de cincoenta minutos no pais dos sonhos e das emoções, desce o panno sob vibrantes palmas do theatro superlotado.

Os elogios renderam diversos outros textos publicados nos jornais. No total, *Terra Adorada* e *A Princesa Rosalinda* foram apresentadas vinte e uma vezes no ano de 1940, isto sem contar o "festival da pequena Maria Celeste, com a collaboração de outros elementos do theatro infantil do Grupo Gente Nossa, que interpretaram *O chefe político* e um acto de variedades", conforme o *Jornal do Commercio* (21 de abril de 1940, p. 4.). Em julho daquele ano, Valdemar de Oliveira viajou ao Rio de Janeiro, então capital federal do Brasil, para negociar, junto ao Serviço Nacional de Theatro, a ida dos espetáculos do Teatro Infantil do Grupo Gente Nos-

sa para o Theatro Carlos Gomes, com cerca de vinte e cinco crianças acompanhadas por seus respectivos responsáveis, "cujos pais às vezes davam mais trabalho do que elas", desabafou no livro *Mundo Submerso* (1985, p. 129.). O desejo desta viagem incendiou-o quando soube de um espetáculo infantil realizado pela Associação Brasileira de Críticos Theatrais, no mesmo Theatro Carlos Gomes, sob coordenação de J. Palhano e Olavo de Barros. Ele pensou, então, numa possível confraternização da sua equipe com os colegas cariocas. A ideia foi bem recebida pelo diretor do SNT, Abbadie Faria Rosa.

Na imprensa, tanto do Rio quanto do Recife, Valdemar chegou a anunciar que estava programando a viagem para dezembro de 1940, por conta das férias escolares do seu elenco. Além de tecer elogios aos governantes pernambucanos por o apoiarem, em entrevista ao *Jornal do Commercio* (14 de julho de 1940, p. 4.), ele reforçou a importância de mais ações como esta:



É preciso que os poderes públicos encarem, decididamente, o theatro, como um factor pedagogico de primeiro plano. E corram em auxilio desses idealistas que se abalançam a realizar, no Brasil, coisa comezinha em qualquer nação civilizada. Não é outra coisa que vêm fazendo o interventor Agamemnon Magalhães e o prefeito Novaes Filho – as mais altas autoridades do meu Estado – prestigiando, de todos os modos, o Grupo Gente Nossa e, com elle, a sua secção mais interessante – o theatro infantil.

Mas, infelizmente, o projeto de levar espetáculos ao Rio de Janeiro com o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa ficou somente no desejo. No Recife, por conta da temporada de um mês da Companhia Renato Vianna no Teatro de Santa Isabel, Valdemar de Oliveira foi obrigado a parar as atividades do seu grupo teatral infantil que, em agosto, anunciou como provável próxima montagem *No País dos Gulosos*, peça de Juanita Machado e Filgueira Filho, com música de Nelson Ferreira, algo que não vingou. Também foi divulgada no *Jornal do Commercio* (6 de outubro de 1940, p. 4.) a possibilidade de novos ensaios para a revista cívica *Terra Adorada*, “inteiramente remodelada e que deverá ser a peça de estréia do referido conjunto no Theatro Regina, do Rio, em dezembro proximo”, inclusive com a professora Yara Coustol contratada para aulas de dança e ensaios dos novos “bailados”. Mas este projeto

também foi abortado. No entanto, outras produções à infância apareceram.

No final de outubro de 1940, com até três sessões diárias no Teatro de Santa Isabel, em matinal, vesperal e sarau (nestas últimas, crianças acima dos doze anos podiam entrar), as marionetes da companhia italiana Os Piccoli di Podrecca, criada em 1914, fizeram sucesso no Recife. Na temporada, trinta récitas realizadas, com casa sempre cheia. Em dezembro, mesmo com o Teatro de Santa Isabel lotado, voltou à cena a revista cívico-escolar *O Sonho de Yara*, de Cândido Duarte, como término das atividades letivas da Escola Normal Pinto Júnior, com sessões nos dias 21 e 29. Já no dia 22 de dezembro de 1940, às 20 horas, foi a vez de um festival artístico promovido pelo Collegio Pestalozzi, intitulado *Festa de Celia e Sylvia*, nome de duas crianças orfãs. Na ocasião, foi apresentada a revista *Coisas do Meu Brasil*, de autoria da senhora Maria Elisa Viegas, que já havia sido levada à cena cinco vezes em 1937, com alunos do Grupo Escolar Maciel Pinheiro e contando com partitura musical do maestro Nelson Ferreira, que regeu a Orquestra da Rádio Clube de Pernambuco. Propagou o jornal *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas* (21 de dezembro de 1940, p. 3.):

Não é apenas uma revista em que predomina a beleza de nossa música, a beleza de nossas crianças mas uma verdadeira aula. Uma aula

completa de nossa grandeza em todos os setindos (sic) da criação. Uma aula de Geografia ministrada por creanças que bailam, cantam e encantam.

No elenco, 120 crianças não só do Colégio Pestalozzi, mas também da Escola de Declamação. O espetáculo teve como patrona a senhora Antonieta Magalhães e a direção artística foi assumida pelo ator Raul Prysthon. Ainda em 1940, também há registros de outras produções para crianças no mesmo Teatro de Santa Isabel. Uma pelo Grupo Escolar Maciel Pinheiro (com números variados); e *A Gata Borralheira*, pelo Instituto Recife, no dia 1 de dezembro. Segundo o ator Geraldo Carvalho em entrevista a esta pesquisa (17 de março de 2013), que viveu o anão Zangado na peça *Branca de Neve e os 7 Anões*, pelo Gremio Scenico Espinheirense, com oito anos na época; e atuou nesta versão de *A Gata Borralheira* como o Mordomo, aos nove anos, a direção do espetáculo foi confiada a Oswaldo de Oliveira, diretor convidado do Rio de Janeiro pela diretora do Instituto Recife, a senhora Eulália Fonseca. Ainda segundo ele, a montagem foi apresentada uma única vez, no horário noturno das 19 horas, e também constavam no elenco, entre outros, Aldir Maia, Gilma Maia, Maria Albertina Ferreira de Almeida, Antônio Carlos Ferreira Coelho de Almeida, Theresinha Ferreira e Theresinha Fonseca, estas últimas, respectivamente, nos papéis de Rainha e da *Gata Borralheira*.

Curiosamente, no mesmo teatro, apresentou-se uma outra versão de *A Gata Borralheira* no dia 19 de dezembro de 1940, pelo Colégio Anchieta. No total, segundo retrospectiva do ano publicada pelo *Jornal do Commercio* (19 de

janeiro de 1941, p. 5.), foram contabilizados vinte e oito espetáculos infantis no Recife em 1940, além de uma conferência sobre o tema com dois renomados professores, diretores do Theatro Educativo do Rio de Janeiro:

Estiveram em visita ao Recife, a senhora Maria Rosa Ribeiro e o professor Eustorgio Wanderley, destacadas figuras dos círculos educacionais da metrópole. Aqui realizaram uma festa de arte, tendo a senhora Maria Rosa Ribeiro lido, no Instituto Moderno uma conferencia sobre Theatro Infantil, a que se seguiu a inauguração do busto de Samuel Campello, naquele educandario.

Vale destacar também a organização de conjuntos teatrais infantis nas cidades de Timbaúba, Garanhuns e Palmares, no interior pernambucano, além de Olinda. Nesta última, por exemplo, no dia 10 de novembro de 1940, o Salão Pio X foi palco para a opereta infantil *No Reino dos Cahetés*, de Hélio Monte, baseada na história de Olinda antiga, contando com trinta e três crianças alunas do Grupo Escolar Duarte Coelho e regência de Lafayette Lopes. A realização foi confiada ao departamento infantil do Núcleo Theatral Getúlio Vargas, equipe olindense que, além de produções para adultos, também dava atenção à criança. Quanto ao Grupo Gente Nossa, no Recife, além de comemorar um ano bem mais proveitoso do que 1939, Valdemar de Oliveira já tinha novos planos para o seu Teatro Infantil em 1941.

Tanto que no dia 23 de março de 1941, um domingo, às 15 horas, o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa estreou mais um novo espetáculo: *Em Marcha, Brasil!*, em dois atos e trinta números musicais, com direção e regência de Valdemar de Oliveira, denominada por

ele de grande revista cívico-escolar, com um objetivo claramente didático aliado ao aspecto patriótico, comum a quase todas as manifestações que envolviam a mocidade da época, como lembra o pesquisador Fernando de Oliveira, um dos atores a integrar aquele elenco ainda adolescente, no artigo *Memória do Teatro Infantil de Pernambuco e sua ligação com o Teatro de Amadores de Pernambuco* (disponível em: www.tap.org.br/htm/historia/teatrinho.htm. Acesso em: 11 de novembro de 2011.). O espetáculo trazia uma orquestra com quatorze destacados professores, a grande maioria ligada à Rádio Clube de Pernambuco, entre eles, Nelson Ferreira ao piano, além da participação da banda de clarins e uma patrulha da Associação Pernambucana de Escoteiros. Eram 48 pessoas em cena, quase todos meninos e meninas (há matéria de jornal que traz os nomes dos pais de cada um, como para provar que eram filhos de boa família), com presença de poucos adultos.

Pela ordem de entradas em cena: Everaldo Barreto e Silva (no papel de Luís), Maria José Coutinho (Lúcia), Lenira Vilaça (Carmen), Reinaldo de Oliveira (Pedro), Ceres Trindade (Josefa), Clóris Passos (Mamãe), Walter Dimenstein (Papai), Anita Dimenstein (Professora), Carminha de A. Melo (Lilita), Luís Carlos F. Castro (Jorge), Anneliese Cantinho Scher (A, 7, Borboleta), Tânia Maruschka (B, O, Zero, Beija-Flor), Janice Cantinho Lobo (C, I, 9, Borboleta), Terezinha Guimarães (M, 2, Beija-Flor), Terezinha Lobo (E, 3, Água), Lisieux Gomes Pereira (U), Iluminata Tavares (B, 4, Planta), Clara Tabatchnik (R, 5, Nuvem), Rosalinda Adler (S, 8), Palmira Pereira (L, P), Nicéa Veloso da Silva (1), Leda Vilaça (6), Carlos Roberto (Sinal de Adi-



ção), Otávio Lobo (Sinal de Subtração), José Cavalcanti (Sinal de Multiplicação), Valdemar Rodrigues Filho (Sinal de Divisão), Fernando de Oliveira (Sinal de Igualdade), Maria Lia Faria (Naturaleza), Nair Rotman (Sol), Elza Rotman (Nuvem), Edissa Bancovsk (Planta), Lucia Tavares (Planta), Marinetti N. Pereira (Planta), Ana Maria Lobo (Beija-Flor), Marlena Campos (Beija-Flor), Rivaldo Veloso da Silva (Pedro Álvares Cabral), Moacir Ferreira (Índio), José Cavalcanti (Jesuíta), Iracema Ferreira (Mãe Preta), Clóvis Passos (Colono) e José Maria Soares (Escoteiro Chefe).

Ainda na ficha técnica, Walter de Oliveira como diretor de cena; Abelardo Cavalcanti como ponto; Francisco Miranda, contrarregra; José Barros e João Alves como maquinistas; e Aníbal Mota, eletricista (como se denominava antiga-mente o iluminador). O "bailado" do 9º quadro – eram dezessete no total – foi ensaiado pelo casal de bailarinos argentinos Lídia Morel e Raul Celada. No cenário, reproduções de telas dos pintores Baltazar da Câmara, Mário Nunes, Álvaro Amorim e Carlos Amorim. A montagem, de caráter assumidamente didático, contava com os seguintes qua-dros em sequência: *Higiene Matinal*, *O*

Café, Lição de Leitura, Lição de Música, Lição de Ciências Físicas, Chuva de Bolas, O Recreio, Lição de Aritmética, Lição de História Natural (Bailado), Descobrimento do Brasil, Primeira Missa no Brasil, Batalha dos Guararapes, O Grito do Ipiranga, A Batalha do Riachuelo, A Proclamação da República, Os 18 de Copacabana e Apoteose Final. No intervalo, houve sorteio entre as crianças da plateia e do palco de dois livros de literatura infantil ofertados pela Companhia Editora Nacional.

O trabalho foi recebido como um novo grande êxito (segundo documento pertencente ao acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco, sem indicação de jornal ou data e apenas com o título “Em Marcha, Brasil! – Novo grande êxito de Waldemar de Oliveira”):

[...] Valdemar de Oliveira, vez por outra, nos oferece momento agradável, trazendo á ribalta do *Santa Isabel* uma pleia de crianças por demais inteligentes e alegres. Daí, o resultado benéfico de surgirem [...], as vocações precoces do nosso teatro. E o número não tem sido pequeno. Entretanto, a finalidade principal deste gênero teatral, entre nós, tem sido, graças a Deus, de ordem educativa. Pensando assim, Valdemar de Oliveira fez encenar, ontem, a revista infantil de sua autoria *Em marcha, Brasil!* [...] uma grande aula de civismo e brasiliade. Começa com a higiene matinal dos seus alunos e termina com a apoteótica cena, onde surgem o branco, o índio, o jesuíta, o negro e o colono – elementos de formação da nossa nacionalidade. O quadro “Lição de História Natural” é o mais sumtuoso e original. Os bailados são feitos com apurada arte. Estes foram estudados sob orientação do casal de bailarinos argentinos Lídia Morel-Raul Celada.

Outro quadro sugestivo é a “Lição de música”, onde ressalta um feliz efeito de luz. Os painéis históricos, e as marcações de “O meu Brasil” e “Pernambuco” fizeram vibrar de entusiasmo a plateia, na sua maioria adulta. Cenários apresentáveis, rico guarda-roupa, marcação sem deslise e interpretação segura e agradável foram outros motivos do sucesso da peça.

Em entrevista ao Museu da Imagem e do Som, no Recife, no dia 21 de janeiro de 1975, Valdemar de Oliveira destacou o trecho mais aplaudido da sua montagem:

É que tratava-se de uma lição de Português. Surgiam inicialmente as cinco vogais [...], e logo depois surgiam cinco consoantes. E elas começavam então, dentro da música, uma marcação interessante, e de repente, quando menos se esperava, elas todas que traziam diante do peito uma letra determinada, elas todas, colocadas em fila, lia-se “Oh, meu Brasil”, justamente formadas pelas cinco vogais e pelas cinco consoantes. E o público vinha abaixo, como se costuma dizer. O agrado era geral, mas logo a música transpunha terça acima e três dessas moças [...] habilmente mudavam a letra que traziam, e quando o público esperava ler novamente “Oh, meu Brasil”, saía Pernambuco. Aí a plateia vinha abaixo num entusiasmo único. Nós levamos essa música tantas vezes que ela acabou se constituindo num espécie de hino do Teatro de Amadores de Pernambuco.

No livro *O Palco da Minha Vida* (2013, p. 27-28.), Reinaldo de Oliveira lembrou sua participação:

Na ‘Em Marcha Brasil’, fazia o aluno Pedro pois tudo era ensinamento para a garotada com aulas de Ciência, História, Geografia, Matemática,

Música e Botânica. O término do segundo ato da peça incluía a queda de centenas de bolas de gás, coloridas, de cima, do lustre do Santa Isabel, até a plateia que ficava em alvoroço para colher algumas delas e levar para casa. Hoje é comum se decorarem festas com milhares de bolas mas, naquele tempo, era difícil se conseguir alguma. [...] Ainda me lembro da letra que cantava, a plenos pulmões infantis, juntamente com o elenco: *Lá vêm as bolas caindo, eita verde e vermelha. Oi meninada aproveita, oi meninada aproveita. E tem de todas as cores, cor do céu e do mar. Cor de todas as flores, pra você se contentar.* Era um delírio total. O Teatro Infantil preparou as gerações do futuro que se haveriam de empregar com o ambiente teatral pernambucano [...] Eu me considero um discípulo de tudo isso, um aluno aplicado que aprendeu, bem, as lições.

Não é de se estranhar esta valorização ao aprendizado no projeto para a infância de Valdemar de Oliveira. Ele encarava o teatro como uma verdadeira escola e o incentivava principalmente como prática nos colégios e cursos particulares. Tanto que chegou a declarar, segundo mais um documento pertencente ao acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco, sem indicação de data, mas com o título “O Que Disse Valdemar de Oliveira – A Importância do Teatro Infantil”:

A prática do teatro exercita a criança a ler e mais claramente a falar. Falar certo, respeitando as inflexões justas e obedecendo a pontuação. Vícios de linguagem são combatidos; defeitos de articulação se corrigem; controlam-se maus hábitos vocais; disciplina-se a emissão de voz, valoriza-se a palavra, exercita a atenção, sempre alerta às múltiplas oportunidades da ação cênica, revigora a memória, no curso da fixação mental dos textos, cultiva a vontade, preocupada com o melhor rendimento intelectual, aperfeiçoa o raciocínio, no jogo das associações de ideais. Além disso o senso da responsabilidade acorda, o espírito de colaboração se faz sentir na composição dos conjuntos. E outras virtudes morais são cultivadas: a pontualidade nos ensaios, a seriedade nas interpretações, o trabalho de equipe no levantamento da montagem, tudo devendo ser feito, sob as ordens de professores especializados. Uma escola de teatro para criança não tem como objetivo único formar atores e atrizes, como a educação física não é formar atletas e acrobatas. É, sem que a criança sinta, instruir e educar, formar caracteres, erguer personalidades, rasgar horizontes, prender o espírito infantil à sua terra, pelo amor à sua natureza, pelo entusiasmo por sua história, pelo cultivo das boas tradições. Em seu significado mais amplo, o teatro infantil é uma inicia-



ção à beleza, um culto à verdade e um convite a imaginação – a imaginação sem limite com que a criança percorre o seu reino maravilhoso.

A estreia de *Em Marcha, Brasil!*, o último dos espetáculos do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, aconteceu menos de quinze dias antes do lançamento da peça adulta *O Dr. Knock ou O Triunfo da Medicina*, de Jules Romains, que Valdemar de Oliveira dirigiu como proposta para celebrar o centenário da Sociedade de Medicina de Pernambuco, com estreia em 5 de abril de 1941, no Teatro de Santa Isabel. Reunindo médicos e as esposas destes, numa atitude ousada que rompeu preconceitos principalmente referentes às mulheres que se dedicavam ao teatro, a renda líquida das duas únicas apresentações (a segunda aconteceu em 24 de abril de 1941) foi revertida para a construção da nova sede da instituição. Diante da resposta positiva de público e crítica, este espetáculo deu a Valdemar de Oliveira a certeza de lançar um núcleo somente de amadores adultos, algo firmado na montagem seguinte, *Primerose*, de Robert de Flers e Gaston-Arman de Caillavet, com estreia em 14 de junho de 1941, já assinada pelo Teatro de Amadores, departamento autônomo e amador do Grupo Gente Nossa. Somente a partir de 1944, já independente, este núcleo assumiu-

-se definitivamente como o Teatro de Amadores de Pernambuco (TAP).

Com caráter sempre filantrópico e renda líquida revertida para instituições de caridade, Valdemar de Oliveira começou, assim, a longa trajetória do seu novo grupo amadorista, uma das razões para ele ter desistido de suas produções para crianças, devido a tantos compromissos com o repertório adulto, em consonância com a falta de pauta no Teatro de Santa Isabel, muito à mercê das temporadas das companhias visitantes. O intrigante é que, paralelamente às sessões de *O Dr. Knock ou O Triunfo da Medicina*, o espetáculo *Em Marcha, Brasil!* consagrou-se naquele ano, totalizando oito apresentações de casa cheia. Saiu de cena por pura falta de pauta no Teatro de Santa Isabel, que passou a ser ocupado pela companhia do ator Delorges Caminha, abrindo temporada com *Yayá Boneca*. O jornal *Folha da Manhã - Edição das 16 Horas* (19 de abril de 1941, p. 4.) pontuou:

Apesar do grande sucesso que vem registando (sic), esta peça será ainda êste mês retirada do cartaz, pois a 1.º de maio estreiará, no Santa Isabel, uma companhia de comédias que procede do sul e que ali levará a efeito uma temporada. As quarenta crianças que tomam parte no espetáculo apresentam luxuoso guarda roupa e desincumbem-se

dos seus papéis de modo que têm merecido francos elogios. "Em Marcha, Brasil!", é uma peça de fundo nitidamente educativo e que contém diversos ensinamentos, destacando-se os de História do Brasil e os de Botânica, sendo, nesta parte, apresentado o bálsamo das plantas, em que funcionam, simultaneamente, quatro alçapões. No espetáculo de amanhã, como de hábito, serão distribuídos brindes e sorteados livros infantis, entre a criançada presente.

Mesmo à frente de cinco produções adultas naquele ano de 1941, Valdemar de Oliveira (além de *O Dr. Knock ou O Triunfo da Medicina* e *Primerose*, ele dirigiu também *Uma Mulher Sem Importância*, de Oscar Wilde, com estreia em 26 de julho; *O Processo de Mary Dugan*, de Bayard Weller, estreada em 11 de outubro; e *Por Causa de Você*, de Silvano Serra – pseudônimo do pernambucano radicado no Ceará, Joaquim Gomes Filho –, com estreia em 25 de dezembro, na cidade de Fortaleza) ainda anunciou o desejo de montar novo trabalho pelo Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, sem revelar qual seria a obra dos autores escolhidos, Coelho de Almeida e João Valença, "uma peça de costumes sanjoanescos", segundo o *Jornal do Commercio* (27 de abril de 1941, p. 5.), mas o grupo chegou ao fim. Uma das justificativas, várias vezes lembrada nos jornais, era a dificuldade em ensaiar tantas crianças e encenar as peças em outro palco que não o do Teatro de Santa Isabel, já que era necessário aproveitar os intervalos entre as temporadas teatrais das companhias em itinerância para aparecer.

A última ação do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa em 1941 foi uma festa para celebrar o êxito das oito representações de *Em Marcha, Bra-*

sil!, ainda em maio. Primeiramente, o elenco seguiu em bonde especial para conhecer as dependências da Escola Rural Modelo, inclusive o pavilhão de escoteiros, sendo recebido por alunos e professores. Voltando ao Teatro de Santa Isabel, no salão nobre, houve lanche e distribuição de brinquedos e brindes oferecidos pelas empresas Carlos de Brito & Cia., Fábrica Pilar, Renda Priori, Cia. Fratelli Vita e Companhia Santa Clara, além de agradecimento especial à Associação Pernambucana de Escoteiros. Ao final, Valdemar de Oliveira revelou o movimento financeiro do grupo, suas despesas – sem pagamento a qualquer diretor do Grupo Gente Nossa – e fez doação da renda líquida para o Pavilhão Provisório de Menores. "A festa de domingo, à qual compareceram mais de 50 crianças, deixou a melhor impressão, sendo grande a animação dos presentes pelas futuras realizações do Theatro Infantil", registrou o *Jornal do Commercio* (25 de maio de 1941, p. 5.). Entre outubro e novembro de 1942, seis novas sessões de *Em Marcha, Brasil!* foram agendadas no Teatro de Santa Isabel, totalizando quatorze récitas. E o grupo terminou sua trajetória ali.

Somente em outubro de 1944, uma de suas peças infantis, *A Princesa Rosalinda*, voltou a ser lembrada quando o *Jornal do Commercio* (8 de outubro de 1944, p. 5.) noticiou o desejo do departamento infantil do Teatro Escola do Amazonas, composto por "diversos amadores da sociedade local" e tendo à frente o dr. Gebes Medeiros, de levar à cena esta opereta, com o autor convidado a assistir sua estreia. Mas tudo faz crer que a montagem não aconteceu, até porque Gebes Medeiros seguiu para



Confraternização do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa

São Paulo em 1945 e não há nenhuma referência a esta peça no repertório do grupo, como atesta o livro *Cenário de Memórias – Movimento Teatral em Manaus (1944-1968)* (2001, p. 25-224.), dos pesquisadores Selda Vale e Ediney Azancoth. No entanto, há uma nova versão de *A Princesa Rosalinda* no Recife, agora pelos alunos do Ginásio Evangélico Agnes Erskine, com apresentação no dia 5 de dezembro de 1946, provavelmente no Teatro de Santa Isabel, como parte das solenidades de encerramento do ano letivo. Voltando a 1941, vale citar que em Olinda também houve um coletivo de teatro voltado à infância, o Núcleo Theatral Getúlio Vargas, que estreou a peça infantil *Zito, o Peralta*, drama em dois atos de Severino Bezerra, sob a direção cênica do autor e direção musical de Clídio Nigro e Mirtes Pina, no dia 15 de junho daquele ano, no São João Pio X. No elenco, alunos do Grupo Escolar Duarte Coelho. A montagem chegou a festejar sua terceira apresentação em sequência.

Também celebrando três récitas de muitos aplausos no Teatro de Santa Isabel em 1941, foi reapresentada a revista

cívico-escolar *Coisas do Meu Brasil*, estreada no ano anterior, com autoria da senhora Maria Elisa Viegas. Já a “fantasia religiosa” *Noite de Natal*, dos Irmãos Valença, cumpriu duas únicas sessões naquele mesmo palco, ambas no final de janeiro de 1941 e atraindo famílias inteiras. No entanto, o grande destaque do ano foi mesmo a criação do Grupo Infantil de Comédias, com o recorde de récitas para crianças em 1941, dez no total, superando, inclusive, as oito sessões do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa. Liderado pelo teatrólogo Waldemar Mendonça (o autor mais encenado naquele ano), o Grupo Infantil de Comédias tornou-se, inclusive, sinônimo de longevidade na produção cênica do Recife para o público mirim.

Pelo menos até a primeira metade da década de 1940, poucas ainda foram as iniciativas teatrais voltadas à infância no Recife. Quem reinou quase absoluto neste período foi o diretor, dramaturgo, ator e radiador Waldemar Mendonça, que nos anos 1937 e 1938, junto ao ator Gerson Vieira, mantinha a Troupe da Bôa Vontade com espetáculos adultos no Theatro Livramento, no bairro do

Feitosa; e em janeiro de 1942 integrou o elenco da peça *Coitado do Xavier*, original de Batista Carvalho e Agenor Chaves, no núcleo profissional do Grupo Gente Nossa, sob direção de Elpídio Câmara (esta equipe de profissionais, paralela ao núcleo amador liderado por Valdemar de Oliveira no Grupo Gente Nossa, ficou restrita aos anos 1941 e 1942). Foi no dia 2 de maio de 1941 que Waldemar Mendonça, provavelmente influenciado pelas matinais dominicais do Teatro de Santa Isabel, lançou o Grupo Infantil de Comédias, conjunto que perdurou por mais de vinte e cinco anos ininterruptamente e, assim como o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, tinha caráter amador. No elenco, somente crianças entre cinco e quinze anos.

A estreia se deu com *O Prêmio de Boas Notas*, do próprio diretor Waldemar Mendonça, no dia 15 de junho de 1941, reunindo os atores Cleópatra Guimarães, Mário Guimarães, Maria Eunice Rocha, Ana Borba, Nelson Gusmão, Vanilda Melo, Luiza Aguiar, Maria Freire, Edite Accioly, Nanete Miranda e Letícia Aguiar. Em seguida, outra peça de sua autoria, *Fruto da Terra*. As primeiras sessões aconteceram no Cine-Teatro Olinda do Feitosa, sempre a preços populares, mas diversos outros palcos também foram ocupados pela equipe, como o Teatro de Santa Isabel (raramente, mas com primeira sessão ainda em dezembro de 1941), além de centros operários dos subúrbios recifenses, o Teatro do Dérbi – quando voltou à ativa em 1949 – e, mais à frente, o Centro Paroquial Frei Casimiro, junto à Matriz de Nossa Senhora do Bom Parto, na Estrada de Belém, no bairro de Campo Grande, que se tornou sua principal sede a partir de maio de 1953, graças ao apoio do cônego Gilberto Carneiro Leão. Lá, as



Waldemar Mendonça

estreias aconteciam quase que mensalmente, priorizando textos com caráter educativo e religioso. Ao final de cada apresentação, era comum abrir espaço para um ato variado, inclusive com números musicais, além da distribuição de presentes.

No Cine-Teatro Olinda do Feitosa, por exemplo, em 1942 (quando realizou um total de 16 récitas, no mesmo ano do término do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, com as seis derradeiras sessões de *Em Marcha, Brasil!*), o Grupo Infantil de Comédias apresentou num domingo, às 14 horas, a burleta *Quem Será o Palhaço?*, texto de Waldemar Mendonça, com música de Lourival Santa Clara. Nos intervalos, foram sorteados brindes entre as “senhorinhas” e crianças presentes. Posteriormente intitulada como “comédia carnavalesca em 2 atos”, a montagem voltou em 1945 àquele mesmo palco para homenagear seu benemerito, o pintor João Pimentel. No elenco, Ana Borba, Maria Guimarães, Isabel Barbosa, Nadeje Albuquerque, Reginaldo Sousa, Humberto Neves, Maria Borba, Edvaldo Barreto, Angélica Oliveira e Jeanino Darcy. De acordo com o jornal *Folha da Manhã* (4 de fevereiro de 1945, p. 7.), foi promovido ainda um Concurso de Passo, “com premios de lança-per-

com grandes dificuldades, sacrificando até parte do meu ordenado, a fim de não assistir à destruição da obra que edifiquei há tantos anos, a qual tem sido de grande utilidade para as crianças, que têm diversão apropriada e sadia. [...] Temos em nosso repertório, exclusivo 47 peças, inclusive obras religiosas, sacras, comédias e peças dramáticas; entre elas constam algumas que ainda não montamos por falta de verba suficiente.

Até aquele ano, 1954, o grupo já havia contabilizado a impressionante quantidade de 170 espetáculos (todos com a presença do ponto), "inclusive diversos em benefício de instituições pias e religiosas, em vários teatros", conforme a mesma matéria da *Folha da Manhã*. Naquele momento, o elenco era composto pelos artistas Janete Pessoa, Vilma Dias, Mariana Andrade, Conceição Marques, Lourdinha Andrade, Vânia Lacerda, Luiza Guimarães, Sônia Maria, Marlene Sousa, Marli Sousa, Marilene Sousa, Roserval Barbosa, Marçal Arruda, Carlos Roberto, Jeferson Sousa e Luiz Vanderlei. Na imprensa, cronistas como Isaac Gondim Filho e Valdemar de Oliveira ressaltaram a ingenuidade artística da equipe, sempre com uma "lição de moral" presente em cada peça apresentada, mas valorizaram a iniciativa de Waldemar Mendonça, diretor exclusivo de todos os trabalhos, ao introduzir muitos meninos e meninas na arte teatral. Sob o título *De Calças Curtas*, Joel Pontes teceu o seguinte comentário no livro *O Teatro Moderno em Pernambuco* (1966, p. 56-57.):

O Grupo Infantil de Comédias teve o elenco exclusivamente composto de crianças, o que lhe dava certo caráter de "fechado" e impossibilitava a manutenção demorada do mesmo naipe de atores. Não obstante, en-

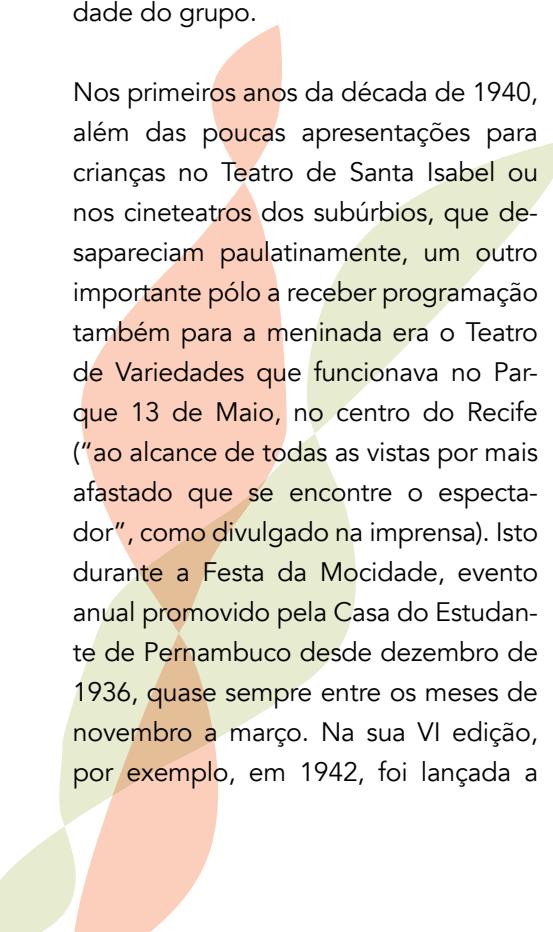


Marçal Arruda,
Luiza Guimarães
e Sônia Maria
(Grupo Infantil
de Comédias)

quanto funcionou, amparou muitas vocações que, na idade adulta, se tornaram úteis às estações de rádio e de televisão, mais do que ao teatro: Luís Queiroga e J. Rodrigues, entre outros. Fundado a 2.5.41, um mês depois do TAP, o Grupo nunca teve outro diretor de espetáculos além do seu responsável geral, Valdemar Mendonça, antigo ator e radiador. Escreveu ele, para o seu conjunto, mais de 20 peças não se interessando em editar nenhuma por considerá-las exclusivas do Grupo. [...] Registre-se, portanto, a abnegação extrema, de mais de trinta anos de trabalhos empregados por um homem pobre, sem nenhum proveito pessoal (as rendas se destinavam a instituições pias), sem procurar sequer usufruir os méritos de escritor. Não os ponho em discussão, nem creio que as finalidades do grupo sejam atingidas – "proporcionar às crianças o desenvolvimento cultural e artístico" – mas não se pode passar sem uma referência de humana compreensão pelo esforço de uma vida inteira, quando existe nela a cándida certeza de que é assim que se deve ensinar às crianças o amor do teatro. Se no futuro elas chegam a entender que não é "aquele" o teatro, não faz mal, muito pelo contrário; essa compreensão dará ao

diretor do GIC a sua exata dimensão. Alguns outros autores do repertório: Heronides Silva, Jomar Austregésilo, Sotero de Souza, pernambucanos; Carlos Góis, Figueiredo Pimentel e Frei Pedro Sinzig. Os espetáculos sempre terminavam com um ato variado: canções, recitativos...

Em maio de 1966, o Grupo Infantil de Comédias comemorou vinte e cinco anos de atividades ininterruptas. No ano seguinte, a equipe integrou o I Festival de Teatro de Pernambuco (Fetepe), organizado pela Associação Profissional de Atôres Teatrais, Circenses, Cenógrafos e Cenotécnicos de Pernambuco, de 31 de outubro a 13 de novembro de 1967, no Teatro de Santa Isabel, com a peça *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues. O evento tinha caráter competitivo, mas o Grupo Infantil de Comédias participou como *hours concours* devido à sua importância, hoje praticamente esquecida. Provavelmente a morte de seu mentor, em data ainda não encontrada por esta pesquisa, deve ter posto fim à continuidade do grupo.



Nos primeiros anos da década de 1940, além das poucas apresentações para crianças no Teatro de Santa Isabel ou nos cíneteatros dos subúrbios, que desapareciam paulatinamente, um outro importante pólo a receber programação também para a meninada era o Teatro de Variedades que funcionava no Parque 13 de Maio, no centro do Recife ("ao alcance de todas as vistas por mais afastado que se encontre o espectador", como divulgado na imprensa). Isto durante a Festa da Mocidade, evento anual promovido pela Casa do Estudante de Pernambuco desde dezembro de 1936, quase sempre entre os meses de novembro a março. Na sua VI edição, por exemplo, em 1942, foi lançada a

Tarde do Gurí Pernambucano, com "o trampolim dos calouros infantis" – a competição era uma atividade sempre presente – e distribuição de bombons às crianças. Ainda naquele ano foi possível conferir o ventríloco Cilário Ribeiro com a apresentação dos bonecos Pirolito e Rapadura; a Charanga de Mestre Zé e barracas de prendas e jogos.

No grandioso evento, que perdurou por mais de três décadas, uma série de atrações nacionais e internacionais do teatro, do rádio, da dança, da música e dos esportes se exibiam em revezamento constante, além do espaço aglutarinar parque de diversões, o "Presépio Maravilha", lutas greco-romanas, exibições de dupla caipira, bonequeiros, comediantes – em 1946, por exemplo, a *Grande Vespertino Infantil* era comandada por Ary Guimarães e o destaque era um concurso de iô-iô – e a anual escolha da Rainha da Festa da Mocidade. Em 1947, a *Vespertino Infantil* do Teatro de Variedades, além de promover concurso de calouros infantis nos domingos e feriados, apresentava o *Programa Expresso Azul*, com distribuição de vários prêmios e, curiosamente, naquele momento, todos os artistas que trabalhavam nos shows noturnos também se exibiam nas tardes para a meninada, sob o comando do humorista Zé Coió, animador dos espetáculos. Entre as atrações, os acrobatas humorísticos Duran Brothers; o conjunto de acrobatas mexicanos Los Colegiales; a sambista Flora Matos; Ataulfo Alves e suas pastoras; os cantores Francisco Carlos e Maria Dandall, esta última mexicana; e o sanfonista Luiz Gonzaga, ainda em início de carreira e mais tarde aclamado como o Rei do Baião. O Parque de Diversões Shangai e barracas de prendas e jogos passa-tempo também dividiam a atenção da meninada.



Jondécilda Freitas,
Maria Auxiliadora
e Maria Anunciada
(Grupo Infantil de
Comédias)

Voltando a 1942 (ano em que a guerra impediu a vinda de companhias de fora ao Recife e cinemas como o Eldorado e Art-Palácio programavam matinais infantis com películas educativas), na capital pernambucana foi fundado o Teatro Escola, com a professora Maria Elisa Viegas de Medeiros à frente, uma das colaboradas de Valdemar de Oliveira na condução da primeira versão de *A Princesa Rosalinda* e cuja filha, Maria Auxiliadora Viegas de Medeiros, integrou o elenco de *Em Marcha, Brasil!*. O lançamento do Teatro Escola aconteceu com a revista *Quando a Vida Sorri...*, que contabilizou quatro representações no Teatro de Santa Isabel. No ano seguinte, as educadoras Celeste Dutra – cujo filho, Carlos Roberto, também compôs o elenco de *Em Marcha, Brasil!* – e Maria do Carmo Regueira Costa – grande parceira de Valdemar de Oliveira na montagem dos seus infantis – foram designadas para “servir nesse importante setor de ensino primário”, como declarou Valdemar de Oliveira no *Jornal do Commercio* (10 de fevereiro de 1943, p. 8.), com produção de espetáculos teatrais em caráter escolar. Também de 1942 é a en-

cenação da revista-cívico escolar *Alma de Marinheiro*, de autoria do professor Cândido Duarte, pelas alunas da Escola Normal Pinto Júnior, com duas récitas no Teatro de Santa Isabel. A direção era do ator Raul Prysthon e os bailados de Betty Gatis.

Em 1943, enquanto apenas uma companhia adulta visitava o Recife, curiosamente de nome Teatro de Guerra, dirigida por Raul Roulien e duramente criticada por seu valor artístico, o Teatro de Amadores do Grupo Gente Nossa, como ainda era chamado o TAP, foi firmando sua qualidade no “rígido programa de difusão das grandes obras do teatro universal”, conforme lembrou o *Jornal do Commercio* (30 de janeiro de 1944, p. 5.), com quatro encenações naquele ano: *Oriente e Ocidente*, de Somerset Maugham; *A Evasão*, de Eugène Brieux; *O Instinto*, de Henry Kissimaekers; e *O Leque de Lady Windermere*, de Oscar Wilde, todas sob direção de Valdemar de Oliveira. No gênero teatro para crianças, continuou ressaltada a atuação do Grupo Infantil de Comédias, liderado por Waldemar Mendonça. Por diversos palcos da cidade, a equipe apresentou um total de quatorze sessões com as seguintes peças: *As Flores da Padroeira*, *O Canto do Sabiá*, *Céu do Meu Brasil*, *Dindinha Lua*, *Cenas e Melodias*, *A Filha do Operário*, *Você Me Conhece e O Rouxinol da Fazenda*, criações do seu próprio diretor; além de *Frutos da Terra*, de Heronides Silva; *O Nascimento de Jesus*, de Carlos Góis, todas com música do maestro Santa Clara, além do drama *Amor Materno*, de Jomar Austregésilo.

Ainda para a criançada, foi incluída na retrospectiva do ano de 1943 divulgada pelo *Jornal do Commercio* (30 de

janeiro de 1944, p. 5.), a revista infantil *Um Dia no Brasil*, de autoria da professora Maria Elisa Viegas de Medeiros, organizada pelo Serviço de Rádio-Teatro Educação, da Secretaria do Interior. A montagem foi levada à cena três vezes no Teatro de Santa Isabel. Nos anos seguintes, continuou a ser o Grupo Infantil de Comédias o símbolo do teatro direcionado à infância no Recife. Em 1945, com a vinda da Companhia de Revistas João Fernandes ao Teatro de Santa Isabel, a criançada foi lembrada com vesperal oferecida pela Diretoria de Reeducação e Assistência Social. A equipe carioca trouxe ao Recife uma série de revistas para adultos, como *Fora do Eixo*, de Luiz Iglesias e Freire Júnior, mas programou uma sessão especial à meninada. Segundo a imprensa, esta temporada de "teatro ligeiro" estava "às moscas". Já na Festa da Mocidade daquele ano, o destaque foi Vidondo e Seus Bonecos, com apresentações todos os domingos e feriados, além de distribuição de bombons.

Um dado interessante aconteceu no ano de 1947. Enquanto registra-se a fundação do Teatro Infantil de Olinda; no Recife, a Secretaria de Saúde e Educação comemorou a Semana da Criança, de 10 a 17 de outubro, com um "grande movimento de propaganda e educação popular, destinado a chamar a atenção pública para os problemas de proteção e assistência à infância", conforme o *Jornal do Commercio* (27 de setembro de 1947, p. 3.). Como Pernambuco vinha apresentando índices alarmantes de pobreza e mortalidade infantil, o tema finalmente ganhou destaque neste momento e várias entidades resolveram participar com ações em todo o estado. Os problemas da criança passaram, então, a ser discutidos



Jeferson Barbosa,
Maria do Carmo e
Maria das Graças
(Grupo Infantil de
Comédias)

dos e diversos grupos escolares recifenses criaram festas em benefício das instituições voltadas à infância, com o teatro praticado por meninos e meninas sendo uma das atrações. Foi o caso do Grupo Escolar Amauri de Medeiros, do Grupo Escolar José Maria – que levou à cena a comédia *Nem Tudo Que Brilha é Ouro*; do Grupo Escolar Pedro Celso, do Teatro Paroquial do Barro, ligado à Congregação da Doutrina Cristã; do Colégio Americano Batista – que encenou o "bailado fantasia" *Ao Romper da Madrugada* e o drama *Branca de Neve*, em três quadros; do Grupo Escolar Manuel Borba e do Preventório Bruno Veloso – com a "suíte infantil" *O Sapo Dourado*, de Heckel Tavares e Marta Dutra. As apresentações aconteceram nas próprias instituições ou, raramente, no Teatro de Santa Isabel. E o teatro praticado nas escolas ganhou destaque com isso.

Naquele ano de 1947, além da presença do Circo Nerino, armado no bairro de Água Fria como opção de diversão para toda a família – a vinda de circos ao Recife era constante já há algum

tempo, principalmente nos últimos meses de cada ano, numa época em que ainda era possível ver dramas circenses em suas programações –, o Teatro de Santa Isabel também recebeu a turnê do Orfeão Infantil Mexicano, após êxito de apresentações no Rio de Janeiro e São Paulo. O conjunto coral, formado por crianças dos oito aos quatorze anos, sob a regência do maestro Alarcon, foi apresentado por três noites seguidas, com o Juizado de Menores liberando a entrada de crianças acima dos dez anos. Mas, apesar de toda a propaganda feita pelo jornalista Valdemar de Oliveira recomendando-o, o público não foi o esperado.

Na área cinematográfica, para compensar a falta de sessões voltadas a todas as idades, o empresário Antônio Barreto estreou o Baby Cinema, no Edifício Trianon, bem no centro do Recife, inicialmente com projeções mudas. Em setembro do mesmo ano, ele adquiriu aparelhagem sonora e inaugurou o Baby Cinema Sonoro, com sessões contínuas das 14 às 18 horas, aos sábados, levando-o também para festas de aniversário e outras reuniões infantis particulares. Segundo o *Jornal do Commercio* (3 de setembro de 1947, p. 2.), a programação contava com “filmes naturais, desenhos animados, comédias, etc.”. Somente dois anos depois, em 1949, no dia 1 de novembro, o Baby Cinema passou a funcionar no Edifício Sertã, sala 101, ainda no centro do Recife, aumentando para 27 o número de salas cinematográficas em atividade naquele momento. De acordo com o *Jornal do Commercio* (8 de novembro de 1949, p. 2.), lá eram exibidas “pequenas comédias, desenhos animados e shorts”, com projeções diárias das 13h30 às 17h30, às vezes com matinal das 9 às 12 horas,

ainda sob o lema da exclusividade “só para crianças”. As sessões contínuas aconteciam de hora em hora. Mas a ideia, infelizmente, não vingou.

Segundo o pesquisador Marco Camarotti no artigo *História do Teatro Para Crianças em Pernambuco* (disponível em: http://www.cbtij.org.br/arquivo_aberto/historia/teatro_pe.htm). Acesso em: 16 de abril de 2010.), no ano de 1948 foi inaugurado o Departamento de Extensão Cultural e Artística (DECA) da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, que, ao que tudo indica, é uma evolução do Teatro Escolar lançado pela professora Maria Elisa Viegas de Medeiros. Tanto que uma de suas colaboradoras, a também professora e poetisa Celeste Dutra, ocupou o cargo de chefe do Setor Pré-Dramático daquela instituição, na qual revelou-se como autora de várias obras apresentadas, as revistas infantis *Retalhos Coloridos*, *No País do Sonho* (ambas de 1948) e *Nossos Avós Contaram...* (1952), todas dirigidas por ela no Teatro de Santa Isabel. Desde sua criação, o DECA manteve um Serviço de Teatro Escolar com peças interpretadas por crianças, adolescentes e adultos, estudantes e funcionários de colégios recrutados, inclusive enveredando pelas linguagens do teatro de fantoches e do teatro de sombras. Com dezenas de peças encenadas por artistas como Maria José Campos Lima, Beatriz Ferreira e Walter de Oliveira, o grupo manteve-se ativo até 1966. Mais à frente, novos detalhes sobre os seus espetáculos.

Aqui, vamos dar um pulo ao Rio de Janeiro para acompanhar a trajetória da obra que é um marco para o teatro infantil no Brasil: *O Casaco Encantado*, estreada em 1948. Em termos profis-

sionais, esta foi a primeira montagem teatral para crianças no país, já com atores adultos no elenco e lançamento da carioca Lúcia Benedetti como dramaturga, pela companhia Os Artistas Unidos, sob direção de Graça Mello – em sua estreia nesta função – e Henriette Morineau, atriz e diretora francesa radicada em terras cariocas. No elenco, além dos próprios diretores, estavam Ambrósio Fregolente, Dary Reis, Flora May, Marta Castro, Nilson Penna, Jacy Campos, Nieta Junqueira, Lucile Perrone e Orlando Guy. A música foi composta pelo maestro Renzo Mazzarani e os figurinos e cenários, criações do ator Nilson Penna. O curioso é que esta peça infantil teve uma *avant-première* à meia noite, somente para artistas, intelectuais e jornalistas.

Elogiada pela imprensa e pelo público, *O Casaco Encantado* conseguiu se manter em cartaz por mais de quatro meses, no Teatro Ginástico, com grande sucesso comercial na então capital federal do Brasil. Não era raro fazer quatro sessões diárias, às 14, 16, 18 e 20 horas. Com esta primeira montagem teatral profissional para crianças no Brasil, que revelou uma dramaturgia específica para o gênero sem o caráter didático tão presente naquele momento, a dramaturga Lúcia Benedetti foi aclamada como “revelação de literatura cênica” pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais, que ainda concedeu o prêmio de cenógrafo estreante para Nilson Penna. No ano seguinte, ainda por este seu texto de estreia, Lúcia Benedetti, que escreveu outros sucessos como *Simbita e o Dragão*, *Branca de Neve e Josefina e o Ladrão*, conquistou o Prêmio Arthur Azevedo concedido pela Academia Brasileira de Letras na categoria teatro.



Foi em março de 1949 que *O Casaco Encantado* chegou ao Recife para curta temporada no Teatro de Santa Isabel, com matinais a partir do dia 6, aos domingos, às 10 horas, até 3 de abril (neste momento, a garota Marília Pêra integrava o elenco). A peça era a única voltada ao público infantil de todo o repertório da companhia Os Artistas Unidos, no qual constavam montagens adultas como *Frenesi*, de Charles de Peyret-Chappuis; *O Pecado Original*, de Jean Cocteau; *Elizabeth da Inglaterra*, de André Josset e *Uma Rua Chamada Pecado*, de Tennessee Williams. A excursão estava sendo patrocinada pelo Serviço Nacional de Teatro e Ministério da Educação e Saúde. A imprensa registrou que a capital pernambucana foi a primeira cidade do “Norte” do país a ser visitada. É claro que a repercussão deste “espetáculo dedicado à petizada” foi das melhores possíveis e reforçou que o teatro para crianças poderia ser encarado como arte em sua maior amplitude, inclusive entre profissionais, algo que já estava perto de acontecer no Recife.

No entanto, antes do lançamento da profissionalização do setor, eram os

amadores e estudantes que ainda dominavam o mercado teatral local. Um destaque era o Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP), que reunia estudantes acadêmicos, especialmente da Faculdade de Direito do Recife, e teve três fases distintas. A inicial, em 1940, com a montagem do texto adulto *1830*, de Paulo Gonçalves, no Teatro de Santa Isabel, sob direção de Raul Prysthon, com breve orientação de Valdemar de Oliveira. A segunda, a partir de 1943 e até 1945, com alunos de faculdades e colégios tentando arrecadar fundos para a Campanha do Ginasiano Pobre, sob coordenação de Felipe Gomes. Levavam somente peças adultas para os Centros Educativos Operários pertencentes ao Serviço Social Contra o Mocambo, do Governo do Estado, além de cidades como Moreno e Caruaru, no interior pernambucano, e João Pessoa, na Paraíba. Entre os espetáculos do período, com diretores como Raul Prysthon e Gerson Vieira contratados, *Um Escorrêgo, O Presente de Noiva, O Médico de Cabrobó e Era Uma Vez Um Vagabundo...*, sempre acompanhados da exibição de um filme ou números de canto e humor.

A terceira fase, a mais fecunda, teve início em 1946, sob o comando de Hermilo Borba Filho, com montagens de textos clássicos e de autores nordestinos, objetivando um teatro que se destinava ao povo, mas com peças de alto valor artístico em contraponto à segunda fase do grupo. Foi neste período que optaram também por uma montagem com bonecos, para atingir pessoas de todas as idades, exatamente em 1948, mesmo ano de lançamento da peça *O Casaco Encantado*, no Rio de Janeiro. Segundo o pesquisador Luiz Maurício Carvalheira no livro *Por Um Teatro do*

Povo e da Terra – Hermilo Borba Filho e o Teatro do Estudante de Pernambuco (1986, p. 182.), a peça escolhida foi *Haja Pau*, texto de José de Moraes Pinho, com música de Capiba e cenários, bonecos e “mise en scène” assinados por Aloísio Magalhães, Ariano Suassuna e o titiriteiro popular Cheiroso.

A estreia aconteceu no lançamento da Barraca, um teatro que deveria ser ambulante, inspirado em iniciativa do espanhol Federico García Lorca, numa renúncia à sala de espetáculos oficial do Recife, o tradicional Teatro de Santa Isabel. Mas, por força de sua construção pela Base Naval do Recife, que o fez pesado e de grandes proporções, este teatro manteve-se fixo no Parque 13 de Maio, com lançamento em 18 de setembro de 1948 e público estimado em três mil pessoas. O programa apresentado naquela noite constava de um espetáculo em dois atos, sendo a primeira parte aquela peça de mamulengo baseada numa lenda nordestina. Ainda no livro *Por Um Teatro do Povo e da Terra – Hermilo Borba Filho e o Teatro do Estudante de Pernambuco* (1986, p. 182.), registrou Luiz Maurício Carvalheira:

Os bonecos representavam num pequeno palco, colocado no centro da Barraca, e eram manipulados por Maria Tereza Leal, Epitácio Gadelha, Dulce Cavalcanti e Gilberto Borba, que trabalhavam sob a direção de Aloísio Magalhães, responsável por este “Departamento de Bonecos” do TEP.

Seguiram-se números musicais e declamações, inclusive poemas de Lorca, ainda na primeira parte do ato variado. No segundo e último momento foi representado o texto adulto *Cantam as Harpas de Sião*, de Ariano Suassuna, di-



rigido por Hermilo Borba Filho. Novas sessões aconteceram nos dias 9 e 10 de outubro, ainda na Barraca. Utilizando a carroceria de caminhões, o mesmo programa foi levado, posteriormente, a diversos subúrbios da capital pernambucana – como na Vila dos Comerciários, a convite do SESC, e à Destilaria do Cabo de Santo Agostinho, na Região Metropolitana do Recife – e cidades do interior. Entre outros lugares, *Haja Pau* ainda foi apresentado no Largo de Casa Forte e no Colégio Anchieta.

Antes da estreia do segundo espetáculo preparado por este Departamento de Bonecos do TEP, que deveria reunir três peças curtas e inéditas de autores pernambucanos em sessão na Escola Industrial da Encruzilhada para uma plateia de sócios contribuintes do grupo, Hermilo Borba Filho comentou no jornal *Folha da Manhã – Vespertina* (16 de dezembro de 1948, p. 4.) sobre a dramaturgia a ser revelada:

Pelopidas Soares, de Catende, aparece, pela primeira vez, em cena, com a sua "O galo capeta", baseado numa lenda nordestina. Não será exagero dizer-se que ele possue (sic) boas qualidades, principalmente

manejando uma historia tão de sabor regional quanto esta que escreveu, onde a credulidade da gente do povo se alia, tambem, á eterna desconfiança conjugal. A outra peça – "Mãe da lua", de José de Moraes Pinho – confirma as virtudes do autor de "Haja pau", que se deveria especializar em peças para bonecos, pois ele possui a justa dose para esse genro (sic) de espetaculos. Continuando a minha tentativa de teatralizar as assombrações do nordeste, iniciada com o "Auto da mula de padre", apresentarei "A cabra cabriola", com musica de Capiba, onde procurei caricaturar o bicho que come menino, aligeirando a lenda, tornando-a quase uma farsa. Cumprimos, com esse espetaculo de sabado, a promessa de aproveitar os assuntos do povo, valorizando-os e fazendo-os voltar ao meio de onde se originaram.

Na ficha técnica, constavam cenários de Aloísio Magalhães, luz de Salustiano Gomes Lins, bonecos de Cheiroso e, tomando parte na representação, "fazendo as vozes dos bonecos", Ariano Suassuna, Gilberto Freire Borba, Alaíde Portugal, Ana Canen, Genivaldo Wanderley, Epitácio Gadelha, José Guimarães Sobrinho, Gilvan Barbosa, Gastão de Holanda, Fernando Mara-

nhão e Francisco Sepúlveda. A questão é que a apresentação foi adiada para janeiro de 1949, devido Aloísio Magalhães encontrar-se adoentado, conforme notícia no *Diário de Pernambuco* (17 de dezembro de 1948, p. 6.), na coluna *Teatro*, mas, ao que tudo indica, esta estreia nunca aconteceu. Tanto que, pouco depois, com a ida de Aloísio Magalhães ao Rio de Janeiro por um bom tempo, o Departamento de Bonecos do TEP, que estava sob sua coordenação, foi desativado. Somente no dia 22 de março de 1952, um sábado, com sessão noturna às 20h30, já no Teatro de Santa Isabel, o Teatro do Estudante de Pernambuco estreou uma outra montagem, agora assumidamente para crianças, composta por três peças em um ato escritas originalmente para bonecos (mas, aqui, montadas com atores, numa decisão do diretor), todas baseadas em histórias do Nordeste. Foram elas: *Mãe da Lua*, de José de Moraes Pinho; *A Cabra Cabriola*, de Hermilo Borba Filho (que retornavam ao repertório do grupo); e *A Caipora*, de Genivaldo Wanderley, diretor geral da montagem. "Ao me confiar a direção desse espetáculo para crianças, Hermilo deu inteira liberdade, inclusive na escolha das pessoas", disse o diretor em entrevista a Luiz Maurício Carvalheira em livro aqui já citado (1986, p. 217.).

O trabalho contava com músicas de Capiba e cenários e figurinos de Héraldo Campello. Ainda na equipe técnica, Alceu Domingues Esteves e Aloísio Pereira como maquinistas; e Aníbal Mota como eletricista (iluminador). No elenco, com quase todos desdobrando-se em mais de um personagem, Carlos Roberto Penante, Paulo Alcântara (o conhecido e saudoso ator Sebastião Vasconcelos, que assumia outro nome no teatro para evitar pro-

blemas na família), Margarida Cardoso, Pugliesi Branco, Suzete Marques, Maria Campos, Maria José Campos Lima, José Pinheiro, Maria Clélia Barbosa de Oliveira, Gesilda de Andrade, Yara Lins, Ana Canen e o próprio diretor, Genivaldo Wanderley. Houve matinal no domingo posterior à estreia, no dia 23 de março de 1952. No total, a peça cumpriu sessões entre março e abril daquele ano, primeiramente aos sábados e domingos, no Teatro de Santa Isabel, passando depois a ser representada no Teatro do Dérbi e em outros lugares. Luiz Maurício Carvalheira registrou ainda no seu livro um comentário de Hermilo Borba Filho para o jornal *Folha da Manhã* (26 de maio de 1952, s. p.):

O Teatro do Estudante de Pernambuco, desta vez sob a direção de Genivaldo Wanderley que, bom ator, revelou-se como diretor com as pecinhas em um ato, anda fazendo uma coisa que sempre me entusiasmou: o rodízio por vários lugares da cidade e dos subúrbios, descentralizando o local clássico de qualquer representação teatral, que é o Santa Isabel. Esteve ontem no Teatro do Dérbi, no outro domingo estará no Cine Rivoli de Casa Amarela. Esteve, também, no Colégio Estadual apresentando apenas "A caipora", num espetáculo dedicado aos alunos daquele famoso educandário e agradou em cheio [...] O TEP revive, assim, um pouco do seu antigo programa.

Dois cronistas, em especial, teceram elogios à iniciativa. Valdemar de Oliveira, que não considerou a montagem apropriada aos espectadores infantis, escreveu no *Jornal do Commercio* (26 de março de 1952, p. 4.):

Um belo espetáculo, o que nos ofereceu, há dias, o Teatro do Estudante de Pernambuco, com três peças em



1 ato. Belo pela expressiva intenção dos originais, belo pela montagem e pelo desempenho, belo pelo caráter artístico que lhe imprimiu Genivaldo Wanderley, com a colaboração, que me pareceu verdadeiramente preciosa, de Heráclito Campelo. [...] O equilíbrio das representações, devendo à revelação de diretor que é Genivaldo Wanderley, beneficiou grandemente da cenografia de Heráclito Campelo, que é, no gênero, a figura mais expressiva da nova geração de homens de teatro, do Recife de hoje. Esplêndidas, as suas concepções, do mesmo modo que o seu desenho e as suas côres. As três peças se equiparam como traduções artísticas de histórias de assombrações do Nordeste – e constituem inteligente valorização do folclore sertanejo, de uma riqueza sem par, só agora aproveitada, como convém, pela cena. “Mãe da Lua”, de José de Moraes Pinho, é a de melhor teatralidade. Tôdas, porém, tiveram desempenho elogável, que marcou um dos espetáculos de maior rendimento artístico do Teatro do Estudante. Vale assinalar – sem falar nos elementos tomados por empréstimos a outros conjuntos amadoristas – a presença, no palco, de outros, estreantes, que se fizeram notar por uma atuação muito promissora, tais como Maria Campos, Suzete Marques, Iara Lins e Maria José Campos Lima – estas últimas, principalmente, à vontade em seus papéis. Dos veteranos não falemos, que se foram bem, mas, anotemos a atuação de Pugliesi Branco, muito bom no Padre e na Cabra Cabriola, embora um tanto excessivo em “A

caipora” – defeito que foi do próprio diapasão cômico impresso ao desempenho geral. Uma boa nota, por fim, nas três crianças, que animaram grandemente os quadros de que participaram. Um bom espetáculo, que não me parece, todavia, dos mais indicados para espectadores infantis.

Já o cronista J. B. (Júlio Barbosa), ainda no *Jornal do Commercio* (1 de abril de 1952, p. 4.), parece responder a esta inquietação de Valdemar de Oliveira:

Os três originais, com o desempenho que lhes foi dado pelo elenco do T.E.P., convencem e atingem plenamente as finalidades para que foram escritas, isto é, para crianças. Senti de perto a magnífica reação da petizada presente ao teatro, naquela tarde, e vi como as crianças apreciaram o desenrolar do trabalho. As três lendas nordestinas, aproveitadas pelos autores, foram muito bem tratadas, deixando, como se esperava, o ensinamento moral, muito útil no espírito das crianças. [...] Quanto à direção e à “mise-en-scene” de Genivaldo Wanderley, não se podia esperar menos de um poço bem intencionado e que se criou, artisticamente, nos rígidos princípios do Teatro do Estudante de Pernambuco, na realização de um teatro honesto e capaz de contribuir para a renovação da cena brasileira, conforme o programa que aquela entidade se traçou e de que ele é um dos sustentáculos mais firmes.

Este foi o penúltimo trabalho levado à cena pelo TEP que, em 18 de setembro

de 1952, estreou a "farsa poética em três atos", *Três Cavalheiros a Rigor*, texto de Hermilo Borba Filho, que ganhou direção do colombiano Enrique Buenaventura. Após cinco apresentações no Teatro de Santa Isabel, com crítica e público desfavoráveis, a montagem marcou o fim do Teatro do Estudante de Pernambuco. De 10 a 23 de fevereiro de 1953, Hermilo publicou na *Folha da Manhã* uma série de sete artigos – subordinados ao título "Vida e Morte do Teatro do Estudante" – onde comunicava ao público o encerramento das atividades do grupo após sete anos de existência desde 1946. Coincidência ou não, pouco após as primeiras experiências com bonecos pelo TEP, ainda em 1948 chegou ao Recife o Teatro de Marionetes, do Rio de Janeiro, sob orientação de Eros Martim Gonçalves, Maria Helena Amaral e Sílvia Watson.

A curta temporada, patrocinada pela Diretoria de Documentação e Cultura, deveria acontecer no Círculo Católico, mas acabou transferida para a Escola Industrial da Encruzilhada. Além dos espetáculos para adultos, as crianças também tiveram sessões dedicadas a elas, com a encenação de *Diálogos da Mofina Mendes*, de Gil Vicente, além de números variados com canções e danças populares (frevo e gafieira) interpretadas pela bonecaria. Reconhecido por sua paixão pela plasticidade, o pernambucano Eros Martim Gonçalves, diretor, figurinista, cenógrafo e bonequeiro cuja formação aconteceu na Inglaterra, onde estagiou na Companhia Old Vic, há muitos anos estava radicado no Rio de Janeiro. Foi ele quem assinou cenários e figurinos para a montagem de *A Casa de Bernarda Alba*, de Federico García Lorca, um dos grandes sucessos do Teatro de Amadores de

Pernambuco, cuja estreia aconteceu no dia 7 de dezembro de 1948, no Teatro de Santa Isabel, aproveitando sua estada com o Teatro de Marionetes no Recife. A direção era de Valdemar de Oliveira. Em 1955, Eros Martim Gonçalves foi um dos fundadores da Escola de Teatro da Universidade da Bahia.

Ainda em 1948, exatamente no dia 3 de julho, a Rádio Jornal do Commercio foi inaugurada no Recife, sob o slogan "Pernambuco Falando Para o Mundo". Como o estado era o terceiro de maior índice de mortalidade infantil, atrás apenas do Maranhão e de Alagoas, este último o campeão de tão triste realidade, a empresa decidiu promover, já em agosto, uma Festa Infantil para meninos e meninas desamparados, "no parque que circunda o edifício dos seus transmissores", de acordo com o *Jornal do Commercio* (14 de agosto de 1948, p.10.). Como parte principal do programa, um espetáculo de mamulengo, além da distribuição de brindes como garrafas de Coca-Cola – uma das patrocinadoras – e um "farto lunch". Pouco depois, passou a integrar a Campanha de Natal das Crianças Pobres dos Centros Educativos Operários, lançada pelo Serviço Social Contra o Mocambo, assim como a P.R.A.-8. As duas rádios assumiram toda a publicidade e milhares de doações foram conseguidas.

Em 1949, o sucesso no auditório da Rádio Jornal do Commercio eram as *Grandes Matinais Para a Garotada do Recife*, que aconteciam aos domingos, com "presentes, premios, curiosidades!", como ressaltavam os anúncios nos jornais. Os programas começavam às 9h30 e seguiam até o meio dia. Entre eles, *Coisas Nossas, Bom Dia Para Você, Cres-*



ça e Apareça, Revista Alegre e Vamos Fazer o Passo. Posteriormente, matinées também aconteceram à tarde, reunindo centenas de crianças, estudantes e adultos naquele auditório. Dos artistas convidados, destaque para o cantor Chuchó Martinez, além de Linda Rodrigues, Ernesto Bonino e Humberto Simões e Seus Bonecos. Importante registrar que o ano de 1948 foi bem especial para determinados grupos teatrais do Recife. Neste período, por exemplo, o Grupo Infantil de Comédias, liderado por Waldemar Mendonça, passou a receber um pequeno incentivo financeiro por parte da municipalidade. Atento ao movimento cênico daquele momento e à importância ao financiamento dos grupos, Valdemar de Oliveira registrou em sua coluna *A Propósito...*, no *Jornal do Commercio* (13 de junho de 1948, p. 16.):

O teatro amadorista em Pernambuco já se firmou de tal maneira, já se impôs tão fortemente, pelas suas realizações e pelos seus propósitos, que nos é grato observar a atenção que vem despertando, por parte dos

poderes públicos – seja o Serviço Nacional de Teatro subvencionando o Teatro de Amadores e o Teatro do Estudante, seja a Câmara de Vereadores auxiliando o Teatro Infantil, de Valdemar (sic) de Mendonça, seja o Ministério do Trabalho amparando o Teatro dos Bancários. Continuemos nesse programa, de modo a interessar os governos em nossa tarefa. Dinheiro é alicerce. Pelo alicerce é que se começa. E sem êle a casa cai.

O Grupo Infantil de Comédias levou à cena naquele ano de 1948, no palco do Cine-Teatro Olinda do Feitosa, a peça em dois atos e seis quadros *O Nascimento de São João Batista*, adaptação de Waldemar Mendonça e padre Hipólito Pedrosa, com música de Lourival Santa Clara. No elenco, as crianças Isabel Barbosa, Nize Rocha, Valdez Pessoa, Marly Rocha, Zito Vieira, Manoel Ferreira, Dirceu Pessoa, Lourdinha Oliveira e Inalda Ferreira. Além de Waldemar Mendonça assinando a direção artística e Lourival Santa Clara a direção musical, constavam na equipe Gerson Vieira como ponto, Lídio Guimarães na carpintaria, Efigênio Oliveira na maçonaria, Artur Magalhães no controle de som e o pintor João Pimentel a cargo do cenário. Nos ingressos cobrados, as crianças pagavam metade do valor dos adultos. Só como curiosidade cultural, no ano seguinte, 1949, virou “febre” entre a criançada ouvir a coleção de Discos Continental com histórias musicadas para crianças, como *Branca de Neve e os Sete Anões*, *A Formiguinha e a Neve*, *Os Quatro Heróis*, *Chapeuzinho Vermelho* e *A História da Baratinha*, todos proporcionando “divertimento e instrução”.

Foi no ano de 1949 que surgiu o Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato, iniciativa do casal Carmosina e Veridiano Araújo, apresentando-se inicialmen-

te em colégios, asilos e orfanatos, mas, depois, passando a exibir-se também no Teatro de Santa Isabel. A ideia de lançar o grupo surgiu após um curso de Teatro de Fantoches, de Máscaras e de Sombras com artistas como Olga Obry e Eros Martim Gonçalves, convidados pela Diretoria de Documentação e Cultura. Em novembro de 1950, após sessões de seu repertório no Colégio Nóbrega em favor das obras missionárias, o Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato ganhou uma resenha entusiástica de Isaac Gondim Filho no *Jornal do Commercio* (8 de novembro de 1950, p. 4.):

Carmosina Araújo e seus auxiliares escondiam-se por trás do palco caprichosamente decorado. Movimentavam os bonecos por êles próprios confeccionados com cuidado. Disso tudo sabíamos nós, porque éramos as únicas crianças-grandes que lá estavam. Mas o resto da garotada acreditava não sei em quê, pensando talvez nos mistérios daquilo que não podiam ver, mas que deveriam existir por trás do que êles riam. Dentro desse espírito de mistério desenrolaram-se aos nossos olhos os diversos momentos da história de "Chapéuzinho Vermelho", com suas figuras tão nossas conhecidas [...] A meninada vibrou nos momentos mais emocionantes, e bateu palmas entusiasmadamente. Entretanto o espetáculo ainda não acabara. Houve também um "Show de Bonecos": "A Pianista Miss Gura" executou um número do seu repertório, "Alzirinha Camargo", cantou um samba, "Carmem Miranda" dansou (sic) uma das suas músicas mais conhecidas, "O Pretinho" fez o passo ao som de um frevo bem nosso. Estábamos encantados com o que vimos – as crianças e nós também. [...] Carmosina Araújo é a alma de tudo aquilo que forma o Teatro de Marionetes Monteiro Lobato, tendo como braço direito o seu marido, o Araújo, à volta desse

Carmosina Araújo



casal simpático e simple (sic) reuniram-se Ernani Cerdeira e Antônio Heráclito. [...] Sentimos neles todos, ao conversarmos durante o intervalo de uma sessão para outra, que há um verdadeiro espírito de equipe [...] Mas há sobretudo devotamento. Havendo pois tanto esforço, tanta cooperação, tanto idealismo em levar às crianças, grandes ou pequenas, um pouco de diversão sadia e inocente, não cabe de nossa parte fazer critérios de análise. Os diretores e auxiliares do T. M. M. L. sabem muito bem que os seus espetáculos não são perfeitos e por isso mesmo aceitam de boa vontade sugestões e conselhos. E' este o melhor indício de melhoria sempre crescente.

Em abril de 1952, o Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato finalmente ocupou o palco do Teatro de Santa Isabel, em matinal no domingo 13, às 10 horas, com a peça *Chapeuzinho Vermelho*, "com voz mecânica" e "completando o espetáculo um fim de festa, que terá como número final o Frêvo, dançado pelo boneco Zepingafogo", conforme registro no *Jornal do Commercio* (10 de abril de 1952, p. 4.). Mesmo com cobrança de ingressos, era comum contar com crianças de orfanatos convidados na plateia. Nos três domingos seguintes, comemorando a lotação esgotada da estreia, o *Jornal do Commercio* (20 de abril de 1952, p. 15.) deu mais detalhes sobre o "fim de festa" apresentado:



[...] no qual tomarão parte os bonecos Miss Gura, pianista; a dupla cai-pira Gilú e Giló; Carmen Miranda e o passista Zepingafogo, que fechará o espetáculo dansando o "frêvo". Para tornar o ambiente mais carnavalesco, serpentinas e bolas de ar, coloridas, serão jogadas das gerais por sobre a platéia.

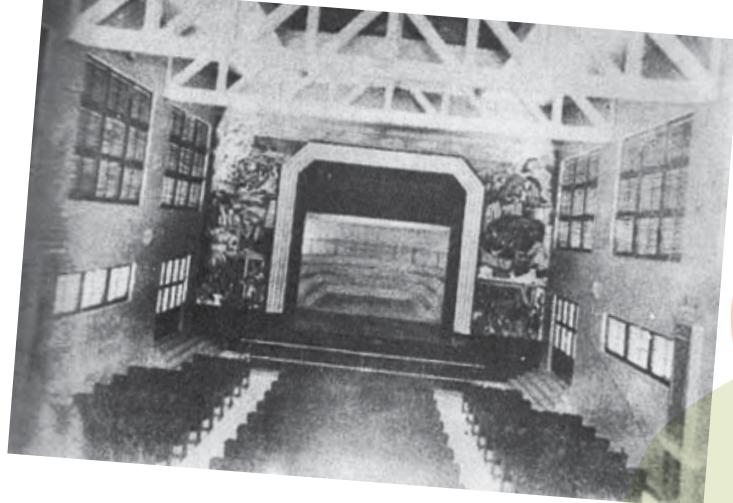
Por mais dois domingos o grupo ainda pôde ser visto no Teatro de Santa Isabel, inclusive com uma sessão especial agendada para os filhos dos associados do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem do Recife. Ainda em 1952, o conjunto seguiu para São Paulo onde desenvolveu atividades no Teatro Colombo, na TV Tupi e em diversas instituições infantis subordinadas à prefeitura paulistana. Em 1953, partiu para o Rio de Janeiro, atendendo sugestão do grande amigo, o teatrólogo Paschoal Carlos Magno. Segundo um de seus programas, entre os anos 1955 e 1965 o grupo não desenvolveu qualquer atividade, chegando, após este período, a apresentar-se novamente em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde fixou residência até a década de 1970. Há registros na imprensa de que a equipe perdeu seu teatrinho carioca por causa das obras do metrô. Voltando à capital pernambucana, Carmosina Araújo fechou parcerias com o Teatroneco, outra importante trupe do gênero teatro de bonecos, que surgiu em 1969, no Recife, pela ação da madre gaúcha Armia Escobar Duarte. Assim, o Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato conseguiu manter-se ativo até início

dos anos 1980. Sua coordenadora faleceu no dia 1 de julho de 1984 e, sem ela, esta trajetória teve fim.

Para o ano de 1950 estava marcado o centenário do Teatro de Santa Isabel. Por isto, a mais importante casa de espetáculos do Recife teve que fechar suas portas por quase oito meses para uma necessária reforma, a partir de setembro de 1949. Devido à falta de outros palcos (já que os cineteatros existentes paulatinamente focavam suas atenções apenas na programação cinematográfica), um novo teatro foi inaugurado na capital pernambucana e outro, inativo, voltou à atividade. Foi o inquieto empresário, ator e diretor teatral Barreto Júnior quem inaugurou, no início de outubro de 1949, com a sua Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, o Teatro de Emergência Almare, na avenida Dantas Barreto, estreando com a peça *Amor*, de Oduvaldo Viana, que permaneceu em cartaz, diariamente, com descanso apenas às segundas-feiras, até o dia 30 daquele mês, sempre no horário noturno. Antes mesmo de emendar uma nova montagem adulta, *O Rei dos Maridos*, comédia de Eurico Silva, e seguindo seu faro comercial, Barreto Júnior quis dar atenção às diver-



Barreto Júnior



Teatro do Dérbi

sões para crianças e lançou o Teatro de Brinquedo, para ocupar as manhãs dos domingos no seu teatro.

A estreia se deu com "um espetáculo de variedades" contando com a participação do "professor Lima e seus cães amestrados, com números circenses; o Homem-Foca, malabarista internacional; Naná Montez, Gordurinha (humorista), Lenita Lopes, Barreto Junior e outros em cortinas cômicas e números de música", segundo o *Jornal do Commercio* (19 de outubro de 1949, p. 2.). Como se vê, era a velha fórmula de atrações variadas em sequência, mas não deixava de ser uma opção de diversão para a meninada. No entanto, a iniciativa durou poucas semanas. No sábado 12 de novembro de 1949, foi a vez de outra casa de espetáculos, o Teatro do Dérbi, ligado à Polícia Militar de Pernambuco, voltar à ativa com a estreia da montagem adulta *Fim de Jornada*, de Robert Sheriff, pelo Teatro Universitário de Pernambuco (TUP), sob direção de Ziembinsky. Na noite seguinte, o Teatro de Amadores de Pernambuco se exibiu, apresentando, pela sétima vez, a peça *Esquina Perigosa*, de John B. Priestley, também sob direção daquele conceituado artista polonês radicado no Brasil. Valdemar de Oliveira comemorou no *Jornal do Commercio* (13 de novembro de 1949, p. 13.):

Mas, o que importa, ainda por hoje, é o novo Teatro com que o coro-

nel Viriato de Medeiros brindou o Recife. Para isso, obteve, êle, uma colaboração valiosa: a da Prefeitura do Recife, que lhe traçou alguns projetos, que lhe ofereceu grande cópia de material, que consentiu em lhe ceder algumas peças do Santa Isabel. Essa colaboração representa mais um serviço prestado pelo prefeito Morais Rêgo às coisas de teatro, no Recife. Já disse, de público, e já fiz publicar, a minha opinião de que o prefeito Morais Rêgo têm sido, em sua gestão, o maior amigo do teatro, em Pernambuco.

Na imprensa, o lembrete de sua localização e dos ônibus que passavam perante, era imprescindível, como reforçou o *Jornal do Commercio* (13 de novembro de 1949, p. 13.): "Numerosas são as linhas de omnibus, a citar Torre-Madalena, Prado, Casa Forte, etc., que passam nas proximidades do Teatro do Dérbi, que se situa contiguamente ao Quartel da Polícia Militar". Naquele momento, os periódicos publicavam os horários dos "bonds e omnibus" para a população, além do intenso tráfego de navios – tanto que há página inteira de jornais dedicada à navegação.

Em outubro daquele ano, a Secretaria de Educação e Cultura abriu concurso de peças teatrais para o seu Teatro Escolar, com prêmios em dinheiro aos três primeiros colocados, sob as seguintes bases: as peças, obrigatoriamente, de-

veriam “explorar, em termos dramáticos, as lendas, as histórias e o cancionário do Nordeste. Esta é uma razão para que possuam, tanto na forma quanto no conteúdo, um tratamento puro em relação ao dramático e ao literário”, dizia o edital. Celeste Dutra estava à frente desse concurso que almejava textos “para serem representados por crianças e adolescentes do Teatro Escolar, ao lado de intérpretes adultos”. No final de novembro, a convite da Sociedade Esportiva e Cultural Dicenper, foi o município do Cabo de Santo Agostinho, na Região Metropolitana do Recife, quem recebeu a visita do Teatro de Amadores de Catende, dirigido por Jaime Albuquerque, com a peça adulta *A Trovoada*, de Aristóteles Soares, acompanhado pelo Teatrinho de Bonecos de Catende, com o dr. Wilmar Mayrink na direção. Este último apresentou “um espetáculo oferecido aos escolares do Cabo, no palco do Núcleo General Barbosa Lima, do SESI, com as peças: *O Boato*, de Pelópidas Soares, e *Chapeusinho (sic) Vermelho*, adaptação de Vilmar (sic) Mayrinck”, de acordo com o *Jornal do Commercio* (23 de novembro 1949, p. 9.). Pouco depois, o Teatrinho de Bonecos de Catende veio ao Recife, para sessão no Clube Internacional.

Também em novembro de 1949, o Recife recebeu a visita do escritor Joracy Camargo – o célebre autor de *Deus Lhe Pague*, uma das peças mais encenadas e traduzidas da dramaturgia brasileira – que, junto ao compositor Haeckel Tavares, iria trazer ao Teatro de Emergência Almare, segundo anúncio publicado no *Jornal do Commercio* (3 de novembro de 1949, p. 12.), “um espetáculo inédito que empolga, diverte e ensina”, *Cidade Maravilhosa*. A montagem propunha “um passeio pi-

toresco e engraçado pelo rio de todos os tempos ilustrado com as mais lindas canções na interpretação do cantor negro Edson Lopes”, conforme o mesmo jornal. Em excursão nacional, a peça integrava a Caravana Visitando a Família, que contava com o patrocínio do Serviço Nacional de Teatro e da Campanha Nacional de Alfabetização de Adultos. Era uma forma de estimular o desenvolvimento da arte dramática, segundo Joracy Camargo, que teve esta ideia enquanto preparava um livro de teatro destinado às festas de encerramento do ano letivo nas escolas. Mas o evento não aconteceu no Recife e o escritor apenas palestrou no salão nobre do Gabinete Português de Leitura.

Vale lembrar que Joracy Camargo figura como um dos primeiros autores brasileiros do teatro para crianças a apostar numa maior teatralidade em seus trabalhos, com “dramaturgia menos academicista e cheia de humor e crítica social”, como atesta o pesquisador Dudu Sandroni no livro *Maturando: Aspectos do Desenvolvimento do Teatro Infantil no Brasil* (1995, p. 66.), revelando ainda:

Em 1937, a convite da Comissão de Teatro Nacional, do Ministério da Educação e Saúde, [Joracy Camargo] fez uma importante conferência naquela instituição, analisando historicamente o Teatro Brasileiro, onde dedicava particular atenção ao Teatro Infantil, e fazia elaborada proposta de construção do “Teatro da Criança”, nos moldes do que ele conhecera na então União Soviética.

Naquele momento, como provavelmente não deve ter visto maiores progressos de sua ideia no segmento da infância, sua atenção estava voltada à educação cultural de adultos.

ANOS 1950

C

om o início do ano de 1950, apenas três casas de espetáculos funcionavam mais frequentemente no Recife: o Teatro de Emergência Almare, o Teatro do Dérbi – também utilizado como cinema –; e o Teatro de Variedades, no Parque 13 de Maio, durante a Festa da Mocidade. Somente em maio o Teatro de Santa Isabel finalmente retornou à atividade na celebração dos seus cem anos, com programação especial sob a responsabilidade do diretor da casa, Valdemar de Oliveira. O Teatro de Amadores de Pernambuco preparou, então, o mega espetáculo *Um Século de Glória*, com a participação de



artistas de outros grupos como o Teatro dos Bancários, Teatro do Estudante de Pernambuco, Teatro Universitário de Pernambuco e o Teatro Experimental do Recife. Nele, trechos da trajetória do teatro foram lembrados, inclusive a iniciativa de Valdemar de Oliveira com o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, que funcionou naquele palco de 1939 a 1942. O mesmo palco recebeu a temporada do importante Teatro Popular



Um Século
de Glória

de Arte, empresa dos artistas Sandro Polloni, Itália Fausta, Maria Della Costa e Graça Mello. Ator e diretor, este último acabou realizando diversos trabalhos no Recife, inclusive no segmento para a infância com o grupo Teatro de Brinquedo.

Ainda como parte da comemoração do centenário do Teatro de Santa Isabel, o TAP estreou, em agosto, a comédia adulta *Arsênico e Alfazema*, de Joseph Kesselring, com poucas sessões, já que a pauta continuava disputadíssima como sempre. Também foram programadas temporadas de duas outras equipes convidadas, a Companhia Brasileira de Comédias, dirigida por Procópio Ferreira, e a Companhia Nacional de Comédia Jayme Costa, ambas do Rio de Janeiro. No final daquele ano, Valdemar de Oliveira escreveu artigo no *Jornal do Commercio* (14 de novembro de 1950, p. 8.) sobre o "teatro vil que não é a farsa, a comédia baixa ou a sátira, mas a contrafação e abastardamento de tudo isso – numa palavra: a chanchada, que vem de *chancho*, em espanhol significando: pôrco, sujo, desasseado", como resposta a Procópio Ferreira por este ter incluído no seu repertório a peça *Precisa-se de Um Pai*, de Pedro Muñoz Seca, considerada uma chanchada, estilo tão condenado pelo diretor do Teatro de Santa Isabel. O ator-empresário, então, denunciou Valdemar de Oliveira à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais como prejuicial aos artistas e ele acabou entregando o seu cargo de diretor daquela casa (mas alegou incompatibilidade com um cargo federal que ocupava na Faculdade de Medicina da Universidade do Recife), função que foi assumida por seu irmão, Alfredo de Oliveira, a convite da Prefeitura do Recife. O fato

gerou diversos comentários na imprensa, e Valdemar de Oliveira nunca mais retornou àquela função.

O ano de 1950 marcou ainda o reaproveitamento, por pouco tempo, do Teatro Helvética, inaugurado como cine-teatro em 1910, na rua da Imperatriz, e há anos funcionando apenas com exibições cinematográficas. A tentativa partiu do empresário Barreto Júnior, que levou duas peças adultas por lá, *O Marido Nº 5*, de Paulo Magalhães, e *O Hóspede do Quarto Nº 2*, de Armando Gonzaga, ambas sob direção de Lenita Lopes e com bom retorno de público. Em outubro, aquela casa de espetáculos e cinema deveria ter recebido a estreia de um conjunto teatral infantil assumidamente com pretensão profissional, o Teatro de Brinquedo (o mesmo nome que Barreto Júnior deu às suas matinais dominicais), com a peça *Na Corte do Rei Bolão*, de Luiz Maranhão Filho, contando no elenco, entre outros, com Jomar Austregésilo (rádio-ator da Rádio Clube de Pernambuco), Leovigildo Maranhão, Hélio Lêdo e Fernando Antônio.

Consciente que o garoto recifense se via "privado de divertimentos nesta capital", como declarou à *Folha da Manhã* (11 de agosto de 1950, p. 7.), a equipe afirmou o desejo maior de se dedicar exclusivamente ao teatro para crianças em caráter profissional, mas a ideia foi abortada. O texto do pernambucano Luiz Maranhão Filho, figura dos meios radiofônicos, da Rádio Tamandaré, e que atuou como cronista teatral do *Diário de Pernambuco*, só estreou, de fato, em outubro de 1954, em terras paulistanas, quando o conjunto Teatro Infantil (mais à frente Teatro do Saci), de São Paulo, dirigido por Cesar Gior-



Valderez Pessoa,
Maria Lúcia e
Zito Vieira
(Grupo Infantil
de Comédias)

gi, lançou a peça no Teatrinho do Parque Internacional de Ibirapuera, sob os auspícios da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. O acontecimento foi devidamente comemorado pela imprensa pernambucana.

No Recife, o Grupo Infantil de Comédias, por sua vez, em 1950, preparou para apresentação no Teatro do Dérbi, em homenagem ao coronel Viriato de Medeiros e ao major João Rodrigues, que permitiram a volta das atividades teatrais naquela casa de espetáculos, a peça em dois atos *Céu de Meu Brasil*, do próprio diretor Waldemar Mendonça, com músicas do pianista Antônio Paurílio, o mesmo que dirigiu a orquestra na peça *Branca de Neve e os 7 Anões*, pelo Gremio Scenico Espinheirense, em 1939. No elenco de crianças, Valderez Pessoa, Rudy Barbosa, Maria Lúcia de Barros, Josemar Matos, Jane-te Pessoa, Roserval Barbosa, Zito Vieira, Lindalva de Andrade, Geraldo Torres, Marcos Antônio e a garotinha de cinco anos, Denise Barbosa. Como de praxe, houve distribuição de presentes ao

público e um "interessante show" dos artistas mirins ao final. Pouco depois, também levaram ao palco do Teatro do Dérbi, *Inveja*, obra infantil dramática em dois atos de Jomar Austregésilo. Sobre a apresentação da peça *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues, no palco do Teatro do Atlético, na Estrada dos Remédios, em Afogados, o cronista Isaac Gondim Filho registrou no *Jornal do Commercio* (28 de novembro de 1950, p. 4.):

As crianças, meninos e meninas, desincumbiam-se mais ou menos satisfatoriamente de seus papéis. Entre os pequeninos intérpretes alguns são verdadeiros valores, donos de grande potencial artístico e bem capazes de transmitir as mais puras emoções dramáticas. [...] Entretanto, preferimos não dar destaque a nenhum nome dos pequeninos atores e atrizes. Assim, evitaremos qualquer idéia de estrelismo ou vaidade que, de um modo ou de outro poderiam ser prejudiciais àqueles caracteres artísticos ainda em formação. [...] Falhas e defeitos há e grandes, e naturalmente o seu diretor bem os conhece e também é muito capaz de poder saná-los. O que êle, naturalmente, leva em conta para não suprimí-los rapidamente será com certeza o espírito de independência e valorização das próprias tendências artísticas dos seus pequeninos dirigidos. Deixa-os um tanto à vontade para não prejudicar-lhes a naturalidade e a espontaneidade, e também para não limitar-lhes as vocações que são tão patentes... [...] o que mais é digno de louvor é que numa cidade como a nossa, desprovida quasi (sic) totalmente de diversões apropriadas às crianças, Waldemar Mendonça tem mantido o seu Grupo Infantil de Comédias durante nove anos a fio, levando um teatro honesto e educativo, motivo de divertimento e instru-

ção, às crianças de quase todos arrabaldes, especialmente àqueles onde o público infantil é mais numeroso, mais humilde e que entretenimento sadio não pode facilmente conseguir. Deante (sic) desta argumentação, tudo o mais deve ser silêncio.

Foi ainda no final de outubro de 1950 que Barreto Júnior transferiu o Teatro de Emergência Almare para o Parque 13 de Maio e continuou apresentando repertório de comédias ligeiras para os adultos rir, como *Onde Estás, Felicidade?*, de Luiz Iglesias, e *A Cigana Me Enganou*, de Paulo Magalhães. Quanto ao Teatro de Santa Isabel, já que ficou quase oito meses parado, os anos 1950 e 1951 foram marcados, ainda mais, pela vinda de muitas companhias de fora, todas querendo aproveitar o público do Recife, 3º polo teatral do Brasil, como alardeava a imprensa já naquela época. A produção local, então, diminuiu consideravelmente por falta de espaço para apresentações, muito à mercê dos pedidos de pautas das companhias profissionais itinerantes. Mas, diferente do que acontecia nos anos anteriores – excetuando 1939 e 1949 – algumas delas incluíam peças para crianças em seu repertório. É o caso, por exemplo, da Companhia de Comédias Raul Levy e Nair Ferreira com temporada de duas semanas no Teatro de Santa Isabel, em 1951, dando destaque “ao cômico das multidões, Totó”. Além dos espetáculos para o público adulto rir, a equipe não esqueceu das matinais infantis por dois domingos, às 10 horas, com *O Anel Mágico*, de J. Almeida, que promovia distribuição de anéis e bombons às crianças.

Naquele mesmo ano, também veio ao Teatro de Santa Isabel a Companhia Portátil de Comédias Mário Sallaberry-

Teatro SANTA ISABEL
Hoje, às 20,30
CONTINUAÇÃO DO GRANDE SUCESSO DA CIA.
DE ESPETÁCULOS PARA RIR.
"Raul Levy e Nair Ferreira"
COM O CÔMICO DAS MULTIDÕES
TOTÓ

Filho do sapateiro, sapateiro deve ser
3 atos gozadíssimos de João Batista de Almeida
DOMINGO — AS 10 HORAS
MATINAL INFANTIL

"O Anel Mágico"
Distribuição de anéis a todas as crianças
Ingressos N'A FAISCA, com o LISBOA (86.252)

Teatro SANTA ISABEL
Companhia de espetáculos para rir, "RAUL LEVY e NAIR FERREIRA", com o cômico das multidões "TOTÓ"
HOJE — As 15 horas

O SEGREDO DO MORDOMO
Vesperal popular, em obediência a lei n.º 167, Cr\$ 5,00
As 20,30 horas

QUERO CASAR COM VOCÊ
3 engraçadíssimos atos de Corcília Leite
Poltronas — Cr\$ 10,00

Sexta-feira, 18 — Festival de graciosa atriz NAIR FERREIRA, em homenagem ao Exmo. Srr. Antônio Pereira, D.D. Prefeito da Capital, com a linda peça em 3 atos

PEDACINHO DE GENTE
Domingo às 10 horas — Grandiosa matinal infantil, com a peça em 3 atos — "O ANEL MAGICO" — Farta distribuição de anéis e bombons, grandemente oferecidos pela Fábrica RENDA PRICRI & CIA. LTDA.
Preço único — Cr\$ 10,00

Segunda-Feira, 21 — Festival de "TOTÓ", com a peça de "TOTÓ" — "CORAÇÃO DO MEU CORAÇÃO"
(86.700)

— Lucy Lamour com peças adultas e que, ao emendar temporada seguinte no Teatro de Emergência Almare, a preços populares, sob o lema “teatro mais barato que cinema”, chegou a apresentar a montagem infantil *As Aventuras de Pinóchio*. Outra que veio ao Teatro de Santa Isabel foi a Companhia de Comédias Iracema de Alencar que, além de treze peças adultas, trouxe uma infantil, *A Gata Borralheira*, de Lyad de Almeida. Para insatisfação geral pernambucana, naquele ano, nenhuma companhia do estado foi contemplada com subvenções destinadas pelo Serviço Nacional de Teatro, ao contrário de muitas destas que circulavam pelo país. Com o teatro para crianças em baixa, fez sucesso entre a gurizada recifense o programa de auditório da Rádio Jornal do Commercio, Cresça e Apareça, aos domingos,

às 9h30, com concurso de calouros infantis e distribuição de prêmios; assim como o Grande Circo Nerino, instalado no Parque 13 de Maio, com destaque às matinées infantis, e também o Circo Bouglione.

No final de 1951, após esperar mais de um ano, finalmente o Teatro de Amadores de Pernambuco voltou a ocupar o Teatro de Santa Isabel, estreando a comédia adulta *Do Mundo Nada se Leva*, de George Kaufman e Moss Hart, sob direção de Willy Keller. Na sua coluna *A propósito...*, no *Jornal do Commercio* (21 de outubro de 1951, p. 13.), Valdemar de Oliveira desabafou:

Mais de um ano sem fazer algo de novo, em virtude de possuirmos apenas um teatro. O mesmo aconteceu com o Teatro Universitário e com o Teatro do Estudante, que vão aparecer dentro em pouco, aproveitando uma clareira na pauta – antes tão misteriosa... – do Teatro Santa Isabel.

Mas no ano de 1951 surgiu uma outra casa de espetáculos no Recife, o Teatro do Comerciário (ou Teatro de Bolso dos Comerciários), inaugurado no dia 7 de setembro, no salão de espetáculos da sede do Sindicato dos Empregados no Comércio do Recife, na rua da Imperatriz, com a peça adulta *Jardim das Confidências*, do escritor Aníbal de Melo Couto, sob direção de Alderico Costa, pelo grupo homônimo Teatro do Comerciário. Pelo menos até 1954 há registros do espaço em funcionamento, mas sem nenhuma peça para a infância programada.

Em fevereiro de 1952 chegou ao Recife o Teatro do Estudante do Brasil (TEB), dirigido por Paschoal Carlos Magno no Rio de Janeiro. A elogiada equipe cum-

priu temporada de absoluto sucesso no Teatro de Santa Isabel, até março, com peças adultas como *Hécuba*, de Eurípedes, “sem a presença do ponto”, como ressaltava no programa dos espetáculos; e promoveu ainda, em matinal, às 10 horas dos domingos, com entrada franca, *A Revolta dos Brinquedos*, fantasia infantil escrita em 1948 por Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, lançando esta obra na capital pernambucana – um dos textos mais encenados até hoje no Brasil. A peça foi levada para outros espaços, como o Hospital Infantil, Biblioteca Popular de Casa Amarela, Sanatório Otávio de Freitas, Educandário Para Filhos de Hansenianos e Parque 13 de Maio. Com o fim da temporada do TEB foi o TEP quem ocupou o Teatro de Santa Isabel, novamente aberto às crianças, com a temporada de três textos em um único espetáculo: *A Cabra Cabriola*, de Hermilo Borba Filho; *Mãe da Lua*, de José de Moraes Pinho; e *A Caipora*, de Genivaldo Wanderley, todos sob direção deste último e já observados aqui anteriormente.

Na sexta-feira santa de 1952, em matinal às 10 horas, no Palco do Cine-Teatro Olinda do Feitosa, o Grupo Infantil de Comédias apresentou a versão de Waldemar Mendonça para *O Mártir do Calvário*, com três atos e oito quadros (*Jerusalém*, *Sala do Synhedrio*, *A Ceia*, *Jardim das Oliveiras*, *Synhedrio*, *Calvário* e *Santo Sepulcro*) e cenários e figurinos de época. Os personagens principais foram vividos por Zito Vieira (Jesus), Rudy Barbosa (Judas), Valderez Pessoa (Caifás e Pedro), Janete Pessoa (Anás), Suzana Barros (Nicodemos), Luiza Guimarães (José de Arimatéia), Marçal Arruda (Centurião) e Denise Barbosa (Anjo). Os demais apóstolos e soldados romanos e hebreus foram interpreta-

dos por outros artistas mirins do grupo. Ainda na ficha técnica, maquinaria de Lídio Guimarães e Josafá Pereira; controle de som de Artur Magalhães e sonoplastia e direção geral de Waldeimar Mendonça. Engraçado perceber que o elenco é formado em sua grande maioria por meninas que interpretavam os personagens bíblicos masculinos. Talvez por isso, na imprensa, se omite o nome de cada uma, registrando apenas suas iniciais e sobrenomes. Também em 1952, o Grupo Infantil de Co-médias apresentou no mesmo palco do Cine-Theatro Olinda do Feitosa, com cobrança de ingressos populares, a peça em dois atos *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues, cuja estreia aconteceu dois anos antes. No elenco, Rudy Barbosa, Valderez Pessoa, Marilene Santos, Zito Vieira, Lúcia Pedrosa, Marçal Arruda e Janete Pessoa. Como sempre, muitos presentes foram distribuídos e um ato variado encerrou o espetáculo, contando com vários artistas e destaque para Roserval Barbosa.



Já no dia 15 de agosto de 1952, no Teatro de Santa Isabel, foi o Conjunto Teatral Marista, ligado ao Colégio Marista, quem estreou *A Vida Continua Amanhã*, de Isaac Gondim Filho, texto voltado às "crianças do Recife, especialmente estudantes e escolares", conforme o *Jornal do Commercio* (19 de setembro de 1952, p. 4.). A peça retornou à cena mais algumas vezes a pedido do público, até 20 de setembro. No elenco totalmente masculino (somente na década de 1970 a instituição de ensino se tornaria mista), João Guerra de Holanda, Atalarico Soares Moreira, Orlando Figueiredo, Ênio Fernando Rodrigues, Gustavo do Passo Castro, Gildo Sá, Guilherme Carlos Nogueira e Juarez Queiroz Campos. Na ficha técnica: cenário do Irmão Afonso Haus; maquinaria de Alceu Domingues Esteves e Aluísio Pereira; eletricidade de Aníbal Mota e contrarregragem de Manuel Maia Filho. Com longos anos de atividade (e de onde saíram artistas como Rui Cavalcanti, Isaac Gondim Filho, Péricles Maranhão, José Laurêncio de Melo, Marcelo Pessoa, Epitácio Gadêlha, Salustiano Gomes Lins, José Nobre e o poeta Guerra de Holanda, entre outros), o Conjunto Teatral Marista já havia levado à cena, em junho e setembro de 1950, no Teatro do Dérbi, o drama missionário *Cueicure ou A Evangelização dos Coroados*, com direção do Irmão Afonso Haus, posteriormente um exímio construtor de presépios.

Ainda em 1952, para marcar o encerramento das atividades escolares do 1º semestre, a Divisão de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura do Estado apresentou no Teatro de Santa Isabel, em três sessões gratuitas, sempre às 17 horas, os quadros regionais de autoria da professora Celeste

Dutra, *Nossos Avós Contaram...*, pelo Setor do Teatro Escolar formado por alunos de grupos escolares do Recife. O bailarino Raul Antônio colaborou com o trabalho, assim como as professoras Maria da Conceição, Eunice Barbosa, Maria Tereza Mendonça, Wynne Campos de Oliveira, Helena de Azevedo Melo e Maria José Campos Lima, "verdadeiras missionárias da boa educação", segundo o cronista J. B. (Júlio Barbosa) do *Jornal do Commercio* (17 de junho de 1952, p. 4.). O cenário foi assinado por Carlos Amorim. O ano de 1952 ainda deu destaque para duas outras produções escolares, *A Bela Adormecida do Bosque*, montagem com bonecos, numa realização do Colégio Regina Pacis, com sessão no Cinema Paroquial das Graças, em setembro; e a revista infantil *O Despertar da Princesa*, que voltou à cena em outubro, no Educandário Imaculada Conceição, no bairro do Barro, com alunas daquela instituição de ensino, sob direção da professora Maria do Carmo Xavier, atendendo a "insistentes pedidos". Para o público adulto, um *frisson* aconteceu em 1952, quando, no Teatro Almare, Barreto Júnior iniciou uma série de chanchadas com sua Companhia de Revistas. Os espetáculos permaneciam cerca de quinze dias em temporada, com enorme sucesso e ampla divulgação nos jornais. Alguns chegavam a cumprir três sessões aos sábados, com vesperal às 15 horas, e também às 19 e 21 horas. O lançamento deste novo perfil dos trabalhos do empresário se deu com a revista carioca *Felipeta Está de Tanga*, de Paulo Orlando. Em seguida, *Vovozinha, Cadê o Meu?*. Curto e grosso, o cronista J. S. S. chegou a escrever no *Jornal do Commercio* (20 de setembro de 1952, p. 4.): "O que se fez ou se faz no 'Almare' não deve se levar em conta como teatro".



Lurdinha Oliveira,
Geraldo Torres, Isabel
Barbosa e Paulo
Roberto (Grupo Infantil
de Comédias)

Responsável pela primeira peça com e para crianças apresentada no Teatro de Santa Isabel em 1939, *Branca de Neve e os 7 Anões*, o Grupo Cênico Espinheirense voltou às atividades, mas não mais dedicado à infância, em junho de 1953, com a peça *Compra-se Um Marido*, de José Wanderley, em sessões no Salão Paroquial do Espinheiro. Em seguida, estreou *Era Uma Vez Um Vagabundo...*, de José Wanderley e Daniel Rocha, ambas ensaiadas por Augusto Almeida à frente da equipe. A atriz Leda Alves recebeu elogios da imprensa na época. Também em junho de 1953, a Divisão de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação preparou *O Baile Na Flôr*, "fantasia" em três atos e sete quadros de autoria de Beatriz Ferreira, um grande sucesso. Até outubro, a montagem foi re-apresentada três vezes, em vesperal, às 15 horas, aos domingos, atendendo ao

pedido de grande número de pessoas e com renda sempre revertida às caixas escolares dos grupos da capital.

Também aos domingos, com presença de auditório, várias emissoras de rádio promoviam suas domingueiras matinais voltadas às crianças. A Rádio Tamandaré, por exemplo, às 10 horas, fez bastante sucesso com *Rádio Recreio*, “um programa infantil, sadio e instrutivo”, como propagavam os anúncios de jornal. Entre as atrações do mês de agosto, foi agendado o espetáculo infantil *Bazar de Bonecas*, com bailados, música e recitativos, sob patrocínio do refrigerante Crush. A mesma Rádio Tamandaré apresentava ainda outros programas infantis vitoriosos, como o *Clube Papai Noel* e *O Cirquinho do Gigante*. Já a Rádio Clube de Pernambuco, além de promover Matinais Infantis no auditório da P.R.A.-8, situado na avenida Cruz Cabugá, às 9 horas dos domingos, sob direção de José Edson, reunindo mais de seiscentas crianças a cada edição – exibindo filmes e desenhos, além de sorteio de prêmios (velocípedes, bolas de futebol, bonecas, tecidos, caramelos e biscoitos) e com presença de artistas do Cast A-8 na parte musical –, mantinha o programa *Era Uma Vez*, com “teatrinho infantil”, às 19 horas dos domingos, sob patrocínio da goma de mascar Cliclets. Entre as peças lá radiofonizadas, *Pé de Moleque*, original de Aldemar Paiva.

Solenizando a passagem do seu 12º aniversário, o ano de 1953 foi bem intenso para o Grupo Infantil de Comédias, com espetáculos mensais, aos domingos, a preços populares, às 16 horas, agora ocupando o Centro Paroquial Frei Casmiro, em Campo Grande, junto à matriz de N. Sra. do Bom Parto. Em maio, a

turma promoveu a peça em dois atos, *As Flores da Padroeira*, de Waldemar Mendonça, sempre na direção geral do conjunto. No elenco, Jarbas Holanda, Marçal Arruda, Paulo Lacerda, Juvêncio Nobre, Roserval Barbosa, Carlos Roberto, Napoleão Pereira, Luiza Guimarães, Suzana Barros, Vânia Lacerda, Marlene Souza, Janete Pessoa e Margarida Pires. A equipe técnica era formada por Lídio Guimarães e João Carlos na maquinaria; Artur Magalhães no controle de som; Rudy Barbosa na contrarregragem e João Vieira como o ponto. Além de presentes distribuídos ao público, o espetáculo finalizou-se com um show a cargo de artistas do grupo, dando destaque à garotinha Sônia Maria.

Em junho de 1953, reestrearam *O Rouxinol da Fazenda*, de Waldemar Mendonça. Ainda neste mês, fizeram a peça religiosa em dois atos e sete quadros, *Santa Terezinha do Menino Jesus*, numa adaptação de Waldemar Mendonça e com grandes despesas para a montagem. No elenco, Marçal Arruda, Juvêncio Nobre, Napoleão Pereira, Luiza Guimarães, Suzana Barros, Vânia Lacerda, Marlene Souza, Janete Pessoa e Vilma Dias. Os técnicos continuavam os mesmos. Em agosto, foi a vez de reestrearem *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues, com distribuição de vários presentes para crianças e adultos. Em setembro, nova montagem com *Quando Chega a Felicidade*, do próprio Waldemar Mendonça. E, em outubro, *Rosinha, a Filha do Bosque*, do autor José Emídio de Lima.

Naquele ano, no *Diário de Pernambuco* (21 de março de 1953, p. 6.), o cronista teatral Isaac Gondim Filho já tinha publicado palavras de entusiasmo à continuidade do grupo:

O Grupo Infantil de Comédias é um caso à parte no nosso ambiente teatral. [...] graças ao esforço e à tenacidade de Waldemar Mendonça que, acima de tudo, é um idealista. [...] Os pais apreciam as realizações de Waldemar Mendonça porque antes de mais nada há para os seus filhos uma lição de moral em cada peça apresentada. Ora, podem ser apontados os defeitos de sua realização, podem mesmo ser discutidos vários pontos de vista. Mas inegável é que se resalte o valor da sua obra. Numa cidade como a nossa, pobre de diversões sadias para as crianças, sobretudo as dos arrabaldes, é o Grupo Infantil de Comédias o único dos nossos conjuntos com as atenções voltadas para o grande público de guris que não tem diversão apropriada. Além do mais, a nosso ver, o grande mérito [...] é o de despertar nas crianças o gôsto pelas coisas sérias do teatro. E desperta-o não só nos pequeninos atores e atrizes como também na legião de pequeninos assistentes. Estas são considerações que agora fazemos por sabermos que o Grupo Infantil de Comédias vai prosseguindo na sua série de espetáculos mensais, ora aqui, ora ali, lutando com uma enorme quantidade de obstáculos. Assim é que amanhã, o Grupo Infantil de Comédias estará no palco do Centro Educativo Operário de Campo Grande levando uma peça de Jomar Austrégésilo intitulada "Amor Materno". Vivendo os diferentes personagens estarão: Guido de Souza, Lindalva Andrade, Jarbas Pereira, Vânia Maria, Suzana Barros, Luiza Guimarães, Janete Pessoa, Marçal Arruda, Rudy Barbosa. E ainda outros, no ato variado, como Roserval Barbosa, Juvêncio Nobre e Sônia Barros. [...] Nestes anos todos de atividades outros foram os seus integrantes que, pela contingência mesmo de haverem crescido, desligaram-se do conjunto

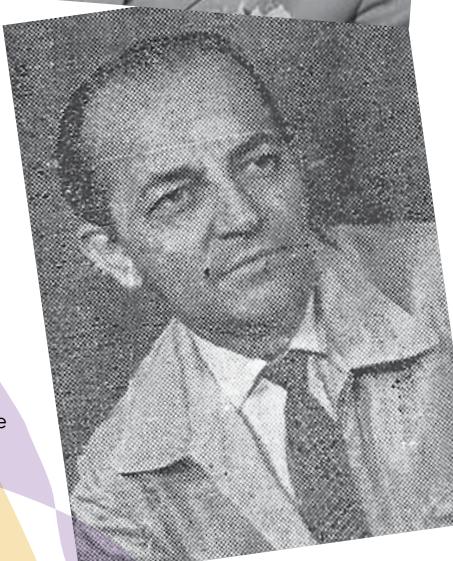
de Waldemar Mendonça. Entretanto, muitos dêles continuam a fazer parte de outros grupos, agora como adolescentes ou mesmo como adultos. Em todos porém foi lançada a semente de uma visão mais séria e digna acerca das coisas de arte, com especialidades em relação ao teatro. E se hoje não fazem parte ativa de algum grupo cênico, há nêles o interesse pelo drama e pela comédia, ao menos como espectadores. Esta a grande virtude de Waldemar Mendonça: formar os artistas e as platéias do futuro. Por isso, apontamos a todos o bom exemplo a seguir.

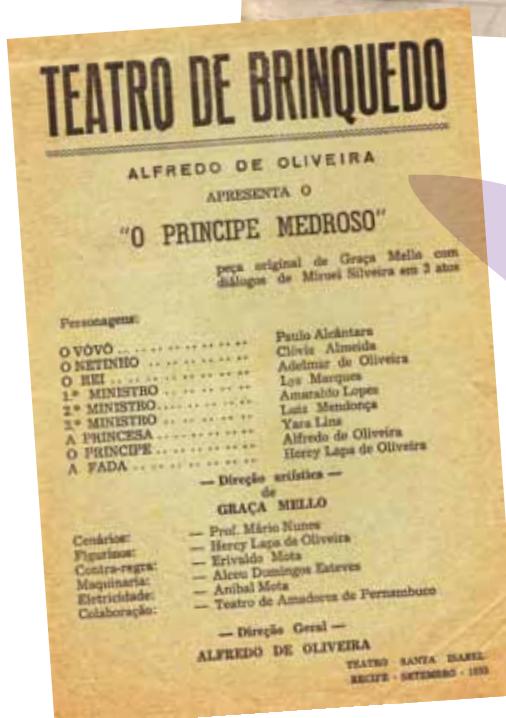
Em agosto de 1953, o carioca Graça Mello, que dirigiu duas peças adultas a convite do Teatro de Amadores de Pernambuco naquele ano – *Massacre*, de Emmanuel Roblês, e *A Verdade de*

Graça Mello



Alfredo de Oliveira





Cada Um, de Luigi Pirandello, ambas bastante elogiadas –, proferiu uma palestra sobre o teatro para crianças na recém-fundada Escolinha de Arte do Recife. Foi ele quem dirigiu, junto a Henriette Morineau, pela companhia Os Artistas Unidos, a primeira versão de *O Casaco Encantado*, marco do teatro profissional brasileiro no gênero infantil. Na realidade, mais de duzentos espetáculos amadores e profissionais figuraram em sua carreira, com destaque também para a histórica montagem de *Vestido de Noiva*, pelo grupo Os Comediantes, em 1943, na qual trabalhou como ator. Foi a partir de 1953 que Graça Mello veio mudar o cenário do teatro para

crianças no Recife, incentivando o então diretor do Teatro de Santa Isabel, Alfredo de Oliveira, a produzir uma montagem verdadeiramente profissional. A estreia se deu no dia 16 de agosto de 1953 com a retomada das matinais dominicais naquela casa de espetáculos e o lançamento de um novo conjunto teatral voltado às crianças, o Teatro de Brinquedo. A peça escolhida foi *O Príncipe Medroso*, farsa infantil em três atos de Graça Mello, com direção do próprio, também atuando. Ainda no elenco, sua esposa, a atriz Lydia Vani e mais, Clênio Wanderley, Paulo Alcântara (o ator Sebastião Vasconcelos em pseudônimo), Amaraldo Lopes Pereira, Luiz Mendonça, Clóvis Almeida, Hercy Lapa de Oliveira e Alfredo de Oliveira. Os diálogos eram assinados por Miroel Silveira. A peça teve ampla divulgação de anúncios na imprensa, com lotação esgotada em sua primeira sessão.

Mesmo ressaltando que o Teatro de Brinquedo agradou bastante, Isaac Gondim Filho teceu o seguinte comentário no *Diário de Pernambuco* (18 de agosto de 1953, p. 9.) após a estreia:

Não pretendemos discutir as qualidades positivas ou negativas do espetáculo, embora sentíssemos certa falta de leveza no todo da realiza-



ção, como cremos ser ideal para tal gênero de teatro. Graça Mello criou um ótimo "rei" de caricatura; Lydia Vani foi uma "princesa" (sic) como devem ser as princezas (sic) de histórias para crianças; Alfredo de Oliveira inteiramente à vontade, foi um menino grande que viveu um príncipe fabuloso, divertindo-se e divertindo muito, sobretudo aos adultos.

No total, foram sete sessões no Teatro de Santa Isabel, uma delas especialmente numa segunda-feira, ainda às 10 horas, sendo que o casal Graça Mello e Lydia Vani só fez as duas primeiras porque voltou ao Rio de Janeiro por compromissos profissionais. Com essa partida, o elenco ficou assim constituído: Alfredo de Oliveira, Yara Lins, Adelmar de Oliveira, Lys Marques, Amaraldo Lopes, Luiz Menodona e Hercy Lapa de Oliveira.

Paralelamente à segunda récita de *O Príncipe Medroso*, surgiu um novo conjunto teatral no Recife com foco na criança, alardeando no *Diário de Pernambuco* (30 de agosto de 1953, p. 5.) que "Pela primeira vez em um espetáculo para crianças será reunido um elenco de tão largos méritos, um elenco de estrelas". Foi o Teatro do Nordeste, iniciativa de Isaac Gondim Filho, que assumiu a direção geral da equipe e estreou com a peça *O Casaco Encantado*, de Lúcia Benedetti, programada para o sábado 3 de setembro de 1953,

em vesperal de pré-estreia às 15 horas, no Teatro de Santa Isabel. Sem temer os autos elogios, prometeu-se no *Diário de Pernambuco* (1 de setembro de 1953, p. 10.) "um dos maiores espetáculos já realizados para a gurizada de nossa cidade". Sobre o texto, esclarecia em edição anterior do *Diário de Pernambuco* (27 de agosto de 1953, p. 5.): "Esta magnífica comédia infantil constituiu há alguns anos o maior sucesso nacional de Madame Morineau que a representou de norte a sul do Brasil". No elenco, Joel Pontes (José), Waldir Fiori (João), Jomery Pozzoli (Feiticeiro), Clênio Wanderley (Ministro), Gerson Vieira (Rei), Teresa Farias Guye (Feiticeira), Margarida Cardoso (Vovó), Teresa Leal (Princesa), Themira Pontes (Relógio) e os menores Alfredo Sérgio Borba (filho do teatrólogo Hermilo Borba Filho) e Sílvio Romero Melo (Pajens). Os atores foram apresentados com orgulho no *Diário de Pernambuco* (1 de setembro de 1953, p. 10.):

Para tal espetáculo o Teatro do Nordeste reuniu-se (sic) um elenco de reais valores da cena pernambucana, verdadeiras estrelas do nosso palco: Jomery Pozzoli, o querido "Capitão Atlas" da meninada: Joel Pontes, o diretor de rádio-teatro da Radio Jornal do Comércio; Tereza Farias Guye, a Monica Maria das novelas de sensação; Margarida Cardoso, a principal figura feminina de *O Canto do Mar*,

agora voltando aos nossos palcos; Teresa Leal, a inesquecível "Desdemona" de Otelo e catedratica de espanhol; Waldir Fiori, do cast de radio-teatro da Radio Jornal do Comercio; Clênio Wanderley, um dos elementos de maior projeção do radio e do teatro pernambucanos; além de Gerson Vieira, Themira Pontes e outros.

Os variados cenários e figurinos foram assinados pelo pintor pernambucano Antônio Heráclito. Estelita Wanderley ficou responsável pela costura de todo o "luxuoso" guarda-roupa e os técnicos Antônio José de Almeida (o Zezinho), Alceu Domingos Esteves e Aluísio Pereira construíram os "fabulosos" cenários. Os efeitos especiais de luz e mágica ficaram ao cargo do eletricista Aníbal Mota. Com ingressos vendidos a "preços populares", houve distribuição de bombons às crianças. A peça fez sete sessões ao total, todas no Teatro de Santa Isabel, quase sempre em dias da semana, provavelmente por falta de pauta livre. Algo curioso é a presença do ator Clênio Wanderley desdobrando-se nos dois elencos infantis daquele momento, o do Teatro de Brinquedo e o do Teatro do Nordeste.

No domingo dia 11 de outubro de 1953, o Teatro de Brinquedo lançou sua segunda montagem no Teatro de Santa Isabel, em vesperal às 15 horas, *O Soldadinho do Rei*, de Lúcio Fiúza, com cenários de Mário Nunes e Carlos Amorim, contando ainda com um número de música de Nelson Ferreira e coreografia com quatro alunas do Ballet de Ana Regina. No elenco, Yara Lins, Adelmar de

Oliveira, Lys Marques, Luiz Mendonça, Amaraldo Lopes, Paulo Alcântara (o ator Sebastião Vasconcelos) e Marta Maria. Quatro meninas eram as Pagens: Nadja Machado, Eliane Machado, Maria Elisabeth Ferreira de Oliveira e Solange Lapa de Oliveira. A peça fez nova sessão no domingo, 18 de outubro de 1953. Foi o mesmo Isaac Gondim Filho quem comentou no *Diário de Pernambuco* (29 de outubro de 1953, p. 2.):

Sabemos que Lúcio Fiúza deu carta branca a Alfredo de Oliveira afim de modificar certos trechos, cortar outros ou mesmo acrescentar novas passagens. O fato é que, não podemos precisar até onde foi a mão de um ou de outro. Mas o resultado é que "*O Soldadinho do Rei*" está num bom nível de teatro para crianças. Reconhecemos ser este um dos mais difíceis gêneros teatrais, sobretudo no que se refere à mentalidade e à psicologia infantil. [...] Se a peça em dados momentos ressentir-se de menor falta de interesse, falta esta motivada, talvez, pelo alongamento excessivo na dialogação, o que nos parece contra-indicado em teatro para criança, tem a valorizar-lhe, como espetáculo, a encenação que o Teatro de Brinquedo lhe deu. E nisto cabe a palma a Alfredo de Oliveira que soube fazer dos cenários e dos costumes motivos de atração para o público. Assim, nada menos que seis cenários nos são apresentados, alguns de muito bom efeito e com truques que, naturalmente, são o encantamento de quantos os vêm. E além dos cenários, Alfredo de Oliveira apresenta, através dos personagens



-UMA ESTRELA
CORREU NO CÉU

Epócais iniciais da vida do Tenorijo Pepe
Chamado por HAAK GUERRA FILHO

Castro-Vargas — Brooks Adel Gosselink
Eckhardt — Austin Moore
Haggenmacher — James Gosselink, Farnsworth

四九〇

CINQUENTENARIO MARISTA

1003

Gastronomie
Dr. José da Silva Soárez, Presidente da Sociedade
Dr. Alberto da Oliveira, Director do Theatro Municipal Soárez
Dr. Teófilo da Silveira, Director do Theatro da Adelphéa
Casa de Antropologia "Brasileiro"
Casa Holanda

CONNUITO
TEATRALE
MARIST



TEATRO SANTA ISABEL
Promovido oficialmente das Festivais
SIBUT, 10 de Novembro de 2000

gens, um bonito e variado guarda-roupa. Os cenários são devidos a Alvaro Amorim, Carlos Amorim, Luiz de Barros e Mário Nunes. Os figurinos de Hercy Lapa de Oliveira. Dos intérpretes, Alfredo de Oliveira faz com a naturalidade e o desembaraço habituais o papel central, secundado por Lys Marques e Luiz Mendonça que progridem sensivelmente. Ainda, Yara Lins num papel que lhe dá apenas oportunidade de aparecer e mostrar a sua bonita figura, ao lado de Ademar de Oliveira, Amaraldo Lopes, Paulo Alcântara e a estreante Marta Maria. Quatro meninas: Nadja, Eliane, Maria Elisabeth e Solange fazem os pagens do final e são a delícia de todos, pela graça natural e pela maneira como se comportam ao realizar a marcação de Walter de Oliveira sob a música de Nelson Ferreira. Em resumo, "O Soldadinho do Rei" pelo Teatro de Brinquedos é uma realização muito digna de ser vista pelos seus inúmeros méritos e, por isso mesmo, muito categorizada no gênero a que se propõe.

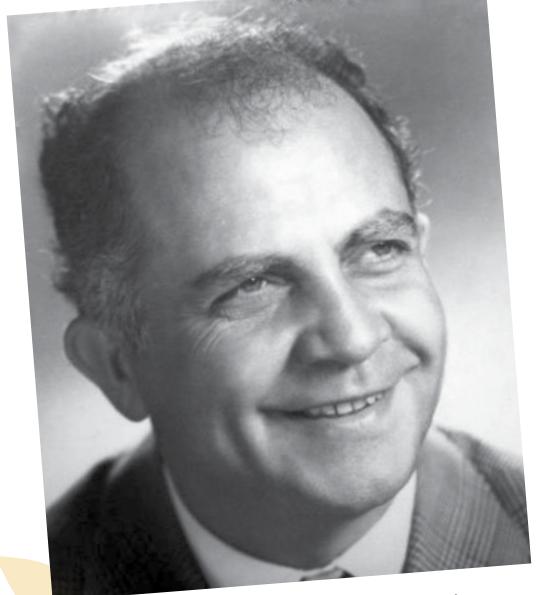
Ainda em 1953, o Conjunto Teatral Marista lançou *Uma Estrela Correu no Céu*, texto de três atos, com um prólogo e um epílogo, escrito por Isaac Gondim Filho, que teatralizou a vida do padre Champagnat, fundador dos Irmãos Marista, com o objetivo de comemorar o Cincocentenário Marista da Província do Brasil Setentrional. A direção foi confiada a Alderico Costa, com cenários do

irmão Afonso Haus, música do maestro Miguel Barkokebas e elenco composto por alunos e ex-alunos maristas. Certamente tratava-se de uma montagem direcionada a todas as idades. Foram três sessões espaçadas no Teatro de Santa Isabel e entrada franca. Com tanta movimentação nas opções de teatro para a meninada, inclusive com o lançamento de duas companhias profissionais, Isaac Gondim Filho, no *Diário de Pernambuco* (29 de setembro de 1953, p. 8.), lançou artigo sobre aqueles que se dedicavam, naquele momento, ao público infantil do Recife:

A lista de nomes ligados de uma maneira ou de outra, como dirigentes ou idealizadores de espetáculos infantis, atinge talvez a uma dúzia cheia de boa vontade: Alfredo de Oliveira, responsável pelo Teatro de Brinquedo; Joel Pontes, diretor artístico do espetáculo infantil do Teatro do Nordeste; Celeste Dutra, autora de peças infantis e organizadora de representações de crianças e para crianças no sector Pré-Dramático da Divisão de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação; Beatriz Ferreira, também autora e de certa maneira ligada às realizações teatrais infantis da mesma Divisão de Extensão Cultural e Artística; Carmosina Araújo que com o seu Teatro de Marionetes Monteiro Lobato tem realizado espetáculos para crianças até mesmo fora do Estado de Pernambuco; Maria José

Campos Lima, idealizadora e realizadora do seu Teatro Infanto-Juvenil de Operetas; Waldemar Mendonça que vem batalhando há anos com o seu Grupo Infantil de Comédias; Ir. Afonso Haus, movimentador de todas as artes no Colégio Marista e principal responsável pelo Conjunto Cênico Marista que realiza espetáculos com crianças e para crianças, fugindo ao normal das festinhas colegiais para oferecer verdadeiros espetáculos. Estes são alguns dos mais diretamente interessados em teatro para crianças, em suas várias modalidades: a todos ou pelo menos a alguns, por vários motivos, faltam-lhes a continuidade de realizações. [...] Assim é que, até bem pouco tempo, apesar de tudo, éramos uma cidade em que teatro para crianças era uma necessidade e, sobretudo, uma lacuna. Até bem pouco tempo as crianças de nossa cidade não tinham, de uma maneira regular e acessível, um teatro para frequentar, não tinham espetáculos apropriados à sua mentalidade e ao seu gosto. Quase simultaneamente foram apresentados dois espetáculos infantis dentro de certa regularidade. [...] Mas, o essencial nisto tudo, é interessar cada vez mais o maior número possível de pessoas adultas neste assunto. Não só do ponto de vista das realizações, mas do dos espectadores. Interessar os pais, os mestres e educadores e quantos que, direta ou indiretamente, estão às voltas com as crianças e que tem a missão de lhes orientar e dirigir por estes caminhos do mundo. Interessar todos os responsáveis por crianças, pois dêles, em grande parte, depende o desenvolvimento do gosto artístico dos pequenos caracteres em formação e, dêstes, as platéias do futuro.

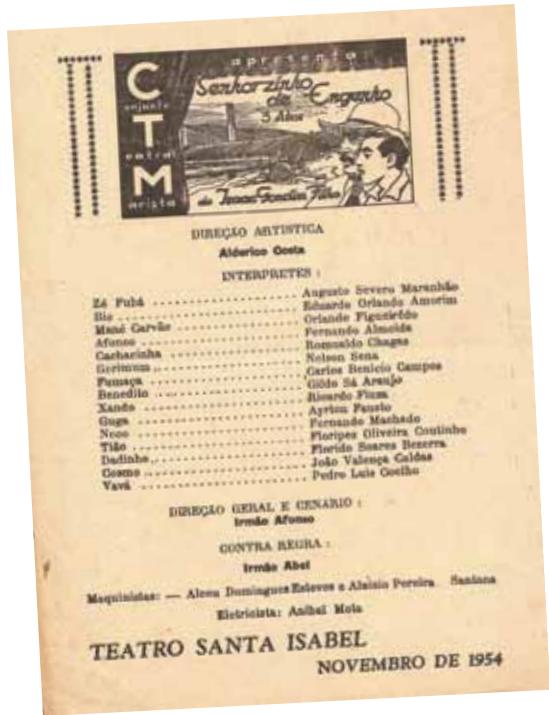
Pelo menos até a finalização desta pesquisa em dezembro de 2013, Barreto Júnior continuou a ser o maior constru-



Barreto Júnior

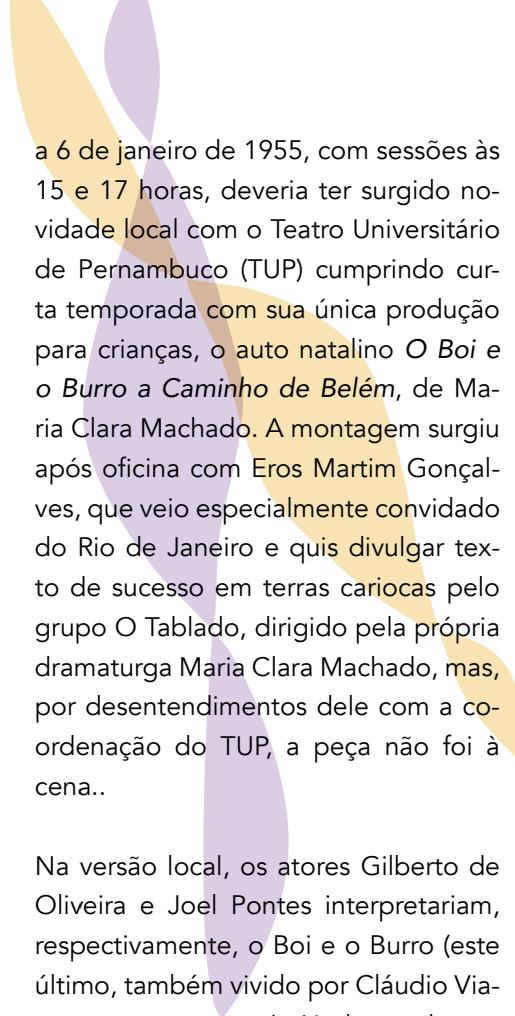
tor de teatros do Recife. Em 1949 criou o Teatro de Emergência Almare, que acabou sendo transferido para a Festa da Mocidade, no Parque 13 de Maio, em outubro de 1950. A 12 de maio de 1954, uma quarta-feira, inaugurou outro espaço, o Teatro Marrocos, na avenida Dantas Barreto, como um "teatro provisório". A estreia se deu com o texto de Miguel Santos, *O Futuro Presidente*, peça de sucesso da Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, aplaudida anteriormente no Teatro de Santa Isabel. A 28 de março de 1957, uma quinta-feira, surgiu o novo Teatro Marrocos, desta vez localizado ao lado do Teatro de Santa Isabel. O ator-empresário escolheu a chanchada *Mulher Aqui Está Sobrando*, de José Vanderlei, para retomar a carreira de sua casa de espetáculos, que perdurou por dez anos, assumidamente como um teatro de caráter popular e constantemente chamado pela imprensa de "Barracão do Barreto Jr." por sua estrutura de madeira. Diversas companhias de fora ocupavam a pauta, e, durante a Semana Santa, era comum seu elenco apresentar peças de caráter religioso, como *Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo*. As montagens para a infância também ganharam espaço na programação mais adiante.

Paralelamente às atividades deste empresário teatral cabense, que desde a década de 1930 já circulava pelo Norte e Nordeste do Brasil com a sua Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, os anos 1950 marcaram o sucesso de alguns conjuntos pernambucanos em outros estados do país já que, neste período, pela primeira vez um teatro de qualidade mais elevada em Pernambuco pôde ser apreciado por espectadores do Sudeste e Sul brasileiros. Exatamente no ano de 1953, o Teatro de Amadores de Pernambuco (TAP) fez sua primeira excursão ao Rio de Janeiro, em cartaz por um mês no Teatro Regina com quatro peças de seu repertório, *Esquina Perigosa*, *A Casa de Bernarda Alba*, *Arsênico e Alfazema* e *Sangue Velho*, sucesso absoluto de público e crítica! Em 1954, foi a vez da equipe ir a Porto Alegre e, em 1955, a São Paulo. Em 1957, o TAP voltou ao Rio de Janeiro, para temporada de um mês no Teatro Dulcina, com as peças *A Comédia do Coração*, *Bodas de Sangue* e *A Verdade de Cada Um*, repertório que não foi tão bem recebido pela crítica carioca.



Quanto ao Conjunto Teatral Marista, após o sucesso em 1953 de *Uma Estrela Correu no Céu*, o grupo estreou no Recife, no ano de 1954, um novo texto de Isaac Gondim Filho, *Senhorzinho de Engenho*, com pequenos atores amadores. Também naquele ano, especificamente no mês de setembro, no Palco do Centro Paroquial Frei Casimiro, o Grupo Infantil de Comédias montou *Um Devoto de São Benedito*, peça em dois atos de Waldemar Mendonça. No elenco, Mariana Andrade, Jefferson Barbosa, Carlos Roberto, Maria Auxiliadora, Marçal Arruda, Vilma Dias, Luiza Guimarães, Roserval Barbosa, Maria Teresa, Maria Anunciada, Vanilda Dias e Maria do Carmo. Um show finalizou a apresentação. Ainda em 1954, veio à cena um novo trabalho pelo mesmo grupo, *Meu Sertão*, peça em dois atos de Waldemar Mendonça. Enquanto isso, nem o Teatro do Nordeste nem o Teatro de Brinquedo, os dois conjuntos profissionais lançados em 1953 com foco na infância, produziram nada de novo ou voltaram à cena, sendo o primeiro extinto.

Com o Teatro de Brinquedo inativo, Alfredo de Oliveira voltou-se ao teatro adulto em 1954, dirigindo o Teatro de Estudantes na fantasia dramática *Pala-Hi*, de Fernando de Oliveira Mota, enquanto atuava em *Uma Morte Sem Importância*, de Yvan Noé, sob direção de Graça Mello, pelo TAP. Num ano de pouquíssima opção para a infância, foram os bonecos da Cia. Internacional de Marionetes Rosana Picchi a atração mais comentada da Festa da Mocidade, de dezembro de 1954 a janeiro de 1955, com matinées infantis no horário diurno e noturno, sendo que à noite as autoridades competentes autorizavam a entrada de crianças maiores de cinco anos. Já no Teatro de Santa Isabel, de 4



a 6 de janeiro de 1955, com sessões às 15 e 17 horas, deveria ter surgido novidade local com o Teatro Universitário de Pernambuco (TUP) cumprindo curta temporada com sua única produção para crianças, o auto natalino *O Boi e o Burro a Caminho de Belém*, de Maria Clara Machado. A montagem surgiu após oficina com Eros Martim Gonçalves, que veio especialmente convidado do Rio de Janeiro e quis divulgar texto de sucesso em terras cariocas pelo grupo O Tablado, dirigido pela própria dramaturga Maria Clara Machado, mas, por desentendimentos dele com a coordenação do TUP, a peça não foi à cena..

Na versão local, os atores Gilberto de Oliveira e Joel Pontes interpretaram, respectivamente, o Boi e o Burro (este último, também vivido por Cláudio Viana em revezamento). Ainda no elenco, outros atores adultos e um grupo de crianças no coro de Anjos e Pastorais. Os figurinos foram criações do artista pernambucano Reinaldo Fonseca e a música de Geraldo Menucci, com a colaboração do Coral Bach. Mesmo com toda a divulgação da montagem realizada na imprensa, as apresentações nunca aconteceram e o cronista Isaac Gondim Filho, no *Diario de Pernambuco* (16 de janeiro de 1955, p. 11.), chegou a tratar da insatisfação de Eros Martim Gonçalves ao abandonar o projeto em vias de sua estreia:

[...] tendo antes feito declarações pouco lisongeiras à atitude dos componentes do Teatro Universitário de Pernambuco em que lastimava a falta de apôyo e a necessária ajuda e apontava o fato como um mau exemplo universitário de irresponsabilidade para com os compromissos assumidos.

Independente das polêmicas com outros coletivos, aquele ano de 1955 foi um dos mais frutíferos para o Grupo Infantil de Comédias, que continuou a apresentar espetáculos mensalmente no palco do Centro Paroquial Frei Casimiro. Waldemar Mendonça escreveu quase todos os textos, dirigindo-os em sequência impressionante de produção. Vale registrar que ainda contavam com a figura do ponto ajudando os atores a relembrar suas falas.

A peça *A História do Mendigo* ganhou a cena em março. Em abril, foi a vez de *O Poder da Fé*. Em maio, na celebração do seu 14º aniversário, contando com quinze artistas no elenco e já contabilizando 190 apresentações feitas ao longo de sua trajetória, o grupo preparou *A Princesa Maluca*, peça em dois atos de Waldemar Mendonça, e promoveu o concurso “Qual a Menina Mais Bonita do Auditório?”, voltado para garotas dos cinco aos doze anos. Tomaram parte neste elenco, Marçal Arruda, Jefferson Barbosa, Maria Auxiliadora, Maria do Carmo, Vilma Dias, Mariana Andrade e Marly Barbosa. Ainda na ficha técnica, maquinaria de Lídio Guimarães e João Carlos; controle de som de Arthur Magalhães Filho; contrarregra, Marçal Arruda; e ponto, João Vieira. “Serão apresentadas muitas brincadeiras de auditório, com diversos presentes, finalizando o espetáculo com interessante show, a cargo de vários artistas do Grupo, inclusive Maria Anunciada, Maria Teresa, Adeilde Rodrigues e Sônia Maria”, publicou a *Folha da Manhã* (21 de maio de 1955, p. 11.). Em junho de 1955 foi a vez da comédia infantil *A Pequena Cigana*, três atos escritos pelo mesmo diretor Waldemar Mendonça. Nela, o ator Marçal Arruda era considerado “o garoto veterano” do Grupo Infantil de Comédias. O cronista Otávio

Cavalcanti, da *Folha da Manhã*, fez um registro (28 de junho de 1955, p. 11.):

Quatorze anos de existência não é brincadeira não. Ensinar ou dirigir crianças, ou as duas coisas ao mesmo tempo, é mais um sacerdócio do que apenas um mero passatempo. Respeitando pois, tão longo tirocínio, é que quero oferecer alguns conselhos a Valdemar Mendonça e seus *pupilos* do Grupo Infantil de Comédias, menos com propósito de crítica do que por desejo de cooperar com êle, a fim de que o G.I.C. se mantenha sempre firme, como vem acontecendo, e cada vez melhor, visto que é único conjunto, do gênero, existente no Recife, e que tem tido perseverança e fé. [...] mesmo sabendo das suas dificuldades materiais e da exiguidade de meios financeiros [...] Começa que o palco do Centro Paroquial Frei Casimiro é pequenino, apertadinho, mesmo assim, cedido por uma generosidade da Paróquia local. A "caixa de ponto" localizada por fora do mesmo, é um *estafermo* para a platéia, obstruindo a visão das cenas; se fosse possível fazer um recorte no lugar próprio e baixá-la mais, seria melhor; o "ponto" por sua vez, contava alto, ouvindo-se duas vezes a "fala" [...] o aparelho de alto-falante, em último volume, rangindo, atordoa, ensurdece e tira grande atmosfera do drama, cuja emoção desaparece dum ato para outro [...] A peça, por si – A pequena cigana é interessante e adequada para o desempenho dos seus intérpretes mirins e ao mesmo tempo de acordo com a idade dos espectadores de sua platéia: diálogos leves, frases acessíveis e de enredo atraente. Os pontos mais altos da representação estão em Marçal Arruda (Mário – o dono da casa); Mariana Andrade (Aurea – a esposa) e Maria

Auxiliadora (Walkiria – uma cigana velha), que aliás estava uma "cigana moça" e muito simpática; a maquilagem foi pouca. As duas, às vezes bem, e às vezes um tanto declamatórias; o criado Severino (Jeferson Barbosa), fez bem a sua "pontinha", mas movimentava muito os braços, em paralelo, de baixo para cima; foi bonita a cena do segundo ato, no rancho dos ciganos, onde aquêle telão mostrava um bosque; após a refeição, as ciganinhas dançando em roda e agitando os pandeiros, e como o elenco é grande, para não alongar mais esta nota, vai aqui um conselho às demais ciganinhas – Maria das Graças (Lêda); Maria do Carmo (Zena, depois Maria); Aldeci Rodrigues (Vera); Adeilde Rodrigues (Valeria); Maria Anunciada (Lívia); Sônia Maria (Selma); Marly Barbosa (Zita); Maria Teresa (Tânia) e mesmo as duas Aurea e Walkiria; mais entusiasmo e menos declamação, que vocês poderão dar um belíssimo espetáculo.

Ainda em maio de 1955, foi fundado no Recife o Teatro Escola Renato Viana (sic), sob o comando de Walter Barros, que mais à frente voltou-se às produções para crianças com peças levadas a vários bairros populares. Sobre a programação também popular do Teatro Marrocos, "Teatro para rir, para divertir, sem mais nenhuma preocupação", como registrava em seus programas, Barreto Júnior apresentava Ítalo Cúrcio e Sua Companhia de Comédias com Nair Ferreira. No elenco, a presença de Leila Diniz, Lélia Verbena, atriz pernambucana que atuou no Grupo Gente Nossa; e Raul Levy, entre outros. Além de várias comédias adultas, como *Filho de Sapateiro*, *Nossa Gente é Assim* e *Mulheres Proibidas*, a equipe trouxe dois infantis em revezamento nas matinais de domingo, às 10 horas: *A Bonequinha do Rei*, fantasia in-



fantil em três atos, e *A Princezinha* (sic) e a *Bruxa Maldita*, textos do próprio Ítalo Cúrcio. Nos intervalos, sempre havia sorteio de brindes às crianças, além da distribuição do Guaraná Saci, Fogos Adriadino e balas do Renda Priori. Até mesmo um prêmio em dinheiro foi oferecido ao menino mais bem vestido numa das récitas. Com repertório adulto vasto e sessões acontecendo de terça a domingo ininterruptamente, sendo que aos domingos geralmente aconteciam quatro sessões, às 10 horas para crianças e às 16, 19 e 21 horas para adultos, a companhia profissional costumava divulgar: "Se o público prefere Italo Curcio, para que contrariar o público?". A equi-

pe permaneceu no Recife pouco mais de dois meses em 1955 e veio sob os auspícios do Serviço Nacional de Teatro, do Ministério da Educação e Cultura.

Concluindo sua programação para 1955, o Grupo Infantil de Comédias seguiu com nova sessão de *A Madrasta*, texto de Amélia Rodrigues, no mês de julho; e *As Duas Marias* e *O Corvo e a Raposa*, produção dupla em agosto. Como novidade em setembro, ainda tendo João Carlos como ponto, apresentou mais duas peças em um ato, a repetição de *O Corvo e a Raposa*, de Coelho Neto, e *Suave Milagre*, de J. Vieira Pontes, com os artistas Marçal Arruada, Jeferson Barbosa, Maria Auxiliadora, Adeilde Rodrigues, Maria do Carmo, Maria Anunciada e Sônia Maria prestando homenagem "ao maior sanfoneiro", o garoto Reginaldo Magalhães Filho, que fez show ao final. A reapresentação de *Quando Chega a Felicidade*, de Waldemar Mendonça, com Carlos Vieira, Sônia Maria, Aldeci Rodrigues, Maria Auxiliadora, Adeilde Rodrigues, Maria Anunciada, Maria do Carmo, Jeferson Barbosa e Marly Barbosa, foi o destaque do mês de outubro. "Em seguida será feita a segunda apuração do concurso *Qual o melhor artista do Grupo Infantil de Comédias?* Finalizará o espetáculo o interessante show a cargo de vários artistas do Grupo e também do garoto sanfoneiro Reginaldo Magalhães Filho", divulgou a *Folha da Manhã* (18 de outubro de 1955, p. 9.). No dia 27 de novembro de 1955, *A Pequena Cigana* foi finalmente apresentada no Teatro de Santa Isabel, num domingo, em matinal às 10 horas, com renda em benefício da construção do "teatrinho próprio" do grupo, sonho acalentado há alguns anos por Waldemar Mendonça e nunca concretizado.

No elenco, Jeferson Barbosa (Mário e o cigano velho Cláudio), Yolanda Rocha (Áurea), Carlos Vieira (Severino, o criado), Maria das Graças (Lêda), Maria do Carmo (Maria, a criada, e Ciganinha Zena), Maria Auxiliadora (Ciganinhas Walkíria e Flora), Aldeci Rodrigues (Ciganinha Vera), Adeilde Rodrigues (Ciganinha Valéria), Sônia Maria (Ciganinha Selma), Marly Barbosa (Ciganinha Zita) e Maria Frassinete (Ciganinha Tânia). Curiosamente, no Jornal Folha da Manhã, especialmente as artistas infantis do grupo ganhavam destaque com foto, notas ou matérias, algo raro para os intérpretes da época. Uma das reseñas foi dedicada a Maria Auxiliadora (6 de dezembro de 1955, p. 8.):

Das pequenas artistas que integram o elenco do Grupo Infantil de Comédias, sob a direção de Valdemar Mendonça, é Maria Auxiliadora uma das intérpretes principais. De comportamento exemplar a jovem atriz é por esse motivo muito estimada pelo seu diretor. Não tem especialização (sic) para esse ou aquele papel. No primeiro ensaio de cada peça, ela procura observar atentamente as explicações de gestos e inflexões ministradas pelo seu diretor, correspondendo perfeitamente a expectativa do mesmo. Na peça "A Pequena Cigana" cuja terceira representação foi realizada (sic) no Teatro Santa Isabel, ela viveu dois personagens diferentes: a cigana velha, e a cigana "Flóra" com 15 anos de idade. Por cujo trabalho a direção do Grupo Infantil de Comédias, recebeu muitos parabens, os quais foram transmitidos a ela com grande entusiasmo pelo seu diretor. Maria Auxiliadora, é filha do casal Abilio e Maria de Lourdes Gomes, e tem 14 anos de idade. Fez sua estréia no elenco do Grupo Infantil de Comédias, no dia 25 de Julho de



1954, tomando parte na peça de Valdemar Mendonça "Astúcias do Primo Zeca", encenada no teatro do Centro Paroquial Frei Casimiro, em Campo Grande, interpretando o papel de uma dama central, aliás um tipo de personagem bastante difícil para uma estreante (sic).

Com renda em benefício do Natal das crianças e das caixas escolares dos estabelecimentos de ensino primário do Estado, foi prometida a fantasia musical de Walter de Oliveira, *Música, Divina Música*, dirigida pelo próprio, com sessões programadas do dia 11 a 16 de novembro de 1955, incluindo algumas récitas exclusivas para estudantes, famílias e convidados, no Teatro de Santa Isabel, numa ação da Diretoria Cultural e Artística.



ca da Secretaria de Educação e Cultura. A proposta vinha para encerrar as atividades pré-dramáticas realizadas com alunos primários e ginasiânicos, contando com grande orquestra sob a direção do maestro Nelson Ferreira, compositor das músicas, entre outros autores; e participação do Coro do Serviço de Música e Canto Orfeônico da DECA, tendo como solista a cantora Maria Parísio, soprano lírico conhecida do rádio. "O espetáculo em que trabalham 152 crianças [número impreciso, já que divulgaram também 120 ou 130 integrantes], será apresentado em 2 atos, distribuídos em 18 quadros, em que se procurará demonstrar, de maneira leve e agradável, aspectos de evolução da música e da dança, sendo levados numeros de grandes efeitos", lembrou a *Folha da Manhã* (5 de novembro de 1955, p. 6.). A dança estava muito presente na montagem, como atestou o mesmo jornal em outra matéria (10 de novembro de 1955, p. 6.):

A parte coreográfica consta de baiados, ritmos, frêvos, fados, ciganas, cançonetas, foxs, maracatus[,] minuetto, chorinho, polka, baião, etc. estando a cargo das seguintes intérpretes, respectivamente: Cecy Maia Amorim

Silva, Elza de Sousa, Helena Reis e Silva, Lenira Vilaça Lopes, Helena de Melo Antunes, Dulci Noya, Laura Bezzerra, Maria de Lurdes C. Pedrosa[,], Eunice Beltrão e Terezinha Menezes, além de muitos outros figurantes.

Mas, estranhamente, o espetáculo não fez essa temporada e acabou sendo transferido "em virtude dos últimos acontecimentos políticos, na capital do país", como consta na *Folha da Manhã* (13 de novembro de 1955, p. 12.), só estreando na sexta-feira 18 de novembro de 1955, contando com os auspícios da senhora Avani Cordeiro de Farias, esposa do governador Cordeiro de Farias. Na segunda sessão, no dia 20 de novembro de 1955, a montagem recebeu auspícios das senhoras casadas com Aderbal Jurema, o secretário de Educação e Cultura, e Djair Brindeiro, prefeito do Recife. Devido ao grande número de pedidos do público, a "fantasia" *Música, Divina Música* foi reapresentada dias 1 e 3 de dezembro de 1955, às 10 horas; dia 2 de dezembro, às 20 horas; e dia 4 de dezembro, às 15 horas, no mesmo Teatro de Santa Isabel. O cronista José Maria Marques, no jornal *Folha da Manhã*, publicou sua opinião sobre o trabalho (23 de novembro de 1955, p. 11.):

De um modo geral o espetáculo agrada, pois acima de tudo é representado por crianças e nelas tudo é graça, tudo é espontaneidade (sic) e encanto. Algumas vocações saltam para o primeiro plano a olhos vistos, como o garoto da "Cançona", João Batista Silva e a menina do miudinho, Maria José Rocha[,], além das qualidades especiais que se pode notar em Ana Maria Rosa Borges e Elisabeth F. Oliveira, muito logicas, pois são rebentos dos casais Walter e Lady Claire e Otávio e Geninha, artistas consumados do elenco

do T.A.P. A sequencia do programa é bem conduzida (apenas discordo do número do "Can-can", um tanto impróprio para o genero do espetáculo). A coreografia está bem apresentada, com ótimo aproveitamento da passarela, destacando-se entre os outros, os numeros do Fox-Maracatu Cançoneta e a apoteose com o Frevo, este, sem exagêro algum, "deslumbrante". A parte musical tem no maestro Nelson Ferreira o mestre de sempre. [...] Apenas faz se necessário que as professoras da D.E.C.A. apresentem para o publico, durante o ano, outras realizações desse genero, mais modestas, porém com a mesma finalidade e como maior prova do trabalho que realizam.

Mais elogios também foram registrados pelo cronista Otávio Cavalcanti na mesma *Folha da Manhã* (29 de novembro de 1955, p. 13.):

"Musica, Divina Musica", autorizado pela Secretaria de Educação do Estado e promovido pela Divisão de Extensão Cultural e Artística, como festividade de encerramento das atividades artísticas dos escolares, foi um espetáculo que talvez houvesse ultrapassado a propria imaginação dos seus executores: Sra Maria Vanderlei Meneses, (diretora da D.E.C.A.) Valter (sic) de Oliveira (dirigente geral do espetáculo) e o maestro Nelson Ferreira na composição e regencia das suas musicas. Descerrado o pano de cena do Santa Isabel, eu via desfilar deante dos meus olhos atonitos e deslumbrados, grupos e mais grupos de crianças cheias de vivacidade, de simpatia e de graça; sorridentes, desenvoltas, harmoniosas e em numeros belamente ritimados, tão bem ensaiadas e digiridas: belas composições coreograficas; "musicas

divinas", cenários deslumbrantes; espetáculo enfim, empolgante e inedito, digno de ser visto muitas vezes e mantido pelos poderes públicos como um dos "corpos estaveis" do Teatro Santa Isabel.

No entanto, por conta de alguns números que lembravam "as licenciosidades de revistas apimentadas", o cronista Isaac Gondim Filho reprovou trechos do espetáculo, como o *Can-can*, que lembrava "os cabarés parisienses da belle époque", assim como a dança de gafieira com "namoradas" de marinheiros nos cais do porto, ou seja, prostitutas, além de poesias com "intenções de adultos". Segundo Gondim, no espetáculo, a parte pedagógica era "tão profundamente ferida através de quadros onde impera uma condenável malícia de adulto" que o resultado era de vários "senões censuráveis". Tais comentários, publicados no *Diário de Pernambuco* (24 e 25 de novembro de 1955, p. 5.), não agradaram a diretora da DECA, D. Maria de Lourdes Wanderley, que mandou publicar, somente dois meses depois, artigo refutando as opiniões do cronista, "contendo graves ataques nominalmente", segundo o próprio, ainda que houvesse suprimido as partes condenadas pelo mesmo no espetáculo logo após a publicação dos textos iniciais. O caso virou polêmica e repercutiu em mais sete artigos diferentes de defesa (24, 25, 26, 27, 29, 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 1956), sob o título "Em torno de um espetáculo infantil", nos quais Isaac Gondim Filho reiterou sua opinião, listando a de outros cronistas, como W., Otávio Cavalcanti e José Maria Marques. Resgatou, então, o que viu em cena:

Os demais números são adultos, alguns com duplas intenções e até com

realidades maliciosas e, pelo fato, mesmo grotescas, em se tratando de crianças. [...] números verdadeiramente chocantes, por estarem fora daquilo que deveria ser uma revista infantil: o "Can-can" onde as meninas revivem, por imitação e por imposição uma malícia que lhes destoa tentando reviver as mundanias de tantos anos passados. [...] Muito mais se poderia acrescentar. Por exemplo, as meninas que interpretavam o referido número desciam à passarela fazendo para os espectadores sinais e gestos significativos, como se combinassesem encontros para depois; disputavam-se com as vizinhas, anotavam enderêços e mostravam as ligas. E ainda, o que era muitíssimo mais grave: ao final do número, agradeciam os aplausos com as nádegas voltadas para o público. Ao mesmo tempo que levantavam as sáias. [Diário de Pernambuco, 24 de janeiro de 1956, p. 5.]

E o espetáculo não voltou a acontecer mais. Ainda no dia 15 de novembro de 1955, às 20h30, foi a vez do Conjunto Teatral Marista pisar novamente no palco do Teatro de Santa Isabel para a estreia da tragicomédia para crianças e adultos, *Meus Santos Diabinhos*, "peça para rir e para pensar", sob direção artística de Alderico Costa e autoria de Isaac Gondim Filho, fixando travessuras de coroinhas numa igreja matriz de subúrbio. Foi a quarta vez que a equipe levou à cena um original do autor – antes havia feito *Uma Estrela Correu no Céu*, *A Vida Continua Amanhã* e *Senhorzinho de Engenho*. Junto aos dois últimos, *Meus Santos Diabinhos* forma a Trilogia Infantil Nordestina. O cenário foi assinado pelo Irmão Afonso Haus, recém-chegado da Europa e com novos conhecimentos a aplicar. Já havia lembrado a *Folha da Manhã* (1 de junho de 1955, p. 11.):



O referido trabalho [...] constituirá mais uma contribuição nesse gênero teatral, para o desenvolvimento do teatro infantil tão excesso (sic) quanto necessário entre nós, para a formação de uma mentalidade teatral das crianças, que só conhecem o cinema, o rádio e o futebol.

No elenco, José de Moraes Melo Júnior (Jaime), José Carlos Dubeux (Tadeu), Lourenildo Guerra (Augusto), Gilmar Almeida (Murilo), Jarbas Carvalho (Valdir), Nelson França (Wilson), Fernando Almeida (Rivaldo), Eduardo Orlando Aguiar (Rui), José Beltrão Júnior (Bola Sete) e Gildo Sá (Tijipió). A montagem, cuja estreia se deu paralelamente à polêmica com a peça *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, na versão do Teatro de Amadores de Pernambuco, contou apenas com quatro únicas exibições "devido aos compromissos do Teatro Santa Isabel e às provas que estão próximas", conforme o jornal *Folha da Manhã* (8 de novembro de 1955, p. 6.), sendo as três seguintes nos dias 19 de novembro, às 15 horas, e dia 20, às 10 horas, com vesperal de despedida às 15 horas. No jornal *Folha da Manhã*, vieram elogios (17 de novembro de 1955, p. 9.):

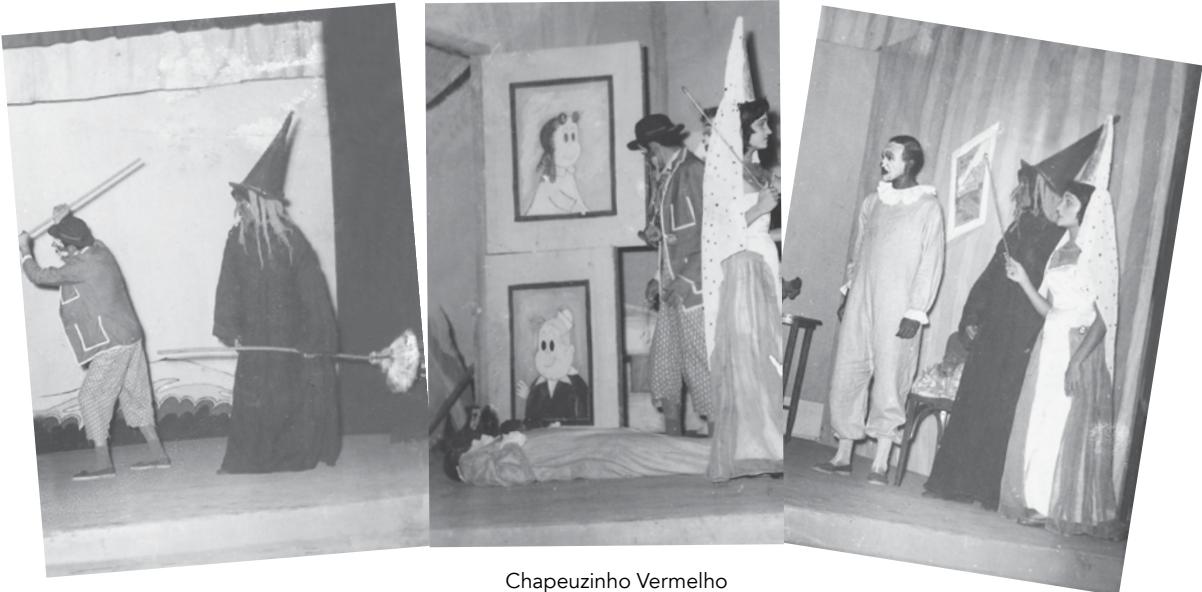


Constituiu êxito a volta do Conjunto Teatral Marista [...] o entrecho da peça agradou a quantos tiveram oportunidades de estar presentes, apreciando também o trabalho de Alderico Costa, responsável pela encenação do espetáculo e sobretudo pelo rendimento artístico que conseguiu dos intérpretes infanto-juvenis [...] Além da peça que marca um novo sucesso para o autor, Isaac Gondim Filho, foi também o cenário idealizado e realizado por Ir. Afonso Haus, um dos motivos de grande agrado.

O cronista Otávio Cavalcanti também pontuou mais detalhes na *Folha da Manhã* (24 de novembro de 1955, p. 11.):

Gosto muito de espetáculos infantis, e tanto mais bem feitos quanto mais me divertem e agradam, embora tenha sempre um pressentimento de que irei me aborrecer com o inevitável "tônus" cantante das "falas" desses intérpretes mirins, coisa quase sempre – ao que parece – não muito cuidada pelos diretores de cena. Achei engraçada a nova peça de Isaac Gondim Filho – "Meus santos diabinhos" – por ter sido feita especialmente para o desempenho de

crianças, entre as quais notei algumas evidentes vocações histrionicas no Conjunto Teatral Marista, denunciando pequenos valores interpretativos. No entanto, sendo o tema da peça um desses episódios da infância – traquinadas naturais da idade, esperava um enrênado mais sugestivo e um desenvolvimento mais endiabrado, que despertassem maior curiosidade pelo seu desfecho. [...] Mas o outor (sic) tratou o tema com demasiada "benignidade", fazendo dos "Coroinhas" mais "santos" do que "diabinhos". Há, contudo, o fundo moral e educativo, da obediência dos alunos e da regeneração de "Tejipió" por influência da meninada. De certo que a direção geral do Ir. Abel Gonzales e a técnica da montagem de Alderico Costa procuraram dar o máximo rendimento o (sic) texto, "expremando-o" (sic) até ao bagaço, com o que pôde movimentar mais as cenas [...] E por sua vez o Ir. Afonso Haus deu uma bela atmosfera dramática com o seu cenário sugestivo dum terreiro de igreja e a perspectiva da sacristia, [...] apresentando, ao fundo, uma paisagem regional do nosso arrabalde, numa elevação de morro e casa de habitação. E quanto a interpretação, que decorreu regularmente, em conjunto, gostei imensamente da naturalidade de alguns intérpretes, que são evidente promessa, tais como: Jarbas Carvalho – o "Waldir", pelos seus gestos espontâneos (sic) e resolutos; José Carlos Dubeux – o "Tadeu", um futuro galã; Gildo Sá, esteve muito bem no papel destacado e difícil de "Tejipió", o ébrio contumaz, em que se comportou sem decair em cena alguma; José Beltrão – o "Bola Sete", pretinho engraçado e desembaraçado, e Nelson Sena – o sacrifício "Wilson", que além destes tipos interessantes e convincentes foi um dos mais destacados e promissor; o "padre Rivaldo" (Fernando Almeida),



Chapeuzinho Vermelho

não se foi mal, porém não convenceu muito no tipo por estar moço demais, parecendo melhor um seminarista ainda; os demais foram personagens complementares. Mas, o certo é que o conjunto dos Maristas tem muitos elementos que poderão, bem ensaiados dar um elenco de verdadeiros atores, num teatro de verdade.

Como destaque no interior de Pernambuco, ainda em 1955, mesmo trazendo o nome Teatro de Amadores Mirim, surgiu na cidade de Caruaru este conjunto cênico que não tinha como objetivo primeiro montar peças para crianças. Sua estreia se deu com o texto adulto *Sindicato dos Mendigos*, de Joracy Caramago, dirigido por Wilson Feitosa. Mais à frente, o grupo foi rebatizado de Teatro de Amadores de Caruaru (TAC) e passou a montar tanto peças para adultos quanto para crianças: *Pluft, o Fantasminha*, de Maria Clara Machado (1957); *Chapeuzinho Vermelho*, de Paulo Magalhães (1958); *O Boi e o Burro a Caminho de Belém* (1958); *O Casaco Encantado* (1959) e *O Rapto das Cebolinhas* (1961), todas sob direção de Luiz Mendonça.

No Recife, no bairro de Afogados, ao final do mês de novembro de 1955, o palco do Motocolombó Esporte Clube passou a apresentar espetáculos tea-

trais em benefício das obras sociais da Paróquia dos Afogados, contando com "senhorinhas da sociedade afogadense e alunas dos diversos educandários daquêle arrabalde", de acordo com a *Folha da Manhã* (26 de novembro de 1955, p. 11.). No Jardim 13 de Maio, o Teatro Almare ganhou mais espaço, sendo "inaugurado" naquele mesmo ano, armado no recinto da XXII Festa da Mocidade e acomodando mais de duas mil pessoas. A estreia se deu com a peça *Quem Comeu Foi Pai Adão*, de Luiz Iglesias e Humberto Cunha, pela Companhia de Revistas Gracinda Freire, do Rio de Janeiro. Para participar daquela festa popular, o Juizado de Menores baixou portarias regulamentando a entrada e permanência de menores de idade, devidamente registradas pelo jornal *Folha da Manhã* (23 de novembro de 1955, p. 11.):

Determinando que os presepiós e outras diversões juvenis êste ano funcionem no período de 25 de novembro a 10 de janeiro seguinte, entre 18 e 22 horas, 3 vezes por semana, só tomando parte nos divertimentos menores de 9 a 14 anos, quando préviamente submetidos a exame médico abolidos, outrossim, jogos e bebidas alcoólicas nos locais

dêsses folguedos e nas suas imediações. Não será permitida a entrada de menores de 10 anos após às 18 horas. A frequência no Teatro é proibida aos menores de 18 anos, os quais não poderão participar dos jogos ali existentes, nem fazer uso de bebidas alcoolicas.

No domingo 18 de dezembro de 1955, voltando a ocupar o palco do Centro Paroquial Frei Casimiro, após o sucesso de *A Pequena Cigana* no Teatro de Santa Isabel, o Grupo Infantil de Comédias apresentou em vesperal, às 16 horas, a peça religiosa em dois atos e uma apoteose, *O Nascimento de Jesus*, com os seguintes quadros: *Bailados dos Pastores*, *Aparição da Estrela*, *Bailados das Pastoras*, *A Chegada dos Reis Magos do Oriente à Jerusalém*, *Aparição do Anjo Gabriel e Adoração ao Menino Jesus*. No elenco, Jeferson Barbosa e Sônia Maria, entre outros. Importante registrar que ainda em 1955 foi realizado o I Festival Nortista de Teatro Amador na cidade do Natal, no Rio Grande do Norte, com a participação de várias equipes pernambucanas e nenhuma atração para a infância.

Já na data 21 de junho de 1955 foi fundada a ACTP (Associação dos Cronistas Teatrais de Pernambuco) que, a cada início de ano, entregava troféus aos Melhores do Teatro, premiação que existiu até 1968 – sempre referente ao ano anterior – e quase nunca voltou sua atenção ao teatro para crianças. Segundo dados colhidos na imprensa e nos programas da Festa dos Melhores, constam apenas indicações a seis espetáculos infantis durante toda a sua existência: *Chapeuzinho Vermelho*, do Teatro do DECA, em 1959, referente aos Melhores do Teatro Pernambucano Durante o Ano de 1958; *O Palhacinho*



Pimpão, Pluft – O Fantasminha, ambos do Teatro de Arena; *O Casaco Encantado*, do Conjunto Teatral Marista, e *Da Lapinha ao Pastoril*, do Teatro de Cultura Popular (TCP), este último, o único infantil premiado pela ACTP (cenário para Wilton de Souza) no ano de 1964, listando os Melhores de 1963; e *A Bela Adormecida*, do Teatro da Criança (como passou a ser chamado temporariamente o Teatro do DECA), em 1965, referência aos Melhores de 1964. Ainda que fragilizada desde muitos anos antes, há registros da ACTP até 1968.

Como balanço final de 1955 e prestes a celebrar quinze primaveras de lutas, o Grupo Infantil de Comédias ganhou

novo destaque na *Folha da Manhã*, com entrevista do seu diretor Waldemar Mendonça (29 de dezembro de 1955, p. 6.):

Realizamos neste ano, 15 espetáculos, assim discriminados: 11 no Centro Paroquial Frei Casimiro; um no Teatro do Dérbi em benefício da Capela Escola Santa Terezinha, um no teatro do Clube Litero-Recreativo Mário Sete, pela passagem do quarto aniversário daquela agremiação; um no Teatro do Instituto do Prado, e outro no Teatro Santa Isabel. [...] peças do nosso repertório exclusivo: "Papai Noel", "Santa Terezinha do Menino Jesus", "Reminiscências", "A Historia do Mendigo", "O Poder da Fé", "A Princesa Maluca", "A Pequena Cigana", "A Madrasta", "As Duas Marias", "O Corvo e a Raposa", "Suave Milagre", "Quando Chega a Felicidade" e "O Nascimento de Jesus". Grandes tem sido as dificuldades para a manutenção deste teatro infantil, que no mês de maio do ano que se aproxima, completará 15 anos de atividades. [...] Além dessas despesas com os nossos auxiliares o Grupo reserva também uma contribuição mensal para a matriz de Nossa Senhora do Bom Parto, a título de compensação pelo teatro do Centro Paroquial Frei Casimiro, que ocupa afim de realizar seus espetáculos. [...] Dê desde os primeiros anos de existência deste Grupo, que venho lutando para conseguir a construção de um teatrinho popular, dotado de um aparelhamento necessário à encenação de qualquer peça, porém infelizmente até hoje não consegui esse objetivo. Até uma pequena subvenção de CR\$ 500,00 que o Grupo Infantil de Comédias recebia para auxiliar as despesas de mais de CR\$ 1.000,00 por espetáculo, não foi incluída no orçamento do ano de 1956 [...] Atu-

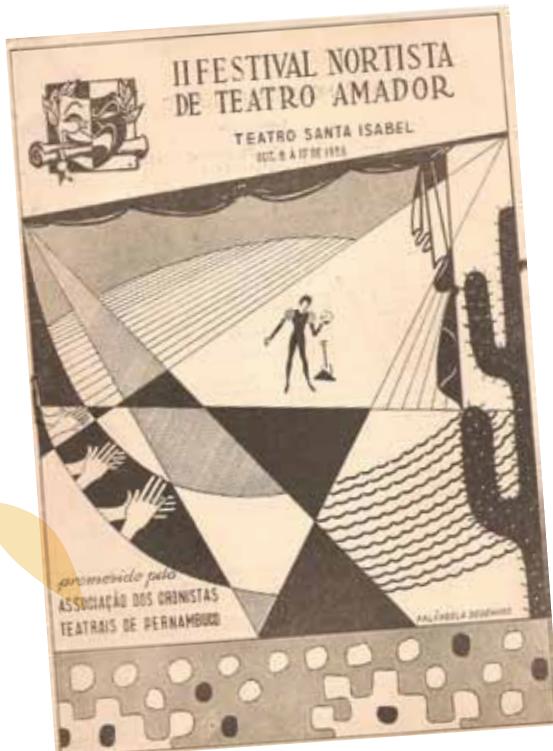
almente, o nosso elenco é constituído de 25 artistas mirins de ambos os sexos. Para iniciar as atividades do Grupo Infantil de Comédias no ano de 1956, já escolhi duas comedias interessantes de autoria de Figueiredo Pimentel, as quais se intitulam: "A Avósinha" e "Almas do Outro Mundo", e serão levadas à cena no teatro do Centro Paroquial Frei Casimiro, em Campo Grande, no dia 22 de Janeiro.

Em fevereiro de 1956, Celeste Dutra encenou nova peça do gênero infantil no Teatro de Santa Isabel, *O Príncipe Teimoso*, baseada na lenda da Caaporá. O cronista Isaac Gondim Filho teceu comentário sobre sua dramaturgia no *Diário de Pernambuco* (28 de fevereiro de 1956, p. 5.):

Celeste Dutra não é uma estreante no gênero. Há anos foi jornalista ao mesmo tempo que se revelava poetisa de larga inspiração. A sua veia poética continuou (sic), fornecendo-lhe magníficas produções, enquanto por dever de ofício escreveu e realizou alguns espetáculos levados ao palco tendo como intérpretes apenas crianças. Algumas destas suas realizações tivemos ocasião de assistir no Teatro Santa Isabel, como aconteceu com "Mundo das Ilusões" e "Retalhos Coloridos". [...] Eis que agora, à sua volta do Rio, anunciou-nos Celeste Dutra a confecção de uma outra peça infantil [...] "O Príncipe Teimoso" é uma lenda. Como tal e em se tratando de quem é a autora, não poderia deixar de transpirar poesia no mais puro sentido da expressão. E mais ainda, esta poesia não chega a sufocar a trama teatral [...] A ação dramática e o sentido poético harmonizam-se dando como resultado uma belíssima composição teatral, [...] cremos que a

peça em questão há de interessar a todos, independentemente de idades. Naturalmente, "O Príncipe Temoso" ressentir-se de certa técnica, sobretudo em tempo de ação e tempo real, além de sofrer limitações de desenvolvimento e de solução de planos. [...] De qualquer maneira uma peça que, mesmo como está inscreve-se entre as boas obras do gênero e, se melhorada, há de conseguir posição das mais elevadas.

Por sua vez, o Grupo Infantil de Comédias divulgou dois outros trabalhos em sessão única no palco do Centro Paroquial Frei Casimiro: nova versão de *Meu Sertão*, que estreou em fevereiro de 1956; e *As Flores da Padroeira*, atração do mês de maio, dois textos escritos e dirigidos pelo incansável Waldemar Mendonça. Programado para acontecer no Recife, o II Festival Nortista de Teatro Amador foi realizado em 1956 com apenas uma peça infantil escalada, *Pluft, o Fantasminha*, da dramaturga Maria Clara Machado, sob direção de Willy Keller, pelo Teatro de Amadores de Maceió, considerada "uma boa surpresa", segundo o cronista teatral



Otávio Morais, do *Diário da Noite* (15 de outubro de 1956). No papel do Pirata Perna de Pau, o ator alagoano Romildo Halliday ganhou elogios rasgados da crítica. A peça levou o prêmio de melhor direção no evento, disputando com montagens adultas.

O ano de 1956 marcou ainda o lançamento da peça *A Compadecida* (posteriormente intitulada *Auto da Compadecida*), de Ariano Suassuna, pelo Teatro Adolescente do Recife, sob direção de Clênio Wanderley, com pouquíssimo público nos três dias que foi apresentada no Teatro de Santa Isabel (com a última sessão cancelada pela ausência de plateia) e duramente criticada por Valdemar de Oliveira. Mesmo assim, a montagem foi convidada a integrar o I Festival de Amadores Nacionais, no Teatro Dulcina, no Rio de Janeiro, em 1957, num chamado de Paschoal Carlos Magno e conquistou a medalha de ouro como melhor espetáculo, consagrando o dramaturgo Ariano Suassuna nacionalmente. A crítica pernambucana teve, então, que render-se a tantos elogios. O caso virou polêmica no Recife e a ACTP



Fotografias mais Elegantes, mais Históricas e Ampliadas
Perfeitas

Foto Estúdio Estrelade Beléas
Sob o Diretório de ISMA HASBUN
Av. Presidente da Costa
Bom ou Impresso - 300 - 100 milhas

ALFREDO DE OLIVEIRA
anuncia a proxima
peça do Teatro de
Brinquedo

"Ali-Babão e as Quarenta Babás"
O responsável por este programa e pelos
anúncios é **Cíclidescos de Azevedo**
RUA DO HOSPÍCIO, 455 - 1º andar

AQUIRAM ALEGRIA, BOM HUMOR, FELICIDADE,
com as figurinhas mágicas de

a dama e o vagabundo
de Disney

TEATRO SANTA ISABEL
Setembro de 1957

O MEDROSO
PEÇA em 3 atos, original
de José Mário, com ilustrações
de Alcides Oliveira para
TEATRO DE BRINQUEDO

ARROZINA
desto a mamadeira de bebê até
ao rechico de seu bicho,
é intenso...

O MEDROSO

peça infantil original de JOSÉ MÁRIO,
com ilustrações de ALCIDES OLIVEIRA
para 3 atos.

PERSONAGENS:

VIZINHO	Cozinheira
O REI	Museu de Brinquedos
1º MINISTRO	Côco
2º MINISTRO	Orlery Brinqueta
3º MINISTRO	Bonitinho Caramela
A PRINCESA	Alcides Cláudia
O PRÍNCIPE	Hercy Lapa da Oliveira
A FADA	

Criação: Phil. Mário Nunes
Pinturas: Hercy Lapa da Oliveira
Costumeiro: Alcides Cláudia
Música: Alcides Oliveira
Eletroscena: Antônio Mota

SARAU DE ALCIDES OLIVEIRA

WALT DISNEY

Entre Super-heróis, os Heróis Inconscientes, que só podem ser vistos com o humor de WALT DISNEY, como ALICE no País das Maravilhas, Círculo Mágico, O Pato Donald, etc.

A VIDA DE UM HERÓI — História de um herói que não consegue se tornar herói.

A MAMA E O VAGABUNDO — História de um herói que não consegue ser herói.

ALCIDES OLIVEIRA
Sócio fundador das Editoras Alcides Oliveira, que já publicou mais de 1000 livros, entre os quais: Círculo Mágico, O Pato Donald, etc.

WALT DISNEY

Entre Super-heróis, os Heróis Inconscientes, que só podem ser vistos com o humor de WALT DISNEY, como ALICE no País das Maravilhas, Círculo Mágico, O Pato Donald, etc.

A VIDA DE UM HERÓI — História de um herói que não consegue se tornar herói.

ALCIDES OLIVEIRA
Sócio fundador das Editoras Alcides Oliveira, que já publicou mais de 1000 livros, entre os quais: Círculo Mágico, O Pato Donald, etc.

recomendou a seus associados, "principalmente àqueles que escrevem ocultos por pseudônimos", mais comedimento na linguagem de suas crônicas. Ariano Suassuna vibrou no *Diário de Pernambuco* (10 de janeiro de 1957, p. 6.):

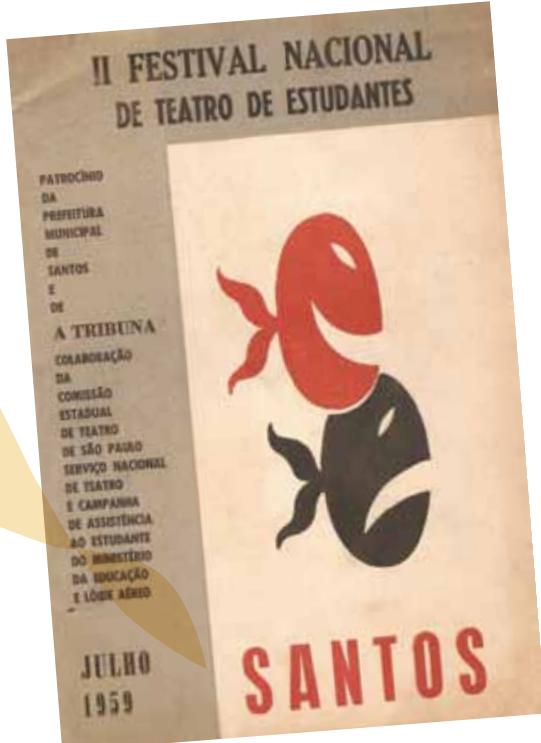
Só tenho palavras para aplaudir tal atitude da associação de classe. Já era tempo que alguém se pronunciasse contra o tom que está tomando a crônica teatral do Recife. O Teatro já tem muitos inimigos externos para estarem os cronistas se transformando em fator de divisão e de intrigas, no meio em que os choques são comuns, pela própria natureza do trabalho e pelo temperamento irrequieto que parece ser inerente aos artistas.

No dia 27 de janeiro de 1957, o Grupo Infantil de Comédias rerepresentou

no Centro Paroquial Frei Casimiro duas peças, *A Madrasta*, original de Amélia Rodrigues em dois atos, e *O Corvo e a Raposa*, de autoria de Coelho Neto, em um ato. No elenco de artistas mi- rins, novos nomes, Hugo Cavalcanti, Vera Lúcia Queiroz, Gildete Araújo, Marilda Queiroz, Ely Cavalcanti, Maria Frassinete, Gilvanete Oliveira e Eugé- nio Presta. Em setembro de 1957, o Teatro de Brinquedo reapareceu no Teatro de Santa Isabel com *O Medro- so*, peça em três atos escrita por Graça Mello, com diálogos de Miroel Silveira. Dirigido por Alfredo de Oliveira, o elenco estava composto pelos atores Celso Almir (Vovô), Bianor de Oliveira (Netinho), Néslon de Senna (Rei), Célio Malta (1º Ministro), Orley Mesquita (2º Ministro), Edmilson Catunda (3º Minis- tro), Violêta Cláudia (Princesa), Hercy Lapa de Oliveira (Fada) e o próprio Al- fredo de Oliveira (Príncipe). Ainda na fi- cha técnica, cenários do professor Má- rio Nunes, figurinos de Hercy Lapa de Oliveira e eletricidade de Aníbal Mota. No programa da peça, Alfredo de Oli- veira chegou a anunciar a próxima atra- ção do Teatro de Brinquedo, *Alí-Babão e as Quarenta Babás*, algo que não aconteceu. Já em dezembro de 1957, foi a vez de Walter de Oliveira assumir a direção de um espetáculo do Teatro do DECA, com o infantil *O Rapto das Cebolinhas*, de Maria Clara Machado. A peça foi muito bem recebida pelo cronista Adeth Leite, que escreveu no *Diario de Pernambuco* (1 de dezembro de 1957, p. 23-24.):

A peça infantil está um primor de bom gosto pelo senso artístico com que o diretor concebeu o cenário, pela segura interpretação dos garotos da Escola de Aplicação Conego Rochael de Medeiros e precisamente pela honestidade com que a come-

dia foi levada á cena. Teatro Infantil é isso. É algo com que a criança se senta á vontade. Trabalho que transmite o seu valor pessoal aos seus colegas e, no fim, comprehenda que foi util ao seu publico e a si mesmo. Isto a gente sente em "O Rapto das Cebolinhas" em cada cena, em cada marca. Admiravel espontaneidade com que o menino José Carlos Figueiroa viveu a figura de Maneco. Bôa dição (sic), sem nenhum complexo, dando a inflexão necessaria e um bom jogo de mãos, Maneco atraiu para si a atenção geral [...] A sua "irmã" Lucia (Luzia Maria de Lima), não obstante não ter podido libertar-se do cantado da interpretação, muito contribuiu para o rendimento artistico da recita. [...] Está provado que o diretor é quem faz o ator. A afirmativa tem a sua razão de ser quando aplicada ás "performances" anteriores do ator Josué Ambiendas, e quando agora se tem a oportunidade de vê-lo como o "Medico" de "O Rapto das Cebolinhas", dando á interpretação um tom convincente, sobrio, vivo, sagaz, pelo milagre direcional de Walter de Oliveira. [...] Paulo Ribeiro – na figura de Camaleão Alfase – esteve num dos seus grandes dias, provocando o riso das crianças [...] Otimas as marcas [...] "O Rapto das Cebolinhas" é



um belo espetaculo que os alunos das escolas primarias do Recife estão proporcionando a quantos tem comparecido ao Santa Isabel; e que hoje, ás 16 horas, terá sua ultima exibição. O trabalho é completado com Walter de Oliveira (coronel) e os meninos Augusto de Oliveira (no cão Gaspar) Simone de Albuquerque (gata Floripedes), e Marcilio José dos Santos (o burro Simeão).

Em 1958, de 19 a 29 de julho, Recife tornou-se sede do I Festival Nacional de Teatros de Estudantes, recebendo mais de setecentos artistas amadores de todo o país, numa iniciativa de Paschoal Carlos Magno. Inaugurado pelo presidente da República, Juscelino Kubitschek, o evento reuniu espetáculos nos teatros de Santa Isabel e do Dérbi, além de conferências, debates, cursos, baile, entrega de prêmios e dois inéditos julgamentos das personagens Hamlet (vivido pelo ator Sérgio Cardoso) e Otelo (por Paulo Autran), ambos no Teatro de Santa Isabel, com presença de júri, advogados e promotores do Judiciário. Na intensa programação, em meio às produções para adultos, constou apenas uma peça para crianças,



A História do Mágico de Oz, de José Valluzi, apresentada pelo Teatro da Hebraica, do Rio de Janeiro, sob direção de Jorge Levy. Na segunda edição do evento, no ano de 1959, na cidade paulista de Santos, o TUP conquistou o 1º prêmio de direção por Guerras do *Alecrim e Manjerona*, de Antônio José, o Judeu; e o Teatro do Estudante Israelita de Pernambuco (TEIP), em sua primeira investida teatral lançada em 1958, ficou com o troféu de Melhor Espetáculo pela peça *Ratos e Homens*, de John Steinbeck, dirigida por Graça Mello. Com mais de trinta espetáculos em sua programação, também apenas uma peça infantil foi agendada, *O Rapto das Cebolinhas*, de Maria Clara Machado, pelo Grupo Experimental de Teatro Infantil, da cidade de Santos. Prova de que há tempos o segmento para a infância é bastante desprestigiado na escalação de programação dos grandes festivais Brasil afora.

Esse final da década de 1950 é realmente o período dos primeiros festivais de teatro no Brasil, tanto que ainda em 1958 foi criado o I Festival de Teatro Infantil, no Rio de Janeiro, no Teatro João Caetano, numa promoção do Serviço Nacional de Teatro (SNT), mesmo ano em que, a partir de 24 de outubro, teve início o I Festival Brasileiro de Teatro de Bonecos, no Teatro Nacional de Comédia, no Rio de Janeiro, numa promoção também do SNT, assim como o I Congresso Brasileiro de Teatro de Bonecos, no auditório do Ministério da Educação. O pesquisador Alex de Souza publicou em sua dissertação de Mestrado em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), *Só, Mas Bem Acompanhado: Atuação Solo e Animação de Bonecos à Vista do Público* (disponível em: http://www.ceart.udesc.br/ppgt/dissertacoes/2011/alex_de_souza.html.

html. Acessado em: 20 de agosto de 2013.):

O primeiro festival dedicado ao teatro de animação no Brasil de que se tem informação ocorreu no ano de 1958, no Rio de Janeiro. O 1º Festival Brasileiro de Teatro de Bonecos e o 1º Congresso foram curiosamente promovidos pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais e não pelos próprios bonequeiros. De fato, nessa época os artistas que trabalhavam com teatro de animação tinham dificuldades para trocas de experiências e os contatos entre si eram menores, dadas as grandes distâncias brasileiras. Segundo Humberto Braga (2007a), nove grupos participaram desse festival.

O ano de 1958 também marca a realização do I Congresso Brasileiro de Teatro Amador, em Natal. Já na capital pernambucana, enquanto o Teatro dos Comerciários do Recife foi inaugurado no Sindicato dos Bancários, à avenida Conde da Boa Vista, com foco apenas em produções para adultos, desportavam novas peças para a meninada. O Grupo Infantil de Comédias apresentou *As Astúcias do Primo Zeca*, com seus atores-mirins, na sede do Flamengo Atlético Clube, em São Lourenço, na Região Metropolitana do Recife. Em outubro, foi a vez de *A Filha do Bosque*, de José Emídio de Lima. Em dezembro, no Grêmio Mário Sete, de Campo Grande, retomaram a comédia em dois atos *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues, e *A Borboleta Negra*, em um ato, de Coelho Neto. No segundo semestre de 1958, foi a educadora Maria José Campos Lima quem ganhou destaque pela direção de novas peças para o público infantil através do Departamento de Extensão Cultural e Artística da Secretaria

de Educação e Cultura. Em outubro, ela estreou, num único espetáculo, duas peças curtas, *Seis Pessoas Que Passam Enquanto as Lentilhas Cozinham*, provavelmente uma versão sua para *Quatro Pessoas Passam Enquanto as Lentilhas Cozinham*, de Stuart Walker; e *Negrinho do Pastoreio*, de Zorah Seljan. Já os alunos do curso primário do Colégio Americano Batista ocuparam o palco do Teatro de Santa Isabel em outubro de 1958, às 19h30, com *Os Coelhinhos*, de Rute Maria, e a opereta em três quadros, *Branca de Neve*, de Alexandre Weissenman. Os quadros desta última foram *O Espelho Mágico*, *A Gruta dos Anões* e *O Desencanto*.

Pretendendo atrair a plateia adulta, a 7 de novembro de 1958 o Teatro de Amadores de Pernambuco estreou *Onde Canta o Sabiá*, de Gastão Tojeiro, sob direção de Hermilo Borba Filho, no Teatro de Santa Isabel, um de seus grandes sucessos, que vai ganhar remontagem mais à frente. Pouco depois deste lançamento adulto, no domingo, dia 9 de novembro de 1958, às 10 horas, no Teatro Marrocos, com nova sessão às 16 horas, estreou mais uma peça infantil na cidade, *O Violino Encantado*, texto em três atos de Vanildo Bezerra Cavalcanti, pelo mais novo conjunto profissional fundado no Recife, Os Atores Profissionais Unidos, sob direção artística de Paulo Ribeiro, ator ex-integrante da Companhia de Comédias Bibi Ferreira. No elenco, Aloísio Campelo, Hélio Lêdo, Erivaldo Mota, Juarez Diniz, Miriam Moreno, Wanda Leite, Antônio José Barreto e o próprio Paulo Ribeiro. A peça voltou à cena mais duas vezes naquele ano. A equipe foi saudada pelo cronista Adeth Leite no Diário de Pernambuco (12 de novembro de 1958, p. 14.):



Abrimos, aqui, um crédito de confiança em favor do mais novo conjunto profissional fundado no Recife "Os Atores Profissionais Unidos", que, sob a orientação do ator Paulo Ribeiro se propõe a encenar espetáculos sadios para o entretenimento da criançada recifense. A idéia é aprovável, uma vez que as crianças da capital pernambucana estavam desprovidas de espetáculos próprios para o seu entendimento, compreensão e educação teatral. Este é o melhor propósito do APU: fazer do espectador *mignon* um futuro habitué de teatro. O conjunto é pobre. Iniciou o seu jornadeio sem grandes aparatos; mas, para isso, escolheu um bom original. Trata-se da comédia infantil de Vanildo Bezerra Cavalcanti, "O Violino Encantado". Como não podia deixar de ser, o original é vasado nas eternas histórias de fadas, bruxas, príncipes e varinhas de condão. E' uma forma antiga de teatro para crianças, sabido que a meninada de hoje prefere mais os contos de certas revistas, as histórias de quadrinhos com os seus heróis e os



seus vilões. [...] Embora pareça fácil, é dificílimo a arte de fazer teatro para a criança. Na sua espontaneidade ela aplaude aquilo que realmente é digno de aplauso. E' um dom intuitivo da criança. Por isto, queremos fazer um apêlo aos organizadores do conjunto: não se preocupem demasiado com o lado comercial da etapa: o essencial é plantar a semente.

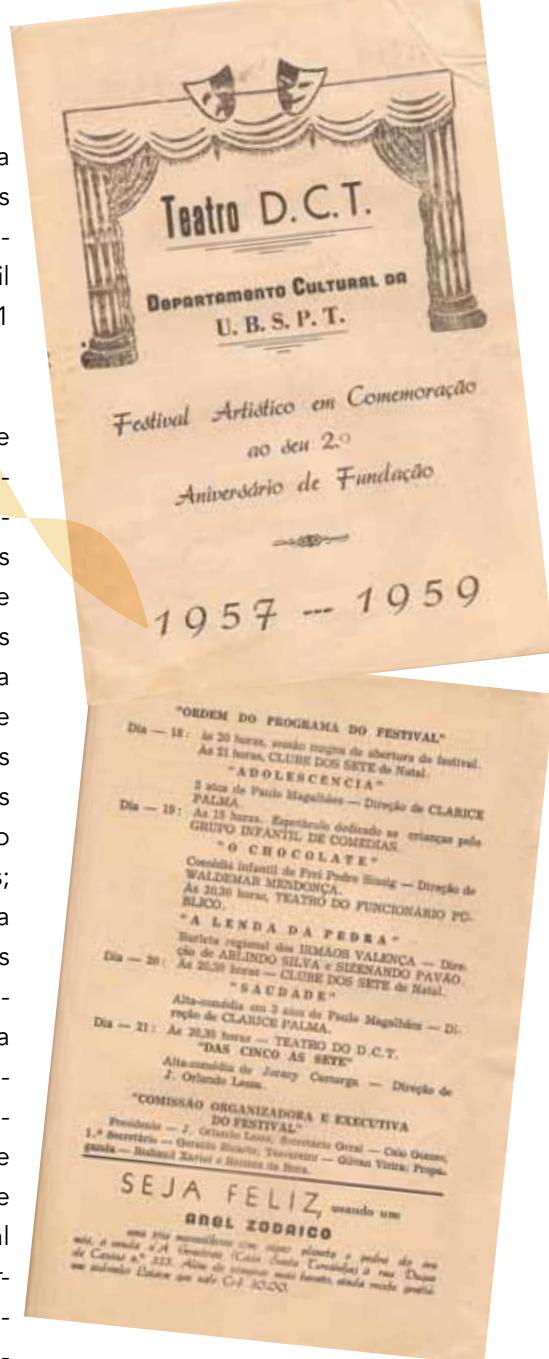
No mesmo domingo 9 de novembro de 1958 e divulgando-se como "a mais popular Emissora do Nordeste", a Rádio Tamandaré, através do seu Departamento de Rádio-Teatro, inaugurou o programa em capítulos *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, aos domingos, às 19h30, com as histórias de Monteiro Lobato radiofonizadas por Athayde de Carvalho e dirigidas por Evandro Vasconcelos. As personagens foram interpretadas por rádio-atores como Rosa Maria, Rudy Barbosa, Carmen Tovar, Sebastião Vilanova e Marina Azevedo, entre outros. Ainda em novembro de 1958, Maria José Campos Lima lançou sua versão para *Chapeuzinho Vermelho*, peça em três atos de Maria Clara Machado, com a própria diretora assinando os figurinos e cenário. Nesta nova produção do Teatro da Criança (como passou a ser chamado temporariamente o Teatro do DECA), centenas de crianças de orfana-

tos e colégios lotavam a plateia do Teatro de Santa Isabel com entrada franca, sendo duas sessões diárias num sábado, às 15 horas e 20h30, e no domingo, às 10 horas. No elenco constavam Helaice Sales, Jurandir Ferreira, Alna Ferreira (que futuramente será uma das fundadoras do Clube de Teatro Infantil, símbolo da profissionalização do setor no Recife), Adáura Barréto, Juracy Ribeiro, Glauciete Costa, Hélio Mororó, Ozieta Araújo, Alfredo Sérgio Borba, Zodja Pereira, Ênio de Andrade, Luiz de Lima, Ana Campos Lima e a própria diretora, Maria José Campos Lima.

Também em novembro de 1958, a Companhia Internacional de Marionetes Rossana Picchi, da Itália, cumpriu temporada de um mês no Teatro Marrocos, até 4 de janeiro de 1959, com espetáculo de bonecos para agradar a "crianças de 3 a 95 anos", como divulgava na imprensa. As sessões noturnas aconteciam às 20h30, e as vespertinas, às 16 horas. Do Recife, a trupe seguiu para temporada em João Pessoa, na Paraíba. Enquanto isso, a Nova Festa da Mocidade apresentava a *Primeira Grande Matinée Infantil*. Entre as atrações, o Teatro de Variedades com a Cia. Gracinda Freire, dando destaque à dupla Gracinda Freire e Valdir Maia, além do comediante Armando Ferrei-

ra, e o Teatro de Bonecos. Na Matriz da Madalena era exibido o *Presépio* dos irmãos João e Raul Valença, atraindo famílias inteiras para esta opereta-pastoril lançada em fins do século XIX até 1901 e retomada desde 1917.

O ano de 1959 nem bem começou e a imprensa já reclamava da quantidade de formaturas de escolas superiores e escolas primárias durante todos os meses de dezembro no Teatro de Santa Isabel, impedindo que grupos de teatro o ocupassem. Lá, acontecia de tudo: festival de arte de alunas de balé e audição de cursos de danças clássicas; espetáculos de variedades promovidos por instituições de ensino e consulados; audição de pianistas; apresentações da Orquestra Sinfônica do Recife, geralmente com convidados especiais; além das criticadas formaturas, entre outras atividades. Foi ainda em janeiro de 1959, no Theatro Deodoro, na cidade de Maceió, sob a coordenação do diretor daquela casa de espetáculos, Bráulio Leite Júnior, que foi realizado o competitivo III Festival Nortista de Teatro Amador, com a participação de atrações do Ceará, Sergipe, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Pernambuco. Do Recife, foram convidados, além de representantes da ACTP, o TUP com a peça *Gueras do Alecrim e da Manjerona*, de Antônio José da Silva, o Judeu, sob direção de Graça Mello; o TAP com a peça *Seis Personagens à Procura de Um Autor*, de Pirandello, com direção de Hermilo Borba Filho; e a comédia infantil *Chapeuzinho Vermelho* (única representante do gênero na programação), pelo Teatro da Criança, do DECA, sob direção de Maria José Campos Lima, os dois últimos em caráter *hors concours*. No evento, ainda houve uma palestra



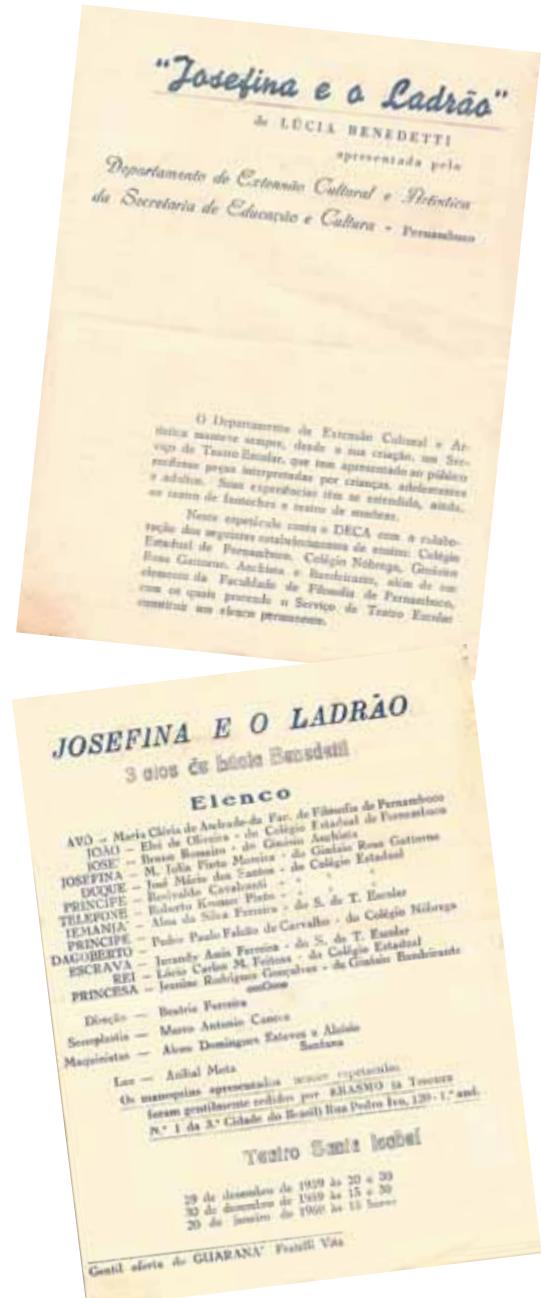
sobre teatro infantil proferida pelo teatrólogo Armando Maranhão.

Na capital pernambucana, a montagem infantil *O Violino Encantado*, de Vanildo Bezerra Cavalcanti, voltou ao Teatro Marrocos logo após o carnaval de 1959, cumprindo sessões aos domingos e feriados, às 10 e 16 horas, numa realização dos Atores Profissionais Unidos, sob direção artística de Paulo Ribeiro. Foi neste mesmo ano que o Grupo Infantil de Comédias integrou um festival artístico em comemoração ao 2º aniversário de fundação do Teatro do D.C.T., ligado

ao Departamento Cultural da União Brasileira dos Servidores Postais-Telegráficos, com a montagem *O Chocolate*, comédia infantil de Frei Pedro Sinzig, sob direção do próprio Waldemar Mendonça. Já no dia 13 de dezembro de 1959, o Teatro do Parque, agora reformado, voltou a receber peças de teatro com a temporada popular e vitoriosa de *Onde Canta o Sabiá*, do TAP. Inaugurado em 1915, desde 1929 aquele teatro estava funcionando apenas como cinema. O cronista Adeth Leite comemorou no *Diário de Pernambuco* (13 de dezembro de 1959, p. 3.): "Voltou a funcionar com a finalidade a que lhe destinou o seu construtor o comendador Bento Aguiar. Mais uma casa de espetáculos teatrais na vida do Recife".

Pouco depois, no Teatro de Santa Isabel, nos dias 29 e 30 de dezembro de 1959, respectivamente às 20h30 e 15h30, com nova sessão em janeiro de 1960, às 15 horas, o Departamento de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura apresentou a peça infantil *Josefina e o Ladrão*, três atos de Lúcia Benedetti, com a qual anunciou um possível elenco permanente para o Serviço de Teatro Escolar. Com Beatriz Ferreira voltando a dirigir o grupo, atuaram Maria Cléria de Andrade, Elio de Oliveira, Bruno Romeiro, Maria Júlia Pinto Moreira, José Mário dos Santos, Rosivaldo Cavalcanti, Roberto Kromer Pinto, Alna da Silva Ferreira (futuramente assinando Alna Prado), Pedro Paulo Falcão de Carvalho, Jurandy Assis Ferreira, Lúcio Carlos M. Feitosa e Jeanine Rodrigues Gonçalves. Alguns destes elementos realmente perduraram por um bom tempo com o Teatro do DECA. A sonoplastia ficou a cargo de Marco Caneca, tendo a luz de Aníbal Mota e, como maquinistas, Alceu Domingues

Esteves e Aloísio Santana. Bom destacar que Beatriz Ferreira também ficou à frente de montagens com o elenco adulto do DECA, como no caso de *A Moratória*, de Jorge Andrade, produzida em 1961. As sessões, como sempre, aconteceram no Teatro de Santa Isabel. Ainda naquele ano, Walter de Oliveira dirigiu um novo espetáculo adulto no conjunto, *O Badejo*, comédia de Artur Azevedo, com estreia em setembro. Em 1963, foi a vez de *Anúncio Feito a Maria*, de Paul Claudel, com lançamento em maio.



ANOS 1960

Grupo Infantil de Comédias



JNos últimos dias de janeiro de 1960, quem reapareceu no noticiário teatral foi o Grupo Infantil de Comédias, agora definitivamente sem sua sede no Centro Paroquial Frei Casimiro. Tanto que as novas peças foram apresentadas em lugares distintos a partir de então. A *Borboleta Negra*, de Coelho Neto, e *Almas do Outro Mundo*, de Figueiredo Pimentel, dois textos curtos num único espetáculo, puderam ser vistas na sede do Moinho Recife Esporte Clube, no bairro da Encruzilhada. Já *Quando Chega a Felicidade*, do próprio diretor Waldemar Mendonça, foi apresentada no Clube Mário Sete, no bairro de Campo Grande. No elenco, novos intérpretes, Paulo Roberto, Gilsonide

Soares, Janete Pessoa, Catarina Ângela, Gilsonete Soares, José Pessoa, Minervina Pinheiro, Maria Castilho e Severino Pinheiro. Ao final da sessão, houve o tradicional sorteio de brindes e um show de encerramento com participação da declamadora Teresa Maria.

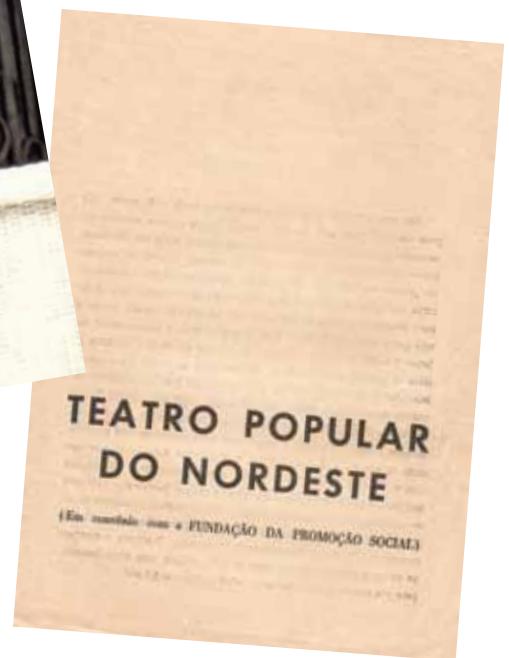
Já o Departamento de Extensão Cultural e Artística promoveu, ainda em janeiro, no Teatro de Santa Isabel, além da abertura do VIII Salão Infantil de Arte, o espetáculo *Teatro, Música, Poesia*, com alunos dos grupos escolares numa reunião de música orfeônica, fantoches, teatro de sombras, mímica e um quadro de Ariano Suassuna, *O Castigo da Soberba*, baseado na poesia popular nordestina, pelo Coral DECA. A direção



Hermilo Borba Filho

foi entregue a Clênio Wanderley. A novidade era que este conjunto teatral com foco na produção para a infância, utilizando naquele momento o nome Teatro da Criança, voltou a ser chamado Teatro DECA, mantendo também elencos permanentes de crianças, adolescentes e adultos. Foram anunciadas, então, três novas montagens: *A Moratória*, de Jorge Andrade, pelo núcleo adulto; e, num único espetáculo, a encenação dos textos *Os Irmãos das Almas*, de Martins Pena, e *Do Tamanho de Um Defunto*, de Millôr Fernandes, pelo núcleo de adolescentes.

O segmento teatral teve ainda mais um ganho em 1960 com a estreia, a 2 de fevereiro, no Teatro do Parque, do Teatro Popular do Nordeste (TPN), lançando a peça *A Pena e a Lei*, de Ariano Suassuna, sob direção de Hermilo Borba Filho e músicas de Capiba. A equipe veio ampliar o mercado teatral profissional da cidade, já atuante pela Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, liderada por este empresário que comemorou trinta anos de palco naquele ano; pelo Teatro Pernambucano, com Elpídio Câmara à frente; e Os Atores Profissionais Unidos, cuja direção era de Paulo Ribeiro. Com trajetória interrompida em 1962, mas retomada em 1966, inclusive inaugurando



casa própria de espetáculos na avenida Conde da Boa Vista, o TPN tornou-se um dos grupos mais importantes do teatro brasileiro pelo desenvolvimento de estética tão própria, referência na pesquisa que uniu o teatro de inspiração brechtiana com o universo das manifestações populares nordestinas. Sómente em 1966 sua atenção também ficou voltada ao teatro para a infância.

O início dos anos 1960 representou atividade extrema para o teatrólogo Alfredo de Oliveira, tanto que ele foi dirigir nova versão de *O Rei Mentirosa* na cidade de Maceió, em março daquele ano, a convite do grupo Os Dionysos, e, em abril, dirigiu a peça adulta *Assassinato a Domicílio*, de Frederick Knott, primeiro trabalho que assumiu no Teatro de Amadores de Pernambuco, grupo que já contava com dezenove anos de existência. Mas continuou parado o seu Teatro de Brinquedo. No entanto, numa sexta-feira, a 13 de maio daquele ano, um novo teatro foi inaugurado por ele no Recife: o Teatro de Arena. Situado na avenida Conde da Boa Vista, o espaço trouxe à cena não só uma inédita casa de espetáculos, de caráter mais íntimo, mas uma empresa teatral com

Alfredo de Oliveira



dezenas de profissionais contratados. À frente, Alfredo de Oliveira em parceria com Hermilo Borba Filho, diretor do espetáculo de estreia, *Marido Magro, Mulher Chata*, de Augusto Boal, já encenado pelo próprio autor em 1957, no Teatro de Arena de São Paulo, focalizando aspectos da juventude transviada de Copacabana.

Sendo o terceiro do país neste estilo, na realidade com palco em semiarena, o Teatro de Arena surgiu no Recife quando apenas três outros teatros estavam em funcionamento, o Teatro Marrocos, com suas chanchadas – naquele momento, como exceção, Procópio Ferreira apresentava *Lição de Felicidade*, de Somerset Maughan; o Teatro de Santa Isabel, que há pouco havia recebido sessões da peça *Assassinato a Domicílio*, do TAP, dirigida por Alfredo de Oliveira; e o Teatro do Parque, com Barreto Júnior na peça *O Futuro Presidente*, ainda que jornalistas alertassem na imprensa que a caixa do

teatro necessitava de reparos urgentes. Em entrevista ao *Diário de Pernambuco* (13 de maio de 1960, p. 3.), Alfredo de Oliveira logo avisou sobre o seu teatro: “[...] quero anunciar que é permitido traje esportivo apesar de não ser bem recomendado para o ar condicionado”. A casa de espetáculos funcionava de terça a domingo, com sessões às 20h30, sendo que, aos sábados, era possível ter duas apresentações, às 20 e 22 horas, e, aos domingos, às 16 horas (horário que, a partir de 1963, recebeu programação para a infância).

O lançamento do Teatro de Arena aconteceu dias antes do surgimento da TV no Recife, veículo que também contou com Alfredo de Oliveira como um de seus principais diretores. Inaugurada no Brasil em 18 de setembro de 1950, a Televisão só chegou a Pernambuco quase dez anos depois, com a inauguração da TV Rádio Clube, canal 6, com primeira transmissão no dia 4 de junho de 1960. E um verdadeiro furacão abalou o teatro pernambucano, que passou a ceder muitos de seus atores, técnicos e diretores para aquele quadro de profissionais contratados. Ainda assim, o teatro resistiu à competição. Também em junho de 1960, com distribuição de ingressos-convites e contando no elenco com alunos da Escola de Aplicação Cônego Rochael de Medeiros, além da colaboração de integrantes do seu elenco permanente de adolescentes, o Teatro DECA preparou no Teatro de Santa Isabel *A Bruxinha Que Era Boa*, no mesmo mês em que a autora Maria Clara Machado veio ao Recife para conversar com amigos. Recepçãoada pelo escritor Osman Lins, a dramaturga mineira radicada no Rio de Janeiro teve passagem meteórica pela capital pernambucana e revelou que não sabia

desta montagem que, com sucesso, voltou ao cartaz algumas vezes.

Em setembro de 1960, ainda comemorando dezenove anos de trajetória, o Grupo Infantil de Comédias levou à cena, novamente, *Quando Chega a Felicidade*, do diretor Waldemar Mendonça, no Clube Mário Sete, no bairro de Campo Grande, com sorteio de brindes e show ao final com a declamadora Teresa Maria. No elenco, Paulo Roberto, Gilsoneide Soares, Janete Pessoa, Catarina Ângela, Gilsonete Soares, José Pessoa, Minervina Pinheiro, Maria Castilho e Severino Pinheiro. Naquele mesmo mês, o Teatro de Brinquedo, liderado por Alfredo de Oliveira, finalmente retomou suas atividades e apresentou a comédia para crianças *Joãozinho Anda Prá Trás*, de Lúcia Benedetti, com presença de orquestra regida pelo maestro Nelson Ferreira, autor das músicas. Nos intervalos, a personagem Tio Juca, vinha especialmente de Brasília, divertia a criançada com brindes, sorteios e concursos. Mas mesmo com toda a divulgação de anúncios nos jornais (uma marca registrada das produções de Alfredo de Oliveira), a peça ficou menos de um mês em cartaz, aos sábados, às 16 horas, e domingos, às 10 horas, no Teatro de Santa Isabel. Ainda em setembro de 1960, o Teatro da Associação de Imprensa de Pernambuco (AIP) começou a ser construído, espaço que mais à frente passou a receber apresentações para a infância.

Texto de Graça Mello, *O Rei Mentiroso*, nova produção do Teatro de Brinquedo dirigida por Alfredo de Oliveira, estreou no dia 22 de outubro de 1960, às 16 horas, no Teatro de Santa Isabel, e também passou pouco tempo em cartaz. Quem chamava a atenção da meninada

**NOVO CARTAZ N° 54
SANTA ISABEL**

DE BRASÍLIA PARA O RECIFE

DOMINGO NÃO HAVERA ESPETÁCULO

SÁBADO ÀS 16 HORAS

ULTIMO EСПЕТАКЛЮ

MUSICADO NO SANTA ISABEL

JOÃOZINHO ANDA PRA TRÁS

TIO JUCA

DOMINGO NÃO HAVERA ESPETÁCULO

REI MENTIROSO

UM INIMIGO DO PÓVO

TEATRO POPULAR DO NORDESTE

naquele momento era o programa *Cirquinho na TV*, às 18h25, aos domingos, na TV Rádio Clube, contando com palhaços, trapezistas, malabaristas e diversas outras atrações. O programa sobreviveu anos, sendo um dos mais queridos da meninada daquela época. No teatro, foi anunciada a estreia de *O Pequeno Príncipe*, de Antoine Saint-Exupéry, pelo estreante conjunto teatral Os Pequenos, sob adaptação e direção de Heitor Dwyer, com elenco formado por atores menores de dezoito anos. O lançamento se deu a 15 de dezembro de 1960 no auditório da Faculdade de Filosofia do Recife, na avenida Conde da Boa Vista. Na resenha publicada no *Diário de Pernambuco* (20 de dezembro

de 1960, p. 3.) sobre a montagem, em espaço raro de se ver naquele período, seja pela pouca produção do gênero ou mesmo pela atenção mínima dos cronistas, Joel Pontes não foi nada favorável ao trabalho, mas também não esqueceu de valorizar a iniciativa dos artistas, com destaque à filha da atriz Geninha da Rosa Borges, Ana Maria Rosa Borges:

"Os pequenos", grupo teatral que estreou sexta-feira com uma adaptação teatral de "O pequeno príncipe", de Saint-Exupéry, é composto de meninos inteligentes, alguns dos quais filhos de artistas. Para mim é certo que êles amam o teatro, com um fervor e uma doidice que só a juventude pode ter. [...] É disto que precisamos falar: da distância infinita que existe entre o sentimento da poesia e sua materialização. [...] Os jovens de sexta-feira foram admiráveis no sonho, mas o espetáculo escorreu lamuriento como um óleo. Nada se ouviu da parte gravada e pouco da outra. Dezenas de acidentes técnicos, na luz e na cortina. Um primeiro ato contido no centro do palco, paupéríssimo de efeitos plásticos da parte dos atores embora belo algumas vezes pelo cenário. Atuação ardente de Ana Maria Rosa Borges, atriz na herança de sangue e na sensibilidade que deve cultivar. Aliás, nenhum ator pode ser apontado como destoante. Notam-se qualidades em todos êles: em Heitor O'Dwyer, Zodja Pereira e nos outros que apareceram para dizer meia dúzia de falas inconsequentes. O espetáculo... o espetáculo é que não foi. Toda a sua beleza ficou na idealização do diretor. A falta de conhecimentos técnicos fê-lo conduzir o espetáculo num ritmo de elegia onde o que menos se sentia era o espírito de infância. As palavras mais falsas de Saint-Exupéry, as repetições mais exasperantes eram frisa-



das pelas pausas descabidas e pela quase imobilidade dos atores. Chegou a parecer doentia a amizade tão espiritual entre o príncipe e o aviador. Tudo questão de materializar o texto em espetáculo. Foi pena, uma grande pena, e o digo com desejo de ajudar.

No domingo, 18 de dezembro de 1960, foram anunciadas novas peças para a criançada. O Grupo Infantil de Comédias, em sua última sessão do ano, promoveu dois espetáculos juntos no Clube Mário Sete, no bairro de Campo Grande, às 16 horas, sob direção de Waldemar Mendonça: *A Avozinha*, de Figueiredo Pimentel, e *A Princesa Maluca*, do próprio Mendonça. No mesmo horário, no Teatro de Santa Isabel, o conjunto de adolescentes do Teatro DECA re-presentou *A Bruxinha Que Era Boa*, de Maria Clara Machado, seguida de *Os Irmãos das Almas*, de Martins Pena, para filhos de jornalistas. A sessão foi agendada numa promoção da Associação da Imprensa de Pernambuco em referência ao período natalino. E como acontecia todo final de ano, além da Campanha de Natal Para as Crianças Pobres, a pirralhada foi lembrada em seu prazer de



desfrutar de diversões na Festa da Mocidade, organizada anualmente pela Casa do Estudante de Pernambuco. Naquele dezembro de 1960, em sua 24ª edição, no Jardim 13 de Maio, fizeram sucesso o Teatro de Marionetes no Parque de Diversões e o Circo Mágico Pinter, dos Irmãos Melo. Ainda quase no finalzinho do ano, a imprensa chegou a anunciar a inauguração do Teatro do Arraial Velho, no Sítio Trindade, dentro das festividades comemorativas do aniversário da administração Miguel Arraes à frente da Prefeitura do Recife, mas a proposta foi adiada para 1961. O espaço também



recebeu produções infantis do Movimento de Cultura Popular (MCP) através do seu núcleo de teatro, o Teatro de Cultura Popular (TCP).

Em 1961, além de ser inaugurado o Teatrinho da AIP, um teatro de bolso com cento e setenta poltronas, a capital pernambucana foi sede, entre setembro e outubro, do I Festival de Teatro do Recife, promovido pela Prefeitura do Recife, através da sua Comissão Municipal de Teatro em colaboração do Departamento de Documentação e Cultura, com atrações para adultos, como o Teatro Nacional de Comédia (RJ), Teatro de Amadores de Caruaru, Teatro de Amadores de Pernambuco, Teatro Phoenix do Recife, Teatro Adolescentes do Recife e Os Populares, entre outros, além da programação para crianças, que ocupou o Teatro Ambulante, no bairro de Casa Amarela, com a peça infantil *O Coelho Cowboy*, do Grupo Teatral "O Saci", com texto e direção de Oscar Felipe. No elenco, Oscar Felipe (Coelho), Linda Maria (Bruxa), Floriza Rossi (Boneca), Ribas Neto (Sentinela), Odilon del Grande (Cacique), Múcio Catão (Chefe Torto) e Nair Silva (Lua Nova). Foi até anunciada a presença da peça *A Revolta dos Brinquedos*, de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, sob direção de Walter de Oliveira, pelo Teatro do DECA, mas esta acabou sendo cancelada. Enquanto isso, a TV Rádio Clube apresentava todos os domingos, às 14 horas, o programa *Grande Teatro Infantil*, com patrocínio da Kibon.

Em outubro de 1961, enquanto que a Divisão de Serviço Social levou Teatro de Fantoches para o bairro popular de Dois Unidos, o Teatro Juvenil apresentou a opereta *A Cantora*, de Felicita Morandi, com música de Graziani Wal-



ter, no Instituto Maria Auxiliadora, das Irmãs Salesianas, no bairro da Capungá, em benefício das Missões Católicas. Ainda em 1961, o Teatro da Festa da Mocidade promoveu sessões infantis com os cômicos Treme-Treme, Currupita, Coronel Pica-Pau e o Mágico Mickey Baby e sua partner, Maria Helena, todos acompanhados pela orquestra do maestro Silva Araújo. Havia ainda distribuição de revistas infantis e convites

para o parque de diversões que funcionava no Jardim 13 de Maio. Um dos espetáculos de destaque lá foi *A Prisão de Papai Noel*, comédia natalina de Luiz Maranhão Filho "especialmente voltada à gurizada do Recife". Na televisão, o Canal 6 continuou com o maior sucesso graças ao programa *Cirquinho Fratelli Vita*, da TV Rádio Clube, aos domingos, às 18h10, com os palhaços Relin, Treme Treme, Currupita e Pimentão e o apresentador Salomão Absalão. E a convite do setor folclórico do Movimento de Cultura Popular (MCP), o *Presepio dos Irmãos Valença* foi assistido por milhares de pessoas no Teatro do Arraial Velho, no Sítio Trindade.

Com intensa atividade em 1962, o Teatro de Cultura Popular (TCP), departamento teatral ligado ao Movimento de Cultura Popular e à Prefeitura do Recife, entre montagens para adultos, também preparou peças para crianças, inclusive com o seu Teatro de Fantoches do MCP, que levou à Liga Camponesa da Mirueira, *O Médico*, adaptação de Luiz Mendonça a partir do original de Molière, e *Joãozinho* (sic) e *Maria, de Maria Clara Machado*. Bem mais constantes foram as peças infantis produzidas pelo TCP no primeiro teatro ao ar livre do Recife, o Teatro do Arraial Velho, que funcionava no Sítio Trindade, na Concha Acústica especialmente construída naquele espaço para até cinco mil pessoas, ou no Teatro do Povo, um teatro



Chapeuzinho Vermelho

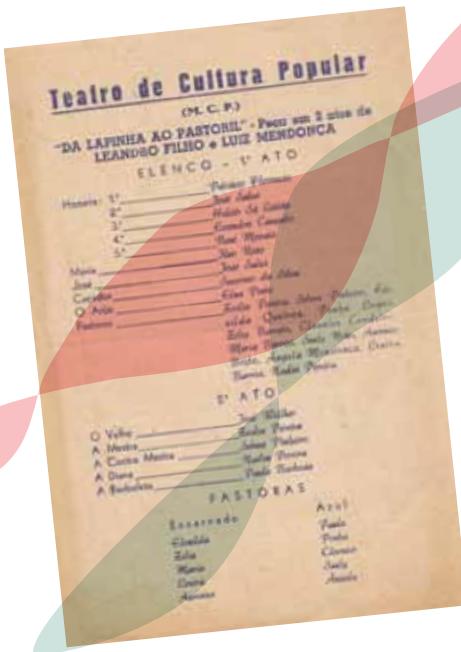
Chapeuzinho Vermelho



ambulante que funcionava em uma lona de circo com capacidade para quinhentas pessoas. É do TCP a primeira peça anotada pela imprensa em 1962, *Chapeuzinho Vermelho*, de Paulo Magalhães, dirigida por Luiz Mendonça e apresentada como estreia infantil no Teatro do Arraial Velho, logo após o espetáculo adulto inaugural daquele palco, *Eles Não Usam Black-Tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, pelo elenco do Teatro de Amadores de Caruaru (TAC), também dirigido por Mendonça, que não obteve boa resposta do público. Segundo Alexandre Figueirôa no livro *O Teatro em Pernambuco* (2003, p. 98.), a montagem infantil foi mais feliz, mesmo ainda apresentando problemas: "Desse feito, o ritmo mais ágil e a correria levaram o público a rir, a participar e a aplaudir o espetáculo. No final, porém, percebia-se que a plateia reclamava da peça e o grupo não conseguia identificar as razões das queixas".

Em debates com o público, descobriu-se que os espectadores estavam acos-

tumados aos atos variados e curtos dos circos que se faziam ali presentes. Com resposta bem mais positiva, a "farsa-mistério de Natal", *O Boi e o Burro a Caminho de Belém*, de Maria Clara Machado, também dirigida por Luiz Mendonça, foi lançada no período dos festejos natalinos de 1962. "Além da história ligada ao nascimento de Cristo, tinha as pastorelinhas cantando jornadas, elementos bem conhecidos das camadas populares", diz Figueirôa (op. cit., p. 99.). No elenco estavam o próprio Luiz Mendonça (no papel do Boi), Carlos Alberto (Burro), Lael Tavares (Pastor), Nadja Pereira, Zodja Pereira e Conceição de Maria (Pastoras), Cláudio Salvador (Rei Branco), Ivanildo Oliveira (Rei Negro), José Fortuna (Rei Amarelo), Terezinha Calazans (Rainha Branda, a atriz/cantora Teka Calazans, que depois conquistou carreira elogiada como musicista, hoje radicada na França), Penha Guimarães (Rainha Negra), Ilva Niño (Rainha Amarela), Irmãs Gomes (Anjos), Zélia Brizeno (Maria) e Joacir Castro (José). Leandro Filho era o assistente de direção, com cenário



de Abelardo da Hora, figurinos de Ded Bourbonnais e participação do Coral do Recife sob direção de Elza Loureiro.

Duas outras montagens infantis do TCP existiram, ambas sob direção de Luiz Mendonça. *Da Lapinha ao Pastoril*, texto em dois atos de Luiz Mendonça e Leandro Filho, contou com cenário de Wilton de Souza; coreografia de Tânia Trindade e Zodja Pereira; direção musical de José Nunes e direção vocal de Elza Pinto. O

desempenho no 1º ato ficou a cargo de Petrúcio Florêncio, Hélcio Sá Leitão, Evandro Campelo, René Morais, Ilva Niño (Maria), José Sales (José), Severino Francisco da Silva (Caçador), Paula Barbosa (Anjo), além de Zodja Pereira, Selma Pinheiro, Elenilda Queiroz, Penha Lopes, Zélia Barreto, Cleonice Cordeiro, Maria Barros, Luiza Antunes, Aurenice Brito, Ângela Mendonça, Lenira Barros e Nadja Pereira (Pastoras). No 2º ato, participação de Aguinaldo Batista (O Velho), Zodja Pereira (A Mestra), Selma Pinheiro (Contra Mestra), Nadja Pereira (Diana), Paula Barbosa (Borboleta), Elenilda Queiroz, Zélia Barreto, Maria de Barros, Lenira Barros e Aurenice Brito (Pastoras do Encarnado); e Paula Barbosa, Penha Lopes, Cleonice Cordeiro, Luiza Antunes e Ângela Mendonça (Pastoras do Azul). A peça seguinte foi *A Volta do Camaleão Alface*, de Maria Clara Machado, que marcou a estreia do ator José Wilker no teatro, ainda adolescente, no papel do Camaleão Alface. Ainda no elenco, Carlos Alberto



A Volta do Camaleão Alface



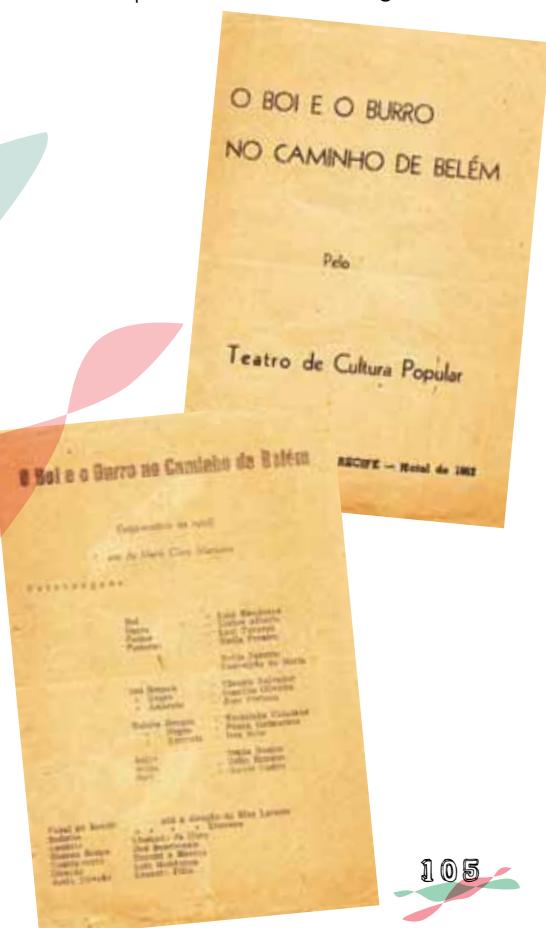


(Simeão), Marco Porto Carrero (Gaspar), Conceição Pinheiro (Lúcia), Ivanildo Oliveira (O Cacique), Nadja Pereira (Flô), Mário Ferreira (Perí), Moema Cavalcanti (o garoto Maneco), Joacir Castro (Vovô) e Delmiro Lira (Pe. Joãozinho), os dois últimos ainda como assistentes de direção. A direção musical ficou a cargo do maestro Geraldo Menucci, com coreografias de Zodja Pereira e cenário e figurinos de Ded Bourbonnais. No mesmo livro *O Teatro em Pernambuco* (op. cit, p. 100.), o pesquisador Alexandre Figueirôa ainda acrescentou sobre o grupo: "Todo o processo de criação era coletivo, da escolha do texto à confecção dos materiais de cena".

Enquanto isso, no *Diário de Pernambuco* (21 de dezembro de 1962, p.3.), Adeth Leite denunciou o descaso com o Teatro de Santa Isabel pelo Departamento de Documentação e Cultura do Recife: “O velho e tradicional teatro está caindo aos pedaços e ninguém cuida”. Já em referência ao Teatro do Parque, revelou: “A imundície e o desconforto imperam ali”. Graças ao mesmo Departamento de Documentação e Cultura, os Irmãos Valença voltaram a exibir seu *Presépio* no Sítio Trindade em 1962, como “umas das mais famosas tradições folclóricas de Pernambuco”. No Teatro da Festa da Mocidade, o destaque infantil foi *Na Base do Futucado*, “revistinha” de Aldemar Paiva, com sessões às 14 horas ou 16 horas na *Matinée da Gurizada*, com prêmios à vontade e a Turminha do Cirquinho Fratelli Vita participando, incluin-

do os palhaços Treme-Treme, Pimentão, Currupita e Carlos Alberto. Com a chegada do novo ano, o cronista Joel Pontes escreveu sobre *O Boi e o Burro a Caminho de Belém* na coluna Diário Artístico, do Diario de Pernambuco (3 de janeiro de 1963, p. 11.):

A idéia de humanizar animais, velha em teatro e sempre de mau gôsto, só resulta bem nas peças infantis. Ou nas que tenham qualquer coisa de apêlo à poesia, ligadas que estejam a lendas e histórias tradicionais capazes, por si sós, de criarem uma predisposição de aceitamento antes mesmo de abrir-se o pano. O nascimento de Jesus é uma dessas histórias, que os homens de tôdas as latitudes vêem mais ou menos com o mesmo encanto [...] Maria Clara Machado, em "O boi e o burro no (sic) caminho de Belém", preferiu o lado poético e, como recurso para não repetir o fato bíblico, escolheuvê-lo sob o ponto de vista dos bichos, o boi e o burro que tradicionalmente figuram na



mangedoura (sic). Com isso, ganhou intelligentemente aquela predisposição de aceitamento de que falei linhas acima [...] Na verdade, a estilização domina o texto, não só pela humanização dos animais como pelas presenças das pastoras, rainhas e anjos. Sinto o espetáculo, por isso mesmo, como um preparativo para o quadro final, representação ao vivo da adoração do Menino, término da estilização, quando a autora chega a pedir que todos se coloquem na "posição clássica do presépio". Enquanto preparativo, a música, a dança, os contrastes vivos de agitação e espera constituem os elementos do jôgo, a exigir do diretor forte capacidade imaginativa, ou, pelo menos, alegria, como foi o caso. Sendo impossível falar-se a repeito da iluminação cênica (espetáculos ao ar livre, feitos cada vez em bairro diferente) e desde já notada a nenhuma relevância do cenário, pela coloração sombria e falta de delicadeza da concepção – nota a boa compreensão da peça nos figurinos e no ritmo alegre. [...] O texto requeria uns toques espantosos que acentuassem a farsa. Justamente nessas distorções da realidade Ded Bourbonnais soube colocar sua marca de figurinista sensível, particularmente feliz nos magos e rainhas, menos pessoal da concepção das pastoras. E mais efeito teria conseguido das côres se a luz houvesse ajudado. O mais foi a alegria dos jovens atores, espontânea, suprindo com a graça natural o que poderia parecer deficiências técnicas. Como os dois atores de sustentação (Luiz Mendonça e Carlos Alberto) não puderam ou quiseram dar relêvo aos seus papéis, o mérito da interpretação foi partilhado por todos e sublinhado por música tradicional em arranjos comuns. Certo acanhamento das partes, em benefício do equilíbrio do todo.

Mais à frente, em retrospectiva do semestre, ainda no *Diário de Pernambuco* (10 de julho de 1963, p. 3.), Joel Pontes retomou o assunto:

Os primeiros dias de 1963 viram o teatro na praça pública, através de um espetáculo sem grandes méritos nem grandes defeitos: *O Boi e o Burro* no (sic) *Caminho de Belém*, auto de Maria Clara Machado que o Teatro de Cultura Popular representou em diversos bairros.

No dia seguinte (11 de julho de 1963, p. 3.), ao se referir à temporada da mesma equipe em Brasília e Rio de Janeiro, com outro infantil, ele foi mais entusiasta: "As crianças de Brasília se encantaram com *A Volta do Camaleão Alface*". Também nos primeiros meses de 1963, o teatrólogo Alfredo de Oliveira anunciou nova produção do seu Teatro de Brinquedo, com a peça *O Cavalinho Azul*, de Maria Clara Machado, algo que não foi concretizado. Somente em 20 de abril daquele ano, tendo como sede o Teatro de Arena, espaço já com "novo decor" após reforma, finalmente a equipe retornou à cena recifense, mas o texto escolhido foi *O Palhacinho Pimpão*, de Lúcia Beneditti, sob direção de Jacques Weyne e com elementos da televisão no elenco. Como ressaltou a imprensa, a exceção ficou por conta de Paulo Ribeiro – de formação teatral; o mesmo que lançou os Atores Profissionais Unidos com a montagem de *O Violino Encantado* –, mas os outros intérpretes não foram sequer divulgados ([em entrevista a esta pesquisa, em 30 de setembro de 2013, o ator Alfredo Borba, que atuou n'O Palhacinho Pimpão, recordou os outros companheiros de cena: Walter Mendes como o protagonista, Eurico Lopes, June Sarita, Jane Mendes e Vâ-](#)

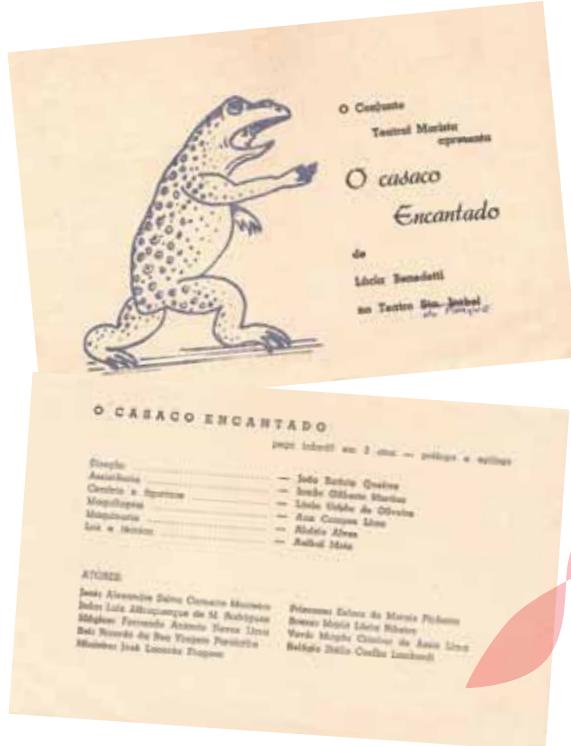


(nia Weyne). Após cumprir temporada no Teatro de Arena, a peça seguiu para sessões em Maceió, onde Alfredo de Oliveira já dirigia outros grupos. Um dado curioso é que esta produção infantil, ainda em abril de 1963, iniciou uma campanha das mais elogiáveis quando fez apresentações gratuitas por orfanatos, colégios de caridade, asilos e patronatos do Recife. A estreia da circulação se deu no Hospital Infantil da Jaqueira e a ideia era “incutir na criança o gosto pelo teatro”, conforme matéria no *Diário de Pernambuco* (26 de abril de 1963, p. 3.).

Ainda em março de 1963, os argentinos Ilo Krugli e Pedro Touron trouxeram ao Recife um espetáculo de bonecos, para o Teatro do Parque. Em 1974, com *História de Lenços e Ventos*, Ilo Krugli marcou a trajetória do teatro para crianças no Brasil ao lançar o grupo Teatro VentoForte, mudando os rumos da encenação neste segmento. Por outro

lado, com a peça *A Volta do Camaleão Alface*, de Maria Clara Machado, o Teatro de Cultura Popular (TCP) circulou por vários espaços alternativos, indo “ao encontro do povo” como, por exemplo, no Centro Educativo Operário do Monteiro, graças a um convênio firmado entre o grupo e o Serviço Social Contra o Mocambo. No dia 28 de abril de 1963, às 15 horas, comemorando o seu 22º aniversário de fundação, o Grupo Infantil de Comédias voltou ao Teatro de Santa Isabel para apresentar *Os Filhos do Sol*, comédia de Heronides Silva, com música de Lourival Santa Clara. A direção continuou a ser de Waldemar Mendonça.

Em 5 de junho de 1963, o Conjunto Teatral Marista retomou suas atividades estreando *O Casaco Encantado*, de Lúcia Benedetti, sob direção do universitário João Batista de Queiroz. No elenco de estudantes colegiais, Alexandre Monteiro, Luiz Rodrigues, Fernando Lima,



Ricardo Paraíba, José Fragoso, Selma Pinheiro, Maria Lúcia Ribeiro, Magda Cristina Lima e Stelio Lomardi. Os cenários e figurinos foram criações de Lúcia Uchôa de Oliveira. As primeiras sessões aconteceram no Teatro do Parque, mas, depois, o grupo cumpriu temporada de sucesso no Teatro de Arena. Tanto que Alfredo de Oliveira decidiu dirigir o mesmo texto em Maceió, com o grupo Os Dionysos, cuja estreia aconteceu em agosto daquele ano. A versão recifense ganhou comentário crítico de Joel Pontes no *Diário de Pernambuco* (18 de julho de 1963, p. 1.):

O Teatro de Arena esteve superlotado sábado à tarde, quando o Conjunto Teatral Marista apresentou "O casaco encantado", de Lúcia Benedetti. Cadeiras suplementares, crianças acomodadas sobre as pernas dos pais e grande entusiasmo. Está patente, mais uma vez, a necessidade de um teatro para crianças, permanente, no Recife. O público existe, e precisa do divertimento sadio e de nível artístico. O que não adianta e até afasta a criança do teatro é encenarmos coisas pedagógicas, con-

selhos diretos. Lúcia Benedetti, Maria Clara Machado e autores locais podem suprir os elencos especializados, enquanto a literatura dramática brasileira não se resolve a ampliar seus esforços e atingir o público de menor idade, como está tentando chegar ao povo. Como espetáculo, tivemos um esforço. O diretor ainda não é um diretor mas pode vir a sê-lo. O mesmo se diga dos atores, embora estivessem no elenco Magda Cristina e Maria Lúcia Ribeiro. Em vez de levantarem os companheiros (pois são atrizes de certa experiência) acomodaram-se ao primarismo geral. Espetáculo de estudantes, alegre, cheio de boa vontade, com um texto bem escolhido. As crianças tiveram uma tarde que lhes ficará na memória, como uma brincadeira diferente, cheia de sugestões de outras brincadeiras, e preparatória para, no futuro, aceitarem o teatro em toda a sua extensão.

Pela proximidade do dia das crianças, no domingo 8 de setembro de 1963, às 16 horas, no Teatro de Arena, o Teatro de Brinquedo estreou *Pluft – O Fantasminha*, de Maria Clara Machado, um de seus grandes sucessos. Com direção de Alfredo de Oliveira, o elenco era formado por Romildo Halliday, Clandira Halliday, Alfredo Sérgio Borba, Sulamita Lira, Gilberto Marco, Eurico Lopes, Violeta Araújo, Valter de Oliveira Sobrinho, Vanda Buarque e Marcus Siqueira (talvez tenha sido seu único trabalho como ator profissional em peça para crianças). Os cenários e figurinos foram adaptados de Napoleão Muniz Freire e Kalina Murtinho. A montagem permaneceu em cartaz até 6 de outubro de 1963, sempre com casa cheia. Diante de toda aquela movimentação no segmento teatral para a infância, o cronista teatral Adeth Le-



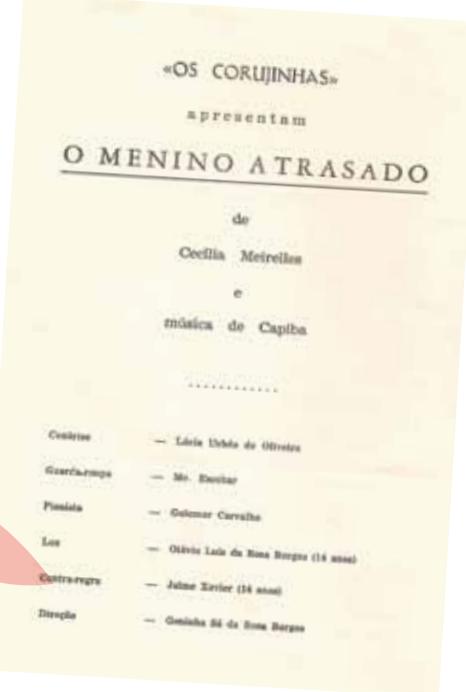
te sugeriu em sua coluna a realização de um festival de teatro infantil, ideia que acabou sendo aceita pela Prefeitura do Recife pouco depois. Escreveu ele no *Diário de Pernambuco* (4 de outubro de 1963, p. 2.):

Em nota inserta nesta coluna, a 25 de setembro último, lembrovamos que a Comissão Estadual de Teatro de São Paulo, organizada por Dinah Lisboa, estava preparando para a primeira quinzena deste mês, na capital bandeirante, o I Festival Paulista de Teatro Infantil. Para isto, havia ele recentemente visitado vários países da Europa, a fim de observar o que se faz em matéria de teatro infantil, para pô-los em prática no Festival. Já agora vemos que o Rio vai acompanhar a iniciativa bandeirante, a partir de 12 do corrente, não com o primeiro, mas com o III Festival Infantil de Teatro, dele estando

encarregado o sr. Eduardo Farah. [...] No Recife, a coisa tem passado em branca nuvem, não obstante a encenação de vários originais infantis, como "O rei mentiroso", "Joãozinho anda prá trás", "O rapto das cebolinhas", "Pluft – O Fantasminha", "O casaco encantado", "O violino encantado", "A volta do Camaleão Alface", "A revolta dos brinquedos" e tantos outros. No país inteiro, há bons autores no gênero, destacando-se Lucia Benedetti, Maria Clara Machado, Pernambuco de Oliveira, José Veiga, Eustorgio Wanderley, Graça Melo. E no Recife um nome pode ser apontado, com mérito comprovado; Vanildo Campos Bezerra Cavalcanti. Voltamos a insistir na tecla: o Recife não pode ficar alheio ao que se processa nos grandes centros do país em matéria de teatro infantil. Há um público certo para esses espetáculos e, hoje em dia, o problema é apresentado inclusive nos Festivais

Nacionais de Teatro. Paschoal Carlos Magno é um dos maiores incentivadores da inclusão do Teatro Infantil nos festivais nacionais de teatro. Vale destacar que foi a Província que quebrou o tabu; o Teatro de Amadores de Maceió foi o pioneiro, apresentando “Pluft – O Fantasminha”, sob a direção de Willy Keller. No Recife não se tem dado a importância devida ao Teatro Infantil, quer interpretado por crianças ou não. [...] Via de regra a meninada recifense não dispõe de espetáculos próprios uma vez que até mesmo os cinemas na maioria dos casos, preferem exibir as películas impróprias para menores de 18 anos (o que é o mais lucrativo). A sugestão continua de pé.

Numa promoção da Associação dos Cronistas Teatrais de Pernambuco, Secretaria Municipal de Educação e Cultura e Movimento de Cultura Popular, de 15 a 25 de dezembro de 1963, começando na sede do Teatro do Banorte e continuando no Teatro de Santa Isabel e na Faculdade de Filosofia de São José, aconteceu o I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, com a participação de seis conjuntos locais convidados (seriam oito atrações inicialmente). Curiosamente, a grande maioria das montagens foi apresentada no horário noturno, como a da abertura, às 20 horas, com o elenco do Teatro do Banorte na peça de Lúcia Benedetti, *Sinos de Natal*, sob direção de Luiz Mendonça, coreografia de Tânia Trindade e cenários e figurinos de Josias Lopes. Participaram ainda o Teatro do DECA com o espetáculo *Presépio da Casa Forte*, de acordo com as notas recolhidas por Maria de Lourdes Góes Xavier de Andrade, única peça que ganhou segunda sessão; o Conjunto Teatral Marista, com *O Casaco Encantado*, de Lúcia Benedetti,



sob direção de João Batista de Queiroz; o grupo “Os Corujinhos”, equipe dirigida por Geninha Sá da Rosa Borges na peça *O Menino Atrasado*, de Cecília Meirelles (originalmente escrita para bonecos), com música de Capiba e trazendo no elenco trinta e cinco crianças dos cinco aos onze anos; o Grupo Infantil de Comédias, com *O Goleiro do Fortaleza*, autoria e direção de Waldemar Mendonça; e o Teatro de Cultura Popular, com a peça de Luiz Mendonça (também na direção) e Leandro Filho, *Da Lapinha ao Pastoril*.

O Teatro Phoenix do Recife tentou montar dois trabalhos sem sucesso (*O Conservador de Brinquedos*, de Stella Leonards, com direção de Hermes da Hora, sem liberação autorizada pela SBAT; e *O Milagre do Sol*, de Ferreira Neto, sob a direção de Gerson Vieira, peça não realizada “por motivos de ordem técnica”, segundo o *Diário de Pernambuco* de 21 de dezembro de 1963, p. 1.), e acabou tendo que cancelar sua participação em cima da hora, assim como o Teatro de Equipe do Recife, com *O Violino Encantado*, de Vanildo Campos Bezerra Cavalcanti, dirigido pelo autor. No *Diário de Per-*

nambuco (20 de novembro de 1963, p. 1.), ventilou-se ainda a participação do Teatro da Escola de Belas Artes com *Presepio de 1888*, dos Irmãos Valença, original que tinha três nomes: *Delegação dos Inocentes, O Anjo do Bem e do Mal ou Gabriel e Lasbel*; Teatro do DECA com a adaptação de Maria José Campos Lima do conto *A Bela Adormecida no Bosque*; Teatro de Arena do Recife com *Pluft – O Fantasminha*, de Maria Clara Machado, sob direção de Alfredo de Oliveira; e o Teatro da Criança de Pernambuco, com *Chapeuzinho Vermelho*, também de Maria Clara Machado, dirigida por Maria José Campos Lima, algo que não se concretizou. Mas a programação contou ainda com uma exposição de materiais da época natalina, organizada pelo Irmão Gilberto Martins e funcionando no hall do Teatro de Santa Isabel durante todo o evento, com uma variada mostra de presépios de efeitos decorativos.

Choveram críticas ao evento. Adeth Leite, como o primeiro a sugerir a realização do mesmo, foi o mais enfático no *Diário de Pernambuco* (26 de outubro de 1963, p. 3.):

Num ligeiro bate-papo havido entre este colunista e o "metteur-en-scène" Luiz Mendonça, ficamos inteirados de que o anunciado Festival do Recife nem poderá ser assim classificado, porque circunscrito apenas a participação de cinco conjuntos: três, pertencentes à Secretaria de Educação e Cultura e ao Movimento de Cultura Popular (Teatro Infantil do MCP, Teatro da Criança de Pernambuco e Teatro do DECA), e mais o Teatro Infantil do Banorte (que gira sob a órbita de Luiz Mendonça) e o Teatro Infantil da Escola de Belas Artes. O que importa dizer: trata-se de um festival "doméstico", sem a

participação dos demais conjuntos da cidade, do Estado ou da região. Depois, o anunciado certame servirá apenas para a exibição de "Autos de Natal", presépios ou peças em torno das comemorações natalinas, o que não é, em absoluto, o certame sugerido por este colunista. [...] A nossa sugestão foi no sentido de que se realizasse no Recife um certame identico ao I Festival Paulista de Teatro Infantil, organizado por Dinah Lisboa, ou ao III Festival Infantil de Teatro da Guanabara idealizado por Eduardo Farah um Festival, em que tomassem parte os conjuntos infantis do Recife, do Estado e de toda a região nordestina pelo menos.

Ao final do evento, Adeth Leite fez uma avaliação do mesmo no *Diário de Pernambuco* (22 de dezembro de 1963, p. 3.):

Quer nos parecer que o I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, [...] foi mal planejado, faltando-lhe principalmente uma divulgação adequada e, em muitos casos desencontradas as informações. [...] A verdade é



que varios conjuntos desistiram de participar do Festival, por falta absoluta de tempo para a preparação das montagens [...] Continuamos a martelar na tecla de que o Festival "foi fechado". Logo na estruturação do regulamento, ficou positivada tal assertiva, quando, no seu artigo 2.º, diz textualmente: O Festival constará de espetáculos a serem apresentados por grupos amadoristas e profissionais de Pernambuco, "especialmente convidados para tal fim". O grifo é nosso. Acreditamos piamente que não era essa, realmente, o (sic) intenção dos promotores do Festival. [...] ficando a coisa "muito domestica ou fechada", fechadinha da silva.

Mas antes mesmo da realização do I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, em novembro de 1963, no horário das 17h30, no Teatro de Santa Isabel, o Conjunto do Teatro Infantil do Curso Primário do Colégio Americano Batista, sob a direção de Odete Ferreira, apresentou duas operetas infantis em um ato cada, *Se Eu Fosse Rainha* (*If I Were Queen*), original de Karin Sundelef, e *Sonho Roseo* (*A Rose Dream*), de Gertrudes Knox Willis, em tradução da própria Odete Ferreira, com músicas de Denice Martins e Helena Barros. Toda a renda foi revertida em benefício das obras de conservação do Teatro de Santa Isabel. Cerca de cinquenta crianças tomaram parte na representação.

Em 1964, ano turbulento para o Brasil, no dia 31 de março, quando o Teatro de Cultura Popular (TCP) preparava-se para a festa de lançamento do método de ensino do educador Paulo Freire na Zona da Mata Sul pernambucana, como parte das ações do MCP pela alfabetização da população mais carente,

o Golpe Militar depôs João Goulart da presidência da República e tirou Miguel Arraes do cargo de Prefeito do Recife. Com tanques nas ruas e uma caça ainda mais desenfreada aos considerados comunistas, muitos dos integrantes do TCP tiveram suas prisões preventivas decretadas. O grupo foi, então, dissolvido, seus arquivos queimados e vários dos artistas tiveram que sair às escondidas de Pernambuco, fugindo. Ainda assim, em 1964, listando os *Melhores do Teatro Pernambucano no Ano de 1963*, a Associação dos Cronistas Teatrais de Pernambuco (ACTP) premiou a peça *Da Lapinha ao Pastoril*, do Teatro de Cultura Popular, único infantil vencedor nesta premiação, pelo cenário de Wilton de Souza, além das indicações de Melhor Espetáculo Local e Melhor Direção. O caso indignou o cronista Adeth Leite, que acusou os "meninos" do MCP de armarem a escolha, já que muitos integrantes atuavam como cronistas teatrais e tinham direito a voto na premiação.

O mesmo Adeth Leite, na sua coluna *Teatro, Quase Sempre*, revelou no *Diário de Pernambuco* (5 de dezembro de 1964, p. 1.): "A rigor, foi pobre, teatralmente, no Recife, o ano de 1964. Tivemos de recorrer à *prata da casa*, porque de fora nada aqui aportou digno de menção", como se necessariamente para se ter um ano bom teatralmente, o parâmetro fosse a visita de companhias de fora. Este comentário revela o valor que se dava à produção local naquele momento. Para adultos, ainda assim surgiram opções de destaque como *Macbeth*, de Shakespeare, com direção de Milton Baccarelli, pelo Teatro de Amadores de Pernambuco, que continuou apresentando com sucesso *Um Sábado em 30*, de Luiz Marinho, peça

levada, inclusive, a São Paulo e Minas Gerais naquele ano; dois trabalhos do Teatro Universitário de Pernambuco, *O Patinho Torto* (ou “Os Mistérios do Sexo”), de Coelho Neto, com direção de Isaac Gondim Filho, e *O Seguro*, original em um ato de Ariano Suassuna, dirigido por Clênio Wanderley; mais duas produções do Teatro de Arena, *A Viola do Diabo*, de Ladjane Bandeira, e *Roleta Paulista*, de Pedro Bloch, ambas com direção de Alfredo de Oliveira; *A Hora Marcada*, de Isaac Gondim Filho, *O Beijo no Asfalto*, de Nelson Rodrigues, e *Casar... Ou Experimentar?*, de Lawrence Rootman, com direção de Paulo Ribeiro, três estreias dos Atores Profissionais Unidos; *Toda Donzela Tem Um Pai Que é Uma Fera*, de Gláucio Gil, com direção de Lenita Lopes, pela Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior; *O Amor na Terra do Cangaço*, de Maria Wanderley Menezes, com direção de Otto Prado, pelo Teatro do Funcionário Público de Pernambuco; *As Bodas de Aurora*, de Joracy Camargo, com direção de Elpídio Câmara, pelo Teatro Pernambucano; *Bus Stop*, de William Inge, pelo elenco de The Recife Players, sob direção de Eleanor Schlenann; *Pai Jubá*, dos irmãos João e Raul Valença, pelo Teatro da União Pernambucana dos Estudantes Primários e Particulares; e a burleta *Luar do Norte*, de Humberto Santiago e João Valença, pelo Conjunto Cênico da Associação Rui Barbosa, os dois últimos trabalhos dirigidos por Arlindo Silva.

Em meio a toda esta produção de teatro para adultos, a única peça para crianças em destaque na imprensa foi *A Bela Adormecida*, pelo Teatro da Criança, como temporariamente foi chamado o Teatro do DECA, com adaptação de Maria José Campos

Lima Selva a partir do conto de Charles Perrault, apresentada no Teatro de Santa Isabel. Importante lembrar que o Teatro do DECA ainda em 1964 montou a peça adulta *Casa Grande & Senzala*, da obra de Gilberto Freyre com adaptação de José Carlos Cavalcanti Borges e direção da mesma Maria José Campos Lima Selva. No ano seguinte, 1965, seis casas de espetáculos funcionaram no Recife, os teatros Marrocos (com a Companhia de Revistas Trá-lá-lá e a Companhia Françoise Brunett, entre outras), Santa Isabel, Parque, AIP, Arena e o Teatrinho da Festa da Mocidade. Mas Adeth Leite salientou no *Diário de Pernambuco* (8 de dezembro de 1964, p. 3.): “O Teatro de Arena levou todo o primeiro semestre de fôgo-morto”.

O ano de 1965 também foi sofrido para o teatro pernambucano. O sucesso de público estava nas peças do teatro rebolado. Tanto que o Teatro Marrocos era divulgado como “o teatro preferido da cidade”, com montagens como *Essa Não Papai Noel*, com direito a strip-tease, e *Leva na Cabeça*. No entanto, o cronista Adeth Leite chegou a definir no *Diário de Pernambuco* (1 de janeiro de 1965, p. 3.) como “Inqualificável, artísticamente, o teatro rebolado exibido no Recife”. Mas o momento não era nada agradável às outras casas de espetáculos do centro do Recife: o Teatro do Parque e o Teatro de Santa Isabel precisavam de melhoramentos e permaneceram bom tempo fechados. Já o Teatro da AIP atraía pouquíssimo público. No entanto, um novo teatro surgiu, o do Sindicato dos Bancários de Pernambuco, na avenida Conde da Boa Vista. Uma das poucas produções da época voltada a todas as idades foi a opere-



Presépio dos Irmãos Valença

ta infantil *Presépio do Século XIX*, dos Irmãos Valença, na sede do Esporte Clube do Recife, de 23 a 30 de dezembro de 1965, com músicas de compositores e poetas pernambucanos. O *Diario de Pernambuco* lembrou (15 de dezembro de 1965, p. 3.): "O espetáculo vem sendo encenado há mais de um século, nos velhos teatros do Recife, como Rocambole, Nova-Hamburgu, Santo Antonio, Nova Talia, hoje extintos, e no Santa Isabel, na última década do século passado".

Na escolha dos Melhores do Ano de 1964, realizada em 1965 pela Associação dos Cronistas Teatrais de Pernambuco (ACTP), a peça *A Bela Adormecida* recebeu indicação aos prêmios de Melhor Diretor, Melhor Autor (pela adaptação), Melhor Cenógrafo (todos para Maria José Campos Lima Selva), Melhor Espetáculo de Conjunto Local e Melhor Intérprete Masculino, com indicações para Roberto Correia e Alfredo Sérgio Borba (este último, no papel do Príncipe Cranao). Mas a proposta ficou apenas nas indicações. No entanto, foi inédita esta valorização a uma montagem direcionada ao público infantil na premiação da ACTP. Vale registrar que, na imprensa, alguns cronistas denunciavam que a entidade vivia "na penúria". Quando chegou o ano de 1966, o período ainda continuou péssimo em termos de novas produções teatrais. Adeth Leite, em sua

coluna *Teatro, Quase Sempre*, no *Diario de Pernambuco* (12 de janeiro de 1967, p. 3.), chamou o ano de "pobre artisticamente". Só animador por quatro visitas de companhias itinerantes. O Teatro Marrocos foi a única casa de espetáculos que se manteve funcionando durante todo o ano (exceção dos últimos dias de dezembro), com destaque à Companhia Moderna de Espetáculos e seus diversos rebolados.

Em setembro de 1966, cinco casas de espetáculos estavam em funcionamento no Recife: o Teatro Popular do Nordeste (TPN), inaugurado naquele ano na avenida Conde da Boa Vista; o Teatro da AIP, o Teatro Marrocos, o Teatro de Santa Isabel e o Teatro de Arena, ainda que durante um bom tempo estes dois últimos teatros anunciassem na imprensa, "aguardando nova programação". O Santa Isabel, por sinal, além de viver cercado de obras em grande parte do ano, como criticavam alguns cronistas, estava mais aberto aos concertos musicais programados pela Sociedade de Cultura Musical de Pernambuco e às poucas peças que vinham de outros estados. Já o Marrocos apresentava apenas chanchadas, como *Festival do Strip-Tease*, *Enxutas Naquela Base*, *Às Donzelas do 24* e *O Gigolô da Viúva*, espetáculos rigorosamente para maiores de dezoito anos, pela visitante Companhia Moderna de Espetáculos.



A Revolta dos Brinquedos

A época não era das melhores para o teatro, como atestou Ivan Soares no Caderno IV dominical do *Jornal do Commercio* (16 de outubro de 1966, p. 2.), intitulando o movimento da época de “acanhado meio teatral – acanhado porque, nos últimos tempos, entrou em lamentável recesso de atividades”.

O grande destaque era mesmo a programação do TPN, com duas montagens em atividade, a peça adulta *O Inspetor*, de Gogol, às 21 horas, para maiores de quatorze anos, espetáculo inaugural daquela casa de espetáculos e retorno do grupo à cena, e *A Revolta dos Brinquedos*, farsa infantil de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga dirigida pelo mineiro Rubens Teixeira, ex-ator da Companhia Cacilda Becker, com Moema Cavalcanti como atriz principal, como ressaltavam os anúncios na imprensa, no papel da “Menina Má” e assinando figurinos e adereços. Ainda no elenco, Wellington Luiz (Wellington Lima), José Antônio Accioly, Sérgio Sardou, Mércia Barreto, Evandro Campelo e Dircinéa Dantas. A maquiagem era de Ana Campos Lima. A peça era apresentada em dias e horários inusitados: às quintas e sábados, às 16 horas, e domingos, às 10 horas. Era o único espetáculo direcionado às crianças naquele período, com pouquíssimas opções de

TEATRO POPULAR DO NORDESTE
Av. Conde da Boa Vista, 1.242 — Fone: 2-1154
— HOJE, AS 21 HORAS —

O INSPECTOR

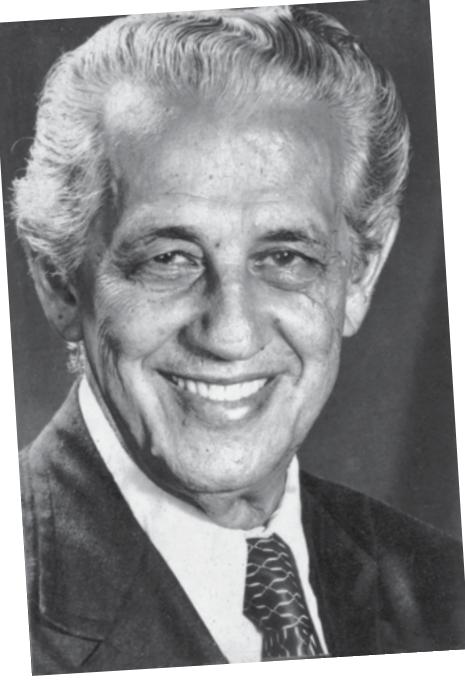
de Gógl

Domingos: Vespertino, às 17 horas — ESTUDANTES: 50%, exceto aos sábados

TEATRO INFANTIL: Estreia hoje, às 16 horas horas, com a peça de Pernambuco de Oliveira — “A REVOLTA DOS BRINQUEDOS”, Amanhã, matinal, às 10 horas

lazer no Recife. Uma das raras diversões infantis era o programa de auditório *No Mundo da Criança*, da TV Canal 2, apresentado por Linda Maria, com sucesso, aos sábados, às 15h45. Mas o momento não era nada convidativo para pais e filhos saírem às ruas diante de tantos conflitos entre estudantes e a polícia, como aconteceu na “Marcha do Silêncio” em que até seminaristas foram presos sob alegação de perturbação da ordem. Greves também pipocavam por todos os lados.

Ainda assim, grandes espetáculos adultos estrearam no segundo semestre de 1966, ano que viu o sucesso da peça *O Inspetor*, elogiada pela imprensa por manter-se em cartaz por três meses consecutivos no TPN, chegando a oitenta apresentações – um feito para o teatro profissional daquele momento. Em sequência, o grupo liderado por Hermilo Borba Filho lançou *O Cabo Fanfarrão*, texto do próprio, e *Um Inimigo do Povo*, de Henrik Ibsen, ambos dirigidos por Hermilo Borba Filho. Outras estreias do ano foram *As Feiticeiras*



Valdemar de Oliveira

de *Salém*, de Arthur Miller, sob direção de Milton Baccarelli, pelo Teatro Universitário de Pernambuco; ou ainda as produções de *Antígona* e *Louvação*, pelo Grupo Construção; *Uma Trezena*, realização do Teatro do Funcionário Público; *O Casamento Suspeitoso*, de Ariano Suassuna, com atores do Grupo Teatral do Colégio Estadual de Pernambuco; e ...*Mas Livrai-nos do Mal*, pelo Teatro Ba-norte, um "show-experiência" de Jairo Lima, sob direção de Lúcio Lombardi. No gênero infantil, a única peça do período, *A Revolta dos Brinquedos*, pelo TPN, além de suprimir as sessões matinais dos domingos no verão, saiu de cartaz antes mesmo da chegada do mês das crianças, outubro. Valdemar de Oliveira, inclusive, ressaltou em sua coluna *A Propósito...*, no *Jornal do Commercio* (7 de outubro de 1966, p. 6.):

O Teatro Popular do Nordeste retirou do cartaz, não apenas "O Inspetor", de Gogol, como "A Revolta dos Brinquedos", peça infantil de Pernambuco de Oliveira. Constou-me que não vai insistir no teatro infantil – no que tem e não tem razão. Tem, porque a afluência de público

foi menor do que a esperada; não tem, porque, mesmo assim, não se deve abandonar a meninada, convindo, apenas, ao que me parece, escolher um melhor horário, não coincidente com o da televisão. No fim de contas, não se comprehendem queixas surgidas, de vez em quando, contra a falta de teatro para crianças, no Recife (isso numa época em que são numerosos, no Rio, os espetáculos com esse endereço). Há que fazer finca-pé na ideia, adotando o lema conhecido: "Insista, não desista". E que a propaganda se dirija mais aos pais, que lêem jornais, do que às crianças, que confiam que eles os leiam. A culpa de crianças não irem ao teatro não é delas.

Curioso este comentário de Valdemar de Oliveira, logo ele que abriu espaço às apresentações teatrais para crianças no Teatro de Santa Isabel em 1939, com tanto sucesso, e abandonou a ideia pouco depois, em 1942. No entanto, o TPN não largou o público infantil e anunciou, para estreia em 5 de janeiro de 1967, na sua sede, uma segunda produção neste gênero, *O Cavalinho Azul*, elogiado texto de Maria Clara Machado por sua

Vá e leve seus filhos para momentos de alegria e encantamento no dia da criança!

DIA 12 (QUARTA-FEIRA)
FESTA DA CRIANÇA
Clube Português

TAEDE INFANTIL, promovida por um grupo de senhoras e senhorinhas pernambucanas, em benefício das crianças do Oratório da Divina Providência, com início marcado para as 15 horas.

DESFILE DE MODA INFANTIL, com o concurso do Departamento de Moda Infantil das Lojas Mesbla — Direção de Laura Vieira.

UM DOMINGO DE VERÃO

45 crianças em 7 quadros atraentes de rótulos exclusivos recém-chegados do Sul.

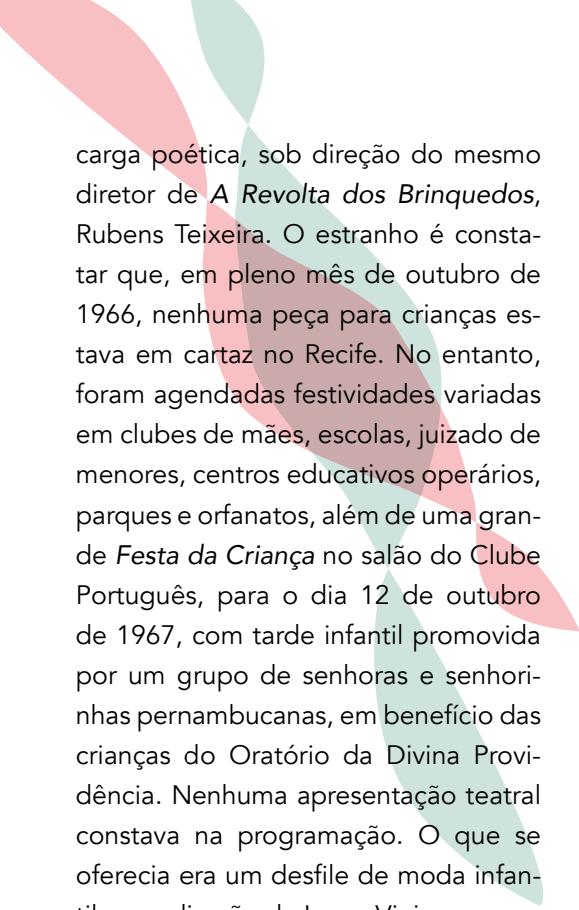
- a) Missa
- b) Praia
- c) Pescaria
- d) Clube de Campo
- e) Cinema
- f) Hora de dormir

O Salão do Clube Português será transformado num lindo e movimentado PARQUE INFANTIL, para crianças de 4 a 12 anos.

SORTEIO DE BRINDES — REFRIGERANTES — BOLINHOS FINOS

Música pelos conjuntos musicais:
Conjunto do COLEGIO SÃO JOSE
Conjunto MESBLA
Conjunto do Maestro MASTROIANI

Ingressos restantes na portaria do Clube Português, no dia da festa.



carga poética, sob direção do mesmo diretor de *A Revolta dos Brinquedos*, Rubens Teixeira. O estranho é constatar que, em pleno mês de outubro de 1966, nenhuma peça para crianças estava em cartaz no Recife. No entanto, foram agendadas festividades variadas em clubes de mães, escolas, juizado de menores, centros educativos operários, parques e orfanatos, além de uma grande *Festa da Criança* no salão do Clube Português, para o dia 12 de outubro de 1967, com tarde infantil promovida por um grupo de senhoras e senhorinhas pernambucanas, em benefício das crianças do Oratório da Divina Providência. Nenhuma apresentação teatral constava na programação. O que se oferecia era um desfile de moda infantil, com direção de Laura Vieira; parque infantil para crianças de quatro a doze anos; sorteio de brindes, refrigerantes e bolinhos finos; e shows musicais pelos conjuntos Mesbla, do Colégio São José e do Maestro Mastroiani.

A única referência teatral naquela semana especial foi dada pelo Departamento de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura, que promoveu apresentações do Teatro DECA nas escolas e hospitais do Recife e cidades vizinhas. Sem qualquer citação a nomes de espetáculos, consta que levou seu Teatro de Fantoches para o Centro Cívico da Torre (Fundação Guararapes), Clínica Correia Picanço, Grupo Escolar Ministro João Alberto, Biblioteca de Casa Amarela e Escola Artesanal de Caxangá, entre outros lugares. Ainda naquele 12 de outubro de 1967, com grande alarde na imprensa, o Canal 2 anunciou a estreia do seriado *Batman e Robin*, veiculado todas às quartas-feiras, às 18h55. Ou seja, mais uma forma das crianças se

apegarem à televisão. Era tanto o fascínio que a TV exercia sobre o público, incluindo o adulto, que o jornalista Ivan Soares chegou a dar o seguinte depoimento, em referência às estreias adultas daquele final de ano, no Caderno IV dominical do *Jornal do Commercio* (16 de outubro de 1966, p. 2.):

Essa movimentação teatral é necessária e esperamos que não cesse. Só assim, mantendo-se a efervescência, o público voltará seus olhos para o teatro, saindo do comodismo, do anestesiamento provocado, em muitos, pela execrável novela televisinada.

Para o dia 22 de outubro de 1967, finalmente uma nova montagem infantil foi produzida, *O Pequeno Príncipe*, baseada no livro de Antoine de Saint-Exupéry, com adaptação e direção de Gilvan Pomposo, numa realização do Colégio das Damas, pelo Grupo Teatral Damas Cristãs. O “guarda-roupa” era assinado por Jurandy e cenários de Ari Nóbrega. No elenco formado apenas por mulheres, Lêda Gonçalves (Príncipe), Sônia Kutz (Aviador e Bêbado), Carmencita Cabral (Flôr), Suzana Maria Oliveira (Rei e Serpente), Solange Oiticica (Vaidoso e Raposa), Auxiliadora Beltrão (Geógrafo), Magdala Borba (Homem de Negócios) e Nanete Frej (Acendedor de Lampião). A peça foi apresentada no auditório da própria instituição de ensino. O mês dedicado às crianças inspirou ainda o cronista do *Jornal do Commercio*, Medeiros Cavalcanti, natural de Maceió, Alagoas, mas já radicado há anos no Recife, a recordar o sucesso que fez a peça *Pluft, o Fantasminha*, de Maria Clara Machado, pelo elenco do Teatro de Amadores de Maceió, que integrou o II Festival Nortista de Teatro Amador, de 8 a 17 de outubro



de 1956, no Recife, inscrevendo na história, segundo ele, a primeira participação de uma peça infantil em um festival de teatro. Mas o crítico lamentou ainda a pouca continuidade de produções deste gênero no Recife. Escreveu ele no artigo intitulado *A Semente Que Morreu* (22 de outubro de 1966, p. 7.):

Revendo agora fatos teatrais de há dez anos atrás, lembro-me de como não vingou a boa semente do teatro infantil deixada entre nós, no curso do II Festival Nortista de Teatro Amador, pelo Teatro de Amadores de Maceió. “Pluft, o Fantasminha” foi o deslumbramento do Festival aquilo que ninguém esperava... [...] Uma coisa é certa: não trazendo um espetáculo infantil – que desbordou da pauta do Festival para dois espetáculos no Marrocos e mais um no Santa Isabel – não teria o TAM exercido aquela profunda influência que todos nós tivemos o prazer de comentar, gerando inquéritos escolares proveitosos, provocando afluxos ao teatro jamais vistos como quando da vez em que cerca de 600 crianças voltaram por falta de localidades e 500, ficaram chorando nas escolas, conforme o depoimento da profa. Maria de Lourdes Vasconcelos, então Inspetora do 8º. Distrito.

Saliente-se que Willy Keller fizera um bom trabalho de direção, contribuindo para o maior encanto da peça entre a petizada. Dêle disse o confrade Luiz Mendonça: “Willy Keller foi o dono das direções no II Festival; as marcas originais e mesmo a pantomima que foi dada pelo diretor em grupos amadorísticos”. Toda aquela magnífica movimentação inicial ficou perdida, como perdido ficou o apelo de Agnelo Macedo, crítico teatral do “Jornal do Comércio”, do Rio de Janeiro [...] Contagiado pelo “verdadeiro delírio” que reinava no Santa Isabel, Agnelo Macedo pediu às crianças que exigissem “através de seus pais e professores, que os Oliveira e todos os amadores teatrais de Pernambuco lhes dessem sempre espetáculos como aquêle a que iriam assistir”. A idéia do Festival de Teatro Infantil, lançada por Vanildo Bezerra Cavalcanti, ficou no ar. Morreu o Teatro de Brinquedo, de Alfredo de Oliveira. Ainda agora, ouço que o teatro infantil do TPN está suspenso. Tôdas as tentativas falham, esbarram em obstáculos, caem no desânimo. E no entanto, nestes últimos dez anos, quantas platéias poderíamos ter formado?.

Em outras notas, Medeiros Cavalcanti fez nova referência a Alagoas, ressaltan-



O Rei Mentiroso

do o sucesso do grupo Os Dionysos, liderado por Bráulio Leite Júnior, na peça *O Rei Mentiroso*, dirigida pelo pernambucano Alfredo de Oliveira, texto de Graça Mello que já havia sido montado pelo Teatro de Brinquedo, do próprio Alfredo de Oliveira, no Recife, em 1953. Salientou, inclusive, que cerca de trinta mil crianças veriam a peça até final de 1966, graças a convênio com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado, um exemplo que deveria ter sido seguido em terras pernambucanas. Como recaido maior, ao lembrar que não acabou o teatro para crianças do Teatro Popular do Nordeste, a maior referência daquele ano neste segmento, afirmou ainda no *Jornal do Commercio* (26 de outubro de 1966, p. 7.): "Se existe alguma coisa que o TPN deva defender em sua obra em favor do teatro recifense é, justamente, o teatro infantil".

Antes do término de 1966, surgiu mais uma produção para crianças no Recife, *O Caçador de Borboletas*, de Maria Clara Machado, pelo Núcleo de Teatro de Fantoches do Teatro DECA, com apresentações gratuitas, dias 21, 22 e 23 de novembro, de segunda a quarta-feira, respectivamente às 16 horas, 10 horas e 16 horas, no auditório do Departamento de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura, em promoção do Serviço de Teatro e Recriação daquele órgão. Curiosamente,



antes do final do ano, os Amadores Gráficos do Ceará, conjunto de Fortaleza, agendaram sessão matinal, às 10 horas, num domingo, no Teatro de Santa Isabel, com a comédia *Dona Filó é Quem Manda*, sem maiores referências na imprensa se, de fato, tratava-se de uma peça também para crianças. Provavelmente não. Era um daqueles exemplos de espetáculo que, sem ser especificamente direcionado à meninada, poderia agradar a toda a família com garantia de "gargalhadas da 1ª à última cena", como divulgado nos jornais.

Na imprensa, as expectativas teatrais recaíam mesmo sobre *O Cavalinho Azul*, do TPN, que finalmente anunciou seu elenco: Carlos Reis, João Batista Dantas, Wellington Luiz (Wellington Lima),



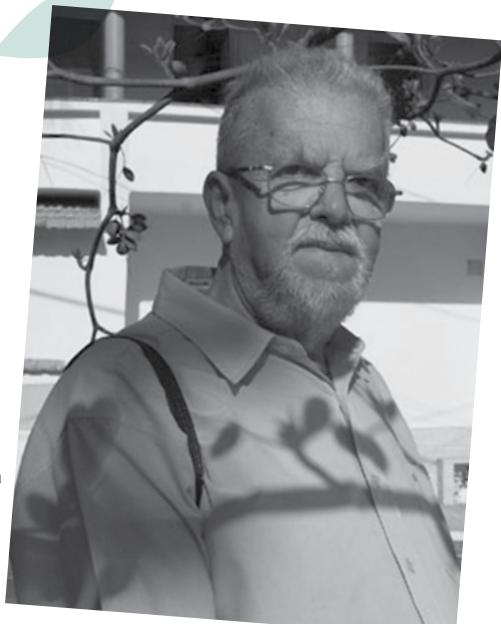
Moema Cavalcanti (também na criação de figurinos), Paulo Roberto (Paulo de Castro), Marcelo Gusmão, Marise da Fonte, Gilda Macedo, Carlos Alberto, Sérgio Sardou, Delaías Andrade, Maria Nazaré, Marcos Aurélio e Luiz Maurício Carvalheira, nesta que foi a segunda e última produção infantil do Teatro Popular do Nordeste. O diretor Rubens Teixeira ainda assinava a iluminação; Jair Miranda os adereços; Reinaldo Fonseca as máscaras; e Reginaldo Carvalho as músicas, contando com a participação luxuosa dos músicos Josefina Aguiar, Guebinha e Toinho Alves. Com estreia em 5 de janeiro de 1967, a peça ficou em cartaz às quintas, sábados e domingos, às 16 horas. Já o Teatro de Brinquedo voltou à cena no dia 26 de fevereiro de 1967, no Teatro de Santa Isabel, com nova versão de *O Rei Mentiros*, tendo Alfredo de Oliveira na direção, produção e no papel do Rei. Ainda no elenco, Fernanda Amaral, Olga Mota, Argemiro Oliveira, Pedro Higino, Walter Mendes, Astrogildo Drumont, Otto Prado, Alna Ferreira e Eliezer Ataíde, os três últimos fundadores do Clube de Teatro Infantil, outro conjunto dedicado à profissionalização do setor.

É importante esclarecer que foi ainda em 1966 que surgiu o Teatro da Criança do Recife, equipe que também já nasceu com vistas à profissionalização, ainda que com três garotos inquietos à frente da produção: Carlos Carvalho, Paulo de Castro e Pedro Henrique, sob a inspiração do diretor Rubens Teixeira, o mesmo das montagens infantis do TPN. O início desta história, que percorreu muitas escolas levando espetáculos nas mais diversas estruturas, foi registrada em capítulo do livro organizado por este que vos escreve e mais Rodrigo Dourado e Wellington Júnior,

Memórias da Cena Pernambucana – 01 (2005, p. 85-87.), em depoimento de Carlos Carvalho:

As contribuições que podemos trazer, refletindo sobre o Teatro da Criança do Recife, são as seguintes: primeiro, antes de criarmos esse grupo, eu, Paulo de Castro e Pedro Henrique saímos do Teatro Experimental, fruto do Colégio Castro Alves. [...] com uma professora que era uma atriz renomada na cidade, Ruth Bandeira. [...] Segundo, por conta de uma iniciação teórica e prática no colégio, nós, garotos de calça-curta, eu tinha 11 anos, fundamos o Teatro Experimental de Pernambuco – TEP. [...] éramos estudantes e queríamos fazer teatro. Nós saímos desse pequeno universo do colégio em que não havia um aprofundamento, mas havia um fazer. Nossa sede era a casa de Paulo de Castro, ou seja, nós tínhamos um referencial para ensaios, reuniões. Isso não era teorizado na época, mas concretizava-se na prática. De alguma maneira, acreditávamos no talento do grupo e, por sorte nossa, tivemos diretores que também acreditaram, o que foi determinante. Rubens Teixeira, José Francisco Filho, e assim sucessivamente. [...] Outra coisa fundamental foi a experiência de Paulo de Castro,

Rubens Teixeira



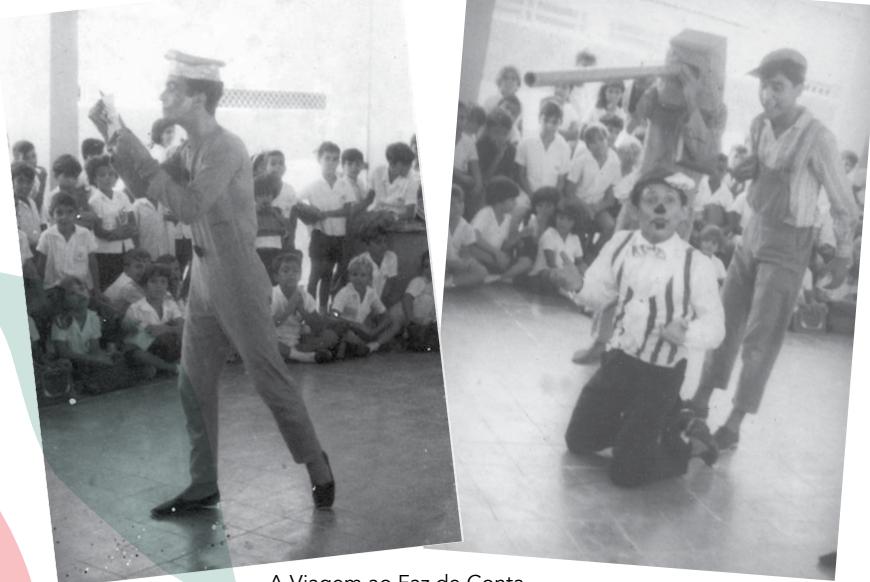


José Francisco Filho e Pedro Henrique com o TPN. [...] Começamos a fazer uma leitura do que estava sendo feito no Brasil, tudo isso com um pé no profissionalismo. Porque, por mais que fôssemos adolescentes ou inexperientes, primeiro existia um contrato de trabalho, não escrito, mas havia a venda do esforço do trabalho. Se eu vendia algo, ganhava por isso. Às 8h da manhã, tínhamos que estar na casa de Paulo de Castro, trocar de roupa, maquiar-se, empurrar o carro de José Francisco, colocar o cenário em cima e sair para fazer os espetáculos, dois de manhã e dois à tarde; às vezes, um à noite. Chegávamos a fazer cinco apresentações por dia, de colégio em colégio, com a cara pintada o tempo todo. Apresentávamos em qualquer lugar, com ou sem estrutura e isso foi um aprendizado muito grande, que desemboca numa 3^a coisa importante desse grupo: o fazer muito teatro. Porque teatro tem que se fazer muito, senão não é profissão.

Em entrevista ao jornalista José Pimentel para matéria publicada no *Jornal da Cidade* (período de 12 a 18 de junho de 1976, p. 14.), Paulo de Castro deu mais detalhes sobre o surgimento do Teatro da Criança do Recife:

Paulo de Castro, que começou no Teatro Popular do Nordeste, em 1965

(sic), fazendo "Cavalinho azul", de Maria Clara Machado, com direção de Rubens Teixeira, afirma que o Teatro da Criança do Recife foi fundado em 1966, "para levar o teatro infantil às escolas". Também não recebe ajuda de particulares e nem do Governo e o convênio que mantém com a Secretaria de Educação e Cultura é engraçado: dão somente a permissão para que o grupo possa se apresentar nas escolas da rede de ensino oficial. "Fazemos uma média de 100 espetáculos por ano, com uma média de 300 a 400 crianças em cada encenação e pagando ingressos a preços baixíssimos, até 20 e 50 centavos. E vamos a todas as escolas, nos mangues ou nos altos". Diz que as maiores dificuldades são: a falta de um local fixo para as apresentações e a inexistência de textos infantis, que já o obrigou a repetir três vezes a mesma peça. "[...] No tipo de teatro que fazemos, apelamos para a imaginação da criança. Usamos apenas acessórios e a criança é quem cria a partir de indicações dos atores. Não usamos cenários. [...] Também os nossos atores, por força desse tipo de trabalho, têm uma outra visão em termos de vivência e experiência. E não nos limitamos a uma única direção. O Teatro da Criança do Recife já utilizou a experiência de vários diretores como Rubens Teixeira, José Francisco Filho e Sérgio Sardou, entre outros".



A Viagem ao Faz de Conta

Do repertório inicial do Teatro da Criança do Recife nos anos 1960, constam: *A Viagem ao Faz de Conta*, de Walter Quaglia, com direção de Rubens Teixeira, tendo no elenco Paulo Roberto (Paulo de Castro), Geisa Brayner e Wellington Luiz (Wellington Lima, substituído por Pedro Henrique), além de Augusto, Kátia, Lucila e Luiz (sem indicação dos sobrenomes); *A Revolta dos Brinquedos*, de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, também com direção de Rubens Teixeira, tendo no elenco Paulo de Castro, Wellington Luiz (Wellington Lima), Evandro Campelo, Sérgio Sardou (substituído por Paulo de Góes), José Antônio Acioli, Lourdes Flório e Moema Cavalcanti (substituída por Dóris Gibson), entre outros; e *A Duquesa dos Cajus*, de Benjamim Santos, com direção de Marco Camarotti e no elen-

co, Marilena Mendes (Marilena Breda), Gilson Barbosa, Paulo de Castro e Ana Lúcia Leão, entre outros. Sem datas confirmadas por esta pesquisa, ainda realizaram as peças *A Onça e o Bode*, *A Bonequinha de Louça ou A Lojinha do Seu Lalau*, ambas com texto e direção de Fred Francisci; *A Revolta dos Brinquedos*, pela direção de Sérgio Sardou; e *O Coelhinho Pitomba*, texto de Milton Luiz e direção de José Francisco Filho, todas em circulação por escolas.

No dia 1 de julho de 1967 aconteceu o lançamento de outro conjunto teatral recifense dedicado às crianças, o Teatro Estudantil de Pernambuco, sob direção geral e produção de Frederico Francisci. A peça de estreia, *O Espantalho Farrapinho*, do próprio diretor, permaneceu em cartaz durante



A Duquesa dos Cajus

aquele mês, aos sábados e domingos, às 16 horas, no Teatrinho da AIP, espaço que vinha funcionando desde 1961 como um teatro de bolso com cento e setenta poltronas. No elenco, Joacir Cavalcanti, Daniel Maia, Mário Gouveia, Henrique Silva, Marinete Dantas, Nelma Maria, Sílvio Belo, Célia Machado, Joaquim Melo, Ivanilda Batista e Fernando Saraiva. Com músicas originais de Alcino Ferreira e Raimundo Vidorico, a encenação contou ainda com figurinos de Teresa Emilia, maquiagem de Nita Campos Lima e cenário de Bruno Feijó. Com novas produções, o segundo semestre de 1967 foi bem mais animador para o teatro no Recife. Em outubro, estreou a comédia infantil em dois atos, *Maria Minhoca*, pelo Teatro Escola Renato Viana, que fez uma série de espetáculos nos vários bairros da capital, sob direção de Walter Barros. No elenco, Edileusa Roberta, Denis Chagas, Dionísio Luis, Anita Vasconcelos e o próprio diretor Walter Barros. Um dos espaços visitados foi o Salão do JECS de Brasília Teimosa. Também foi apresentada a opereta infantil *A Maçã de Ouro*, original de Maude O. Wallace, em tradução de Odete Pires Bezerra, no Teatro de Santa Isabel, mesmo palco que, de 31 de outubro a 13 de novembro de 1967, recebeu o I Festival de Teatro de Pernambuco, promoção



da APATCCP (Associação Profissional de Atores Teatrais, Circenses, Cenógrafos e Cenótecnicos de Pernambuco, entidade atuante desde 1963). Além das peças adultas, a programação para crianças contou com *O Consertador de Brinquedos*, do Clube de Teatro Infantil, e *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues, com o Grupo Infantil de Comédias participando em caráter *hors concours*, sob direção de Waldemar Mendonça. No elenco, Romero Nascimento, Eliana Cavalcanti, Maria da P. Cavalcanti, Valéria Matos, Marília Matos, Etiene Cavalcanti e Rivaldo Nascimento. *Viagem ao Faz de Conta*, que seria apresentada pelo Teatro da Criança de Pernambuco (como foi intitulado inicialmente o Teatro da Criança do Recife), por motivos superiores foi cancelada pelo diretor Rubens Teixeira.

Podendo ser vista por crianças e adultos, a montagem *O Menino e o Sol*, do Teatro Estudantil de Pernambuco, com texto e direção de Frederico Francisci, estreou no Teatrinho da AIP, aos domingos, às 17 horas, em dezembro de 1967. Os figurinos eram de Terêsa Emilia e a maquiagem de Nita Campos Lima. No elenco, Sílvio Belo (na personagem José e também responsável pela cenografia), Inalda Silvestre (Mãe Senhora), Joaquim Melo (Menino), Lu-



Walter Barros

O TEATRO ESTUDANTIL DE PERNAMBUCO
apresenta
O MENINO E O SOL

peça infantil em um ato
de Frederico Francischini

MÍRI SENHORA
JOSÉ
MENINO
PRINCESINHA
AIA
REI
CARRASCO
SOL
VELHA VIDA
VENTO
NUVEM
NUVEM
NUVINHA
PALHAÇO TRISTE

Inaldo Alves
Adelmo Bole
Figuinino Boile
Geraldo Carvalho
Dida
Edmundo Gouveia
Reginaldo Alves
Reis Francisco
Laurinete Teles
Antônio Garcia
Laurinete Teles
Cida Ventura
Teresa Cristina
Daniel Maia

Edmundo
Cenário
Figuinino
Alquimista
Programa
José Leite
Comunicação Geral
apresentado no Colégio Municipal

1967/68



O menino

x o

Sol.

cila Carvalho (Princesinha), Dida (Aia), Mário Gouveia (Rei), Reginaldo Silva (Carrasco), Antônio Garcia (Vento), Laurinete Teles (Nuvona), Cida Ventura (Nuvem, substituída por Marinete Dantas), Teresa Cristina (Nuvinha), Daniel Maia (Palhaço Triste), Clenira Melo (Velha Vida) e José Francisco [Filho] (Sol), muitos estreando profissionalmente no teatro com esta montagem. Já a Festa da Mocidade saiu do Jardim 13 de Maio e aportou na frente da sede social do Esporte Clube do Recife, um prenúncio do seu fim. Em paralelo, o cronista Adeth Leite denunciou no *Diário de Pernambuco* (26 de janeiro de 1967, p. 3.) o desinteresse pelos teatros do Recife. Segundo ele, o Santa Isabel estava em "estado de penúria" e "uma autêntica estufa", de tão quente. O prometido Teatro de Bolso no Edifício do Banco do Brasil não havia sido inaugurado ainda; o Teatro do Parque

estava "relegado à sala de ensaios da bandinha municipal, exposição de pinturas ou para cultos evangélicos"; a direção do Teatro de Arena limitava-se a alugá-lo, o mesmo que acontecia com o Teatrinho da AIP; o Teatro do Dérbí encontrava-se "de fogo morto"; e o "Barracão" do Barreto Jr, o Teatro Marrocos, "com a encenação de rebolados com números de strip-tease sem progresso. No último domingo não deu função por falta de público". Fechado em dezembro de 1967 quando Barreto Júnior desistiu do espaço e decidiu fazer espetáculo no Clube Internacional do Recife, o Teatro Marrocos tem sua área hoje ocupada por uma agência da Caixa Econômica Federal.

Em compensação, o ano de 1967 foi bastante movimentado pela presença de dezoito conjuntos itinerantes que ocuparam o Teatro de Santa Isabel, o



Teatro Marrocos

TEATRO SANTA ISABEL

O CLUBE DE TEATRO INFANTIL Apresenta !

"O CONSERTADOR DE BRINQUEDOS"

De STELLA LEONARDOS, 2 atos repletos de
encantamentos

Direção : OTTO PRADO

Aos sábados, às 16,00 e domingos, às 10 hs.



O Consertador de Brinquedos

TPN, o Teatrinho da AIP e o Teatro da Faculdade de Filosofia do Recife, com espetáculo de mímica, leituras dramatizadas, shows e peças, nenhuma infantil. Entre as equipes visitantes, a Companhia Bahiana de Comédias, o Teatro de Arena da Bahia, a Companhia Paulo Autran, a Companhia Eva Todor e Seus Artistas, Os Dionysos, o Teatro da Universidade da Paraíba e a Sociedade Paulista de Comédia, com Carlos Alberto e Yoná Magalhães à frente. E mesmo com pouquíssima produção para a criança, 1967 foi importante por ser o ano de lançamento do Clube de Teatro Infantil, núcleo profissional dedicado exclusivamente à linguagem para a infância, inicialmente como um departamento autônomo do Teatro de Comédia do Recife. A estreia se deu no dia 7 de setembro 1967 com a peça *O Consertador de Brinquedos*, de Stella Leonardos, sob direção de Otto Prado em "2 atos repletos de encantamentos", como divulgavam nos constantes anúncios de jornal. No elenco, Leandro Filho, Eurico Lopes, Marilena Mendes (Marilena Breda), Ilza Cavalcanti, Alna Prado e

Eliezer Ataíde (os dois últimos oriundos do Teatro de Brinquedo, assim como o diretor Otto Prado), em temporada no Teatro de Santa Isabel, aos sábados, às 16h30, e domingos, às 10 horas, por três meses, até final de dezembro. No livro *Memórias da Cena Pernambucana - 01* (op. cit., p. 116-117.), Otto Prado lembrou deste começo:

Em 1967, no meio do furacão, fui convidado para dirigir a montagem de *Arena conta Zumbi*, no Teatro de Santa Isabel. No elenco, estavam Alna Prado, Ilza Cavalcanti, Marilena Mendes, Leandro Filho, Dinaldo Coutinho e Eurico Lopes. [...] Estava fundado o Teatro de Comédia do Recife. Foi uma ótima experiência. Começamos a discutir a necessidade da formação de público para o teatro. A partir de uma idéia do Leandro, formamos o Clube de Teatro Infantil. Nele, as crianças associadas tinham a carteirinha e com ela recebiam um desconto de 50% no ingresso. Sem mensalidade, pois a intenção era despertar o hábito de ir ao teatro, formando cada vez mais um público certo. Nossa 1ª monta-

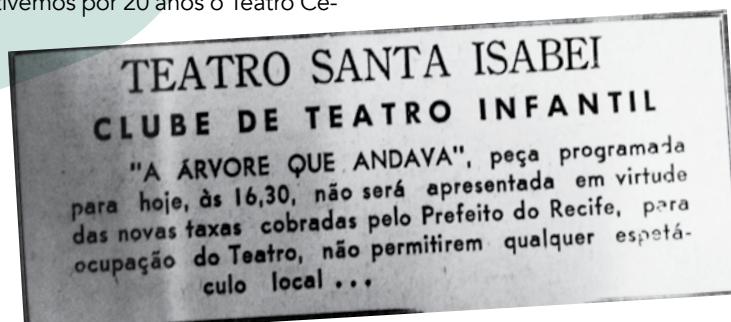


gem foi O consertador de brinquedos, de Stella Leonards, também em 1967. No elenco, Alna Prado, Ilza Cavalcanti e Marilena Mendes, Eurico Lopes e Eliézer Ataíde. Dinaldo afastou-se da direção dos grupos, ficando tudo sob a responsabilidade minha e de Leandro. Várias montagens se sucederam, apresentando textos de autores consagrados e, também, de alguns estreantes. De minha parte, eu gostava de fazer adaptações de clássicos da literatura infantil, logicamente procurando modernizá-los para maior aproximação com as crianças da época. Conseguimos com esse tipo de trabalho atingir não só o público infantil, mas o juvenil e também o adulto. Como no atual cinema para crianças, havia piadas para os maiores, agradando muito aos pais. [...] Seria altamente injusto não falar aqui, com destaque, do trabalho de Alna que, além de excelente atriz, trouxe uma grande contribuição para o nosso grupo com a sua experiência na criação e confecção de figurinos, cenários e máscaras [...] Paralelamente, fazíamos montagens adultas com a mesma equipe, assinando Teatro de Comédia do Recife. [...] Eu e Alna ficamos com o grupo até 1975 – oito anos ótimos – quando fomos para o Rio de Janeiro, com A chegada de Lampião no inferno (Jairo Lima) e depois viemos para São Paulo, onde mantivemos por 20 anos o Teatro Ce-

narte, com montagens ininterruptas, para crianças e adultos. [...] Nosso propósito foi lançar as sementes geradoras de uma futura platéia adulta.

Em 1968, surgiu o segundo espetáculo do Clube de Teatro Infantil, *A Árvore Que Andava*, texto de Oscar Von Pfuhl, também com direção de Otto Prado. No elenco, Ilza Cavalcanti, Eurico Lopes, Marilena Mendes (Marilena Breda), Agenor Coutinho e Alna Prado. A peça deveria ser lançada no dia 6 de janeiro, um sábado, às 16h30, com nova sessão programada no dia 7, domingo, às 10 horas, mas aconteceu um impasse por conta de um decreto do prefeito Augusto Lucena aumentando as taxas das duas casas oficiais da municipalidade, o Teatro de Santa Isabel e o Teatro do Parque. Com anúncios pagos na imprensa, o Clube de Teatro Infantil avisou o cancelamento das sessões e denunciou a cobrança indevida por parte da Prefeitura do Recife. O anúncio trazia o seguinte texto publicado no *Diario de Pernambuco* (6 de janeiro de 1968, p. 9.): "A Árvore que Andava, peça programada para hoje às 16,30, não será apresentada em virtude das novas taxas cobradas pelo Prefeito do Recife, para ocupação do Teatro não permitirem qualquer espetáculo local...". O cronista Adeth Leite explicou a situação no *Diario de Pernambuco* (7 de janeiro de 1968, p. 13.):

O Clube de Teatro Infantil deveria ter lançado ontem, no Santa Isabel, mais um espetáculo dedicado à gurizada recifense [...] Todavia, a temporada foi suspensa "sine die" em virtu-





de do decreto municipal nº 8698 de 3 do corrente, considerado o "monstrengu municipal" do comêço do ano, uma vez que as taxas extorsivas cobradas afugentam os conjuntos locais, passando um próprio municipal a ser transformado em autêntica casa comercial, quando é sabido que o teatro oficial faz parte da educação de um povo, não constituindo fonte de renda em nenhuma parte do mundo. A propósito, os diretores do Clube do Teatro Infantil dirigiram em data de 5 do corrente, ao prefeito Augusto Lucena, o seguinte telegrama: 'O Clube do Teatro Infantil após tentar montar com grandes dificuldades um teatro para criança no Recife, vendo frustrados seus propósitos, devido ao decreto 8698, de 3 do corrente, assinado por V. S., inspirado em má hora pelo diretor dos teatros [referem-se ao dramaturgo e cronista teatral Vanildo Bezerra Cavalcanti], autêntico líder da destruição do movimento teatral recifense recomendando a V. S. aplicar taxas impossíveis de serem cobertas pelas fracas rendas da bilheteria, apela para V. S. reconsiderar o citado decreto, objetivando não assassinar os grupos locais empenhados em elevar o nome cultural do Recife.'

O telegrama foi assinado por Otto Prado e Leandro Filho. Poucos dias depois, Adeth Leite esclareceu melhor o assunto no *Diário de Pernambuco* (10 de janeiro de 1968, p. 9.), compartilhando sua opinião e temores:

Teatro não pode servir de fonte de renda em parte nenhuma do mundo

onde exista um povo civilizado. A tornar-se efetiva a execução do famigerado decreto municipal nº 8698, desestimulando o crescente movimento artístico do Recife, proibindo e vedando o acesso aos vários conjuntos cênicos do Recife, em sua maioria, mantidos pelo próprio esforço de cada um dos idealistas que integram as suas fileiras, de vez que não há qualquer ajuda oficial para mantê-los, ao contrário, o que há realmente é o desejo de afugentá-los das ribaltas do Santa Isabel e do Parque. [...] Em parte nenhuma do mundo civilizado teatro foi, é ou será fonte de renda para manter a burocracia do funcionalismo e dos empregados encarregados da limpeza. Mas é aí precisamente onde a porca torce o rabo; os teatros municipais do Recife não têm as mínimas condições de conforto e higiene a oferecer às companhias locais ou itinerantes, e muito menos ao público, não podendo, portanto, a prefeitura do Recife se dar ao luxo de cobrar taxas de inscrição e diárias de 50 e 40 cruzeiros novos (fora os extraordinários) de quem quer que seja. Estão contados os dias dos conjuntos teatrais do Recife.

A Árvore Que Andava, então, seguiu para apresentações em João Pessoa, no Teatro Santa Roza, e cumpriu longa temporada no Teatro Municipal de Campina Grande, também na Paraíba, entre junho e agosto de 1968. Ao lembrar aquele ano em matéria retrospectiva, o cronista Adeth Leite voltou à questão dos decretos no *Diário de Pernambuco* (1 de janeiro de 1969, p. 5.):

O ano que ontem findou, teatralmente não foi grande coisa no Recife, isto porque começou errado, com as assinaturas dos decretos municipais n.os 8. 698, de 3 de janeiro de 1968 e 8.894 de 22 de maio de

1968, com os quais o prefeito de Recife afugentou os verdadeiros e autênticos conjuntos cênicos locais de acesso aos teatros mantidos pela municipalidade.

A confusão foi tanta que o prefeito se viu obrigado a revogar os famigerados decretos. Importante lembrar que os prêmios Melhores do Teatro Pernambucano Durante o Ano de 1967 não foram entregues, demonstrando já que a ACTP estava definhando de vez. Quanto às montagens em cartaz, ao total, oito conjuntos itinerantes estiveram no Recife em 1968, entre eles o Mini-Teatro do Rio de Janeiro, o elenco do Teatro Santa Roza, a Companhia Márcia de Windsor e a Companhia Ginaldo de Souza, além da de Glauce Rocha. Da produção local adulta, destaque para *Um Sábado em 30*, em reprise, e *Oito Mulheres*, de Robert Thomas, ambas do Teatro de Amadores de Pernambuco, dirigidas por Valdemar de Oliveira, esta última apresentada no Teatro das Damas Cristãs, na Ponte de Uchôa, já que o grupo não encontrou pauta livre no Teatro de Santa Isabel; *Viva o Cordão Encarnado*, de Luiz Marinho, pelo Teatro Universitário de Pernambuco, com direção de Clênio Wanderley; *O Grande Marido*, pela Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, que festejou quarenta anos de teatro com festa artística nos salões do Clube International do Recife; o Teatro da Universidade Católica de Pernambuco, com *A Derradeira Ceia*, de Luiz Marinho e direção de Rubens Teixeira; *Andorra*, de Max Frish, e *O Melhor Juiz, o Rei*, de Lope de Veja, pelo Teatro Popular do Nordeste dirigido respectivamente por Benjamim Santos e Rubem Rocha Filho; e o lançamento do grupo Teatro Novo do Recife, com *O Doente Imaginário*, de Molière, sob a direção de Marcus Siqueira.

Das casas de espetáculos, funcionaram o Teatro de Santa Isabel, o TPN, o estreante Teatro Novo do Recife, no Palácio dos Manguinhos; o Teatro da AIP, o Teatro das Damas Cristãs e o Teatro Marrocos, este último apenas com rebolados. Ainda em setembro de 1968, na sede da AABB, surgiu a terceira montagem em sequência do Clube de Teatro Infantil, com a peça de Leandro Filho, *Filha de Bruxa Não é Bruxinha*, sob direção de Otto Prado. No elenco, Ilza Cavalcanti, Maudra Siqueira, Eurioco Lopes, Renato Lins, Albenis Amaral, Augusto César, Alna Prado e sua filha

Filha de Bruxa Não é Bruxinha





A Volta do Chapeuzinho Vermelho



Elenora Prado, ainda criança. No ano seguinte, a partir de janeiro de 1969, a peça *A Árvore Que Andava*, do Clube do Teatro Infantil, passou a cumprir temporada aos sábados, às 16h30, no Teatro de Santa Isabel. Nesta época, Alfredo de Oliveira era o secretário interino da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Recife e a administração municipal prometeu melhoramentos no Cine-Teatro do Parque, que ganhou esta nova denominação e não agradou em nada aos cronistas teatrais. Mas as melhorias ficaram só na promessa! O Teatro do Parque, agora como cineteatro, era chamado de "O Elefante Branco da Rua do Hos- pício". Voltou à cena em 25 de janeiro de 1969, mas continuava funcionando precariamente, até mesmo com a falta de um quadro de luz, já que a verba prometida do Serviço Nacional de Te- atro (SNT) não veio. O cronista Adeth Leite ironizou no *Diario de Pernambuco* (14 de março de 1969, p. 4.): "Quan- do será inaugurado, ou re-inaugurado (como queiram) o Teatro do Parque?".

Durante um bom tempo, segundo ele, o movimento teatral recifense conti- nuou de "fogo morto", tendo somen- te função, aos sábados e domingos, o Clube de Teatro Infantil, órgão do Teatro de Comédia do Recife, sob di- reção de Otto Prado, que em 1969 es- treou um quarto trabalho, *A Volta do Chapeuzinho Vermelho*, texto e dire- ção do próprio Otto Prado. No elenco, Alna Prado (também responsável por figurinos e maquiagens), Albenis Ama- ral, Augusto César e Renato Lins. Em dezembro, a peça foi ao Auditório da Rádio Difusora de Caruaru, numa pro- moção do TEA (Teatro Experimental de Arte). Na capital pernambucana, além das atividades nos teatros de Santa Isabel, Marrocos e a presença do Cir- co Hong-Kong e Circo Garcia, o TPN, durante o período de festas, recebeu apenas aos sábados, às 16 horas, o Te- atroneco, grupo voltado ao teatro de bonecos, originário do Cecosne (Centro Educativo de Comunicação Social do Nordeste), com o seu trabalho de estreia de uma longa carreira que du- rou até a década de 1990. O espetá- culo era formado por três textos: *A Ca- bra Cabriola*, de Hermilo Borba Filho, *Haja Pau*, de José de Moraes Pinho, e *A Ponte Quebrada*, de Séraphin. No elenco dirigido por Hermilo Borba Fi-

TEATRO POPULAR DO NORDESTE
— Av. Conde da Boa Vista, 1242 — Fone: 2-1154 —
Durante o período de festas, apenas aos sábados,
16 horas

TEATRONECO — CECOSNE
teatro de bonecos com as peças
"A Cabra Cabriola", de Hermilo Borba Filho, "Haja Pau", de José de Moraes Pinho e "A Ponte Quebrada", de Séraphin



Ihô, com assistência de Benjamim Santos, estavam Luiz Maurício Carvalheira, Fernando Augusto Gonçalves, Lúcia Neunschwander, Armía Escobar e José Rocha. As músicas foram compostas por Antônio José Madureira.

Ainda em maio de 1969, a partir do dia 24, o Clube de Teatro Infantil lançou *O Jacaré Azul*, texto do cronista teatral alagoano radicado no Recife, Medeiros Cavalcanti, com direção e cenário de Otto Prado; iluminação de Leandro Filho e figurinos de Alna Prado, em cartaz aos sábados, às 16h30, no Teatro de Santa Isabel. No elenco, Otto Prado (Narrador), Alna Prado (Lebre), Albenis Amaral (Macaco e Jacaré), Ilza Cavalcanti (Onça e Coruja), Augusto César (Papagaio), José Santos (Leão) e, na sua estreia teatral, Lourival Melo (Lobão) e Eliana Cavalcanti (Silvana), a filha do autor e já uma destaca bailarina do Curso de Danças Clássicas Flávia Barros. Ressaltou o *Diário de Pernambuco* (21 de maio de 1969, p. 4.):

A peça de Medeiros Cavalcanti foi premiada em 1954 pela Prefeitura do antigo Distrito Federal (Guanabara). No ano seguinte foi publicada em fascículos pelo "Diário de Notícias", do Rio, como modelo de peça infantil, radiofonizada pelo Rádio Nacional.

No *Jornal do Commercio* (31 de maio de 1969, p. 2.), a colunista social Isnar

fez elogios à ação de Otto Prado e sua equipe:

Este é ainda um mundinho feio onde crianças não têm vez. Felizmente aparecem sempre isolados heróis que, num e noutros ângulos, fazem esforços dispersos a favor da gentinha miúda. Exaltá-los para mim, é dever. Um desses bravos é o Otto Prado, que mantém nesta cidade o Clube de Teatro Infantil. Meu Deus, como a gente se espanta de tamanha façanha! [...] No teatro "Santa Isabel", todos os sábados, às dezessete e meia horas, criança tem diversão e educação. Pode rir, entreter-se, entregar-se de corpo e alma às suas necessidades lúdicas de jôgo e fantasia, aprendendo ao mesmo tempo a apreciar uma arte das mais completas e levadas: a da cena, do teatro. Com tôdas as implicações de ordem educativa, social, cultural, que o ato de presença numa casa de espetáculos carrega em si. Infinitas. Imensas. Ressaltada a saúde mental, claro. Se todos os sádicos, os sedentos de sangue e crueldade, tivessem uma infância feliz, pintando, representando bichos e duendes, jogando, amando e sendo amados, sou capaz de jurar que a violência e a maldade deserariam dêste mundinho horrível, de que nem subidas à lua podem fazer esquecer o lado monstruoso, tremendo, escuro (e os lunautas ainda foram olhar o do satélite).

ANOS 1970

A

década de 1970 pode ser considerada um período de timidez decrescente do teatro para a infância no Recife, algo que resultou no grande *boom* de realizações dos anos 1980. Mesmo com os amadores ainda dominando o mercado, a profissionalização do setor foi acontecendo paulatinamente e, no segmento para a infância, o Clube de Teatro Infantil liderava em quantidade de produções. Há quem diga que o produtor, diretor, ator, dramaturgo e iluminador Leandro Filho – que assumiu o grupo com a ida do diretor Otto Prado para o Rio de Janeiro em 1975 – criava espetáculos num *piscar de olhos*, reaproveitando o que podia de montagens anteriores, mesmo assim com resultados impressionantes de público fiel. Paralelamente, surgiram outros espetáculos vitoriosos na época, na sua maioria em produção modesta, fruto do trabalho



Mamulengo Só-Riso

de equipes em momento que o teatro de grupo estava ascendendo politicamente.

Na realidade, não foram tantas as produções teatrais com foco na criança nos anos iniciais da década de 1970, quase sempre de coletivos que não mantiveram sequência de repertório por longo tempo. Foi o caso, por exemplo, do elogiado Grupo Piolin, que trouxe à cena apenas duas montagens infantis, *A Lesma, o Caracol e o Porco Espinho* e *Pedacinho de Lua*, e desapareceu do mercado teatral. Outros, no entanto, continuam na ativa até hoje, pela continuidade de trabalho do seu líder, como o Mamulengo Só-Riso, com Fernando

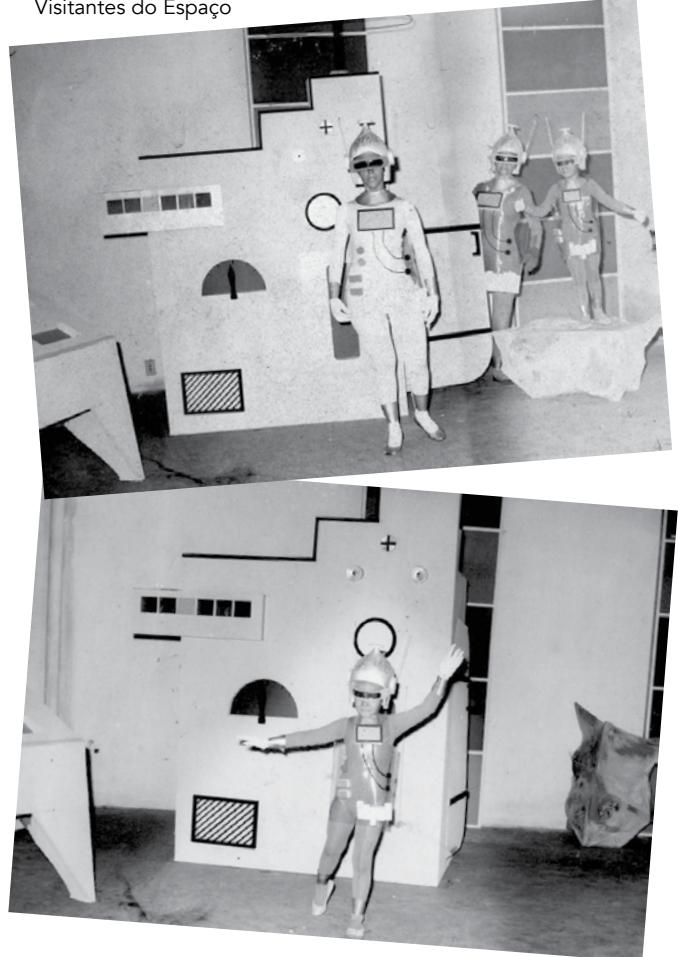
Augusto Gonçalves à frente. O grupo surgiu em 1975 e, além de montagens adultas, ofereceu opções específicas à meninada, ainda que suas encenações mantenham, até hoje, o caráter de festa popular para todas as idades.

Fundado em 1969, o Teatroneco foi outro que, até o início da década de 1990, ainda continuou na ativa, com recorde de realizações junto ao Clube de Teatro Infantil. Já o Grupo de Teatro Canto Livre, sob o comando do educador João Ferreira, manteve atividades por trinta anos, de 1977 a 2007. Quem continua atuante desde 1978 (ano de fundação, com primeira peça no ano de 1979) é o Grupo Pipoquinha, da atriz, diretora e musicista Fátima Marinho. Naquele momento, a fantasia ainda era a mola mestra das tramas levadas à cena e quase todas as peças do período ainda investiam na humanização de bichos, com uso de máscaras constantes, como no Clube de Teatro Infantil.

Das equipes que surgiram e desapareceram ainda na década de 1970, o Grupo Pinóia, o Teatro Infantil de Casa Caiada e o Teatro Ambiente do MAC (com uma única experiência no gênero) foram promessas para um teatro realizado com cuidado de produção e temáticas menos tradicionais. Vale destacar que em 1976 foi fundada a Fetape (Federação do Teatro Amador de Pernambuco, hoje Feteape, não mais com o termo "amador"), o que possibilitou uma mobilização cada vez maior entre os artistas, inclusive em nível nacional. Os intercâmbios, então, favoreceram uma melhoria nas realizações cênicas, com explosão de grupos iniciantes, inclusive de shows infantis criticados pela imprensa, no final da década de 1970.

Sendo o ano inicial daquele período de ebullições, 1970 ainda foi bem fraco nas opções de teatro para a meninada. Das poucas estreias realizadas, destaque para *O Flautim Mágico*, de Hugo Martins, e *Visitantes do Espaço*, de Otto Prado, duas produções do Clube de Teatro Infantil, ambas sob direção do próprio Otto Prado, que foi engatilhando cada vez mais montagens. Na primeira estavam os atores Leandro Filho, Maria Salete, Agenor Coutinho, Alna Prado, Albenis Amaral, Augusto César e Gracita Cavendish. Na segunda, além dos quatro últimos, Renato Lins, Ilza Cavalcanti e Eleonora Prado, filha do casal Otto Prado e Alna Prado. No segmento para adultos, vale destacar os elogios para *Jesus de Novo*, com direção de Marcus Siqueira, no grupo Teatro Novo, e a polêmica montagem de *Buum*, pelo Teatro Popular do Nordeste, sob direção de

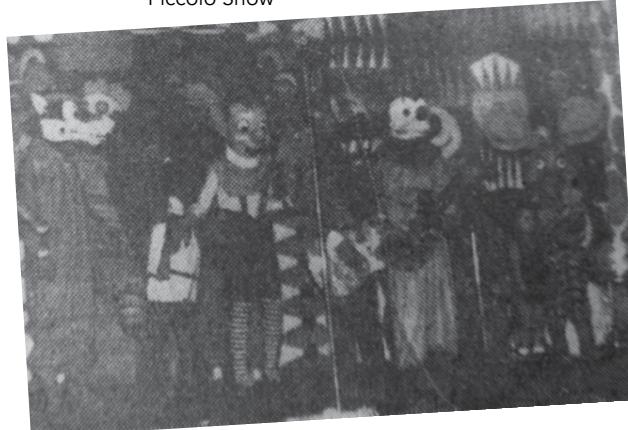
Visitantes do Espaço



José Pimentel, trabalho que encerrou as atividades da casa de espetáculos TPN, na avenida Conde da Boa Vista. Ainda em 1970, o Teatro Equipe do Recife comemorou vinte anos de atividades.

Voltando às produções para crianças, o Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato foi uma das atrações do Teatro Infantil da I Febrac – Feira Brasileira da Criança, que aconteceu de 18 de dezembro de 1970 a 17 de janeiro de 1971, no Recife. O grupo levou como espetáculo um “pout pourrit” de temas folclóricos do Brasil, já apresentado de Norte a Sul do país, segundo o cronista teatral Adeth Leite no *Diário de Pernambuco* (12 de janeiro de 1971, p. 2.), “visando sobretudo despertar na criança o gosto pelo ritmo e pelos temas da verdadeira música brasileira”. Também na linguagem do teatro de bonecos, o espetáculo infantil *Piccolo Show*, com texto de Ayres Leite, direção da radialista e atriz Cláutenes Andrade e músicas de vários autores, mesmo criticado por conta de suas apresentações no Teatro Marcos – após passar por clubes, colégios e residências –, fez sucesso em Fortaleza, na sede do Clube Náutico Atlético Cearense. Por conta disto, no *Diário de Pernambuco* (31 de dezembro de 1970, p. 6.), Adeth Leite lembrou a máxima de que “santo da terra não faz milagre”:

Piccolo Show



Durante noventa minutos, os sócios mirins do Náutico deliciaram-se com as peripécias de vários e famosos personagens de Walt Disney, tais como Mickey Mouse, Pato Donald, Zé Carioca, Gato de Botas, Pinóquio, Lobo Mau, Tia Onça, Dr. Bode, Branca de Neve e os Sete Anões e Chapéuzinho (sic) Vermelho. Dançando, as figuras, num total de 18 bonecos, realizaram um aplaudido espetáculo, dentro do lema: “Brincamos, aprendemos e ajudamos”.

Como um teatro em fase de conclusão, o Nosso Teatro, a sonhada casa de espetáculos do Teatro de Amadores de Pernambuco foi inaugurada em 23 de maio de 1971. Neste mesmo ano, o Clube de Teatro Infantil produziu três novas peças que serviram para a formação teatral de inúmeras crianças que visitavam o Teatro do Parque, quartel general da equipe liderada por Otto Prado, Alna Prado e Leandro Filho. Foram dois novos textos escritos por Otto Prado, *Alice no País das Maravilhas* (com direção dele, tendo os atores Alna Prado, Roberto Ramos, Eliezer Ataíde, Ilza Cavalcanti, Rejane Siqueira,



Augusto César, Albenis Amaral, Tácito Borralho, Eraldo Ramos, Eleonora Prado, Rogéria Feitosa, Maria Emília e Isabel – as duas últimas sem registro do sobrenome) e *Os Três Palhacinhos*; além de *O Ratinho Preguiçoso*, de Leandro Filho (neste último, sob direção de Otto Prado, atuaram Gracita Cavendish, Ozita Araújo, Eliezer Ataíde e Agenor Coutinho). Em setembro daquele ano, a montagem de *Os Três Palhacinhos* marcou a estreia de Alna Prado como diretora de um espetáculo do conjunto, no qual, até então, ela somente atuava ou assumia a direção de arte. Foi sua única experiência nesta função na equipe. No elenco, além da própria, também responsável pelos figurinos, maquiagem, cenário e sonORIZAÇÕES, estavam Albenis Amaral, Tácito Borralho, Ivo José e as meninas Rogéria Feitosa e Eleonora Prado.

Com a pouca movimentação cênica no Recife, Adeth Leite, que mantinha a coluna *Teatro, Quase Sempre no Diario de Pernambuco*, reclamou bastante da situação. Sem assunto sobre questões cênicas locais, ele, em variados artigos, tratava de produções teatrais de outros estados, como Rio de Janeiro e Paraná; do estrangeiro, de prêmios literários, filmes, shows musicais, balés, crises econômicas e políticas, da Censura, de

cheias no Recife, como as duas acontecidas em 1970; e até de “encontro de brotos” em clubes sociais e casamentos. Neste período, o Teatro de Santa Isabel estava, mais uma vez, fechado para breve reforma. No recém lançado Nossa Teatro, paralelo à temporada da peça adulta do Teatro de Amadores de Pernambuco, *O Caso dos 10 Negrinhos*, de Agatha Christie, dirigida por Valdemar de Oliveira (um grande sucesso do ano), o artista Ricardo Bandeira reviveu Chaplin no espetáculo de teatro infantil *Carlitos no Circo*, aos domingos, às 10h30. No mesmo período, na cidade de Garanhuns, foi fundado o Grupo Aprendizagem, sob direção de Dom Geraldo Wanderley, com sede no Centro Cultural de Garanhuns e lançamento da comédia infantil *O Côrvo e a Raposa*, de Coêlho Neto. No Recife, com a temporada teatral em baixa,

O Ratinho Preguiçoso



quem fazia sucesso era o Circo Nazionale d'Itália, com vesperais e matinais superlotadas pelo público mirim. Adeth Leite pontuou no *Diário de Pernambuco* (18 de dezembro de 1971, p. 8.):

Um fato que tem chamado a atenção de quantos têm comparecido ao Circo Orlando Orfei é o fato de não haver durante o espetáculo nenhum momento em que a platéia se sinta encabulada com ditos pornográficos [ou] com gestos comprometedores (aliás muito familiares em certas funções circenses que por aqui têm sido exibidas). O espetáculo é limpo, humorado e seus números apresentados são bem interpretados, quer pelos seus atores, quer ser pelo seu amestramento de seus animais.

Para o teatro, de fato, o período não era nada favorável. Adeth Leite analisou a situação numa outra edição do *Diário de Pernambuco* (17 de dezembro de 1971, p. 8.):

Parece que no Recife a tendência é acabar com o movimento teatral. Duas excelentes casas de espetáculos sumiram do roteiro artístico da cidade: o "Teatro de Arena", e em seguida, o "Teatro Popular do Nordeste", o que é mais singular. [...] A queda brusca das citadas casas de espetáculos não tem outra causa senão a falta de apoio dos governos estadual e municipal e, principalmente, a ausência do público [...]. Por outro lado, o "Barracão do Barreto Júnior", Teatro Marrocos, ao que tudo indica também vai desaparecer da vida da cidade. Por aniquilamento total, talvez, da parte do seu proprietário, o ator-empresário Barreto Júnior, que não soube ou não quis selecionar entre avalanche

de arrendatários que ali aportaram sem qualquer gôsto artístico, visando apenas a agradar a certa camada do público e cedendo a todas as concessões. O resultado é que o "Teatro Marrocos" está de "fogo morto há quatorze longos meses e não há notícia positiva de sua restauração, tudo indicando que vai ter o mesmo destino dos outros Teatros citados no inicio desta nota. O quarto trimestre artístico do Recife foi de uma nulidade a toda prova, ressaltando apenas uma única e honrosa exceção: a montagem do elenco do Teatro de Amadores de Pernambuco, com o texto de Agatha Christie "O caso dos dez negrinhos".

Se no Recife a situação dos palcos não era nada boa, a cidade de Caruaru chamou a atenção da mídia com a realização, de 15 a 22 de janeiro de 1972, do I Festival Nacional de Teatro Amador de Caruaru, liderado pelo diretor e dramaturgo Vital Santos, do Grupo de Cultura Teatral, à frente deste evento que ocupou o então inacabado Teatro João Lyra Filho. O patrocínio era da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal. Participaram grupos locais como o Teatro de Amadores de Caruaru e o Teatro da Universidade do Agreste; além de montagens do Recife, Natal, João Pessoa, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Antonina (Paraná) e Goiânia, mas nenhuma peça para criança foi integrada à grade.

Na capital pernambucana, ainda no início de 1972, o produtor Otto Prado anunciou nova montagem do Clube de Teatro Infantil, *O Macaco Bom de Bola*, com direção dele e texto de Leandro Filho (outra versão da obra foi realizada em 1978, desta vez dirigida pelo próprio autor). A estreia se deu no dia 26 de fevereiro de 1972, às

16h30, cumprindo temporada aos sábados, no Teatro do Parque. "O texto é digestivo, humorado e movimentado e seguindo tanto quanto possível a linha de teatro educativo", escreveu Adeth Leite no *Diário de Pernambuco* (25 de janeiro de 1972, p. 8.). No elenco, Renato Lins, Maria Emília, Inalda Silvestre, Gracita Cavendish, Augusto César, Everardo Sena (também responsável pela música) e Helena Rego. Os figurinos e maquiagens foram concebidos por Alna Prado, com cenário dela em parceria com Otto Prado, Jair Miranda e Antônio José, o Zézinho.

Filhos da atriz e figurinista Diva Pacheco, Robinho e Paschoal Pacheco, de oito e seis anos respectivamente, ao assistirem um agonizante circo mambembe na Vila de Fazenda Nova em 1972, segundo o *Suplemento Infantil do Diário de Pernambuco* (8 de dezembro de 1972, p. 5.), montaram um circo próprio dentro das muralhas da Nova Jerusalém, o maior teatro ao ar livre do mundo. "[...] passaram pomada na cara, botaram crianças no poleiro e no pica-deiro, fizeram suas mambembadas", registrou a publicação. Assim nasceu *O Circo da Raposa Malhada*. Já o ator e diretor Lúcio Lombardi, em entrevista a esta pesquisa (16 de junho de 2013), complementou:

A ideia pegou quando Diva Pacheco integrou o elenco de um circo de roda mambembe [sem lona], muito pobre, que chegou a Fazenda Nova e o produtor Plínio Pacheco, seu marido e pai dos meninos, resolveu lançar definitivamente um circo próprio, em caráter profissional.

Foi desta forma que *O Circo da Raposa Malhada* contou com a participação de



O Circo da Raposa Malhada

diversos artistas circenses convidados e amigos atores da Nova Jerusalém – Robinho e Paschoal participando nos entreatos. A presença de professores e estudantes dos níveis primário e médio era constante nos espetáculos, com ingressos sempre a preços populares. No 1º ato do espetáculo, de variedades, participavam palhaços (os atores João Ferreira e Evandro Campelo assumiram tais papéis), acrobatas, "come-fogo", trapezistas e outras figuras populares. Em seguida, era encenada a peça *Lampião no Inferno ou A Vitória do Padre Cícero Sobre os Poderes de Satanás*, de autoria de Jairo Lima, que buscou inspiração na literatura de cordel nordestina e foi escrita especialmente para esta programação.

Ainda segundo Lúcio Lombardi, que dirigia o espetáculo, foram várias apresentações d'*O Circo da Raposa Malhada* dentro das muralhas da Nova Jerusalém, "algumas inclusive em itinerância pelas cidades de Vitória de Santo Antão, Gravatá, Bezerros, Caruaru, Garanhuns, Arcoverde e Recife, nos finais de semana". Uma segunda peça

foi programada, *Cancão de Fogo*, do mesmo Jairo Lima e inédita até então, mas ainda durante os ensaios o circo foi suspenso pelo produtor Plínio Pacheco. Lombardi acha que por falta de apoio financeiro, já que todos recebiam profissionalmente; os custos eram altos e os valores dos ingressos, a preços bem populares, não cobriam as enormes despesas.

Em dezembro de 1972, alunos de escolas particulares e cursos de dança apresentaram-se no Nossa Teatro. Os estudantes de *ballet* do Instituto Maria Santíssima e do Clube Náutico Capi-Baribe, sob a direção de Monica Japissassú, por exemplo, representaram *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, e *O Gato de Botas*, de Charles Perrault; enquanto que no Teatro do Parque, em caráter profissional, o Clube de Teatro Infantil apresentava, aos domingos, às 16h30, *O Reizinho Boko Moko*, sua segunda produção do ano e 12ª montagem do grupo (o texto voltou ao cartaz em 1976). Com texto, iluminação e direção de Leandro Filho, pela primeira vez na função de diretor no Clube de Teatro Infantil; figurinos e maquiagem de Alna Prado; sonoplastia de Otto Prado; e cenário do próprio grupo, a peça tinha no elenco os atores Ilza Cavalcanti, Juraci Moraes, J. Lago, Maria Emilia, Cláudio Luiz e o garoto Eronildo Gomes.

O Teatro da Universidade Católica de Pernambuco (Tucap) fez as apresentações de estreia de *A Revolta dos Brinquedos*, texto de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, com direção de José Francisco Filho, no Nossa Teatro, mesmo palco que recebeu, pouco de-



TEATROS MUNICIPAIS
PROGRAMAÇÃO

TEATRO SANTA ISABEL Fone: 241020	TEATRO DO PARQUE Fone: 225253
Nesta SEGUNDA-FEIRA às 21 HORAS :	
De 12 a 16 do corrente: às 21 hs. A volta do consagrado e famoso "SHOWMAN" brasileiro :	
X CONCERTO DA ORQUESTRA SINFÔNICA DO RECIFE	
"PASSE UMA NOITE COM CHICO ANISIO"	
— XXX —	
Domingo às 16,30 horas : TEATRO INFANTIL	
— AGUARDEM ! —	
GRANDES ATRAÇÕES . . .	
"O REIZINHO BOKO-MOKO"	

pois, temporada do grupo Teatro de Artes, com a peça infantil de Jackson Costa, *O Pintor de Borboletas*, dirigida pelo próprio autor. A montagem do Tucap, inclusive, foi muito bem recebida no I Festival Nacional de Teatro Amador de Goiânia (GO). No elenco, José Francisco Filho, Aninha Farache, Celso Muniz, Carlos Varella, Antônio Aguiar (Tonico Aguiar), Lígia Sodré e Conceição Acioeli. Ainda na técnica, os assistentes de direção Toinho dos Santos, Carlos Murta, Everaldo Gaspar e Fausto Eduardo; maquiagem de Daniel Maia; figurino de Paulo Roberto Cunha Barreto; e luz de Eurico Bitu. Em artigo no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 80.), o encenador José Francisco Filho revelou uma curiosidade:

Os grupos que hoje encenam "A revolta.", talvez não saibam da exis-

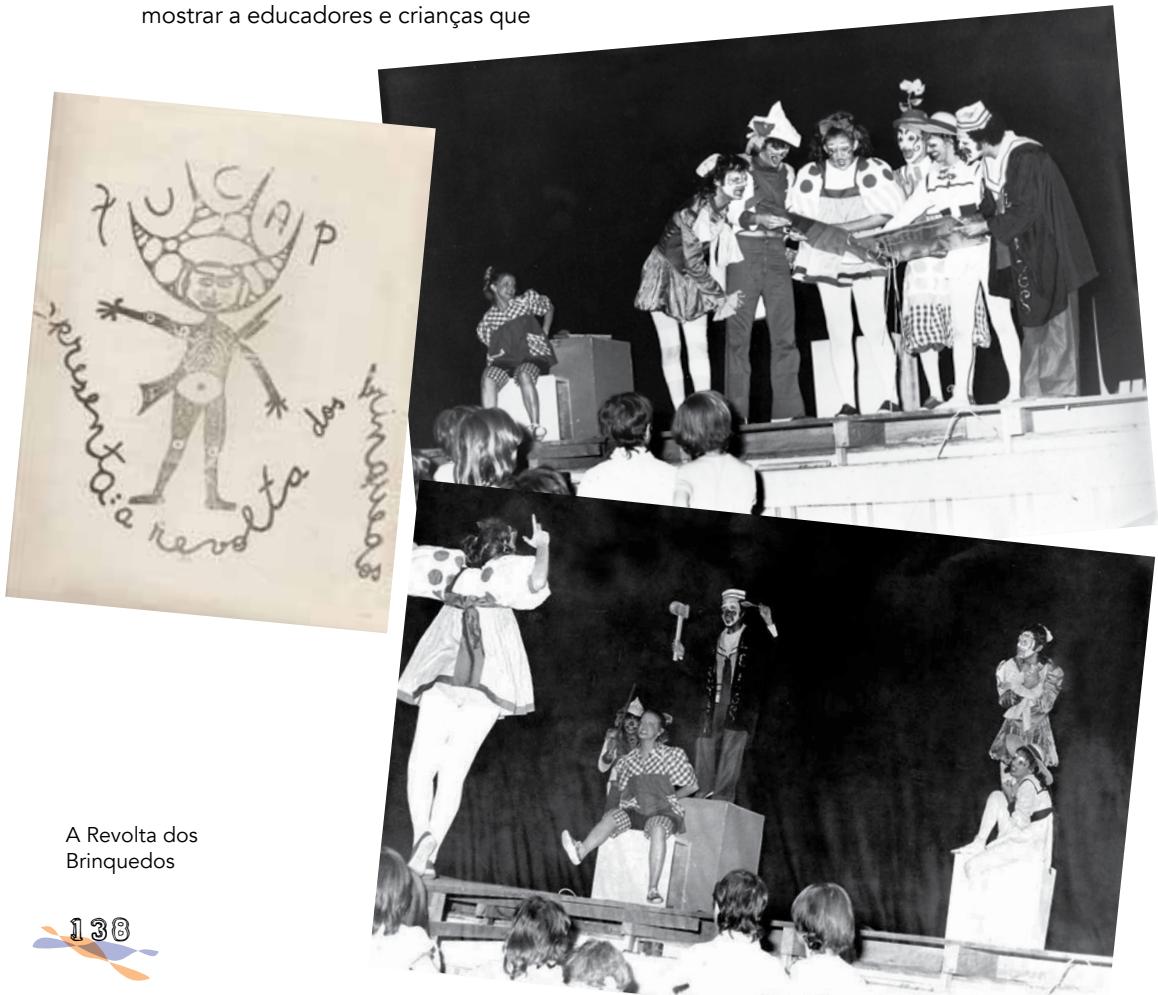
tência de uma Fada ridícula que transformava a Menina Má em Menina Boa, fazendo a garota prometer que jamais maltrataria novamente os brinquedos. Em minha montagem, sugeri que a personagem Fada fosse suprimida. Atitude que não foi um mero capricho da direção e sim uma tomada de posição consciente no desenvolvimento da história. Quando um dos autores do texto, Pernambuco de Oliveira, assistiu ao espetáculo em Goiânia [...] decidiu assumir o corte como permanente.

Posteriormente, *A Revolta dos Brinquedos* cumpriu uma série de apresentações esporádicas por comunidades e escolas, tornando-se um grande sucesso na carreira de José Francisco Filho, com encenação sempre recorrente do mesmo texto. Tanto que ele complementou naquele mesmo artigo:

Com esse espetáculo, conseguimos mostrar a educadores e crianças que

o mais importante numa montagem são os atores e o que dizem os personagens. Cenários, iluminação e figurinos grandiosos nada representam diante de textos medíocres, que quase sempre estimulam os preconceitos e a "competição". Ensinamos também àquelas crianças, e, muitas vezes a seus pais e professores, a grande diferença entre ator e personagem, fazendo com que os intérpretes se caracterizassem às vistas do público.

estreando no sábado 16 de dezembro de 1972, mas cumprindo temporada aos domingos, às 17 horas, no Teatro do Parque, o Clube de Teatro Infantil lançou sua terceira produção naquele ano, *O Coelhinho Falador*, texto de Leandro Filho (1º ato) e Otto Prado (2º ato), sob direção e sonoplastia deste último, anunciada no *Diário de Pernambuco* (30 de dezembro de 1972, p. 14.) como "a primeira peça em que os espectadores



A Revolta dos
Brinquedos



O Coelhinho Falador

mirins participam como atores". Já segundo o *Jornal do Commercio* (18 de março de 1973, p. 8.), a excelente temporada do espetáculo comemorava cinco anos de existência do Clube de Teatro Infantil (sendo seis na verdade). A publicação pontuou:

O acontecimento é inédito no Recife pois geralmente os grupos se formam; apresentam uma ou duas temporadas, e vendo as dificuldades existentes – inclusive a ausência de qualquer ajuda oficial – desistem, talvez até ajuizadamente. Mas o CTI fundado em janeiro de 1968 [o ano correto é 1967] por Leandro Filho e Otto Prado vem resistindo milagrosamente e segundo dizem seus diretores/fundadores "resistirá, pois temos sempre o interesse da renovação tanto no elenco como na forma de apresentações, tudo visando um objetivo: ir de encontro ao gosto das crianças, procurando no entanto discipliná-las no verdadeiro caminho artístico, em hipótese alguma lhes dando uma baderna colorida rotulada de "teatro infantil", recheada de iê-iês inexpresivos e "outras cositas mas" altamente perigosas para a formação infantil. E o resultado dessa orientação, dessa procura em acertar; já se faz sentir: contamos com uma platéia certa comparecendo regularmente todos os domingos ao Teatro do Parque.

TEATROS E CINEMA MUNICIPAIS
PROGRAMAÇÃO
TEATRO DO PARQUE
DIA 29 — SEGUNDA-FEIRA — 20 HORAS:
Cinema Revisão
"PAIXONITE AGUDA"
COMÉDIA CLÁSSICA COM
O GORDO E MAGRO
— ENTRADA FRANCA —
DOMINGO — 15:30
"O Coelhinho Falador"
Direção: LEANDRO FILHO

O mesmo jornal destacou um detalhe curioso sobre a montagem atual:

"O coelhinho falador" mostra uma novidade: não tem fim, isto é; os autores não puseram um término à peça deixando isso a critério da petizada assistente que, subindo ao palco passa a fazer parte do elenco e, mediante opiniões diz como a peça deve ser concluída.

No elenco, Alna Prado (Coelhinho), Evaraldo Sena (Lobo), Isa Fernandes (Passarinho, em sua estreia no grupo, no qual vai lançar-se também como dramaturga e diretora), Rogéria Feitosa (Maria Chiquinha), Rejane Santos, Inalda Silvestre, Isabel, Ada (Flores, com as duas últimas sem registro do sobrenome) e "as crianças da platéia como os índios julgadores". Os figurinos e maquiagem foram concebidos por Alna Prado, com cenário dela e de Otto Prado, e iluminação de Leandro Filho. Para o público, havia



Perdidos no Espaço

distribuição do refrigerante “Caçula da Antártica”. *O Coelhinho Falador* ganhou novas versões em 1975 e 1982.

Ainda em 1972, o Clube de Teatro Infantil lançou a peça *Perdidos no Espaço*, um tema recorrente na sua história, com texto e direção de Otto Prado, tendo no elenco Alna Prado, Eleonora Prado, André Andrade e Augusto César. Agradecendo o apoio que recebia de toda a imprensa, o diretor lembrou em depoimento ao livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 117.): “[...] em 1972, quando montamos *Perdidos no espaço*, a TV Rádio Clube nos cedeu o seu fabuloso robô

metálico para toda a temporada – algo que não se esquece”. Em 1973, foi a vez de surgir um dos maiores sucessos do Clube de Teatro Infantil, *Uma História Para o Conde Gato*, que ganhou bom espaço na mídia por trazer uma característica especial. Destacou a matéria do *Jornal de Commercio* (18 de março de 1973, p. 8.):

Neste seu sexto ano de atividade o Clube [...] introduz mais uma inovação, [...] partindo de uma idéia do Leandro Filho. É que, animados pelo sucesso da participação direta das crianças no “Coelhinho falador”, Leandro e Otto vão apresentar dentro de mais alguns dias um novo espetáculo onde não haverá peça escrita! Isso mesmo, nenhum “script” norteará a ação ficando isso a critério de qualquer criança da platéia. [...] Leandro e Otto, confiantes na capacidade e alto senso interpretativo do elenco que dirigem – Alna Prado, Albenis Amaral, Inalda Silvestre, Juracy Moraes, Isa Fernandes, André Andrade, Rogéria Feitosa, Ilza Cavalcanti, José Soares, Flávio Costa, Renato Lins, Everardo Sena, Eleonora Prado, Isabel, Ada, Rejane, Maurício Valença, Helena Rego – vão se atrever a colocar o elenco em cena e este, após ouvir uma estória contada por uma criança da platéia, transformará a estorinha numa peça na mesma hora.



Uma História Para o Conde Gato



Uma História Para o Conde Gato

Para isto, contarão com uma variedade enorme de roupas, cenários e objetos cênicos, tudo anteriormente colocado no palco. O Clube terá que dispor de condições imediatas para apresentar um espetáculo sobre qualquer gênero que a criança imaginar: bichinhos, reinados, fábulas etc. Tudo que couber na mentalidade infantil, o Clube terá obrigação de transformar em peça. E garante que o fará. De elemento fixo haverá apenas o Conde Gato, que orientará a ação servindo de ligação entre o elenco e a platéia.

Integrante do elenco, a atriz Inalda Silvestre lembrou deste trabalho no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 121.):

"Uma história para o Conde Gato" foi uma experiência de técnica realmente, porque ficamos fazendo improvisação durante meses. Para nós atores, foi uma escola maravilhosa. O espetáculo dava livros para a criança que contasse a melhor história. Em alguns momentos, as próprias crianças escolhiam quem ia fazer as personagens.

A atriz Isa Fernandes também tratou mais da peça no mesmo livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 120.):

Leandro teve a idéia de montar. A peça era o seguinte: o Conde Gato namorava uma gatinha chamada Lili, que gostava de ouvir histórias. Ele não tinha nada de novo para contar, só aqueles contos de fadas tradicionais, mas precisava de uma novidade, porque senão ela ia acabar o namoro. Fazia-se um sorteio na platéia, três crianças eram escolhidas para subir ao palco e contar uma história. O público, juntamente com os atores, escolhia a melhor. Fechava-se a cortina, Otto dividia as personagens, dava as coordenadas e soltava a gente em cena. [...] uma trupe muito unida, coesa e trabalhada, porque antes de irmos para o palco, passamos seis meses exercitando improvisação. Registrávamos as histórias de parentes, sobrinhos e vizinhos, só de gente pequena, num gravador. Depois, ouvíamos tudo e treinávamos o improviso. A gente já se conhecia muito, a ponto de um já saber aonde o outro queria chegar em cena. Conduzia-se a história de uma maneira tal, que resultava em espetáculos maravilhosos. [...] Essa foi uma experiência que nos ensinou muito. [...] A gente propôs e firmou convênio com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco. Lembro que Marieta Borges era a secretária de educação [...] Graças a esse convênio, apresentávamos os espetáculos nas escolas. As professoras faziam a seleção das histórias e mandavam cinco delas para escolhermos a melhor, a mais teatral. Não podia ser uma trama já conhecida, tinha que ser imaginada pela criança. Ensaíávamos à noite

no Teatro do Parque e no outro dia colocávamos tudo em uma Kombi, cenário, figurino e elenco, para irmos às escolas. Às vezes, saímos de uma escola para a outra com três espetáculos diferentes. Um trabalho que incentivava o aluno a escrever e o despertava para o teatro.

Em Olinda, no sábado 14 de julho de 1973, um novo grupo foi lançado, o Teatro Ambiente do MAC, ligado ao Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco e estreando exatamente com uma peça para crianças, *A Sopa de Flores* (a única de todo o seu repertório), com texto e direção de Fred Francisci. No elenco, além do próprio diretor, estavam Lígia Sodré e Alex Gomes. Os figurinos e objetos foram criações da artista plástica Diva Glória; com maquiagem de Daniel Maia e concepção de trilha sonora de Pedrinho Marconi. Era uma equipe de vanguarda, com ideias avançadas para o teatro infantil da época. O saudoso ator Sérgio Sardou – que trabalhou em outras produções da equipe – deu um depoimento ao livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 150-151.):

[O grupo] Surgiu dirigido por Fred Francisci, que na época já fazia produções infantis independentes no Recife. [...] Desde o começo, assumiu uma característica interessante, não sei se por influência do local onde estava, um museu de arte contemporânea, ou se pelo momento daquela época do teatro pernambucano, em que as vanguardas estavam todas dispersas. [...] Começamos com a peça “A sopa de flores”, infantil que reunia Lígia Sodré, uma atriz de ideologia de vanguarda, com idéias bem interessantes sobre o teatro infantil; Diva Glória, que além de pintora era uma figura fantástica,



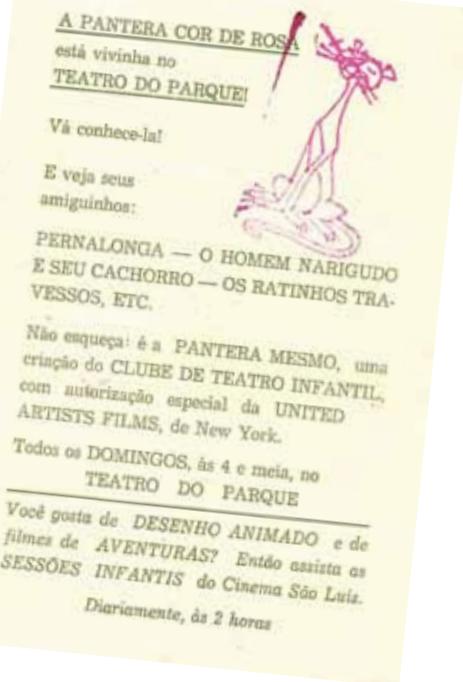
totalmente “de outro mundo”; Fred Francisci, um dos produtores mais loucos e ousados que conheci em Pernambuco; e Alex Gomes, que estava iniciando sua carreira, mas já era bastante ligado nos movimentos de vanguarda que surgiam. Nasceu daí a idéia de se fazer um teatro numa sala de prisão, porque o Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco tinha sido uma prisão eclesiástica, creio que da Inquisição, e o local disponível que se tinha para encenar as peças era uma sala de cadeia com enormes grades de ferro. Como em teatro de arena, foram improvisadas umas arquibancadas. Foi um grande sucesso. No começo, as pessoas achavam muito estranho, porque era diferente para crianças. Até então, eram montadas aquelas peças infantis com bichinhos, uma coisa muito certinha. Nossa teatro tinha uma proposta completamente nova, de pessoas que eram fadas humanas, bruxos humanos, com a criança do dia-a-dia, a mãe que dava cascudo, botava de castigo, personagens mais reais para a meninada.

Petrúcio Nazareno, que dirigiu a equipe em montagens adultas, complementou ainda no mesmo livro *Memó-*

rias da Cena Pernambucana – 01 (op. cit., p. 151.):

Havia uma grande dificuldade de espaço para teatro. Mary Gondim era uma pessoa de uma cabeça aberta para mil coisas. Muito criticada na época, era até chamada de louca. Ela era diretora do museu, um órgão ligado ao Governo do Estado, e conseguiu realizar esse sonho: existir em Pernambuco o único museu no Brasil que tinha um grupo de teatro. Mesmo por cima de todos os preconceitos que havia na época. De fato, existiam as pinturas, as obras de arte nas paredes, mas ela mandava retirar tudo para acontecer o espetáculo. Isso foi importante. A Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco destinava uma pequena verba para os espetáculos, só dava para fazer os figurinos e os cenários. Mary também dava uma ajuda.

O Teatro Ambiente do MAC manteve-se em atividade até 1981, mas *A Sopa de Flores* foi a única experiência no mundo da criança. O grupo encerrou sua trajetória com a montagem adulta *Ritual – Rito Atual*, texto de Fernando Limoeiro, dirigido por Nazareno Petrúcio (assinando assim na época). Ainda em 1973, o diretor Otto Prado conquistou mais um sucesso para o Clube de Teatro Infantil, *A Pantera Cor de Rosa*. Segundo o *Diario de Pernambuco* (21 de julho de 1973, p. 4.), para encenar o espetáculo, o grupo “pediu autorização à United Artists de Nova Iorque para utilizar o nome e o personagem famoso que é a Pantera Cor de Rosa”. A montagem era dividida em seis episódios: *A Pantera e o Menino Chato*; *A Pantera e os Ratinhos Travessos*; *A Pantera no Zoológico*; *Pantera, Homem & Cachorro*; *O Grande Mágico e A Pantera e o Ladrão*. “[...] um trabalho de risco, todo



em pantomima. Mas a meninada compreendeu a mensagem e correspondeu de imediato. Sucesso absoluto, resultado ótimo. Até comprei um Fusca”, revelou o diretor no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 116.). Os figurinos e máscaras eram de Alna Prado, com cenários dela e de Otto Prado, responsável ainda pelo roteiro e sonoplastia da peça, e iluminação de Leandro Filho. A montagem tinha como intérpretes Flávio Costa, Alna Prado, Isa Fernandes, Sérgio Maciel, Roberto Lima, Paulo Bispo, Inalda Silvestre, Eleonora Prado e José Sales.

Uma curiosidade sobre a imprensa daquele momento: se somente em 1972 o *Diário de Pernambuco* passou a publicar jornais às segundas-feiras, foi a partir de 1973 que as peças começaram a ser citadas em roteiro específico de teatro, elemento bem importante para a divulgação das produções em cartaz. Uma das montagens em destaque foi lembrada pelo próprio *Diário de Pernambuco* (1 de dezembro de 1973, p. 5.), quando o Teatroneco, do Centro Educativo de Comunicação Social do Nordeste (Cecosne), apresentou, às 17 horas, “para gente de todas as idades”,

no Colégio São José, na avenida Conde da Boa Vista, a peça de mamulengo *Touradas em Madrid*, de Marco Camarotti, sob direção de Fernando Augusto, em cartaz sempre aos sábados. No elenco, Fernando Augusto, Pedrinho Marconi, Raquel Carnib, Lucinha Hannie Baby, Nilson Moura e Vania Bittencourt. Enquanto isso, o Nossa Teatro anunciaava ainda pelo *Diário de Pernambuco* (3 de dezembro de 1973, p. 2.) que "por motivos supervenientes" foi adiada a estreia da peça infantil de Maria Mattoso, *Revolução no Reino Mágico*, pelo elenco jovem do Interact, do Rotary Club de Casa Amarela.

Em depoimento a esta pesquisa (3 de novembro de 2013), a autora Maria Mattoso confessou que o seu texto foi vetado pela Censura Federal, "por conta da palavra Revolução do título". Segundo ela, no enredo, uma garota vai conhecer o Reino Mágico e se depara com tudo mudado em relação às personagens dos contos clássicos, como por exemplo, o Gênio da Lâmpada de Aladim, que reclama 13º salário; a Bruxa da Branca de Neve que fez plástica e está com nariz novo; ou ainda a Cinderela que se revolta com sua Madrasta. "A peça tinha um perfil humorístico, mas claro que fazia críticas àquele momento. Eu tinha as minhas intenções...". Ela lembrou ainda que, em determinado trecho, as personagens gritavam: "Abaixo a Ditadura de Dona Carochinha!". Proibido, o texto nunca chegou à cena, nem mesmo quando, algum tempo depois, Maria Mattoso e Diná de Oliveira escreveram músicas para a obra, transformando-a em um musical infantil. E até hoje ela continua inédita nos palcos.

Com poucas opções de diversões para as crianças no Recife, o Parque da Fecin



Teatroneco

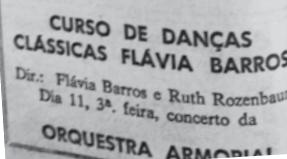


Por motivos supervenientes, ficaram adiados para dias que novamente serão anunciados, os espetáculos da peça infantil de MARIA MATOSO:

"REVOLUÇÃO NO REINO MÁGICO"

que seria encenada na 5ª. feira (21 hs) e no domingo, 2, em matinal (10 horas), pelo elenco jovem do INTERACT DO ROTARY CLUB DE CASA AMARELA.

Dia 8, sábado, às 21 horas, espetáculo de encerramento do ano letivo de 1973 do



chamou a atenção da família pernambucana promovendo *Um Grande Natal* na programação especial divulgada pelo *Diário de Pernambuco* (16 de dezembro de 1973, p. 20.), com matinê infantil a partir das 15h30 e presença do Papai Noel conversando com todas as crianças, além do Teatro Infantil em sessões contínuas, apresentando Tio Patinhas, Pato Donald, Pateta, Mickey Mouse, Zé Carioca e outras réplicas das famosas figuras de Walt Disney. No local funcionava ainda grande parque de diversões e, a partir das 20 horas, apresentações de atrações folclóricas como Fandango, Reisado Imperial, Bumba Meu Boi Mistérioso, Pastoril do Velho Barroso, Marujada Santa Cruz (a Chegança), Ciranda Imperial e Cavalo Marinho de Olinda. Para a juventude e os namorados, a farra acontecia no ruidoso baile Kurtição.

Enquanto isso, o Teatro de Santa Isabel tinha como uma de suas atrações,

aos domingos, às 16 horas, o Teatro Infantil do Brasil, com Geraldo Lemos e Dempsey Ayres apresentando *Fantasia*, espetáculo com vinte e três réplicas das figuras de Walt Disney, entre outras atrações. Paralelamente, no Teatro do Parque foi inaugurado o primeiro cinema educativo permanente do país, exatamente quando o Monumental Circo Charles Barry, armado no Cais do Apolo, atraía a atenção do público recifense. Ainda no final daquele ano, no mesmo Teatro do Parque, aos domingos, às 15h30, o Clube de Teatro Infantil apresentava *O Fantasma Azul*, texto da dupla Isa Fernandes e Leandro Filho, outro de seus sucessos. A direção era deste último. No elenco, Rejane Santos, Leonardo Camillo, Isa Fernandes, Inalda Silvestre, Carlos Alberto e José Soares.

Como parêntesis sobre o ano de 1973, vale registrar trecho de artigo de Hum-

berto Braga sobre o teatro de bonecos daquele período (disponível em: <http://aptbon.tripod.com/umpoucodehistoria.htm>. Acesso em: 15 de março de 2009.):

Em 1973, é criada a Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, a ABTB, por Clorys Daly com a colaboração efetiva de Cláudio Ferreira, Virginia Valli, Daisy Schnabl, Carmosina Araújo e Elsa Milward Dantas. É através dessa Associação que nasce a primeira e única revista especializada no assunto, a MAMULENGO que alcança quatorze números; É também através da ABTB que ocorre (sic) regularmente os festivais nacionais. O Centro UNIMA-Brasil é criado, em 1976, dentro da estrutura da própria ABTB como ocorre em todos os países e por orientação da própria União Internacional de Marionetistas – a UNIMA, entidade das mais antigas do mundo, criada em 1929 e vinculada à UNESCO, a qual a ABTB representa, no Brasil.



TEATROS MUNICIPAIS	
PROGRAMAÇÃO	
TEATRO SANTA ISABEL Fone: 241020	TEATRO DO PARQUE Fone: 225252
De 21 a 25 do corrente às 21 horas: VINICIUS — CLARA NUNES TOQUINHO Apresentam "POETA, MOÇA E VIOLÃO" Promoção de Benil Santos e Pedro de Souza. Este espetáculo viaja pelo Cruzeiro (O)	
HOJE às 16:30 Horas O GRUPO TEATRO INFANTIL apresenta O COELHINHO FALADOR De Otto Prado e Leandro Filho	
Dia 26 às 21 horas Abertura da Turnê Oficial 73 da ORQUESTRA SINFÔNICA DO RECIFE. Direção de Mário Câncio Solista: Joel Rosen (Pianista Americano)	
(O) — Todos os Sábados: PORQUE HOJE È SÁBADO Grandes atrações	
Atenção Finalmente! Dias 24 e 25 (Sábado e Domingo) às 16:30 horas no Teatro Santa Isabel “O MUNDO ENCANTADO DO PICCOLO SHOW” Pato Donald, João Patinho, Zé Caricosa, Os Aristóteles e outras réplicas do famoso WALT DISNEY num espetáculo maravilhoso, educativo e cheio de surpresas. Produção Geraldo Lemos, Direção de Dempsey Ayres.	

O Fantasma Azul



Branca de Neve e os Sete Anões

Como decorrência do trabalho desenvolvido pela ABTB, uma grande mobilização dos grupos de teatro de bonecos existentes, no país, possibilita efetivamente a transformação da realidade do teatro de bonecos brasileiro. Na verdade, desde a década de setenta que estoura como uma espécie de época de ouro (ou abre as comportas de uma produção grande reprimida e desconhecida nacionalmente) pela quantidade de espetáculos, de eventos, de novos grupos e de intensa reflexão deste fazer artístico. Nesse contexto, observa-se intenso questionamento coletivo dos artistas sobre o por que da identificação do boneco com a criança e sobre a necessidade de uma maior preocupação com o tratamento dado a essas platéias infantis. Nessa época também estão presentes experiências de temas como teatro de bonecos na educação, teatro de bonecos na terapia, o teatro de bonecos na televisão, entre outros.

Com a chegada de 1974, o Clube de Teatro Infantil programou novas peças para cumprir temporada no Teatro do Parque. Inicialmente, *Branca de Neve e os Sete Anões*, com adaptação e direção de Otto Prado, segundo o Jornal do Commercio (9 de março de 1974, p. 8.), versão anunciada como "uma



quase super/produção", "numa roupa-gem moderna", "colocando o clássico infantil neste país tropical". Um dos destaques era a criação do Catimbó, segundo o diretor, "personagem livre que imaginei, um ajudante da Rainha/ Bruxa que entra batucando, gingando como um participante de Gigantes do Samba [escola de samba recifense]", figura que chegou a ser censurada, conforme Otto Prado. **No elenco, Alna Prado, Ilza Cavalcanti, José Soares, Edson Almeida, Isa Fernandes, Eleonora Prado, Ozita Araújo, Ada (sem registro do sobrenome), Rejane Santos, Jonira Máximo e Inalda Silvestre.** Esta última deu um depoimento engraçado no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 121.):

Foi no Clube de Teatro Infantil que recebi a maior vaia da minha vida, na montagem de "Branca de Neve e os sete anões", na qual fiz a Rainha Má. Na estréia da peça, a transformação da Rainha em Bruxa aconteceu nos bastidores. Quando apareci, a criança, vendo aquela mulher horrorosa, começou a chorar de medo. No dia seguinte, Otto perguntou: "Inalda, você pode trocar a roupa em cena?". "Posso", respondi. Ele pôs uma música e fiz uma espécie de "strip-tease" no palco pra me vestir de Bruxa, com a meninada acom-

panhando a transformação. Quando Branca de Neve apareceu e me aproximei dela, a turma gritou: "Ela é a Bruxa, não queira essa maçã, ela está mentindo". Foi uma vaia de cinco minutos. Fiz de tudo, mas não houve jeito. Para continuar, foi preciso Otto, o diretor, interceder.

Em seguida, o Clube de Teatro Infantil produziu *Asteróide 007*, cuja estreia aconteceu no dia 14 de julho de 1974, com texto e direção de Leandro Filho, mais uma vitória da equipe formada pelos atores Ilza Cavalcanti, Isa Fernandes, Paulo Bispo, Roberto Lima e Tárcio Farias; e duas outras produções, *O Fantasma Azul*, texto de Isa Fernandes e Leandro Filho, com direção deste último, contando com os atores Rejane Santos, Leonardo Camillo, Inalda Silvestre, Carlos Alberto, José Soares e Isa Fernandes; e *Mickey e a Pantera Cor de Rosa*, adaptação e direção de Otto Prado, com os intérpretes José Soares, Alna Prado, Isa Fernandes, Augusto César e Cláudio Ribeiro. A temporada desta última peça, aos domingos, às 15h30, no Teatro do Parque, aconteceu paralelamente à exibição do filme *A Pantera Côr de Rosa*, comédia policial



em cartaz no Cine Astor, com censura quatorze anos. Outro grupo que comemorava novas conquistas em agosto de 1974 era o Teatroneco, convidado a cumprir temporada no Teatro Nacional de Comédias, no Rio de Janeiro. O colunista teatral Antônio Aguiar Júnior (o ator, dramaturgo e diretor Tonico Aguiar) abriu espaço no *Jornal do Commercio* (18 de agosto de 1974, p. 2.) para dar mais detalhes sobre o que estava programado:

O Teatroneco no próximo dia 23, viajará ao Rio de Janeiro, onde fará algumas apresentações no Teatro Nacional de Comédias. O que é um privilégio Nacional, realmente. Este grupo [...] começa a receber merecidas recompensas, como por exemplo, a honra de representar para todo o nordeste a ABTB (Associação Brasileira de Teatro de Bonecos) [...] O Diretor do Grupo, Fernando Augusto, passa as informações do que será esta excursão: "[...] A temporada será de 25 de agosto a 3 de setembro de 74. São 12 espetáculos. Paralelamente o Teatroneco fará uma Exposição de Bonecos os mais variados: Bonecos de Vareta; Marionetes; Fantoches; Bonecos de Cabaço; Mamulengos, etc. Será exposto todo o acervo do Teatroneco – cerca de 80 bonecos e mais de 150 bonecos para venda, além de outros tipos de artesanato. A temporada foi contratada pela Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB. Direção – Fernando Augusto. Atores – Nilson de Moura, Hannie Bably, Guilherme Coelho, Sandra Potes, Raquel Carnib, Ari Cruz. Sonoplastia – Carlos Coopes e Silva. Contra-Regra – Ari Cruz. Bonecos – de Neilton Guedes dos Santos. Pintura dos Bonecos – Madre Escobar. [...] Peças para Apresentação: 1 – Princesa das Flores – de Célia F. de Morbelli – Tradução e adaptação de

Fernando Augusto. Peça espanhola, do gênero fantasia, inspirada em lenda medieval, apresentando o mundo mágico do sonho e de ilusão. 2 – Toureadas em Madrid de Marco Camarotti. Trabalho inspirado em folhetos da Literatura de Cordel. 3 – As Aventuras da Viúva Alucinada – de Januário de Oliveira – GINÚ. Certamente o mais importante mamulengueiro vivo, existente em Pernambuco. Ginú possui mais de quarenta anos de Mamulengo, tendo criado inúmeras peças de tipos que se tornaram famosos, como é o caso do Professor Tiridá. A peça foi gravada e publicada por Hermilo Borba Filho e se constitui um exemplo típico do espetáculo popular do mamulengo pernambucano. 4 – Varietté – Números variados com bonecos e atores – de Nilson Moura e Fernando Augusto”.

O ano de 1974 também marcou a estreia do Teatro de Amadores de Pernambuco com atenção à criançada, promovendo Terra Adorada a partir do dia 29 de agosto, opereta de Valdemar de Oliveira lançada ainda na época do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa. Com texto, músicas e direção de Valdemar de Oliveira, coordenação geral de Diná de Oliveira, maquiagem de Nita Campos Lima, iluminação de Antônio Gomes e projeções de Fernando de Oliveira, a montagem foi um sucesso retumbante no palco do Nosso Teatro. Reunindo mais de quarenta componentes, o elenco contava com os atores Fernando de Oliveira, Dulcinéa de Oliveira, Adhelmar de Oliveira Sobrinho (Pedro Oliveira), Yêda Bezerra de Melo, Cristiana de Oliveira, Márcia Montenegro, Reinaldo de Oliveira, Fátima Mariño, Maneto, Rosângela, Hugo Lacerda, José Roberto Monteiro, Fernando de Oliveira Filho, Valdemar de Oliveira



Neto, Marcos Gallo, Solange Spencer, Ceres de Lemos, Luiz Gonzaga, Marcelo Malta, Enéas Alvarez, Luiz Carlos Nunes Machado, Rogério Costa, Eneida Costa, Vicentina do Amaral, Ângela Spencer, Tarcísio Regueira Costa, Wilson, Lelo e Manoel (os três últimos sem registro de sobrenome), além de integrantes do Curso de Danças Clássicas de Flávia Barros, Curso de Dança Mônica Japiassú e Colégio Pio XII. A trilha sonora ao vivo era executada por músicos da Orquestra Maestro Nelson Ferreira.



Terra Adorada

Nos dois atos, segundo o programa, "Música! Cantos! Danças! Tipos característicos da Europa, da América do Norte e do Brasil, num grande espetáculo para crianças e adultos de qualquer idade". Ou seja, uma mega produção vitoriosa, que abriu a possibilidade do TAP começar com o pé direito na produção teatral para meninos e meninas. O *Jornal do Commercio* (31 de agosto de 1974, p. 2.) registrou o sucesso da estreia:

Terra Adorada

Agradando muito ao público infantil que se encontrava presente no Nosso Teatro, estreou anteontem, o espetáculo musicado "Terra Adorada", uma nova produção do Teatro de Amadores de Pernambuco. A peça tem texto e partitura de Waldemar de Oliveira e também foi por ele dirigida. Trata-se de uma "viagem" por vários países e Estados brasileiros, que são representados musicalmente. Como elemento de ligação entre os vários quadros Waldemar colocou três crianças, Mário (Adelmar), Maria (Iledinha) e Mimi (Tiana). Esta é uma "boneca", que se movimenta através de pilhas; através de um trabalho excepcional da garotinha Tiana, esse personagem ganhou, praticamente, o primeiro lugar em toda a peça. E revelou uma, muito provavelmente, futura grande atriz do teatro brasileiro. Os três garotos foram responsáveis por oitenta por cento, pelo menos, da comunicação que a peça conseguiu com o público infantil presente. No 1º. ato temos a partida, Portugal (Bailarico Português), Espanha (Dança Espanhola), França (Cã-Cã) e Estados Unidos (danpop (sic) e figuras de Disneylândia. No 2º. ato as cenas se passam nos Estados brasileiros, com uma serenata, rancheira, samba e o frevo (que encerra o espetáculo, com muita gente subindo ao palco, para dançar). Apesar da peça querer mostrar que



no Brasil “tudo é mais bonito”, o 1o. ato é, visivelmente muito melhor, em virtude da falta de experiência dos intérpretes, do 2o. ato com algumas excessões (como a Ranchera (sic), o frevo – dançado pelas alunas de Flávia Barros). Mas, no conjunto, “Terra Adorada” consegue seu objetivo de divertir, de modo instrutivo.

Outra montagem que ganhou projeção na imprensa em 1974 foi a peça *Um Menino Jesus Dorminhoco*, um auto de Natal escrito e dirigido por Tonico Aguiar, desde 1973, para o elenco do Teatro dos Pequenos Atores do Liceu. Em sua coluna *Teatro*, no *Jornal do Commercio* (22 de dezembro de 1974, p. 3.), o próprio autor recomendou a montagem, em cartaz no recém-lançado Teatro Novo, no Casarão 7, anexo à livraria Livro 7:

Uma bonita temporada neste fim-de-ano acontece nesta cidade: “Um Menino Jesus Dorminhoco” encenado pelo “Teatro dos Pequenos Atores do Liceu”. O grupo tem feito apresentações descontínuas desde o Natal do ano passado. Agora porém, movidos pelo entusiasmo de Carlos Varella, a peça vem cumprindo uma rigorosa programação, restando ainda, 11 espetáculos. Os atores possuem em média, 10 anos, e são alunos do Liceu de Artes e Ofícios. Ontem estiveram no Teatro Novo, para onde retornarão a partir do dia 24 devendo permanecer neste Teatro até o final do ano. O grande mérito deste trabalho não é a peça montada, e sim, o trabalho – contínuo, sistemático, desenvolvido por este pequeno-enorme grupo. Tão importante (ou talvez mais) quanto montar uma peça, é o ato seguido e disciplinado de mostrar o trabalho, contar o que tem pra dizer. Falar, contar o que



precisa ser dito uma, duas, mil vezes até, pois preciso é. E é isto que estes valiosos super-atores estão fazendo.

A 26 de janeiro de 1975 entrou em cartaz no Teatro do Parque, aos domingos, pelo Clube de Teatro Infantil, *Filha de Bruxa Não é Bruxinha*, que já havia sido levada à cena em 1968. Mais uma vez Otto Prado dirigiu o texto de Leandro Filho, com os atores Rejane Santos, Jonira Máximo, Inalda Silvestre, Rosiane Luzia, Carlos Alberto e Rita de Cássia. Os figurinos eram de Alna Prado. No dia 13 de julho de 1975, novo trabalho no mesmo Teatro do Parque, *Lute Ratinho*, texto e direção de Leandro Filho, proposta que voltou com segunda versão em 1982. No elenco desta estreia, Isa Fernandes, Ilza Cavalcanti, Ozita Araújo, José Soares, Carlos Alberto e Mary Nogueira, atores “especializados em espetáculos infantis”, conforme lembrou o *Diário de Pernambuco* (13 de julho de 1975, p. 2.). Em 28 de setembro de 1975, foi a vez da equipe estrear *A Coragem da Formiguinha Fifi*, texto de Isa Fernandes, com direção de Leandro Filho, que cumpriu temporada no Teatro do Parque, aos domingos, às 15h30, tendo como intérpretes a autora como personagem-título, além de Rejane Medeiros, Ozita Araújo, Carlos



Lute Ratinho



Alberto e Paulo Bispo. A peça ganhou nova versão em 1981. O *Diário de Pernambuco* (4 de outubro de 1975, p. 6.) resumiu o enredo:

Trata-se de uma estória sobre o formigueiro que recebe a visita de Fifi, uma formiguinha da cidade e de um tamanduá louco por formigas. A situação se complica porque Fifi, muito valente, organiza a resistência ao intruso, que consegue apanhar algumas formiguinhas.

Em atividade desde 1966, mas com foco principal para venda de espetáculos nas escolas, o Teatro da Criança do Recife realizou uma série de peças que nem chegou a ser divulgada na imprensa. E tudo indica que tais trabalhos aconteceram no período com-

A Coragem da Formiguinha Fifi



preendido até 1975. Segundo informações de vários artistas do grupo, já registradas em nota no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 92.), aconteceram as seguintes montagens: *A Onça e o Bode*, texto e direção de Fred Francisci, com figurinos e maquiagem de Daniel Maia e tendo no elenco Marilena Mendes (Marilena Breda), Maria Anunciada e Daniel Maia; *A Bonequinha de Louça ou A Lojinha do Seu Lalau*, mais um texto e direção de Fred Francisci, com os atores Pedro Henrique, Marilena Mendes (Marilena Breda), Patrícia Mendes (Patrícia Breda), Paulo de Castro e Lau Chagas; *Maria Minhoca*, texto de Maria Clara Machado, numa primeira versão dirigida por Paulo de Castro com os intérpretes Marylam Sales, Evandro Campelo e Genilda Brito, entre outros; além de uma outra versão da mesma obra, sob direção de Sérgio Sardou, com Paulo de Castro, Pedro Henrique e Marylam Sales; e *A Revolta dos Brinquedos*, texto de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, sob direção de Sérgio Sardou e interpretação de Paulo de Castro e Paulo Estevam, entre outros. Sobre a ida a tantos espaços alternativos, José Francisco Filho recordou naquele mesmo livro (op. cit., p. 80-81.):

O Teatro da Criança desmistificou ainda a idéia do palco à italiana como estrutura fundamental da representação, investigando a utilização de novos espaços como salas de aula, campos de futebol, favelas, quadras cobertas. Uma busca constante, [...] na tentativa de aprimorar a comunicação direta e espontânea que se processa entre atores e público.

Somente em 1975, já com registros da imprensa, tanto que Tonico Aguiar publicou no *Jornal do Commercio* (7 de setembro de 1975, p. 3.) que a intenção era mesmo permanecer "em circuito colegial, seguindo a meta do grupo: levar teatro às crianças em seu local de estudo", o Teatro da Criança do Recife lançou *A Duquesa dos Cajus*, nova produção de texto de Benjamim Santos, cuja primeira versão, dirigida por Marco Camarotti, havia surgido em 1969. Desta vez, a direção foi entregue a João Ferreira, tendo como atores Marilena Mendes (Marilena Breda), Pelé (Lepê Correia), Glória Brandão e Rosa Machado, em trabalho que circulou por diversas escolas. Já *O Castelo de Mulumi*, de Jurandir Pereira, com a Troupe do Teatro Infantil Casa Caiada, sob direção de Sérgio Sardou, ocupou um outro palco alternativo, o Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco (MAC), em Olinda, aos domingos, às 17 horas. No elenco, Pedro Celso (Rei), Maria Alice Carneiro Leão (Assombração), Kalela (Piretsim) e Sérgio Sardou (Mestre Coruja). O cenário, maquiagem e figurino eram de Humberto Peixoto.

Na cidade de Caruaru, após uma primeira experiência com a peça *O Consertador de Brinquedos*, de Stella Leonards, dirigida por Arary Marrocos em 1969, o Teatro Experimental de Arte (TEA) montou seu segundo trabalho para a infâ-



A Duquesa dos Cajus

cia, *O Gato de Botas*, com direção de Nildo Garbo e participação dos atores Roseilda Lopes, Socorro Fernandes, Lourdinha Gomes, Almir Guilhermino, Ivone Melo, Selma Alves, José Carlos e Ivaldo (sem registro do sobrenome). A motagem, além de realizar sessões em Caruaru, visitou Limoeiro em outubro de 1975. Enquanto isso, Adeth Leite, em sua coluna *Teatro, Quase Sempre*, no *Diário de Pernambuco*, tratava da Broadway, de espetáculos em São Paulo, de concurso de piano, mostra de fotogra-

fia, canto coral, livros e concursos variados, sem qualquer atenção à produção cênica pernambucana, provavelmente desinteressante do seu ponto de vista. O cronista faleceu no Recife no dia 20 de novembro de 1975, aos 57 anos. Já a coluna do jornalista Valdi Coutinho, no mesmo *Diário de Pernambuco*, ganhou o título *Cena Aberta* a partir do dia 20 de dezembro daquele ano, com bem mais espaço à produção teatral em todo o estado.

Um dado curioso: enquanto que para a montagem de qualquer peça adulta no Recife era necessário ter, de Brasília, um certificado dado pelo Serviço de Censura e Diversões Públicas da Polícia Federal, as peças infantis eram liberadas no próprio Departamento Regional em Pernambuco, chefiado pelo senhor Demerval Barreto de Matos. Segundo o depoimento de muitos artistas no Projeto Memórias da Cena Pernambucana – O Teatro de Grupo, promovido pela Feteape, no Teatro Arraial, em 1998, ele era um grande amigo do teatro que fez “vista grossa” para muitos temas polêmicos em espetáculos. Mas aconteceram absurdos também. O ator Carlos Carvalho resgatou uma dessas passagens no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 90.):

[...] o Teatro da Criança do Recife teve uma passagem importante,

mas só percebi a sua repercussão bem depois, quando estávamos fazendo “Maria Minhoca” na Casa da Cultura. Nesse tempo, Paulo de Castro estava lecionando na Rede Estadual de Ensino e teve que viajar a Nazaré da Mata para um curso de reciclagem. No outro dia de manhã, eu estava em casa, quando Paulo Estevam, que é sobrinho de Paulo e trabalhava no espetáculo, chegou desesperado, dizendo que a Polícia Federal estava querendo pegar seu tio. Fomos atrás dele e seguimos os três para a Polícia Federal, três garotos que estavam participando de um espetáculo para a infância. Chegando lá, o censor fez um longo interrogatório para saber qual a nossa ligação com os comunistas e por quê estávamos denegrindo a imagem dos militares do Brasil. Ficamos durante uma semana, indo para lá, de manhã e à tarde, para conversar com Demerval. E ele dizia: “Por que vocês fazem o Capitão Quartel daquele jeito?”, e perguntava sobre pessoas, querendo descobrir coisas. Mas tudo terminou bem. Pouco tempo atrás, em 1995, eu fui para um festival no Rio de Janeiro. Havia uma mesa com artistas dedicados ao teatro para a infância no Brasil e estava lá Maria Clara Machado, autora de “Maria Minhoca”. Perguntaram se ela já teve algum problema com a Censura e ela respondeu: “Eu não, mas sei de uns meninos lá no Re-



Maria Minhoca



Maria Minhoca

cife que tiveram, mas nem sei qual era o grupo". Depois disso, eu me apresentei e conversamos muito. Ela me contou que, naquela época, foi acionada para dar depoimento na Polícia Federal do Rio de Janeiro porque queriam saber quem estava montando "Maria Minhoca" no Recife. Isso mostra a ineficiência da Censura naqueles tempos. Agora, imaginem Paulo de Castro vestido de Capitão Quartel! Realmente, era um absurdo de tão divertido!

No dia 18 de outubro de 1975, o Grupo Pinóia, formado por estudantes de Comunicação Social, apresentou no auditório do Cecosne a peça Infantil *Os Espantalhos Encantados*, com adaptação do texto e direção de Carlos Bartolomeu. A peça narra a história de uma bruxa malvada que enfeitiça as pessoas e lhes provoca a vingança quando elas voltam à identidade normal. No elenco, destaque para a experiência do ator Pedro Henrique, um dos fundadores do Teatro da Criança do Recife, "além de outros amadores de bom nível artístico", como divulgado no *Diário de Pernambuco* (18 de outubro de 1975, p. 6.): Fátima Barros, Sônia (sem indicação do sobrenome), Ana Catarina e Lígia Maria. Segundo o grupo, o espetáculo diferia "das apresentações típicas no gênero, valendo mais como experiência no campo da comunicação".

Já o Clube de Teatro Infantil, no dia 23 de novembro de 1975, no Teatro do Parque, lançou nova versão de *O Coelhinho Falador*, montagem originalmente de 1972, dirigida por Otto Prado, mas agora sob direção de Leandro Filho. A peça ficou em cartaz aos domingos, às 15h30. "Trata-se de um espetáculo destinado ao público infantil do Recife e que, certamente, vai superar o sucesso alcançado pela peça *A Coragem da Formiguinha Fifi*", apostou o *Diário de Pernambuco* (22 de novembro de 1975, p. 6.). No elenco, Paulo Bispo (Lobo Doido), Rejane Santos (Passarinho), Carlos Alberto (Coelhinho Falador) e Maria das Graças (Maria Chiquinha), com figurinos de Isa Fernandes. Em 1982, o mesmo texto retomou ao cartaz, desta vez com novo elenco e acréscimo de subtítulo, *O Coelhinho Falador ou Um Lobo Muito Doido*.

Começando a 29 de novembro de 1975, o Teatro de Santa Isabel recebeu o I Encontro Estudantil de Teatro, promoção do Departamento de Cultura de Pernambuco. Na programação, entre outras, foram apresentadas as seguintes peças: *Pluft, o Fantasminha*, de Maria Clara Machado, com elenco da Escola Sizenando Silveira; *Viagem à Terra de Santa Cruz*, de Urias Tavares, com alunos da Escola Estadual Argentina Castelo Branco, de Olinda; *Comunicação Show Som*, de José Orlando, com alunos da Escola Dom Bosco; e As

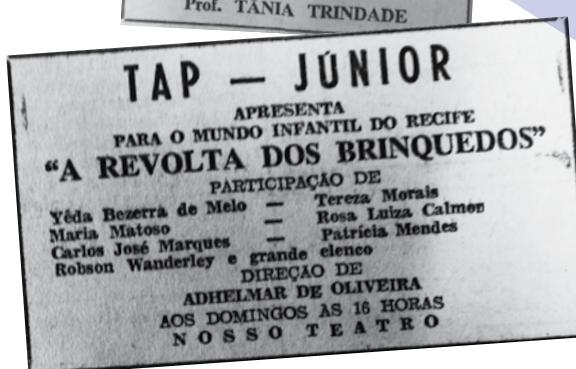
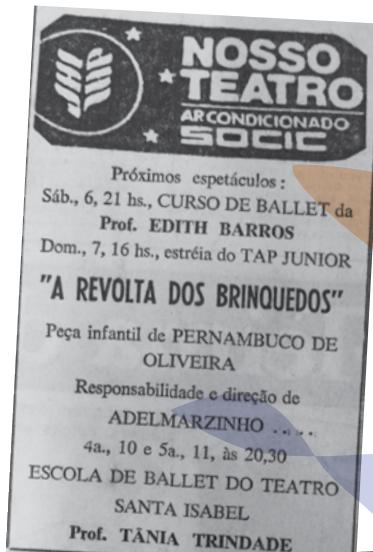


A Revolta dos Brinquedos

Beatas do Padre José, com texto e direção de Augusto Oliveira, esta última pelo Colégio Maria Mazarello, todas sempre no horário da tarde, com sessões em sequência às 15h30 e 16h30. No domingo 7 de dezembro de 1975, às 16 horas, no Nossa Teatro, o TAP-Júnior estreou *A Revolta dos Brinquedos*, peça infantil de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, e conforme anúncio no *Diário de Pernambuco* (1 de dezembro de 1975, p. 6.), numa "responsabilidade e direção de Adelmarzinho" (Adhelmar de Oliveira Sobrinho, hoje assumindo o nome artístico Pedro Oliveira, aqui, aos quatorze anos, em sua estreia como diretor, também respon-



sável pelo cenário). No elenco, Patrícia Mendes (Patrícia Breda, no papel da Menina Má), Tereza Moraes (Boneco de Corda), Robson Wanderley (Holmes Wanderley, Fantoche), Carlos José Marques (Soldado de Chumbo), Adhelmar de Oliveira Sobrinho (Ursinho), Maria Mattoso (Bruxa de Pano), Yêda Bezerra de Melo (Boneca de Louça), Rosa Luiza Calmon (Fada) e Ângela Notari (Narradora). Na ocasião, a atriz Vicentina Freitas do Amaral foi homenageada pelos seus trinta anos de teatro. A peça fez um enorme sucesso. Responsável pelo site do Teatro de Amadores de Pernambuco, o pesquisador Fernando de Oliveira escreveu (disponível em: http://www.tap.org.br/htm/repertorio/086_revolta_brinquedos.htm). Acesso em: 11 de novembro de 2011.):



Não foi desta vez na garagem de sua casa que o menino Adhelmar de Oliveira Sobrinho, filho do Alfredo de Oliveira, ensaiou e fez representar uma peça para seus convidados. Esse menino, dessa vez teve o topo-te de procura (sic) o tio Valdemar de Oliveira e propor ser Diretor de um espetáculo. Topete se levaram em consta (sic) que tinha 14 anos. Recebeu dele os conselhos e teve sinal verde para a largada. Desse momento em diante se firmou como Diretor

de grandes espetáculos. Possuidor de uma visão cênica de causar espanto, pelos poucos anos de vida, conseguiu reunir os companheiros e levou avante o seu projeto. Com a ajuda da mãe Hercy de Oliveira que ficou responsável pelos figurinos e procurando nos porões do Teatro material para o cenário conseguiu a incrível façanha de aos 14 anos encher um teatro e receber os aplausos merecidos pelo seu trabalho.

Curiosamente naquele momento, uma outra versão de *A Revolta dos Brinquedos*, pelo grupo alagoano Teatros de Brinquedos, de Maceió, formado por quarenta crianças dos cinco aos treze anos, sob direção de Bráulio Leite, veio ao Recife para diversas sessões da peça em benefício das obras filantrópicas da Cruzada de Ação Social. As apresentações ocorreram no palco do Centro Interescolar Luiz Delgado, como parte das homenagens prestadas pelas crianças alagoanas à garotada de Pernambuco. No público, destaque para quatrocentos menores mantidos pela Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem). Por sua vez, numa promoção da Cruzada Democrática Feminina de Pernambuco e com realização da Troupe do Teatro Infantil Casa Caiada, de Olinda, o espetáculo infantil *O Castelo de Mulumi*, de Jurandir Pereira, dirigido por Sérgio Sardou, foi apresentado no auditório da Fafire em 14 de dezembro de 1975. A montagem já havia ocupado o MAC, em Olinda, com apresentação especial para o Instituto Cirandinha.

No final de 1975, até o Clube Internacional do Recife resolveu investir no teatro para crianças, apresentando aos domingos, a partir das 16 horas, nas suas dependências, peças aos seus as-

sociados mirins. Depois de ser visto em diversos educandários, o espetáculo *Maria Minhoca*, do Teatro da Criança do Recife, com texto de Maria Clara Machado, foi um dos convidados, tendo, entre outros, Paulo de Castro, Pedro Henrique e Marylam Sales no elenco dirigido por Sérgio Sardou, assim como *O Castelo de Mulumi*, da Troupe do Teatro Infantil Casa Caiada, de Olinda. Eduardo Maia empresariava as produções teatrais agendadas. Anteriormente, a peça *A Lesma, o Caracol e o Porco Espinho*, do Grupo Piolin, com autoria e direção de Tonico Aguiar, foi apresentada nas dependências do Clube Internacional. O espetáculo fez ainda uma série de apresentações por diversos centros comunitários do subúrbio recifense, a convite do Serviço Social Contra o Mocambo, através do

A Lesma, o Caracol e o Porco Espinho



seu Departamento de Reeducação e Assistência Social, iniciativa bastante elogiada pela imprensa.

Para alegria da classe artística, o Serviço Nacional de Teatro destinou verba significativa para distribuir a quatro grupos teatrais em Pernambuco em 1975. A Secretaria de Educação do Recife lançou edital para tal, mas nossa pesquisa não conseguiu desvendar quais os outros conjuntos vencedores além do grupo Teatro Hermilo Borba Filho com a montagem de *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, dirigida por Marcus Siqueira. Ainda naquele ano, no Rio de Janeiro, dois pernambucanos conquistaram o cultuado Prêmio Molière, Luiz Marinho e Luiz Mendonça, respectivamente melhor autor e diretor de 1974 com a peça adulta *Viva o Cordão Encarnado*. Enquanto isso, no sertão pernambucano, na cidade de Salgueiro, surgiu o Teatro Infantil de Salgueiro (TIS), que existiu de 1975 a

No Reino de Joãozinho
Anda Pra Trás



1978 por ação da diretora Cleuza Pereira e marcou a estreia do ator Júnior Sampaio nos palcos. O grupo tem em seu repertório *O Caso dos Pirilampos* (1975), de Stella Leonards; *No Reino de Joãozinho Anda Pra Trás* (1976), de Lúcia Benedetti; *O Embarque de Noé* (1976), de Maria Clara Machado; e *A Onça de Asas*, de Walmir Ayala (1977), este último o único trabalho que contou com direção coletiva.

Publicada no *Diário de Pernambuco* (1 de janeiro de 1976, p. 6.), a retrospectiva teatral de 1975 deu destaque, entre outros assuntos, ao I Festival Estadual de Teatro Amador realizado pela Fenata (Federação Nacional de Teatro Amador), entre 8 e 16 de setembro, no Nossa Teatro, com casa cheia todas as noites para ver peças adultas como *Cancão de Fogo*, do Teatro Universitário de Pernambuco, do Recife; *O Sol Feriu a Terra e a Chaga Se Alastrou*, do Grupo de Cultura Teatral, de Caruaru; e *O Pássaro Encantado da Gruta do Ubajara*, do Grupo de Teatro Vivencial, de Olinda. Houve polêmica na exibição de *As Preciosas Ridículas*, do Teatro Ambiente do MAC (com direito a vaias e tomates arremessados para o elenco). Além do acréscimo de vários espetáculos de fora que chegaram ao Recife, o grande destaque da produção local foi mesmo *O Milagre de Annie Sullivan*, do TAP, texto de William Gibson e direção de Valdemar de Oliveira. Para a infância, a mesma matéria retrospectiva do *Diário de Pernambuco* ressaltou:

Bons caminhos foram abertos para o teatro infantil em 1975: o inicio foi com o Teatro da Criança do Recife, criado por Paulo de Castro com a finalidade de levar arte cênica aos colégios. Fez estreia com tal filosofia, em agosto, no Vera Cruz, com

"A Duquesa dos Caju's" de Benjamin (sic) Santos, direção de João Ferreira e tocou o barco para frente com convênios etc., dando inspiração a outros grupos que foram aparecendo. A Troupe Infantil da (sic) Casa Caiada, por exemplo, conseguiu bons contratos, com o International, um deles, para o espetáculo "O Castelo do (sic) Mulumí" nos salões do clube. Vale lembrar, também, o trabalho de base que vem sendo desenvolvido pelo diretor cênico Leandro Filho, há alguns anos no Teatro do Parque, com êxito.

Algumas páginas depois, no mesmo *Diário de Pernambuco* (p. 11.), o jornalista Valdi Coutinho fez o seguinte comentário como desejo para o ano que vinha:

[...] que o teatro infantil (ah! o teatro infantil, como foi promissor, alvíssaireiro), especialmente os de Paulo de Castro (Teatro da Criança do Recife), Troupe Infantil de (sic) Casa Caiada (Humberto Peixoto), Sorriso (sic) (Nilson Moura) e o d (sic) Leandro Filho, continua com sucesso sua filosofia pioneira de trabalho com arrojo, abnegação e perseverança. E ao público de teatro de Pernambuco tão pequeno tão insensível, ainda, à luta ao

esforço heroico dos nossos grupos, o desejo de que vá mais ao teatro, prestigie mais as nossas montagens. Que os pais se compenetrem que a criança só pode adquirir (sic) o gosto pelo teatro e, consequentemente, se tornar o público adulto de amanhã, se eles, os pais; agora, tiverem boa vontade de levá-los aos espetáculos infantis.

Em janeiro de 1976, com temporada aos domingos, às 15h30, o Clube de Teatro Infantil estreou *Na Escolinha da Vaquinha Isabela*, de autoria de Leandro Filho, com direção e cenário do mesmo, em cartaz até final de fevereiro, no Teatro do Parque. No elenco, com todos os atores usando máscaras, Inalda Silvestre (Vaquejinha Isabela), Isa Fernandes (Macaco Dadá), Rejane Santos (Gatinha Angélica), Leonardo Camilo (Urso Divino), José Sales (Cachorro Frufu), Carlos Alberto (Ratinho Alírio), José Soares (Burro Burraldo) e Ilza Cavalcanti (Oncinha e Bruxa). A direção musical e coreografias eram de Isa Fernandes. O *Diário de Pernambuco* (15 de janeiro de 1976, p. 10.) deu mais detalhes sobre a proposta:

O espetáculo de Leandro Filho é uma nova experiência do teatrólogo



Na Escolinha da Vaquinha Isabela



no sentido texto/montagem, pois contará inclusive com a participação do público mirim. "Será um espetáculo dentro de outro espetáculo", diz o Leandro Filho. Isso porque, os garotos terão participação direta na encenação da peça, indo pintar, desenhar e também trabalhar nas improvisações teatrais, durante as aulas da Vaquinha Isabela".

No período de 9 a 15 de janeiro de 1976, a capital pernambucana recebeu a fase nacional do V Festival Nacional de Teatro de Bonecos, promoção da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (ABTB) e do Cecosne, com patrocínio do DAC/Programa de Ação Cultural e Ministério da Educação e Cultura. A programação aconteceu na sede do Cecosne, no bairro da Madalena, com espetáculos de várias partes do país, três cursos programados, palestras (incluindo uma de Hermilo Borba Filho) e passeios turísticos. Clorys Daly, coordenadora do festival e representante da União Internacional de Marionetistas (Unima), e o presidente da ABTB, Cláudio Ferreira, marcaram presença. Dos grupos recifenses, participaram a equipe do Cecosne e das escolas Maria do Sampaio Lucena e Vasco da Gama (representando a Fundação Guararapes), com o quadro *Danças Folclóricas*, além do Teatroneco. Ainda na programação, Teatro Infantil de Marionetes, do

Rio Grande do Sul; Teatro de Bonecos Giramundo, de Minas Gerais; Teatro de Bonecos Torre Amarela, da Paraíba; e, do Rio de Janeiro, Equipe Bellan (para adultos), Equipe Bellan Júnior (para crianças), Big Jones, Grupo Revisão, Grupo Sorriso da Criança, Teatro de Marionetes Monteiro Lobato, Beatriz e Seus Bonecos, Circo de Marionetes Malmequer e Grupo Carreta.

Desligados do Teatroneco pela direção do Cecosne, Nilson de Moura e Fernando Augusto, mesmo com a criação do Mamulengo Só-Riso no ano de 1975, em parceria com Luiz Maurício Carvalheira, Gena Veloso e Ari Luiz da Cruz (tendo Pedro Celso como convidado), não participaram inicialmente deste V Festival Nacional de Teatro de Bonecos por ainda não estarem filiados a ABTB. Mas Valdi Coutinho lembrou no *Diário de Pernambuco* (15 de janeiro de 1976, p.10.):

Acredita-se que a ABTB, para ser justa, deve considerar bastante o pioneirismo do trabalho de Fernando Augusto e Nilson Moura, e prestigiar, com a mesma força, o seu "Sorriso" (sic), a partir de agora. É o que espera todos aqueles que conhecem o trabalho dos dois e do seu grupo.

Em depoimento no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 04* (2009, p. 91.), o bonequeiro Fernando Augusto



Mamulengo Só-Riso



Carnaval da Alegria



Gonçalves esclareceu o que aconteceu após a saída deles do Teatroneco:

Quando decidimos sair do grupo, eu e Nilson, não tivemos nenhum grande conflito com Escobar, mas, sim, com as freiras que assumiram a Fundação Cecosne, no entanto, claro que ela ficou magoada conosco e houve um momento de grande mal-estar. Foi justamente em 1976, quando, junto a Clorys Daly e Cláudio Ferreira, os criadores da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos – ABTB –, Escobar resolveu trazer para o Recife o V Festival Nacional de Teatro de Bonecos, e nós, do Só-Riso, fomos totalmente ignorados. No evento, estava presente a nata do teatro de boneco brasileiro [...] Aconteceu então deles chamarem Hermilo Borba Filho para palestrar num seminário, mas ele disse: "só

Das viagens pelo Brasil (a estreia aconteceu no Ceará), além de promover cursos, o Mamulengo Só-Riso levava dois espetáculos, o adulto *Festança no Reino da Mata Verde* e o infantil *Carnaval da Alegria*. Nessa turnê, para lugares como Teresina e Manaus, a convite de diversas instituições, com apresentações marcadas em teatros ou praças públicas, participaram Fernando Augusto dos Santos, Nilson de Moura, João Batista Dantas (substituindo Luiz Maurício Carvalheira, envolvido com o Grupo Piolin) e Marco Camarotti (mais à frente, participaram ainda Conceição Camarotti, Gilberto Maymone, Conceição Acioli, Beto Diniz, Carlos Carvalho, Malavéia, Gilberto Brito e Walther Holmes). As viagens eram tantas que ainda não haviam conseguido fazer temporada na capital pernambucana, nem em Olinda,

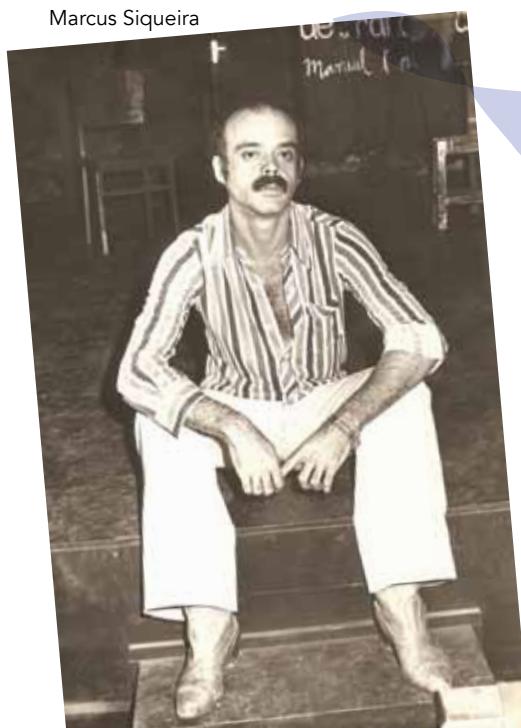
sua terra natal. "O Mamulengo Só-Riso, que também representou Pernambuco, através da UFPe, no Festival de Inverno de Ouro Preto, ainda não fez sua estréia oficial aqui no Recife, apesar de tantas excursões e viagens", lembrou Valdi Coutinho no *Diário de Pernambuco* (1 de outubro de 1976, p. B-5.).

O ano de 1976 marcou ainda o surgimento do Teatro Hermilo Borba Filho, grupo liderado pelo teatrólogo Marcus Siqueira que, dizem alguns, não era muito afeito ao teatro para crianças, mas lançou sua nova equipe (após as experiências do grupo Teatro Novo, fundado em 1968) exatamente com uma peça infantil, *Rato Não Sabe Escrever... Telefona*, texto de Armando Coelho Neto, com o próprio autor no elenco, além de José Ramos, Morse Lyra Neto, Vicente Monteiro e Ana Rodrigues, todos eles alunos seus de um curso de teatro. Marcus Siqueira assinava ainda o cenário e figurinos. A temporada aconteceu, a partir de junho de 1976, num casarão olindense do século XIX, cedido por Baccaro, na subida da Ladeira do Varadouro, na Rua 15 de Novembro, que ganhou o nome Teatro

Hermilo Borba Filho em homenagem ao teatrólogo falecido naquele ano, com quem Marcus Siqueira trabalhou no Teatro Popular do Nordeste e de quem também foi aluno no Curso de Formação do Ator da Escola de Belas Artes.

No Recife, enquanto que Leandro Filho preparava para temporada de março a agosto de 1976, no Teatro do Parque, pelo Clube de Teatro Infantil, a nova versão de *O Reizinho Boko Moko*, com texto, direção e cenário seus, tendo no elenco José Soares, Ozita Araújo, Rejane Santos, Uirandey Lemos, Leonardo Camilo e o comediantre Luiz Lima, todas as atenções do teatro adulto estavam voltadas para a I Mostra do Teatro Amador de Pernambuco, que ocorreu de 17 a 31 de agosto de 1976, no Teatro de Santa Isabel, numa iniciativa da Fetape, sob presidência de José Francisco Filho. O evento não teve nenhuma peça para crianças, mas contou com expressiva participação de produções do interior, com os grupos Teatro de Amadores do Cabo (TAC), da cidade do Cabo de Santo Agostinho; Grupo Teatro Castro Alves, de Bezerros; Teatro Experimental de Arte (TEA), de Caruaru; e também da capital do Agreste, o Grupo de Cultura Teatral, com o trabalho mais elogiado, *Rua do Lixo*, 24, texto e direção de Vital Santos. A Mostra prestou homenagem a três importantes figuras do teatro, os diretores Hermilo Borba Filho e Clênio Wanderley, falecidos naquele ano, e o cronista Adeth Leite, falecido em 1975.

Marcus Siqueira



No mês seguinte, o *Diário de Pernambuco* (23 de setembro de 1976, p. B-5.) anunciou novo grupo de teatro dedicado às crianças, com duas temporadas em paralelo:

O Grupo Supimpa de Teatro fará sua estréia, no Recife, dia 25 com uma inovação: teatro infantil nas manhãs do sábado, às 10h na Casa da Cultura, com a peça "O consertador de brinquedos", de Stella Leonardos e direção de Isa Fernandes. E, no mesmo dia, às 15,30 horas levará o mesmo espetáculo no Teatro do Parque, repetindo-o no domingo às 16h no mesmo local.

No elenco, Jamysson Marques, Rejane Santos, Regina Campelo, Raimundo Silva (posteriormente assinando Raimundo Branco), Jonira Máximo, Carlos Alberto e Leandro Filho. A concepção de cenário era de Jair Miranda e a maquiagem de Isa Fernandes. Em outra matéria no *Diário de Pernambuco* (3 de outubro de 1976, p. B-8.), Leandro Filho descreveu a sua personagem, Egoistão, e a trama levada à cena, que discutia a questão da exploração imobiliária:

[...] um bruxo muito malvado e egoista, que lança feitiço em "Seu Nicolau", personagem vivido por Carlos Alberto. A história se desenvolve a partir da compra de um terreno por parte de Seu Nicolau, que deixa triste Tio Fábio (Jamyson (sic) Marques), Bahiana (Jonira Maximo) e Dr. Sabe Nada (Raimundo), porque no local funciona uma fábrica de brinquedos que será demolida para dar lugar a um edifício de 1001 andares. A confusão se generaliza.

Ao *Caderno Gente*, do *Diário de Pernambuco* (3 de outubro de 1976, p. 2.), o diretor revelou ainda que achava mais difícil fazer teatro infantil do que para adultos, "pois com a criança, a gente tem que ser honesto tanto na interpretação como na maneira de comunicar, pois ela não se engana com



O Consertador de Brinquedos

artifícios". Em outubro de 1976, além da continuação da temporada de *O Consertador de Brinquedos*, pelo Grupo Supimpa de Teatro, também estava em cartaz no Recife *A Viagem ao Faz de Conta*, de Walter Quaglia, às 16 horas, no mesmo Teatro da Casa da Cultura, montagem que marcou a estreia do diretor José Francisco Filho à frente de uma peça infantil no Teatro da Criança do Recife, já que ele havia dirigido antes (estranhamente se le-

A Viagem ao Faz de Conta





A Cigarra e a Formiga



varmos em consideração o nome do grupo) uma peça adulta, *Em Boca Fechada Não Entra Mosquito*, de Ariano Suassuna, em 1971. *A Viagem ao Faz de Conta*, além de trazer cenário e figurinos de Buarque de Aquino, tinha em seu elenco Marylam Sales (que chegou a ser substituído por Marcelo Lantejoula e, posteriormente, por Marilena Breda), Pedro Henrique, Paulo Estevam, Tarcilla Gatis e Virgínia Colares. Este foi o terceiro lançamento do grupo naquele ano, após as estreias de *A Cigarra e a Formiga*, de Luís Maia, com direção de Marylam Sales e participação das atrizes estreantes Fátima Aguiar e Patrícia Mendes (Patrícia Breda); e *Maria Minhoca*, de Maria Clara Machado, no comando do diretor Paulo de Castro, tendo no elenco Carlos Carvalho, Paulo Estevam, Marilena Mendes (Marilena Breda), Pedro Henrique e Paulo de Castro (eventualmente substituídos por Marylam Sales e Genilda Brito). Vale registrar que foi o Teatro da Criança do Recife quem teve a ideia de ocupar a

Casa da Cultura como espaço teatral, abrindo a possibilidade também para o Grupo Supimpa de Teatro. Tanto que a turma ganhou destaque em matéria assinada por Anamaria Guimarães no *Diário de Pernambuco* (16 de janeiro de 1977, p. 2.):

Em 1976 o grupo consegue através de Pedro de Souza improvisar um palco na Casa da Cultura, no raio Sul, 3º andar, dando, até fins de dezembro deste ano, 150 apresentações com os seguintes espetáculos: "A Viagem ao Faz de Conta", de Walter Quaglia (112); "A Cigarra e a Formiga", de Luís Maia (28); e "Maria Minhoca", de Maria Clara Machado (10). O total de pessoas a assistirem os trabalhos foram de 35.000 (entre crianças e adultos).

Em homenagem ao Dia da Criança, o Teatro Piolin levou à Associação Atlética do Bandepe, numa promoção do Departamento Cultural daquela entida-



Maria Minhoca

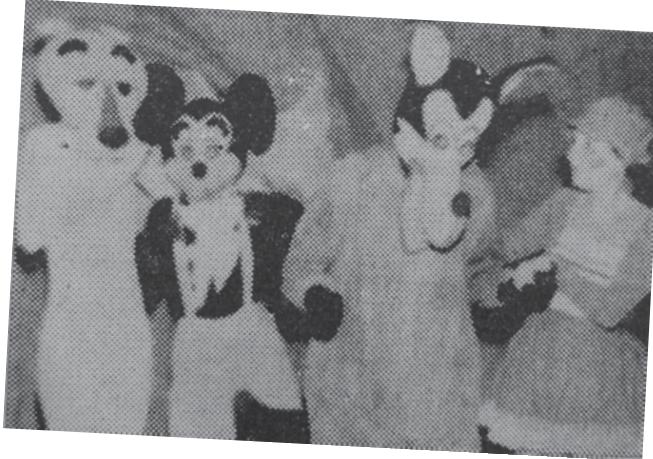


A Lesma, o Caracol e o Porco Espinho

de, o espetáculo *A Lesma, O Caracol e o Porco Espinho*, musical infantil com texto e direção de Tonico Aguiar, com Nilson de Moura no elenco (substituído por Tonico Aguiar), Sandra Pottes e Fred Cutie Bets. Os figurinos e cenário eram de Paulo Roberto Cunha Barreto (o figurino do Porco Espinho, por exemplo, foi confeccionado com cinco mil canudinhos de plástico numa rede de pescador com argolas). Ainda em dezembro de 1976, a peça foi apresentada no British Country Club e no Clube dos Previdenciários de Pernambuco, dentro de suas programações natalinas. No elenco já modificado, Celso Muniz (O Caracol), Suzana Costa (A Lesma) e Carlos Frederico (O Porco Espinho). Sobre suas atividades, Tonico Aguiar declarou ao *Diario de Pernambuco* (24 de dezembro de 1976, p. B-5.):

[...] o Teatro Infantil tem um grande compromisso com o seu público, senão mais importante que o teatro para adultos, de maior responsabilidade, devido à fragilidade dos que o assistem. Este compromisso não está ligado à ideia de preparar espíritos artísticos mas, estimular a sensibilidade de cada um, para contínuas descobertas em uma vida mais criativa e humana.

Como o ano de 1976 marcou o lançamento da Fetape – Federação do Teatro Amador de Pernambuco, hoje Feteape, Federação de Teatro de Pernambuco –, em seu primeiro ano de atividade a entidade recebeu uma notícia boa que chegou via Serviço Nacional de Teatro ao disponibilizar verba para os dois melhores espetáculos infantis de 1976 em Pernambuco. A Fetape indicou, então, *A Viagem ao Faz de Conta*, do Teatro da Criança do Recife, e *O Coelhinho Colorido*, do Clube de Teatro Infantil, com texto e direção de Leandro Filho, cuja estreia havia ocorrido em 25 de abril de 1976, no Teatro do Parque. A imprensa aprovou as duas escolhas. A peça *O Coelhinho Colorido* possuía cenário de Zezinho, com execução de Jair Miranda; figurinos de Janice Lobo; música de Jurema de Andara; e coreografia de Gracita Cavendish. No elenco, Isa Fernandes (no papel-título), Rejane Santos, Inalda Silvestre, Ada de Azevedo, Tarciso Sá, Marcelo Malta (substituído posteriormente por Carlos Alberto) e Leonardo Camilo. A temporada aconteceu aos domingos, às 15h30, no Teatro do Parque, por três meses, até final de julho. “Trata-se de um musical infantil, lançado em comemoração aos oito anos de trabalho do Clube de Teatro Infantil”,



A Volta do Chapeuzinho Vermelho

lembrou o *Diario de Pernambuco* (12 de maio de 1976, p. 8.).

Dentro das comemorações natalinas daquele ano, o Clube de Campo Sítio do Pica-Pau Amarelo programou, por sua vez, a peça infantil *A Viagem ao Faz de Conta* para seus associados. Naquele dezembro de 1976, três novos espetáculos podiam ser vistos pelas crianças. A Volta do Chapeuzinho Vermelho estava em cartaz no Teatro do Parque, desde novembro, aos domingos, às 16 horas. Era mais um musical dirigido por Leandro Filho e, como lembrou o *Diario de Pernambuco* (25 de dezembro de 1976, p. B-5.), espetáculo envolvendo as mais conhecidas figuras da literatura teatral infantil, “tais como a Pantera Cor de Rosa, Mickey, Lobo Mau (que se transforma em Lobo Noel), Chapeuzinho Vermelho, Macaqueba, e o Palhaço Mágico”. No elenco, Isa Fernandes, Rejane Santos, Uirandey Lemos, Carlos Alberto, Edjane Maria e o ator-mágico José Sales. Já o texto de Rubem Rocha Filho, *O Pirata Tubarão*, quarta estreia do Teatro da Criança do Recife em 1976, cumpria sessões aos domingos, às 16h30, na Casa da Cultura, sob direção de Marco Camarotti e, como registrou o mesmo exemplar do *Diario de Pernambuco*, contando “a história de um quixotesco marujo a (sic) procura de um tesouro, seja ele qual for, e onde quer que



O Pirata Tubarão

esteja. Encontra no Tonico e na Rosinha a possibilidade misteriosa de realizar o seu sonho". No elenco, Pedro Henrique (Pirata), Patrícia Mendes (Patrícia Breda, Menina Rosinha), Leonardo Camilo (Menino Tonico) e Marilena Mendes (Marilena Breda, Índia Tabajaras).

Os cenários e figurinos eram de Beto Diniz, com maquiagem de Buarque de Aquino, iluminação de Carlos Carvalho e Pedro Henrique e música de George Arribas. A peça também fez apresentação no palco do Nossa Teatro, às 16h30, no dia 26 de dezembro de 1976, contando com a participação especial do Palhaço Cocorote e todos os personagens de *A Viagem ao Faz de Conta*. Já a partir de janeiro de 1977 retornou à Casa da Cultura, no Teatrinho do Raio Sul, em longa temporada. Por fim, com poucas sessões em novembro de 1976, *A Onça Mafalda e o Bode Militão*, de Weracy Costa e José Ramos, era atração aos sábados e domingos, às 16 horas, no Teatro Hermilo Borba Filho, no bairro do Varadouro, em Olinda, com texto, direção, cenário e figurinos dos dois atores em cena. Sem meias pala-

vras, "um fracasso", confessou o ator José Ramos no livro *Memórias da Cena Pernambucana - 01* (op. cit., p. 31.).

Como publicação do Serviço Nacional de Teatro, o *Anuário do Teatro Brasileiro 1976* (1976, p. 103-116.) ainda registrou como atrações daquele ano no Recife a continuidade de sessões das peças *O Coelhinho Falador*, pelo Clube de Teatro Infantil (bem no início do ano), *Carnaval da Alegria*, pelo Mamulengo Só-Riso, e *Um Menino Jesus Dorminhoco*, dos Atores do Liceu, que finalmente teve seu elenco divulgado: Jorge Quaresma, Márcia Maria, Alexandre Pacheco, Márcia Verônica, Adivam Gonçalves, Lindinere Jane, Josilene Balbino, Rosana Tavares, Mário Monteiro, Nadja Alves, Adalzira Francisco, Edilene de Clato, Amarilis de Andrade, Aldenize de Andrade, Robson Pacheco, Roberto Alves, Suely Cristina, Jânio de Clato, Gerardo Farina, Marcelo Matos, Rômulo Fonseca, Irleide Barros e Rosângela Tavares. A administração de toda esta turma era de Carlos Varella.

Foi o Teatro Piolin quem abriu a programação teatral de 1977 no dia 6 de janeiro com a estreia do espetáculo *Pedacinho de Lua*, texto de Luiz Maurício Carvalheira, com direção de Tonico Aguiar e cenários e figurinos de Paulo Roberto Cunha Barreto, artista plástico pernambucano radicado no Rio de Janeiro. Curiosamente, a primeira sessão aconteceu às 21 horas, no Museu do Estado, cedido pelo Departamento de Cultura. A peça permaneceu em cartaz por lá, à tarde, aos finais de semana. No elenco, Sérgio Sardou, Gilberto Maymone, Luiz Maurício Carvalheira, Celso Muniz, Carlos Varella, Tonico Aguiar, Guadalupe Mendonça, Júlia





Lemos e Maria Silva. Em outro palco, de acordo com o *Diário de Pernambuco* (13 de maio de 1977, p. B-5.), a atriz Ilza Cavalcanti viveu a Bruxa Faladeira no espetáculo *Planeta das Bruxas*, com estreia no Teatro do Parque, a partir de 15 de maio daquele ano, e temporada programada aos domingos à tarde. O texto e a direção foram de Leandro Filho. Ainda no elenco, Inalda Silvestre, Ozita Araújo, Jonira Máximo (todas também no papel de bruxas), Luiz Lima, Carlos Alberto e Rejane Santos. O jornal anunciava:



Pedacinho de Lua



teatro piolim

apresenta

PEDACINHO DE LUA
DE LUIZ MAURÍCIO CARVALHEIRA
MÚSICA DE TONICO AGUIAR

Patrocínio do Serviço Nacional de Turismo - MCT, DINEC, PNEC, SEC.
Apóio: Instituto História do Estado, Governo do Estado, Lírios da Arte e Cia.

com o apoio de: **ESTERNA**
no recife
A Sertaneja no Recife
Rua Olaria, 1000 - Centro
Tel: (81) 31-4100 e 32-8800

e
grafica e papelaria Star Ita
Serviços e Papelaria Star Ita Ltda.
Av. Beira Mar, 1.400 - Centro
Tel: (81) 37-0730 e 37-0830

O espetáculo conta com a participação de três meninas da platéia, que são convidadas pelo Bruxo Lenhador – o ator Luiz Lima – para ser bruxas, usando inclusive roupas, chapéus cômicos de magos, máscaras e outras indumentárias. No final da peça, recebem um diploma de “Bruxa Honorária”.

Em atividade desde 1975, o Mamulengo Só-Riso, de Olinda, segundo publicação de Valdi Coutinho no *Diário de Pernambuco* (10 de março de 1977, p. B-5.), “transfigura, recria e torna erudito o mamulengo, dentro do mesmo espírito de brincadeira teatral no qual ele se manifesta”. Após dezoito meses de apresentações pelo Brasil, a estreia de uma temporada pernambucana do grupo finalmente aconteceu em março de 1977, no Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco (MAC), em sua cidade natal, com os dois primeiros trabalhos, ambos de 1975, o espetáculo adulto *Festança no Reino da Mata Verde* e o infantil *Carnaval da Alegria*, este último com personagens como o Palhaço Melancia Gente e Boneco, Borboleta Borbolinda, Ioiô Macaíba, Capitão Ventola e Princesa Patafélida. Valdi Coutinho, naquela mesma edição

Luiz Maurício Carvalheira



do *Diário de Pernambuco*, destrinchou as atividades do grupo até então:

[...] no Recife, apresentou alguns espetáculos para Universidade Federal de Pernambuco, em Caruaru e outras cidades do Estado; em Teresina, Piauí, fez temporadas no Theatro 04 de Setembro, a convite da Fundação Cultural daquele Estado; excursão pela Parnaíba e várias cidades do interior piauiense; em Belo Horizonte, Minas Gerais, realizou apresentações na capital, como convidado para a Abertura oficial do X Festival de Inverno de Ouro Preto, através da Universidade Federal de Minas Gerais,



Mamulengo Só-Riso

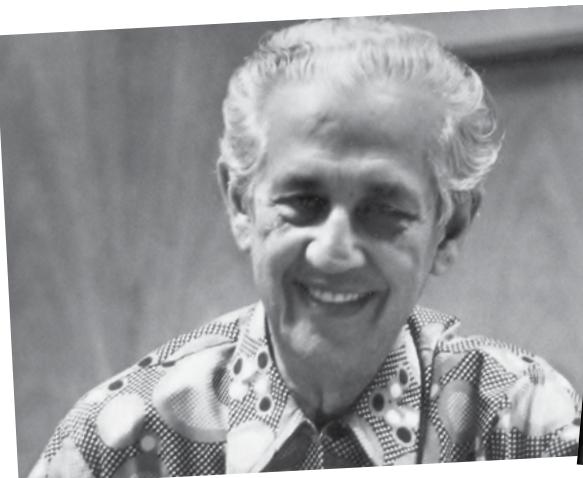
realizou apresentações na capital mineira, em Sabará, Santa Luzia, São João Del Rei e outras cidades interiores; em Manaus apresentou-se no Teatro Amazonas, Itacoatiara e Manacapuru e outras cidades, percorrendo a região amazônica por mais um mês a convite da Fundação Cultural do Amazonas; recentemente, em Brasília, esteve presente no VI Festival Nacional de Teatro de Bonecos, onde obteve brilhante participação por parte da crítica especializada, sendo considerado único no gênero em todo o Brasil. Nesse mesmo festival o diretor do grupo, Fernando Augusto, foi eleito presidente do Conselho Nacional da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos. Daí, a gente tem uma idéia do reconhecimento público e crítico que vem merecendo o Grupo "Mamulengo Só-Riso" em todo o Brasil, pelo nível do seu trabalho, inteiramente voltado para as raízes mais autenticamente popula-

Carnaval da Alegria



Nilson de Moura





Valdemar de Oliveira



Teatro Valdemar de Oliveira

res da nossa cultura, através de uma pesquisa de personagens, tradições, costumes, estórias, tipos, folclore, utilizando uma linguagem identificada com a realidade histórica do nosso povo.

Mas o ano de 1977 também foi sinônimo de tristeza profunda pela morte do comandante do Teatro de Amadores de Pernambuco, Valdemar de Oliveira, falecido no dia 18 de abril aos setenta e seis anos. Por toda a sua importância como homem da Cultura principalmente, inclusive no segmento do teatro para crianças, ele, definitivamente, deve ser sempre reverenciado. Por proposta do seu irmão, Alfredo de Oliveira, aceita por todo o TAP, o Nossa Teatro foi rebatizado de Teatro Valdemar de Oliveira a partir de 23 de maio de 1977. Seu filho Reinaldo de Oliveira assumiu, então, a direção do conjunto.

Coordenado por Didha Pereira, o grupo Teatro Assimétrico do Recife (Tare)

lançou sua primeira peça infantil, *A Volta do Camaleão Alface*, de Maria Clara Machado, tendo como diretor convidado Waternandes Carvalho. As sessões iniciais aconteceram no Centro de Trabalho e Cultura (CTC), no bairro dos Coelhos, com entrada franca e foco especial no público daquela comunidade. Nos dias 28 e 29 de julho de 1977, a peça foi apresentada no auditório do Diretório Central dos Estudantes (DCE). No elenco, Évenos Luz, Juca Santos, Eliano Gerônimo, Galba Burly, Vera Dath, Henrique Makallé, Ginaldo Gomes e Carmelita Pereira (posteriormente substituída por Jackson Costa). Didha Pereira assinava cenário e figurinos. Em Olinda, o grupo Teatro Hermilo Borba Filho montou a obra mais reconhecida da mesma dramaturga Maria Clara Machado, *Pluft, o Fantasminha*. O crítico Valdi Coutinho fez questão de registrar no *Diário de Pernambuco* (2 de outubro de 1977, p. B-9.) uma enorme alegria para a equipe:



Pluft, o Fantasminha



Pluft, o Fantasminha

"Soberbo"... foi o adjetivo escolhido por Maria Clara Machado para qualificar a impressão que tivera da montagem de "Pluft, o fantasminha", de sua autoria, pelo elenco do THBF, com direção de João Batista Dantas. Quando esteve no Recife, há alguns dias atrás, ela fez questão de ver o trabalho.

No elenco, Colette Dantas (Pluft), Stella Maris Saldanha (Mãe de Pluft), José Ramos, Sônia Carreira, Cláudia Chables, Jorge Jamel, Bárbara Lopes e Toniel Santos. A Oncinha Vermelha foi o espetáculo produzido pelo Teatro de Arte, em cartaz aos domingos, no Centro Ferroviário da cidade do Jaboatão dos Guararapes, com apoio daquela Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Educação, tendo como patronesse

a senhora Geruza Melo, primeira dama do município. Com texto e direção de J. B. Santos, o elenco era constituído por ele, além de Ijaci Maria, Josimar Silva, Madalena Galindo, Carlos Lima, Edi Nascimento e Marcelo Alexandre. Também na mesma cidade, a partir de setembro de 1977, no auditório do Serviço Social da Indústria (Sesi), o Teatro de Arena Guararapes encenou *Uma Rosa Amarela Para Belinha*, de Maria das Graças Caeté, com direção de Irapuan Caeté. No elenco, além do diretor, Eliza Maciel, Marcos Lima, Marcelo Beker e Maria Cristina Caeté.

Em Olinda, quem cumpria temporada às 17 horas no Teatro Hermilo Borba Filho era *A Duquesa dos Cajes*, de Benjamim Santos, com direção de João Ferreira. No elenco deste trabalho de estreia do Grupo de Teatro Canto Livre, Mércia Helena (Tia), Lourdes Acioly (Alice), Ana Lúcia Bernardo (Chapéu), Paulo Francisco (D. Quixote) e Francisco de Assis (Saci), todos alunos do Colégio Estadual de Beberibe (mais à frente, participaram ainda Adelmo Rocha e Edna de Cacio). Na ficha técnica, figurinos de Paulo Francisco; cenário de João Ferreira; e maquiagem da equipe. Um outro grupo que também fez tem-

A Oncinha Vermelha



porada no Teatro Hermilo Borba Filho, após a estreia no DCE (Diretório Central dos Estudantes), no Recife, foi o Teatro Experimental de Olinda (TEO), com o seu único trabalho para crianças, *O Violino Encantado*, de Vanildo Bezerra Cavalcanti, sob direção de Mário Lima, também responsável pela maquiagem. Ainda na ficha técnica, assistência de direção e iluminação de Tereza Cortez; cenografia e figurinos de Aníbal Santiago; administração de Walter Araújo e produção executiva de Valdi Coutinho. No elenco, o próprio diretor Mário Lima, Fernando Antunes (substituído por Erivaldo Cordeiro), Cléa Claudino, Cícero dos Santos (substituído por Márcio Antônio Miranda), Maria do Rosário, Lourdes Sant'Ana, Alfredo Veríssimo, Maria do Rosário, Antão Ferrão e José Manoel, que fez uma análise da peça no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 70.):

Eu diria que o texto, de Vanildo Bezerra Cavalcanti, não foi um primor de opção, mas a gente ainda conseguiu dar uma leitura política para a peça: a história de um bobo da corte que derruba o rei e toma o poder. Imaginem o que foi essa montagem num momento em que o poder es-

O Violino Encantado



tabelecido pelos militares estava começando a ser discutido.

A peça também passou pelo Teatro Valdemar de Oliveira e auditório do Cecosne. A partir de novembro de 1977 foi a vez de *Uma História Para o Conde Gato*, com roteiro e direção de Leandro Filho, voltar a cumprir temporada aos domingos, às 16h30, no Teatro do Parque, pelo Clube de Teatro Infantil. Muitas pessoas passaram pelo elenco, sempre em constante revezamento, como Jamysson Marques, Paulo Rubem (Paulo Rubem Santiago), Rejane Santos, Conceição Silva, Mônica de Lourdes, Carlos Alberto, Gilson Santana (Mestre Meia-Noite), Jorge Pacheco, Tarco Sá, Graça Azevedo, Graça Rodrigues, Albemar Araújo, Fábio Costa, Gamaliel Perruci, José Brito e Jonira Máximo, entre outros. O surpreendente é que, somente naquele ano, o Clube de Teatro Infantil já havia levado à cena mais quatro montagens, com destaque para nova versão de *O Fantasma Azul*, agora sob a direção de Isa Fernandes e com os atores Gamaliel Perruci, Jamysson Marques, Jonira Máximo, Uirandey Lemos, Nelson (sem registro do sobrenome) e Rejane Santos; além de *A Volta do Chapeuzinho Vermelho*, *Planeta das Bruxas* e *Os Visitantes do Espaço*, todas com Leandro Filho assumindo a direção. Nesta última, com texto de Otto Prado, figurinos de Ozita Araújo e iluminação de Cícero Paulo, estavam os atores Tarco Sá, Ângela Serpa, Rejane Santos, Carlos Alberto, José Raimundo (Raimundo Branco) e Marcos Oliveira.

No Circo da Onça Malhada (não confundir com o extinto Circo da Raposa Malhada, aqui já abordado), sob coordenação da equipe do Balé Popular do Recife e armado no Cais da Rua da Aurora, o Teatro da Criança do Recife



A Viagem ao Faz de Conta

apresentou nos dias 24 e 25 de dezembro de 1977, às 17 horas, o espetáculo *A Viagem ao Faz de Conta*, de Walter Quaglia. A sessão contou ainda com a participação do Palhaço Pimpão (Marilyam Sales) e muitas outras atrações, inclusive mágicas e brincadeiras e participação especial do Papai Noel trazendo brindes para a meninada. Uma curiosidade: naquele mesmo mês, o Teatro da Criança do Recife inaugurou oficialmente o Teatro da Casa da Cultura, com o nome de Sala Clênio Wanderley, estreando o espetáculo *Cordel 3*, com censura para maiores de quatorze anos. A obra trazia textos inspirados na literatura de cordel, *Macaco Misterioso, Presepadas de Satanás na Igreja e O Homem Que Comeu o Boi de Minas*, sob direção de José Francisco Filho. No elenco, **Suzana Costa, Fábio Coelho, Paulo Estevam, Paulo de Castro e Lau Chagas**. Em dezembro de 1977, quem cumpriu temporada na Sala Clênio Wanderley, aos domingos, às 17 horas, foi a peça *A Duquesa dos Cajus*, com direção de João Ferreira, pelo Grupo de Teatro Canto Livre.

Na retrospectiva teatral do ano publicada no *Diario de Pernambuco* (31

de dezembro de 1977, p. B-8.), Valdi Coutinho ressaltou o aparecimento de novos grupos amadores, ainda que distantes do almejado nível artístico. No entanto, apostou em melhores resultados no futuro. Segundo ele, entre as estreias de coletivos como o Cearte, Povoarte Grupo Teatral (do Cabo de Santo Agostinho), Grupo de Teatro Panacéia, Artenova, Teca, Grupo Cambuca e Conjunto Cênico Arborial, um dos destaques foi o surgimento da Companhia Práxis Dramática, em caráter profissional, com grandiosa produção que reunia vinte e nove atores na peça adulta *Esta Noite Se Improvisa*, de Pi randello, sob direção de Antonio Cadegue. Em Olinda, após a polêmica saída dos atores do seu núcleo inicial (Marcus Siqueira foi acusado de despotismo), o grupo Teatro Hermilo Borba Filho também chamou a atenção com o Curso Regular de Formação de Atores, com aula inaugural a partir de 26 de setembro de 1977, e a montagem de *O Santo Inquérito*, de Dias Gomes. Já o Grupo Expressão, da Fafire, realizou *Suplício de Frei Caneca*, lançando um novo autor, Cláudio Aguiar, e o Grupo de Teatro Vivencial montou *Sobrados e Mocambos*, de Hermilo Borba Filho, e *Viúva, Porém Honesta*, de Nelson Rodrigues.

Continuaram atuantes, "embora sem apresentar algo de novo", conforme Valdi Coutinho, o Teatro Ambiente do MAC, Teatro Experimental de Olinda, Teatro de Amadores do Cabo, Teatro Assimétrico do Recife, Grupo de Teatro Canto Livre e o Dinâmico Grupo Teatral. Ele lembrou ainda do Teatro Piolin, Teatro Equipe do Recife, Teatro Espontâneo e da Federação do Teatro Amador de Pernambuco que, em 1977, tendo Marcus Siqueira como segundo presi-

dente, finalmente assumiu personalidade jurídica. Ainda segundo esta mesma retrospectiva, no seguimento do teatro infantil Valdi Coutinho salientou a constante atuação do Teatro da Criança do Recife, Clube de Teatro Infantil, Teatro Hermilo Borba Filho, Mamulengo Só-Riso, Teatroneco, Teatro de Arena Guararapes e Teatro de Arte, os dois últimos da cidade do Jaboatão dos Guararapes.

Segundo os dados do *Anuário do Teatro Brasileiro 1977* (1977, p. 143-158.) e registros isolados nos jornais, dezoito produções para crianças aconteceram naquele ano na Região Metropolitana do Recife, quase todas aqui já abordadas. O Clube de Teatro Infantil promoveu cinco espetáculos, sendo o grupo de maior produção (*A Volta do Chapeuzinho Vermelho*, *O Fantasma Azul*, *Pla- netas das Bruxas*, *Os Visitantes do Espaço* e *Uma História Para o Conde Gato*). Quem continuou apresentações vindas de anos anteriores foram o Mamulengo Só-Riso, com *Carnaval da Alegria*; e os Atores do Liceu, com *Um Menino Jesus Dorminhoco*. Esta última montagem, com texto e direção de Tonico Aguiar, e participação do próprio autor e Celso Muniz como músicos, passou por espaços alternativos como o Teatro do Convento de Santo Antônio e o pátio do Liceu de Artes e Ofícios da Universidade Católica de Pernambuco.

Outras realizações do ano: o Grupo Expressão, da Fafire, montou seu único trabalho voltado às crianças, *Putz, a Menina Que Buscava o Sol*, de Maria Helena Kühner, sob direção de José Francisco Filho, com apresentações no auditório da Fafire e Teatro Valdemar de Oliveira. No elenco, Celeste Dias, Martha Ribas, José Francisco Filho, Flávio Freire, Zélia Sales, Mônica

Calluete, Reure Bezerra e Urias Novais (também na assistência de direção). A direção musical era de Cláudio Aguiar. Já o diretor Buarque de Aquino, junto a elenco recrutado pela LBA (Legião Brasileira de Assistência), do bairro de Santo Amaro, preparou *A Viagem de Um Barquinho*, de Sylvia Orthof, em temporada no mesmo auditório da Fafire. Atuavam Conceição Vicente, Flávio Emanuel Torres, Ana Elizabeth Torres, Josilena Estácio, Beto Gomes, José Sinval, Márcia Cabral e Manoel Constantino. As músicas originais eram de Flávio Emanuel Torres, diretor musical da peça, e do próprio Buarque de Aquino, também responsável pelo cenário e figurinos. Conceição Vicente concebeu as coreografias.

O Conjunto Cênico Arborial fez *Marquinha e Manezinho do Sertão*, com direção e coreografia de Severino Francisco. No elenco, o ator e produtor Ulisses Dornelas (assumindo ainda a direção musical), Edileuza Santos, Marly Francisco, Genival Torres e o próprio diretor Severino Francisco. Ainda há registro da peça *Pinóquio*, assinada pelo Teatro da Juventude do Rio de Janeiro, em visita ao Recife; e da realização do Encontro Teatro Infantil, no Teatro do Parque, em outubro de 1977, numa promoção da Secretaria de Educação e Cultura. Como curiosidade, vale citar o Troféu Espontâneo, premiação entregue anualmente pelo Teatro Espontâneo do Recife Produções Artísticas (Terpa) aos melhores do ano no teatro pernambucano, segundo comissão especialmente formada a cada edição. Mas, curiosamente, o teatro para crianças não participava, talvez pelo grupo Teatro Espontâneo nunca ter se dedicado a esta linguagem durante toda a sua existência.



De janeiro a fevereiro de 1978, o Serviço Nacional de Teatro promoveu a primeira edição do Projeto Mambembão e Mambembinho, com apresentações no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília de “doze espetáculos entre os mais significativos das regiões, – quer amadores, quer profissionais”, segundo o programa do evento (1978, p. 1.). Complementa o documento:

A ideia do Mambembão surgiu não só da constatação da necessidade de criar comunicação entre as realizações dos Estados com as platéias do Rio e São Paulo, como também os pedidos cada vez mais insistentes dos grupos das diversas regiões do país.

De Pernambuco, foram escolhidos dois espetáculos adultos e um infantil: *Rua do Lixo, 24*, do Grupo Feira de Teatro Popular (antigo Grupo de Cultura Teatral), de Caruaru; e *Festança no Reino da Mata Verde e Carnaval da Alegria*, do Mamulengo Só-Riso, de Olinda. **No elenco do grupo olindense, os atores/manipuladores Nilson de Moura, Conceição Barbosa, Gilberto Maymone, Beto Diniz, Conceição Acioli e Fernando Augusto.**

Na Região Metropolitana do Recife, o ano de 1978 marcou a continuidade de

apresentações de diversos espetáculos estreados em 1977 (ou antes mesmo), como, por exemplo, *Uma Rosa Amarela Para Belinha*, do Teatro de Arena Guararapes, dirigido por Irapuan Caeté, que cumpriu nova temporada na cidade do Jaboatão dos Guararapes, desta vez aos domingos, às 17 horas, no Grêmio 13 de Maio, e também no Sesi do Jaboatão. Posteriormente, a montagem foi vista na Casa da Cultura, na capital pernambucana. No Recife e em Olinda, *A Duquesa dos Caju*, pelo Grupo de Teatro Canto Livre; *O Violino Encantado*, pelo Teatro Experimental de Olinda (TEO), que promoveu um “circuito periférico”, indo a vários lugares como o Cine Pagé e Grêmio Esportivo Paulistense, no município do Paulista, e o Colégio Paola Fassinete, em Prazeres, totalizando vinte e seis apresentações financiadas pelo Serviço Nacional de Teatro; *Pedacinho de Lua*, do Teatro Piolin; *Pluft, o Fantasminha*, do Teatro Hermilo Borba Filho; *Uma História Para o Conde Gato*, do Clube de Teatro Infantil, e *Carnaval da Alegria*, do Mamulengo Só-Riso, também foram vistos ou revistos pelo público. Falando nisso, o jornalista Valdi Coutinho lembrou do sucesso de *A Viagem ao Faz de Conta*, do Teatro da Criança do Recife, em sua coluna *Cena Aberta*, no *Diário de Pernambuco* (11 de junho de 1978, p. B-9.):

Escolhido como o melhor espetáculo do gênero, em 1976, "A Viagem" teve mais de 100 apresentações em teatros, grupos escolares e clubes sociais do Recife e é, segundo Carlos Lagoero, "vibrante quando os personagens se encontram em cena, articulando uma trama engraçada e, ao mesmo tempo, educativa".

Uma das novidades no início do ano foi a temporada do espetáculo *O Rato Que Queria Ser Marinheiro*, de Isa Fernandes, sob direção e cenário de Leandro Filho e direção musical de Paulo Rubem (Paulo Rubem Santiago), pelo Clube de Teatro Infantil. No elenco, Rejane Santos, José Raimundo (Raimundo Branco), Graça Rodrigues, Marcos Oliveira e Carlos Alberto. A estreia aconteceu no dia 29 de janeiro de 1978, no Teatro do Parque, mas a peça chegou a ser apresentada também no Theatro Santa Roza, em João Pessoa. A partir de 7 de maio de 1978, no palco do Teatro do Parque, nova versão após a estreia em 1972 do texto *O Macaco Bom de Bola*, de Leandro Filho, também na direção e concepção de cenário. No elenco, Tarciso Sá, Jonira Máximo, Guatemberg (sem indicação do sobrenome), Graça Rodrigues, Rejane Santos e

O Rato Que Queria Ser Marinheiro



Marcos Oliveira. Ainda na ficha técnica, direção musical de Gamaliel Perruci Júnior e coreografia de Uirandey Lemos. Em novembro de 1978, a partir do dia 4, agora ocupando temporada no Teatro de Santa Isabel, foi a vez de lançar o espetáculo *O Planeta dos Palhaços*, de Pascoal Lourenço, com direção de Leandro Filho, que contou com cenários e figurinos de Diva Pacheco e produção de Paulo de Góes, ainda numa realização do Clube de Teatro Infantil. No elenco de adultos e crianças, João Ferreira, Paulo Mendonça, Eduardo Mendonça, Pascoal Pacheco, Flávio Mendonça, Sévio Mendonça, Severino Mendonça, Robson Pacheco, Carmem, Vanusa, Vilma, Luciana, Rui, Carlos, Flávio, Graça (os oito últimos sem indicação dos sobrenomes).

De 3 a 11 de junho de 1978, o Teatro do Parque foi sede do I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, promoção do Clube de Teatro Infantil e Associação Cultural e Educacional, sob a coordenação de Leandro Filho. Onze peças estavam na programação, cuja abertura aconteceu num sábado, às 10 horas, com a montagem *Putz, a Menina Que Buscava o Sol*, de Maria Helena Kühner, pelo Grupo Expressão, da Fafire, sob direção de José Francisco Filho. No mesmo dia, às 16 horas, foi a vez de *Filha de Bruxa Não é Bruxinha*, de Leandro Filho, pelo Grupo de Teatro Infantil 17 de Janeiro. Participaram ainda *A Duquesa dos Cajes*, peça de Benjamim Santos, com direção de João Ferreira, pelo Grupo de Teatro Canto Livre, de Beberibe, no domingo, às 10 horas; *Quê Pê Côi Pôi Sá Pá*, de Pernambuco de Oliveira, com o Grupo Interação de Teatro Infantil, na segunda-feira, às 16 horas; *Chapeuzinho Vermelho*, de Maria Clara Machado, com o



Maria Minhoca



Grupo Acauã, do IEP (Instituto de Educação de Pernambuco), na terça-feira, às 16 horas; *A Oncinha Vermelha*, de Maria Lúcia, pelo grupo Teatro de Arte, do município do Jaboatão dos Guararapes, na quarta-feira, às 16 horas; *A Viagem ao Faz-de-Conta*, de Walter Quaglia, com direção de José Francisco Filho, e *Maria Minhoca*, de Maria Clara Machado, dirigida por Paulo de Castro, ambas com o Teatro da Criança do Recife, respectivamente na quinta e sexta-feira, sempre às 16 horas; *O Rato Que Queria Ser Marinheiro*, de Isa Fernandes, em realização do Clube de Teatro Infantil, no sábado, às 10 horas e, às 16 horas, *O Macaco Bom de Bola*, de Leandro Filho, pelo Teatro de Comédia do Recife (aqui, estranhamente assinada por este núcleo adulto que Leandro Filho fazia parte).

Encerrando o festival no domingo, às 10 horas, o Grupo de Teatro Infantil de Caruaru apresentou *Pluft, o Fantasma-nha*, mas tudo faz crer que o nome do grupo saiu equivocado na divulgação do evento, já que consta que, em 1978, foi o Cine-Teatro Infantil Bandeirantes, corpo cênico do Núcleo das Bandeirantes de Caruaru, o responsável pela montagem deste texto clássico de Maria Clara Machado na capital do Agres-

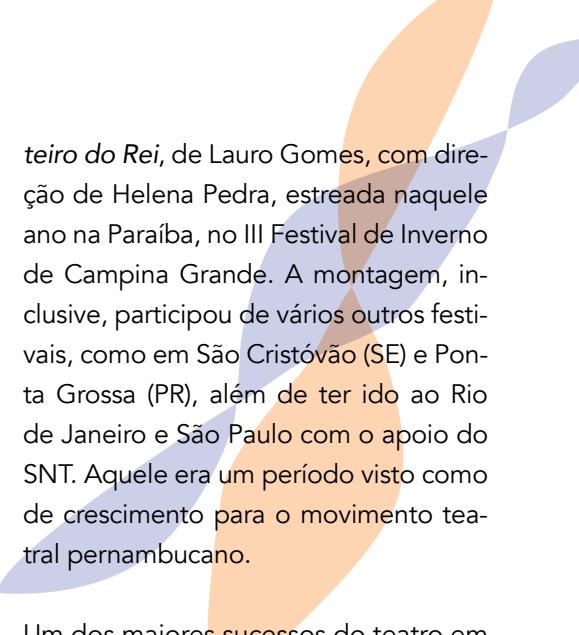
te, sob orientação do médico Luiz Gonçalves, segundo matéria no *Jornal Vanguarda* (15 de abril de 1978, p. 1.). A equipe havia sido fundada em dezembro de 1977, composta por jovens Bandeirantes e integrantes do TEA (Teatro Experimental de Arte). Ainda tratando do I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, o *Diário de Pernambuco* (1 de junho de 1978, p. B-5.) divulgou que o objetivo do evento era "estimular os grupos, atores e diretores que se preocupam com o Teatro Infantil" e incentivar o público a comparecer às apresentações. A iniciativa de Leandro Filho contou com o apoio do Serviço Nacional de Teatro e da Prefeitura Municipal do Recife. O mais curioso é que todas as peças estavam sendo submetidas à apreciação de um júri infantil, que selecionou as três melhores apresentações (não encontradas na imprensa).

Paralelamente ao I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, no palco do Teatro Valdemar de Oliveira, a meninada podia conferir a temporada de sucesso de *Maria Minhoca*, texto de Maria Clara Machado na versão do Teatro da Criança do Recife, com Paulo de Castro na direção, em cartaz aos domingos do mês

de junho de 1978, às 16 horas, com casa sempre cheia. No novo elenco, Suzana Costa (Maria Minhoca), Paulo Estevam (Chiquinho Colibri), Maurício Campos (Mister Bulldog), Paulo de Castro (Capitão Quartel) e Carlos Lagoeiro (Pedro Fon-Fon). Posteriormente, a peça passou a ser apresentada também aos sábados, às 16h30. Durante o I Festival de Teatro Infantil, quem cumpriu temporada no Teatro Valdemar de Oliveira foi o grupo carioca Asdrúbal Trouxe o Trombone, com a peça *Trate-me Leão*, sucesso principalmente entre a juventude tão carente de espetáculos. A última sessão aconteceu no Teatro do Parque, paralelamente ao evento dedicado às crianças do Recife. Em seguida, a trupe seguiu para Caruaru.

Na cidade do Cabo de Santo Agostinho, a 30 km do Recife, de 27 a 30 de julho de 1978, aconteceu o I Congresso da Confenata naquele município, em paralelo à I Mostra Norte/Nordeste de Teatro, dois importantes eventos sob a coordenação dos grupos Teatro de Amadores do Cabo (TAC) e Povoarte Grupo Teatral. Em meio a produções teatrais de vários estados do Norte e Nordeste, o Teatro de Amadores do Cabo apresentou duas peças, a adulta *Quarto de Empregada*, de Roberto Freire, com direção de José Antônio; e a infantil – única em toda a programação – *O Sapa-*

teiro do Rei



, de Lauro Gomes, com direção de Helena Pedra, estreada naquele ano na Paraíba, no III Festival de Inverno de Campina Grande. A montagem, inclusive, participou de vários outros festivais, como em São Cristóvão (SE) e Ponta Grossa (PR), além de ter ido ao Rio de Janeiro e São Paulo com o apoio do SNT. Aquele era um período visto como de crescimento para o movimento teatral pernambucano.

Um dos maiores sucessos do teatro em 1978 foi mesmo o lançamento no Recife de *Os Saltimbancos*, texto de Sérgio Bardotti e músicas de Luiz Enriquez, com tradução e adaptação de Chico Buarque de Holanda, pelo TAP-Júnior, por anos em cartaz com enorme público. A estreia aconteceu no dia 22 de julho de 1978, no Teatro Valdemar de Oliveira. A direção era de Adhelmar de Oliveira Sobrinho (Pedro Oliveira), também responsável pelo cenário. Na enorme equipe envolvida, ele tinha como assistentes de direção Patrícia Mendes (Patrícia Breda) e Cristiana de Oliveira, além da supervisão geral e iluminação de Reinaldo de Oliveira. Ainda na ficha técnica, figurinos de Hercy de Oliveira; sonoplastia e efeitos especiais de Fernando de Oliveira; maquiagem de Nita Campos Lima; coreografias de Maria Tereza de Edmundo Morais, Maria de Fátima Alves, Patrícia Mendes



Os Saltimbancos

Os Saltimbancos



(Patrícia Breda) e Solange de Oliveira; penteados de Mariinha; coordenação geral de Betty de Oliveira; e supervisão das crianças do elenco de Maria Lúcia Ribeiro. O jornalista Valdi Coutinho salvou a montagem no *Diario de Pernambuco* (20 de julho de 1978, p. B-5.):

A peça vem sendo encenada no mundo inteiro, e, atualmente, se acha em cartaz em quase todos os Estados do País. No Recife, o Teatro de Amadores de Pernambuco, obteve a exclusividade de direitos autorais e ainda o "play-back" original das músicas, assim como estão sendo apresentadas no Rio e em São Paulo, graças a um (sic) gentileza especial de Chico Buarque de Holanda. [...] A retaguarda do espetáculo está confiada aos veteranos do TAP [...] Os dirigentes do TAP chama (sic) a atenção dos adultos para o fato de que o espetáculo também é dirigido para ele (sic), com o seguinte "slogan": "Peça ao seu filho para lhe levar".

No elenco, Adhelmar de Oliveira So-brinho (Pedro Oliveira, Jumento), Harry Gomes (Cachorro), Patrícia Mendes (Galinha), Cristiana de Oliveira (Gata), Sheila de Carvalho Dantas, Vanda Barreto Gomes (Baronesas), Hermógenes Araújo, Ricardo Vauthier (Barões) e o Coral Catavento, da TV Jornal do Commercio, parceira nesta realização (formado pelas crianças Adriana Brayner, Alberto Torres, Ana Carla Gouveia, Da-



niela Kyrillos, Denys Ferraz, Dilene Ferraz, Dinazinha de Oliveira, Edja da Silva, Elizabeth Gouveia, Fabiana Menezes, Geórgia Kyrillos, João Carlos Malheiros, Jocigênes Monteiro, Joel Cardoso, José Louredo Torres, Luciano Brayner, Márcia Valéria, Maria Helena Silva, Maria Inês Silva, Patrícia França, Rosinha de Oliveira, Roselane Torres, Simone Souza, Sumaya Kyrillos, Valéria de Paula, Roberta e Gisele, as duas últimas sem registro do sobrenome). O *Jornal do Commercio* (29 de julho de 1978, p.1.) apontou o sucesso inicial da montagem:

Desde a semana passada se encontra em cartaz no Teatro Valdemar de Oliveira, a revista musical infantil "OS SALTIMBANCOS". A apresentação é do T.A.P. Júnior, departamento infanto-juvenil do Teatro de Amadores de Pernambuco, a quem está diretamente ligada a produção do espetáculo. As lotações dos espetáculos do fim da semana que passou foram esgotadas e a procura durante esta semana levou os diretores do conjunto a promover "duas sessões", hoje e domingo, às 16 e às 18 horas. [...]



Os Saltimbancos

Chico Buarque de Holanda traduziu e adaptou para o português esta fábula musicada que se baseia no conto dos Irmãos Grimm "Os músicos de Bremen". A direção do espetáculo, que apresenta de (sic) inovações de efeitos especiais está a cargo de Adhelmar de Oliveira Sobrinho, que mantém sob seu comando mais de 40 figurantes além de interpretar o principal papel. [...] O coral Catavento do Canal 2, sob a direção de Maria Lúcia Ribeiro é o ponto alto do apoio da apresentação [...] Na parte técnica do espetáculo há efeitos com a utilização de gelo seco, de luz negra, lâmpadas estroboscópicas ao lado de iluminação especial. [...] estando o som, especialmente enviado por Chico Buarque com o apoio da Pho-

nogram [...] o Teatro de Amadores de Pernambuco investiu milhares de cruzeiros. Os ingressos estão à venda na bilheteria do Teatro ao preço único de Cr\$ 50,00. Aconselha-se a aquisição com antecedência em vista da grande procura.

No mês de agosto, quem ganhou destaque no *Diário de Pernambuco* (11 de agosto de 1978, p. B-1.) foi o Palhaço Pipoquinha, personagem da atriz, diretora e musicista Fátima Marinho. Sua proposta de apresentações, não só em festas nas casas de famílias como em clubes ou associações, era "educar fazendo graça":

É o palhaço "Pipoquinha", que tem cara de menino levado, alegre, brincalhão, surgido em 1974, na cidade de Pouso Alegre, sul de Minas, durante excursão promovida por um grupo de alunos do Cecosne. A técnica utilizada por Fátima Mari-



Palhaço Pipoquinha

nho, nas festas de batizado ou aniversário, nas residências ricas ou de classe média da Capital, é diferente. Ela não diz piadas aos garotos, nem faz cambalhotas ou grita, procurando chamar-lhes a dispersiva atenção!

– Tenho um método especial para educar as crianças que assistem às apresentações do palhaço “Pipoquinha”: procuro socializá-las através de participação das brincadeiras que vão da competição esportiva aos exercícios de mímica. [...] depois, à brincadeira um tanto desusada nos grandes centros sociais do País, de roda. Canta-se e bate-se palma, faz-se a expressão corporal.

Naquele ano, Fátima Marinho fundou o Grupo Pipoquinha e lançou, a partir de 1979, espetáculos musicais no Teatro de Santa Isabel. Ainda em 1978, no mês de dezembro, além da temporada vitoriosa de *Os Saltimbancos*, pelo TAP-Júnior, no Teatro Valdemar de Oliveira (espetáculo que contou com o patrocínio do Serviço Nacional de Teatro), há registro ainda das seguintes peças em cartaz no Recife: *Meu Amigo Papai Noel* (sem indicação dos seus realizadores), no Teatro de Santa Isabel; e *O Segredo do Tesouro*, do Clube de Teatro Infantil, no Teatro do Parque, com o primeiro texto assinado pelo até então ator Gamaliel Perruci Júnior. A montagem contou com direção de Leandro Filho; cenário de Ozita Araújo; figurinos de Ilza Cavalcanti; coreografia de

Conceição Silva; e direção musical de Flávio Cézar Nascimento. No elenco, além do próprio autor, estavam Marcos Oliveira, Uirandey Lemos, Rejane Santos, Jonira Máximo, Fábio Costa e Albemar Araújo.

Outra estreia de sucesso aconteceu com o Teatro da Criança do Recife, que produziu *A Revolta dos Brinquedos*, texto de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, na direção de José Francisco Filho. No elenco que ficou em cartaz no Teatro de Santa Isabel, Carlos Lagoeiro, Carlos Carvalho, Ivonete Melo, Stela Gatis, Rosa Machado, Maurício Campos e Marcus Vinícius. No *Diário de Pernambuco* (20 de outubro de 1978, p. C-5.), na coluna *Cena Aberta*, Valdi Coutinho destacou “o bonito figurino, assinado por Diva Pacheco, salientando-se ainda a expressiva maquiagem a cargo de Gilson Guedes”. Dois palhaços, Cocorote e Brasinha, eram responsáveis pela abertura do espetáculo. Em data imprecisa, mas certamente após a estreia de *A Revolta dos Brinquedos*, José Francisco Filho ainda dirigiu para o Teatro da Criança do Recife, *O Coelhinho Pitomba*, texto de Milton Luiz, com os atores Roberto Lessa e Luiz Maurício Carvalheira, entre outros.

O final de 1978 também foi o período em que o Grupo de Teatro Bandepe, conjunto teatral ligado a uma instituição financeira, o extinto Bandepe,



A Revolta dos Brinquedos

banco do Governo Estadual de Pernambuco, lançou seu único trabalho para crianças, *O Galo de Belém*, auto infantil de Walmir Ayala e direção geral de Lúcio Lombardi. No elenco, Virgínia Ferraz (Estrela), Bonfim (1º Pastor), Pé- ricles Gouveia (Rei Mago), Marluce Ribeiro (Rainha Maga), Romero Andrade (Galo), Vicente Monteiro (Estalajadeiro), Maria Elena (Estalajadeira), Lucicleide Trindade (Maria), Hermano Figueiredo (José), Edjeso Ferreira (Vellho Pastor), Clóvis Bezerra (2º Pastor) e participação especial do Coral Bandepe, sob a regência do maestro José da Cunha Beltrão. No ano de 1978 surgiu ainda um novo grupo de teatro de bonecos no Recife. Segundo trecho extraído de *Bonecos & Bonequeiros – Catálogo da Produção de Teatro de Bonecos em Pernambuco*, publicação que a Associação Pernambucana de Teatro de Bonecos (APTB) pretendia editar em 1999 com o apoio da Funarte, e não se efetivou, de acordo com o presidente da entidade e autor da obra, Jorge Costa (documento enviado via e-mail em 14 de setembro de 2007, p. 7.):

O Mamulengo Vem Vem foi criado em março de 1978. Está inserido no setor de lazer Artístico do SESI/PE e tem como objetivos, entre outras coisas, resgatar um pouco da memória e da cultura popular nordestina. Seus integrantes são todos funcionários da instituição.

Já no município do Jaboatão dos Guararapes, *O Casaco Encantado*, de Lúcia Benedetti, com direção de Tell Lúcia, foi uma realização do Grupo de Teatro Amador de Prazeres, vista inclusive no Teatro de Santa Isabel. No elenco, Herculano dos Santos, Maria da Paz Mota, Ricardo Medeiros, Tell Lúcia, Jaqueline Lúcia, Rejane Ferreira, Antônio de Pá-

dua, Rejanete Ferreira, Simone Lúcia, Wilson Ferreira, Iracema do Nascimento e Wildo Barbosa. Na cidade de Arcoverde, surgiu a Equipe Teatral de Arcoverde (Etearc) com dois esquetes concebidos coletivamente, *O Embarque de Noé* e o infantil *Chapeuzinho Vermelho*, com Tito Araújo no elenco, além dos atores Paulo Oliveira (Paulo de Oliveira Lima), Luiz Vieira, Laíce Brito e Etiene Santos, entre outros. Como produções do Recife, vale relembrar ainda *Salabim, Um Mundo de Ilusões*, montagem de estreia do Grupo de Teatro Tio Zezinho, com texto e direção de José Passos; cenário de Zezinho Almeida e José Almeida; figurinos de Dalva Sampaio; iluminação de Antônio José; e maquiagem de Silva Neto. No elenco de adultos e crianças, José Passos, José Bandim, Silva Neto, Lugom Sérgio, Luiz Eurico, Martiniano Almeida, Elvira Almeida, Edno Maciel, Vera e Gilson (os dois últimos, sem registro do sobrenome). No livro-homenagem *Antônio de Almeida, Zezinho do Santa Isabel* (2009, p. 70.), o pesquisador Marcondes Lima revela algo sobre a montagem:

Um panfleto, sem data, revela a parceria [de Zezinho] com o Dr. José Passos, advogado que amadoristicamente se aventurava em produções de revista e outras voltadas para o público infantil. O impresso serviu para divulgar uma produção do Grupo de Teatro Tio Zezinho que apresentaria nova temporada do espetáculo Saladim (sic): um mundo de ilusões (revista mágico infantil), aos sábados e domingos às 16h30, no Teatro de Santa Isabel, onde afirmavam que mais de duas mil pessoas já haviam assistido à montagem. Maria Elvira confirma isso ao me contar: “[...] Eu fazia o papel do Coelho Ale-

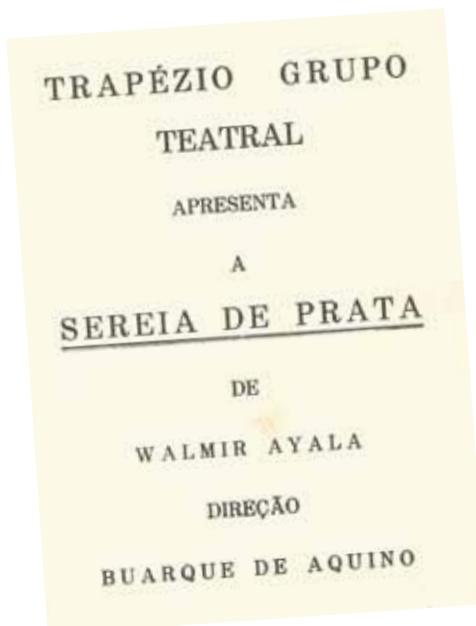
gre; participava de vez em quando de algumas apresentações em escolas e festas de aniversário, com o Palhaço Verdinho, criação do meu pai e do José Passos (que fazia o papel do palhaço)".

Também foi lançada *A Sereia de Prata*, de Walmir Ayala, estreia do Trapézio Grupo Teatral dirigido por Buarque de Aquino, trabalho que retomou a ideia das matinês infantis aos domingos no Recife, a partir do dia 6 de agosto de 1978, no Teatro Valdemar de Oliveira, uma empreitada que não deu muito certo. Segundo Valdi Coutinho no *Diário de Pernambuco* (6 de agosto de 1978, p. B-9.), o elenco contava com "alunos do Liceu de Artes e Ofícios, Fafire, Unicap e UFPE": Manoel Constantino, Dayse Marques, Eurico Barbosa, Geane Bezerra, Carlos Alberto, Ângela Serpa, Alexandre Pacheco, Betânia Maia e Jarbas Januário. De 5 a 10 de setembro de 1978, no Teatro de Santa Isabel, foi a vez do Grupo Gente Nossa (com este nome em homenagem ao extinto grupo liderado por Samuel Campelo) lançar-se com o melodrama em três atos *A Família Som*, de Paulo Ferreira,



voltado a todas as idades, com trilha sonora de Antúlio Madureira e Antero Madureira, e direção de Luís Lima. No elenco, Jonas Silva (Dó), Walmir Chagas (Ré), Alda Guimarães (Mi), Raquel Wanne (Fá), Bartolomeu Buene (Sol), Socorro Pires (Lá), Icleiber (Si), Paulo Ferreira (Vovô), Rejane Santos (Lídia) e Luís Lima (Pastor).

Há ainda registro das peças *O Infeliz Professor de Música* e *O Colar de Maroquinhas Fru-Fru*, ambas de autoria da professora Aida Sabat Feldmann, feitas com seus alunos no Orfanato Bezerra de Menezes, em homenagem ao Dia da Criança, além de três produções visitantes no Recife em 1978: *A Gaiola de Avatisiú*, do Grupo Hombu (RJ); *O Gato de Botas*, do Teatro da Juventude do Rio de Janeiro (RJ); e *Os Saltimbancos*, do Grupo Mutirão (MA). No total, vinte e sete produções direcionadas a infância foram registradas em 1978, em cidades como Recife, Olinda, Caruaru, Jaboatão dos Guararapes e Cabo de Santo Agostinho, segundo dados do Anuário do Teatro Brasileiro 1978 (1978, p. 131-158.), publicação do Serviço Nacional de Teatro, além de informações colhidas em jornais, programas de espetáculos ou entrevistas.





O Clube de Teatro Infantil bateu o recorde de realizações, com oito peças diferentes apresentadas naquele ano: *Uma Viagem ao Reino das Formigas*, *O Coelhinho Falador*, *O Macaco Bom de Bola*, *O Rato Que Queria Ser Marinheiro*, *O Segredo do Tesouro*, *O Planeta dos Palhaços*, *Uma História Para o Conde de Gato* e *A Volta do Camaleão Alfase*. E além da continuidade da versão de *Maria Minhoca*, de Maria Clara Machado, pelo Teatro da Criança do Recife, há registro de uma encenação do mesmo texto, por Nildo Garbo, pelo Grupo Folguedo de Arte Popular, em Caruaru, produção que, inclusive, participou do III Festival de Inverno de Campina Grande, na Paraíba, em julho de 1978. Ainda em Caruaru, em dezembro daquele ano, segundo entrevista (26 de junho de 2013), Arary Marrocos dirigiu *A História dos Três Porquinhos* (sem indicação do autor) e *Auto de Natal* (de Leandro Filho) com o Grupo de Teatro Infantil do Sesi, no Centro de Atividades José de Vasconcelos e registro mínimo nos jornais da época.

Nos dois primeiros meses de 1979, o Serviço Nacional de Teatro promoveu a segunda edição do Projeto Mambembão e Mambembinho, com apresentações no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília de doze novos espetáculos do país inteiro. Desta vez, Pernambuco conseguiu emplacar duas

montagens adultas, ambas de Olinda, Chico Rei, do Teatro Ambiente do MAC, e *Repúblicas Independentes*, *Darling*, do Grupo de Teatro Vivencial. Ainda em janeiro de 1979, estreou no Teatro Valdemar de Oliveira, em temporada aos sábados e domingos, por um mês, *A Bruxinha Que Era Boa*, de Maria Clara Machado, lançamento do Grupo Sudene, formado por funcionários ligados à Associação dos Servidores da Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), sob direção de João Menezes, tendo como atores convidados Inalda Silvestre (Bruxa-Chefe) e Sávio Carrilho (Pedrinho). Ainda no elenco, Maria Mattoso (Bruxinha Ângela), Majôr Vieira (Bruxinha Caolha), Carminha Azevedo (Bruxinha Fredegui), Dôra Pimentel (Bruxinha Fedelha), Teca Melo (Bru-



xinha Federos), João Menezes (Bruxo Belzebu II, também assinando cenário e figurinos) e Gilsó (Vice-Bruxo).

A partir do dia 11 de março de 1979, no Teatro de Santa Isabel, o Grupo Pipoquinha, liderado pela atriz, diretora e musicista Fátima Marinho, foi responsável pelo primeiro sucesso entre as retomadas das matinais teatrais dominicais recifenses no final da década de 1970, com o show infantil *Domingo Alegre* e destaque para o preço acessível ao público. Paralelamente a este lançamento e na mesma data, o Clube de Teatro Infantil, liderado por Leandro Filho, também decidiu transferir o espetáculo *A Volta do Camaleão Alface*, de Maria Clara Machado, que até então era apresentado à tarde, no Teatro do Parque, para o horário dominical das manhãs. Somente em

agosto de 1980, o produtor Ulisses Dornelas retomou definitivamente esta iniciativa do horário infantil matinal, com sequência constante de espetáculos no Teatro de Santa Isabel.

Com texto e direção da própria Fátima Marinho, o espetáculo *Domingo Alegre* lançou o Grupo Pipoquinha no mercado teatral para crianças, em atividade ininterrupta desde então, pelo menos até o lançamento desta publicação em 2016. O *Diario de Pernambuco* (29 de abril de 1979, p. C-9.) descreveu o trabalho:

Todas as manhãs (10 horas) de domingo, o Grupo Pipoquinha está enchendo o Teatro Santa Isabel de crianças que vão assistir o show infantil “Domingo Alegre”, cheio de atrações, e com objetivo de levar



Domingo Alegre



Domingo Alegre

cultura e educação através de um trabalho teatral. Fátima Marinho é o palhaço Pipoquinha, mas desempenha outros papéis dentro do espetáculo: a moça, boneca Fatico [...] com muitas brincadeiras e improvisações, estimulando a criança a participar ativamente da função.

Ainda no elenco, Péricles Gouveia (irmão Estanisláu, Médico e Consertador de Brinquedos), Osman Jordão (Palhaço Pipocão e Velho Ferreiro, além de violonista), Iratangi de Lima (Menino,

Pipoqueiro e Titiriteiro, além de percussionista) e Ivanildo José (Lobo, Jardineiro e Titiriteiro, além de violonista). Por e-mail (22 de julho de 2008), numa conversa descontraída, Fátima Marinho chegou a confessar:

Os funcionários do Santa Isabel me alertaram que eu não teria sucesso, porque muitos já tinham tentado e era fracasso total. Mas nessa época [eu apresentava o programa televisivo] "Tarde Alegre", na TV Tupi então bastou convidar o público e o preço como sempre baratinho, "entonce" superlotou o Santa Isabel. Tinha gente que voltava porque não dava para entrar. Foi lindo!

Após a temporada de *A Volta do Cama-leão Alfáce*, peça cujos atores Marcos Oliveira, Gamaliel Perruci, Cida Melo, Conceição Silva, Tonico Santos, Biu Mendonça, Roberto Lessa, Flávio Cézar Nascimento, Carlos Brito e Djalma Almeida vinham atuando desde 1978, a 1 de maio de 1979 Leandro Filho dirigiu novo espetáculo, *No Planeta das Bruxas*, no Teatro do Parque. O texto e cenário também eram dele, com figurinos de Ozita Araújo, luz de Antônio José e som de Gamaliel Perruci. No elenco, José Sales, Graça Rodrigues, Conceição Silva, Carmem Martine, Fátima Pink, Walter Boa Vista e Mônica de Lourdes. Já o espetáculo *Uma Viagem ao Reino das Formigas*, texto de Flávio Cézar Nascimento, outra direção de Leandro Filho em 1979, contou com os atores Gamaliel Perruci Júnior, Flávio Cézar Nascimento, Djalma Almeida, Luiz Almeida, Cida Melo, Carmem Martins, Graça Rodrigues, Conceição Silva, Ivaldo Souza e Walter Boa Vista. Os figurinos eram de Ozita Araújo e Gamaliel Perruci Júnior, este último, também responsável pelo cenário.

A 29 de junho de 1979, morreu Alfredo de Oliveira, aos sessenta e quatro anos, um dos homens mais inquietos do teatro pernambucano e, entre tantas atividades, fundador do Teatro de Brinquedo, companhia que iniciou a profissionalização do gênero infantil em Pernambuco. Também no mês de junho foi fundado o Teatro de Bonecos Lobatinho, com atuação ininterrupta desde então, pelo menos até o lançamento desta publicação em 2016. O seu mentor foi José Dias de Melo, que esteve à frente do grupo até fevereiro de 2004, quando veio a falecer, sendo substituído por membros da família. Ainda tratando do universo bonequeiro, curiosamente, somente em agosto de 1979 o Mamulengo Só-Riso finalmente foi visto em sua primeira grande temporada no Recife, do dia 18 daquele mês até 30 de setembro de 1979, no auditório do Cecosne, na Madalena, com *Carnaval da Alegria*, aos sábados e domingos, às 16 horas, sob o comando do Palhaço Melancia (Nilson de Moura) e mais trinta bonecos. Pouco antes, o grupo havia recebido elogios no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Belo Horizonte. Já o Teatroneco apresentava naquele momento, em sua sede, *Socorro, Salvem os Porquinhos!*, com texto e direção de Augusto Oliveira, com ele, Cerena Rocha, Celeste Dias e Izabel Pinheiro no elenco, mas o grupo também preparou naquele ano, *Circo da Fantasia*, com texto e direção de Augusto Oliveira e ele, Waldeth Oliveira, Izabel Pinheiro, Luciano Silva e Carena Rocha como atores bonequeiros.

Em outubro de 1979 surgiu um novo espetáculo do Grupo Pipoquinha, *Domingo Alegre N° 2*, em outra temporada de sucesso no Teatro de Santa Isabel, ainda nas matinais domingueiras.



Carnaval da Alegria

Aos sábados pela manhã a equipe fazia divulgação na Praça da Independência, apresentando cenas da montagem. O texto foi concebido por Osman Moreira Jordão e Fátima Marinho, que dirigiu a peça e ficou responsável também pelo cenário, figurino e maquiagem. A iluminação foi assinada por José Falcão. No elenco, Fátima Marinho, Osman Moreira Jordão, Josenildo Marinho, Iratangi de Lima, Ivanildo José, Graça Marques, Fátimo Fernandes, Zézo Oliveira, Antônio, Aidil, Maria, Marcos e Washington (os cinco últimos sem indicação do so-

Domingo Alegre N° 2





Domingo Alegre Nº 2

brenome). Uma matéria de destaque no *Diário de Pernambuco* (26 de outubro de 1979, p. C-1.) ressaltou a perspectiva da artista Fátima Marinho:

Segundo ela, "a filosofia do Grupo Pipoquinha é retratar, através da arte cênica, pontos reais da vida de nossa gente. Daí a dificuldade de encontrar textos teatrais não fantasiosos, não fictícios, não utópicos. Estamos numa linha de teatro realista, porém, não agressiva, uma verdadeira. Criamos textos e músicas sem as bruxas, as fadas encantadas, sem a varinha de condão, tradicionais e aleatórias. Sei que são personagens simbólicos, mas a maior parte das crianças não assimila o que realmente representam eles". [...] O espetáculo se constitui de duas peças sincronizadas, "Dom Cachorro e o Conde Gato" e "O Bumba-Meu-Boi", a primeira de Osman Jordão, e a segunda da própria Fátima, que, com ela, procura atrair o público para alguns aspectos do nosso folclore.

[A primeira] Retrata o problema do Conde Gato, que tem a mania de tirar o que é dos outros. [...] O conde agride a todos, não pretende perder as "suas terras" – que havia furtado. O povo, prejudicado, pede ajuda à platéia sobre o que fazer com o gato para ele deixar de roubar. Por fim, resolvem expulsar o conde Gato da comunidade oprimida. [...] "Bumba-Meu-Boi", de Fátima Marinho, atrai o público pela sua plasticidade musical, coreográfica e a sua indumentária colorida. Baseada no folguedo popular natalino, centraliza o personagem o Boi, que vive alegremente, é morto pelo homem e ressuscita. Após o espetáculo, há, na frente do Teatro, uma recreação educativa, com músicas de roda, atores e público, pipocas, brincadeiras e jogos. E, como não poderia deixar de ser, a participação do Palhaço Pipoquinha.

Ao final da temporada, sobre a segunda peça em sequência, registrou ainda o *Diário de Pernambuco* (30 de dezembro de 1979, p. C-9.): "Trata-se de um trabalho voltado para as crianças retratando o folguedo natalino – o bumba-meu-boi, que simboliza a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo". Naquele ano de 1979, cresceu consideravelmente o número de produções teatrais para a infância realizadas em Pernambuco. Segundo o *Anuário do Teatro Brasileiro 1979* (1979, p. 141-162.), vinte e nove peças foram apresentadas, isto sem contar com a visita de três produções de outros estados: *Brincadeiras*, da Jangadeiro Artes e Diversões; *O Mágico de Oz*, do Teatro da Juventude, ambas do Rio de Janeiro; e *Vamos Brincar de Brincar?*, do Grupo Capixaba de Teatro, do Espírito Santo.

Das montagens pernambucanas com estreia em anos anteriores, constam: A



Viajando Pelo Brasil

Duquesa dos Cajus, do Grupo de Teatro Canto Livre; *A Revolta dos Brinquedos*, que passou a ser uma parceria entre o Teatro da Criança do Recife e a Aquarius Produções Artísticas (produtora profissional lançada naquele ano de 1979); *A Volta do Camaleão Alface*, do Clube de Teatro Infantil; *Danças Folclóricas – Viajando Pelo Brasil*, do Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato (voltando a ser sediado no Recife), com autoria, direção e manipulação de Carmosina Araújo e Veridiano Araújo, além da colaboração de Fernando Limoeiro; *Carnaval da Alegria*, do Mamulengo Só-Riso; *O Casaco Encantado*, do Grupo de Teatro Amador de Prazeres; *Os Saltimbancos*, do TAP-Júnior; *O Fantasma Azul*, do Clube de Teatro Infantil (que retornou ao cartaz após a estreia em 1977, desta vez com os atores Izilda Wolpert, Luciano Roberto, José Raimundo/Raimundo Branco, Paulo André, Walter Boa Vista, Ismênia Maurício e Cláudia, sem registro do sobrenome); e *Salabim, Um Mundo de Ilusões*, do Grupo de Teatro Tio Zezinho.

Como um dos maiores sucessos da época, a peça *A Revolta dos Brinquedos*, texto de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, com direção, cenário e coreografia de José Francisco Filho, figurinos de Diva Pacheco, direção mu-

sical de Carlos Carvalho, administração de Paulo de Castro e contando com um elenco em constante revezamento (Pedro Henrique, Carlos Carvalho, Ivonete Melo, Maurício Campos, Sônia Roichman, Celeste Ribas, Albemar Araújo, Marcus Vinícius, Alberto Netri, Rosa Machado, Márcia Cabral e Lana Simões), ganhou análise do crítico Valdi Coutinho no *Diário de Pernambuco* (21 de julho de 1979, p. C-5.), um espaço precioso em seu caderno cultural:

A peça "A Revolta dos Brinquedos", apesar de já ter sido muitas vezes representada, continua fazendo sucesso, sendo uma das mais queridas do público infantil. Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga (falecido ano passado), autores de inúmeros textos, criaram uma verdadeira obra-prima da dramaturgia infantil, um dos mais bonitos e valorosos [...] sua peça vem sendo apresentada, há quatro meses, pelo Teatro da Criança do Recife (agora transformado em Aquárius Produções Artísticas Ltda) aqui no Recife, sempre prestigiada por um bom público, tanto infantil como adulto. Uma das maiores virtudes do texto é questionar para o mundo da criança, de uma maneira séria e objetiva, numa linguagem adequada à sensibilidade infanto/juvenil, um dos mais sagrados direi-

A Revolta dos Brinquedos





A Revolta dos Brinquedos



tos da criança – o humano. De ser e existir, de pensar e agir livremente, tendo direitos alienáveis, tais como o da liberdade e o da defesa, entre outros. A história contada pela peça é a de uma menina má, que maltrata e quebra seus brinquedos, revoltada porque sua mãe lhe impõe um comportamento discriminatório – exigindo o zelo pelos mais caros (por isso mesmo de difícil acesso e manuseio, para não quebrar ou desgastar) e o descaso para os mais comuns e baratos (próprios, então, para o uso constante e abusivo). Uma noite, os bonecos revoltam-se e resolvem fazer justiça à sua maneira. Porém, logo eles se lembram que, até uma menina má, que quebra e maltrata seus brinquedos, inconseqüentemente, com aparente desumanidade, pode ter explicações que isentem ou atenuem a sua conduta, e resolvem fazer um julgamento de suas atitudes, antes de partir para qualquer represália. Criam um tribunal, com advogado de acusação e de defesa, juiz e testemunhas. Aí se encerra o valor maior do texto [...] levando o público infantil a conflitar valores e compreender o sagrado direito de defesa, mesmo para o aparente comportamento de malvadeza. O julgamento é feito em bom estilo forense, com discursos, pal-

mas, depoimentos, testemunhos e protestos do advogado de defesa, em meio às "gags" que tanto agradam ao público infantil. Não faltam, porém, as alusões ao mundo da verdade, quando o fantoche pede para ser o advogado de acusação e o soldado de chocolate contesta: "[...] Essa é boa! Advogado fantoche! Isso é coisa que não falta no mundo da gente de verdade...". "A Revolta dos Brinquedos" é rica em conflitos de valores, dentro de uma linguagem acessível e bem identificada com o universo em formação da personalidade infanto/juvenil. A delação, a opressão, a chantagem, por exemplo, são checadas e postas às vistas das crianças para que elas próprias concluam o significado de cada uma delas.

Das estreias de 1979, foram ainda registradas como uma explosão de tantos novos trabalhos: *A História dos Fantasmas ou O Terrível Bandido da Máscara Vermelha*, de Leontil Lara e Nilson de Moura, com direção deste último, pelo Grupo Boca de Forno *formado pelos atores Fátima Gedalha, Piedade de Moura, Cláudio Fontes, Cecile Soriano, Gisele Reis, Paulo O'hara e Quica Pereira; A Incrível Estória de Zé da Onça*, de Nilson de Moura e Fernando Augus-

to Santos, com direção deste último, pelo Mamulengo Só-Riso (que contou com patrocínio do Serviço Nacional de Teatro e circulou por centros comunitários e escolas públicas **com os bonequeiros** Conceição Barbosa, Nilson de Moura, Gilberto Brito e Fernando Augusto Santos); e *Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove*, de Sylvia Orthof, com o Teatro Assimétrico do Recife (Tare) em sua segunda produção para a infância, que chegou a participar, em julho, do IV Festival de Inverno de Campina Grande (PB), como representante do teatro para crianças pernambucano, junto a *Socorro, Salvem os Porquinhos!*, do Teatroneco. No elenco de *Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove*, Didha Pereira, Fábio Costa, Marcus Henauth, Atená Kitsos, Patrícia Mendes (Patrícia Breda), João Andrade e Carmelita Pereira. A peça contava com direção, cenário e figurinos de Nazareno Petrúcio (ainda assinando com os nomes artísticos invertidos), coreografia de Atená Kitsos, iluminação de Eugênio Gomes e direção musical da banda Som da Terra.

Como outras estreias de 1979, *O Mundo Colorido da Criança*, do Grupo Peralta de Shows Infantis, que contava **com os artistas** Mário Aguiar, Walmir Chagas, Lena Warren, Ângela Fischer, Ana Tereza, Edvaldo Farias, João Paulo Santos, Mister Deweis e Irmãos Ferreira; *O Pequeno Volantin*, de J. H. Fhutz, sob direção de Andrelino Meneses, pelo Teatro Estudantil Esuda, tendo no elenco Carlos Eduardo, Fausto Moura, Amanto Moto, Fernando Dural, Paulo André Bione, Fernando Azevedo, Sílvio Malta, Alexandre Henrique e Carlos Henrique Reis; *O Relógio Mágico*, de Fernando dos Paços, sob direção de Walter Araújo, pelo Grupo Zimba; *O Palhacinho Verdinho Encontra o Tesou-*



Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove

ro, do Grupo de Teatro Tio Zezinho, sob direção de José Passos, com o mesmo como protagonista; *Pinóquio no Castelo Maravilhoso*, de Paulo Ferreira, com direção de André Luiz Madureira, pelo Grupo Gente Nossa **e participação dos atores** Ana Madureira, Walmir Chagas, Icleiber, Rita Wanne, Raimundo Silva (Raimundo Branco), Alda Guimaraes, Paulo Ferreira, Cleandro Oliveira, Ivan Presley, Marcos Almeida, Rita de Cássia, Marcos e João Carlos (os dois



A Viagem de Um Barquinho

últimos sem registro do sobrenome); e Zeca Muqueca na Terra de Sapeca, espetáculo de bonecos com texto e direção de Ângela Belfort e direção musical de Severino Correia, pelo olindense Grupo Mamulengo (mais à frente rebatizado de Grupo Scenas).

Com o produtor Paulo de Castro à frente da administração e repertório cada vez mais elogiado por público e imprensa, a Aquarius Produções Artísticas também assinou duas novas realizações, primando por cenários, figurinos e adereços caprichados de Buarque de Aquino. Com direção e coreografia do próprio, *A Viagem de Um Barquinho*, de Sylvia Orthof, reu-

niu os atores Linalva Reis, Sílvia Santos, Henrique Brito, Jacilene Melo, Iolanda Santos, Emanuel Firmino, Alcione Couto, Odin Dias, Wilson Júnior e Sueli Dias numa parceria de produção com o Grupo Ensaio, liderado por Buarque de Aquino. Já *Era Uma Vez, Um Circo*, texto e direção de Rubem Rocha Filho, trazia no elenco Ivonete Melo (também responsável pela coreografia), Luiz Lima, Zélia Sales, Saulo Viana, Mercês Medeiros e Buarque de Aquino. Ainda na ficha técnica, músicas e direção musical de Gilberto Maymone; iluminação de Lacerda; e máscaras de Carlos Carvalho.

Assumido como um trabalho voltado para um público específico, o infanto



Era Uma Vez, Um Circo

juvenil *Ninar, Adormecer e Sonhar*, de 1979, foi uma experiência do Grupo de Teatro Panacéia, liderado por Romildo Moreira. O texto e a direção eram dele, que assinava ainda os cenários e adereços junto à Pipiu (Lúcio Flávio Rios). As músicas eram do então estreante João Barreto Neto (o diretor e dramaturgo João Falcão) e a iluminação de Triana Cavalcanti. Romildo Moreira recordou no livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 190-191.):

Depois de "Os filhos de Kennedy", encenamos "Ninar, adormecer e sonhar", que foi nossa primeira experiência infanto-juvenil. Estreamos em Salvador, na praça Castro Alves, no I Fórum de Teatro Brasileiro, exatamente na volta do Augusto Boal da França pro Brasil. Era um espetáculo pra rua e palco. Nós encenamos a primeira parte dentro do Teatro Gregório de Matos, que hoje se chama Teatro Glauber Rocha, na praça Castro Alves e a segunda parte feita na rua. Esse espetáculo teve duas montagens. Fizemos uma temporada inicial no MAC de Olinda, a primeira parte no museu e o encerramento na frente dele, naquele palco ao lado da igrejinha. Depois disso, iniciamos uma segunda versão da peça, bem convencional, de palco à italiana, em temporada no Teatro do Derby.

No elenco desta primeira versão de *Ninar, Adormecer e Sonhar*: Ana de Souza Lima (Kely), Alba Lúcia (Isa), Pipiu (Lúcio Flávio Rios, Estrela 1), Romildo Moreira (Estrela 2), Nildo Barbosa (Estrela Rainha) e Mário Lima (Repórter). Com bem mais destaque na imprensa e resultando em temporada de sucesso no Teatro do Parque, aproveitando o período natalino, o Clube de Teatro Infantil também lançou em 1979 sua versão



Ninar,
Adormecer
e Sonhar



"Ninar, Adormecer e Sonhar"
de: Romildo Moreira





O Boi e o Burro no Caminho de Belém

para *O Boi e o Burro no Caminho de Belém* (e não "a" como na obra original de Maria Clara Machado). No elenco dirigido por Leandro Filho, Gamaliel Perruci (Boi, substituído por José Brito), Walter Boa Vista (Burro), Sandra Ribeiro (Maria, estreando nos palcos), Biu Mendonça (José), Luiz Carlos (Pastor), Marcos Souza (Rei Preto), Marcos Oliveira (Rei Amarelo), Tony Cedrin (Rei Branco) e Conceição Silva, Sílvia Regina, Naná Marques, Lúcia Helena, Ana Cristina e Keila Costa (Pastorinhas). Participou mais à frente, Roberto Vasconcelos. Os figurinos foram concebidos por Ozita Araújo; sonoplastia de Gamaliel Perruci; e cenário de Geu Rodrigues. Uma matéria de capa no *Caderno Viver Domingo*, do *Diário de Pernambuco* (23 de dezembro de 1979, p. C-1., algo raro para a época), deu mais detalhes sobre os planos do grupo:

Tão logo encerre temporada de "O Boi e o Burro no Caminho de Belém",



Leandro Filho vai decretar o "descanso da companhia", que coincide com o fechamento do Teatro do Parque para reformas. "Estamos sendo carinhosamente despejados" – diz – "mas as reformas no Parque não podem ser mais adiadas. Temos que procurar outras casas de espetáculos para mostrar nossas peças [...] Com relação a "O Boi e o Burro a (sic) Caminho de Belém", Leandro acredita que a peça esteja alcançando seus objetivos: levar as (sic) crianças uma mensagem natalina fora do convencional. "É um espetáculo que pode universalmente ser compreendido. Trata-se de uma farsa-mistério escrita para gente de todas as idades, mas tem uma mensagem poética que procuramos adaptar à concepção infantil do Natal" [...] o elenco lembra que, à saída do espetáculo, haverá sorvetes grátis para as crianças.

Patrocinado pelo Serviço Nacional de Teatro, com a colaboração da Secretaria de Turismo Cultura e Esportes/ Fundarpe, do Governo do Estado, e da Federação do Teatro Amador de Pernambuco (Feteape), a campanha das

"Kombis-Teatro Para o Povo" tomou as ruas do Recife no final de 1979, oferecendo sete espetáculos adultos e sete infantis a preços simbólicos, com postos de venda espalhados pela cidade, circulando inclusive nos subúrbios. Da programação infantil participavam *Domingo Alegre Nº 2*, pelo Grupo Pipoquinha, aos domingos pela manhã, no Teatro de Santa Isabel; *Os Saltimbancos*, com produção de Adhelmar de Oliveira (e não mais pelo TAP-Júnior, talvez por desentendimentos com a direção do TAP), aos sábados e domingos, à tarde, também no Teatro de Santa Isabel; *Era Uma Vez, Um Circo*, pela Aquarius Produções Artísticas, aos sábados e domingos, no Teatro Valdemar de Oliveira; *O Boi e o Burro no Caminho de Belém*, aos sábados e domingos, no Teatro do Parque; e *Viajando Pelo Brasil*, do Teatrinho de Marionetes Monteiro Lobato, e *Circo da Fantasia*, do Teatroneco, os dois últimos aos sábados e domingos no auditório do Cecosne. Ainda ao final de 1979, era possível conferir, aos domingos, no Teatro do Parque, *Presepadas do Dr. Munganga*, com texto e direção de André Luiz Madureira, pelo Grupo de Teatro Infantil Bando Real. No Sítio da Jaqueira, o Palhaço Pimpão (Marylam Sales) comandava o Festival da Criança, divulgando sua programação no roteiro do *Diario de Pernambuco* (19 de dezembro de 1979, p. C-6.):

Shows, concertos e retretas, sorteios de brindes, brinquedos diversos, concurso miss Pernambuco mirim e Prefeito da Fecin, além de exposição de carros antigos de fórmula 1 e participação de bonecos da Disney e pastoril infantil.

Diante de tamanha profusão de grupos e espetáculos para a infância, o jornal



Os Saltimbancos

lista Valdi Coutinho lançou interessante reflexão sobre esta arte no *Diario de Pernambuco* (21 de julho de 1979, p. C-5.), sob o título "Teatro infantil: o equívoco do rótulo":

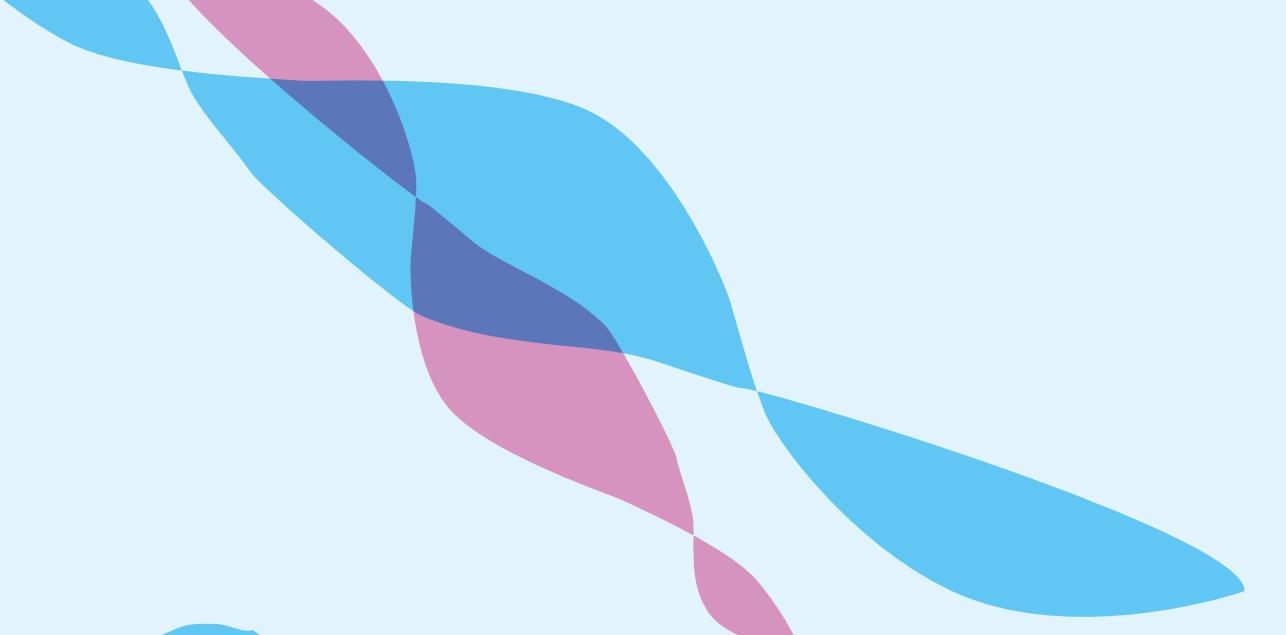
É muito salutar o aparecimento, em Pernambuco, de vários grupos querendo fazer teatro infantil. Para citar alguns, tão somente, vamos lembrar os mais novos, o Tio Zezinho, o Pipoquinha (*Domingo Alegre*), Circo Fantasia, o Boca-de-Forno, o Vivencial Infantil (a cargo de Walternandes), o espetáculo do Teatro Ambiente do MAC, e o recentíssimo Grupo do Batata, ainda em fase de preparativos para a sua primeira montagem [projeto que acabou abortado, assim como o do Vivencial Infantil]. Sem esquecer aqueles que estão se dedicando a esta tarefa há vários anos, tais como o Clube do (sic) Teatro Infantil (de Leandro Filho), o grupo de Paulo de Castro, ex-Teatral (sic) da Criança do Recife, agora Aquárius Produções Artísticas Ltda., o Teatro de Arena Guararapes, etc. Porém, nesse momento de verdadeira euforia no setor é preciso lembrar a responsabilidade dos novos no sentido de dignificar, cada vez mais, o sentido de sua tarefa, dando sua contribuição para que o teatro infantil, longe de ser considerado um teatro menor, pas-

se a ter o seu verdadeiro caráter de maioridade, tão grande e importante como o teatro para adulto, mesmo porque alguns grupos já estão se conscientizando disso, não existe diferença de natureza entre um gênero e outro, apenas os meios de linguagem e escrituras são diversificados e específicos. O caráter é o mesmo, o teatro como manifestação artística e resultado criativo é o mesmo, os caminhos da encenação é que possuem características diversificadas. Isso porque nenhum dos elementos de uma montagem infantil deve ser gratuito e/ou inconsequente, se levamos em conta o processo dialético entre o espetáculo e a criança (público), dentro da evolução espontânea do jogo dramático. [...] há muita gente, aqui, que faz questão de rotular o seu trabalho de "teatro infantil" sem ao menos atentar para a implicação de responsabilidade inerente a esta significação. Resultado: são os espetáculos comerciais, com dublagem, coreografias, palhaços, figuras de Walt Disney, efeitos especiais, etc e etc, mas totalmente vazios de conteúdo, que não acrescentam nada ao desenvolvimento da linguagem teatral da criança; ou a peças do tipo "participação", onde a criança é estimulada a participar não emocionalmente, ou melhor ainda, não da compreensão e descoberta de valores, mas apenas fisicamente, dançando, cantando, pulando, batendo palmas, etc; há ainda recursos tais como delação, correria, gritaria, histeria coletiva, e após esse estado de excitação, deixá-la sair do espetáculo sem saber o que fazer com essa porção de estímulo que lhe foi jogada em cima; há, ainda, o falso didatismo de algumas montagens, naquele estilo tradicional de aulinhas, onde



A Revolta dos Brinquedos

existe sempre um vilão, que no final se arrepende, e um herói, com uma distinção bem marcada entre o que é bom (e deve ser feito) e o que é mau (e deve ser evitado), como se a criança fosse incapaz de se colocar diante de um conflito, esquecendo que teatro é conflito, tensão, dilema, opção, tomada de decisão e de atitude, de ação. Claro que existe exceção e, somente para citar duas, poderíamos apontar a produção que vimos, aqui em Pernambuco, nos últimos tempos: *Os Saltimbancos* pelo TAP, com direção de Adhemar de Oliveira, e *A Revolta dos Brinquedos*, de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, direção de José Francisco Filho, esta última, uma montagem das mais sérias e brilhantes que aqui foi feita nos últimos anos. [...] Para algumas outras produções, e a fim de não comprometerem o trabalho que vem sendo desenvolvido, aqui, no campo do teatro infantil, sugerimos que as intitulem de "shows infantis" (é menos promissor, e atenuante), o que não deixa de ser válido pelo seu sentido de divertimento, lazer, passatempo, porém que em momento algum devem ser confundidos com o teatro infantil, pois estão longe de merecer-lo.



INO

desenrolar do século XX, desde a primeira apresentação de *Branca de Neve e os 7 Anões* no Teatro de Santa Isabel, em 1939, quando finalmente um projeto foi pensado especificamente para a criança no Recife, as mais variadas peças para a infância foram realizadas na cidade, com estéticas e temáticas diversas, deixando a marca de Pernambuco como uma referência de qualidade no país. É certo que, como em qualquer outro lugar do mundo, há aqueles que produzem excelente teatro; outros, nem tanto. Os objetivos podem ser os mais diversos neste fazer teatral para crianças, mas a resposta de público e os registros que a imprensa conseguiu realizar através dos anos, em críticas ou matérias de divulgação, dão provas da vitalidade desta linguagem na capital pernambucana, incluindo a criação de festivais específicos ainda na década de 1960.

Ou seja, o teatro para a infância no Recife foi e continua sendo um foco de atenção das nossas plateias, e mesmo que os espaços na mídia não sejam tantos atualmente e da pouca circulação das realizações cênicas (entre as excelentes e as medíocres), esta pesquisa de mapeamento finalmente veio dar atenção para tal segmento, ampliando os dados sobre a historiografia teatral pernambucana e brasileira. E que estes sessenta anos iniciais de história do teatro para crianças no Recife, compilados em dois volumes desta coleção de livros – claro que com ausências e tendo o olhar oficial da imprensa como suporte, ainda que o pesquisador tenha tentado fugir ao máximo de um reducionismo desta linguagem apenas nas grandes produções –, sirvam como um pontapé para futuras e imprescindíveis pesquisas, debates, exposições e publicações.

Um viva a todos os meninos e meninas que puderam apreciar tantos espetáculos, assim como a todos os artistas e técnicos do teatro que já encantaram crianças de todas as idades, feito eu!

Leidson Ferraz

Autor, jornalista, pesquisador teatral e mestrandno no programa de Pós-Graduação em História da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco)

Referências

Sites:

ANDRÉ, Simone. Questões Acerca do Teatro Infantil – História e Prática (disponível em: http://www.cbtij.org.br/arquivoaberto/pesquisa/simone_andre_cap2.html#form). Acesso em: 16 de abril de 2010).

BRAGA, Humberto. Um Pouco de História (disponível em: <http://aptbon.tripod.com/umpoucodehistoria.htm>). Acesso em: 15 de março de 2009).

CAMAROTTI, Marco. História do Teatro Para Crianças em Pernambuco (disponível em: http://www.cbtij.org.br/arquivo_aberto/historia/teatro_pe.htm). Acesso em: 16 de abril de 2010).

NAZARETH, Carlos Augusto. O Teatro Infantil na Cena do Mundo (disponível em: <http://vertenteculturalteatroinfantil.blogspot.com/2006/12/o-teatro-infantil.html>). Acesso em: 12 de março de 2011).

OLIVEIRA, Fernando de. Memória do Teatro Infantil de Pernambuco e sua ligação com o Teatro de Amadores de Pernambuco (disponível em: www.tap.org.br/htm/historia/teatroinfantil.htm). Acesso em: 11 de novembro de 2011).

OLIVEIRA, Fernando de. Terra Adorada (disponível em: http://www.tap.org.br/htm/repertorio/080_terra_adorada.htm). Acesso em: 11 de novembro de 2011).

OLIVEIRA, Fernando de. A Revolta dos Brinquedos (disponível em: http://www.tap.org.br/htm/repertorio/086_revolta_brinquedos.htm). Acesso em: 11 de novembro de 2011).

SOUZA, Alex de. Só, Mas Bem Acompanhado: Atuação Solo e Animação de Bonecos à Vista do Público (disponível em: http://www.ceart.udesc.br/ppgt/dissertacoes/2011/alex_de_souza.html). Acesso em: 20 de agosto de 2013).

Livros e Dissertações:

Anuário do Teatro Brasileiro 1976. Serviço Nacional de Teatro/Ministério da Educação e Cultura/DAC/Funarte. p. 103-116.

Anuário do Teatro Brasileiro 1977. Ministério da Educação e Cultura/Secretaria da Cultura/Serviço Nacional de Teatro. p. 143-158.

Anuário do Teatro Brasileiro 1978. Ministério da Educação e Cultura/Secretaria da Cultura/Serviço Nacional de Teatro. p. 131-158.

Anuário do Teatro Brasileiro 1979. Serviço Nacional de Teatro. p. 141-161.

BORGES, Geninha da Rosa. *Teatro de Santa Isabel – Nascedouro & Permanência – 2ª edição*. Recife: CEPE, 2000.

CACCIAGLIA, Mario. *Pequena História do Teatro no Brasil (Quatro Séculos de Teatro no Brasil)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

CADENGUE, Antonio Edson. *TAP: Sua Cena & Sua Sombra – O Teatro de Amadores de Pernambuco (1941-1991)*. Recife: SESC Pernambuco/Companhia Editora de Pernambuco, 2011.

CARVALHEIRA, Luiz Maurício Britto. *Por Um Teatro do Povo e da Terra – Hermilo Borba Filho e o Teatro do Estudante de Pernambuco*. Recife: FUNDARPE/Diretoria de Assuntos Culturais, 1986.

CARVALHO, Martinho de; DUMAR, Norma (Org.). *Paschoal Carlos Magno: Crítica Teatral e Outras Histórias*. Rio de Janeiro: Funarte, 2006.

CIRANO, Marcos; ALMEIDA, Ricardo; MAURÍCIO, Ivan (Org.). *Hermilo Vivo – Vida e Obra de Hermilo Borba Filho*. Recife: Editora Comunicarte Produções Jornalísticas, 1981.

COSTA, Selda Vale da; AZANCOTH, Ediney. *Cenário de Memórias – Movimento Teatral em Manaus (1944-1968)*. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001.

DIAS, Leda. *Cine-Teatro do Parque: Um Espetáculo à Parte*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

FERRAZ, Leidson; DOURADO, Rodrigo; JÚNIOR, Wellington (Org.). *Memórias da Cena Pernambucana – 01*. Recife: edição dos organizadores/FUNCULTURA, 2004.

FERRAZ, Leidson (Org.). *Memórias da Cena Pernambucana – 02*. Recife: edição do organizador/FUNCULTURA, 2005.

FERRAZ, Leidson (Org.). *Memórias da Cena Pernambucana – 03*. Recife: edição do organizador/FUNCULTURA, 2006.

FERRAZ, Leidson (Org.). *Memórias da Cena Pernambucana – 04*. Recife: edição do organizador/FUNCULTURA, 2008.

FIGUEIRÔA, Alexandre. *Barreto Júnior, o Rei da Chanchada*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.

- FIGUEIRÔA, Alexandre. *O Teatro em Pernambuco*. Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2003.
- GALVÃO, Claudio. *Theatro Carlos Gomes – Teatro Alberto Maranhão: 100 Anos de Arte e Cultura*. Natal: Editor, 2005.
- LIMA, Marcondes. *Antônio de Almeida, Zézinho do Santa Isabel*. Recife: Secretaria de Cultura e Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2009.
- MAGALDI, Sábato. *Panorama do Teatro Brasileiro – 6ª edição*. São Paulo: Global, 2004.
- MARTINS, Rose Mary de Abreu. *A Voz e a Palavra na Cena do Recife Hoje*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2004.
- MIRANDA, Ana Carolina. *O Grupo Gente Nossa e o Movimento Teatral no Recife (1931-1939)*. Recife: dissertação do programa de pós-graduação em História pela Universidade Federal de Pernambuco, 2009.
- OLIVEIRA, Reinaldo de. *O Palco da Minha Vida*. Recife: Bagaço, 2013.
- OLIVEIRA, Valdemar de. *Mundo Submerso (Memórias) – 3ª edição*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.
- PONTES, Joel. *O Teatro Moderno em Pernambuco – 2ª edição*. Recife: FUNDARPE/Companhia Editora de Pernambuco, 1990.
- PRADO, Décio de Almeida. *O Teatro Brasileiro Moderno: 1930-1980*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Editora Perspectiva, 1988.
- REIS, Carlos; REIS, Luís Augusto. *Luiz Mendonça: Teatro é Festa Para o Povo*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2005.
- SANDRONI, Dudu. *Maturando: Aspectos do Desenvolvimento do Teatro Infantil no Brasil*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1995.
- VAREJÃO, Lucilo. *Coleção Recife 3 – Teatro... Quase Completo*. Recife: Prefeitura Municipal do Recife/Secretaria de Educação e Cultura/Conselho Municipal de Cultura, 1979.
- Jornais, Revistas e Outras Documentações:**
- CAMPELO, Samuel. *Theatro em 1824 (Exceptos de Um Trabalho Sobre "O Theatro em Pernambuco")*. *Revista do Instituto Archeologico Histórico e Geographico Pernambucano*. Recife, 1924. Officinas Graphicas da Repartição de Publicações Oficiais. Vol. XXVI. Ns.123 a 126.
- Entrevista de Waldemar de Oliveira ao Museu da Imagem e Som da EMPETUR em 21 de janeiro de 1975. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.
- OLIVEIRA, Valdemar de. *A Princesa Rosalinda*. Texto teatral. Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s.d.
- Branca de Neve e os Sete Anões levada no Santa Izabel. Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.
- O que disse Valdemar de Oliveira – A importância do teatro infantil. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.
- Teatro Infantil. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.
- OLIVEIRA, Valdemar de. *O Teatro Infantil, no Recife*. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.
- Em Marcha, Brasil! – Novo grande êxito de Waldemar de Oliveira. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.
- CAMPELO, Samuel. Uma temporada memorável. Centenário do Teatro Santa Isabel – *Contraponto – Edição Especial – 2º volume*. Recife, dezembro, 1951. Ano VI – Nº. 13. p. 24.
- Theatro Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de novembro de 1934. Vida Artística/Movimento Artístico. p. 8.
- Uma iniciativa interessante/A sra. Juanita Machado nos fala da criação de um theatro infantil, entre nós. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de novembro de 1934. Vida Artística. p. 8.
- Theatro Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de janeiro de 1936. Vida Artística. p. 8.
- Panorama do Recife Artístico, em 1936. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de janeiro de 1937. Segunda Secção/Vida Artística. p. 23.
- CAMARGO, Joracy. Plano para a organização do Theatro da Criança Brasileira. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de dezembro de 1937. Segunda Secção/Vida Artística. p. 26.
- "Branca de Neve e os Sete Anões" – Uma película fadada a grande êxito. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de outubro de 1938. Segunda Secção/Cinematographia. p. 7.
- "Branca de Neve e os Sete Anões", amanhã, no Cine-Theatro Moderno. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de outubro de 1938. Segunda Secção/Cinematographia. p. 7.

Anúncio Encruzilhada/Ratinho e Sua Companhia de Revistas, Burletas e Sainetes do Rio de Janeiro/Fazenda dos Amores/Romance de Amor/Flor de Manacá. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1939. p. 9.

Anúncio Encruzilhada/Ratinho e Sua Companhia de Revistas, Burletas e Sainetes do Rio de Janeiro/Meu Brasil/Salve-se Quem Poder?.../Rancho da Serra. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de janeiro de 1939. p. 8.

A inauguração do Jardim Zoo-Botânico. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de janeiro de 1939. p. 1.

Anúncio Encruzilhada/Genesio Arruda e Sua Cia de Disparates Comicos/Titan dos Ares. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de janeiro de 1939. p. 8.

Temporada de Genesio Arruda no Cine Encruzilhada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de janeiro de 1939. p. 8.

Festival em beneficio da Capella de Santa Therezinha – A representação teatral de Miss Gatis. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de janeiro de 1939. p. 3.

Matinal infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de março de 1939. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/Branca de Neve e os 7 Anões. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de março de 1939. p. 8.

Espectaculos do Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de março de 1939. Theatro. p. 6.

Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de março de 1939. Theatro. p. 2.

A terceira matinal infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de março de 1939. Theatro. p. 3.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/O Valente e o Inteligente/O Prisioneiro de Guerra/A Hora do Calouro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de março de 1939. p. 8.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/A Princesa Rosalinda. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de março de 1939. p. 8.

Matinal e vesperal hoje no Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de março de 1939. Theatro. p. 6.

Victorioso o theatro infantil/Declarções do professor Waldemar de Oliveira. *Folha da Manhã – Edição das 16 horas*. Recife, 27 de março de 1939. p. 8, 3 e 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/A Princesa Rosalinda. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de março de 1939. p. 10.

Maria Helena Coelho e o theatro infantil em Pernambuco. *Folha da Manhã – Edição das 16 horas*. Recife, 10 de abril de 1939. p. 1 e 3.

Matinal infantil no Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de abril de 1939. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/A Princesa Rosalinda. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de abril de 1939. p. 11.

A ultima representação de "A Princesa Rosalinda". *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de maio de 1939. Theatro. p. 2.

A matinal de domingo proximo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de maio de 1939. p. 2.

Matinal, hoje, ás 10 horas, com a "Princesa Rosalinda". *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de maio de 1939. Theatro. p. 2.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/A Princesa Rosalinda. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de maio de 1939. p. 11.

"O Pequeno Pollegar" será dado em primeira, amanhã. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de maio de 1939. Theatro. p. 2.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/O Pequeno Polegar. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de maio de 1939. p. 11.

Em benefício da Matriz de São José. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de maio de 1939. p. 2.

"Nucleo Theatral Getulio Vargas". *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de maio de 1939. De Olinda. p. 2.

Os proximos espectaculos do "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de maio de 1939. Theatro. p. 2.

Theatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de junho de 1939. p. 6.

O cartaz de domingo proximo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de julho de 1939. Theatro. p. 2.

Anúncio Teatro "Santa Isabel"/Grupo Gente Nossa/Mocambo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de agosto de 1939. p. 11.

Theatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de setembro de 1939. p. 5.

Anúncio Moderno/Grande Matinal Infantil/Tarzan Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de setembro de 1939. p. 7.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Companhia de Revista do Theatro Recreio do Rio de Janeiro/O Gordo e o Magro/O Gury. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de outubro de 1939. p. 7.

Anúncio Cine Encruzilhada/Grande Companhia de Revistas e Sainetes Tatusinho/A Derrota do Campeão/Aparicio Apareceu. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de novembro de 1939. p. 7.

"O Sonho de Yara" voltara a scena no dia 8 do corrente. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de dezembro de 1939. Segunda Secção/Vida Artística. p. 2.

A primeira representação da peça "Terra Adorada". *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 21 de fevereiro de 1940. p. 16.

O spectaculo de amanhã em homenagem aos Interventores do Nordeste/Almoço no palacio do governo e representação de "Terra adorada". *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 2 de março de 1940. p. 8.

A organização do theatro infantil em Pernambuco. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 9 de março de 1940. p. 1 e 3.

A revista "Terra Adorada" vae ser novamente enscenada. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 9 de março de 1940. p. 8.

MAGALHÃES, Agamemnon. Theatro infantil. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 12 de março de 1940. p. 3.

"A Princesa Rosalinda" será enscenada, hoje, no Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de maio de 1940. Segunda Secção/Vida Artística. p. 4.

As actividades do Grupo Gente Nossa/O mês artístico do Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de abril de 1940. Segunda Secção/Vida Artística. p. 4.

O Rio reconhecerá o theatro infantil de Pernambuco. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de julho de 1940. Segunda Secção/Vida Artística. p. 4.

Marcada para hoje, a' tarde, no Santa Isabel, a repetição do lindo spectaculo das alumnas do curso infantil de "Miss" Gatis. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de janeiro de 1941. Segunda Secção/Vida Artística. p. 4.

Retrospecto do Recife Artístico, em 1940. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de janeiro de 1941. Segunda Secção/Vida Artística. p. 5.

Hoje, no Santa Isabel: Em matinal, a's 10 horas: "Coisas do Meu Brasil"/Em vesperal, a's

15 horas: "Meu Natal". *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de janeiro de 1941. Segunda Secção/Vida Artística. p. 5.

Entrou em ensaios, no Theatro Santa Isabel, a nova peça com que, em breve, voltara, ao proscenio o Theatro Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de março de 1941. Segunda Secção/Vida Artística. p. 5.

"Em Marcha, Brasil", e' o titulo da nova peça do Theatro Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de março de 1941. Segunda Secção/Vida Artística. p. 5.

"Em Marcha, Brasil!", a reentrada do Theatro Infantil no Santa Isabel, domingo próximo/Companhia Delorges Caminha. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de março de 1941. Segunda Secção/Vida Artística. p. 5.

ROCHA, Leduar de de Assis. "Dr. Knock ou o Triunpho da Medicina". *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de março de 1941. Segunda Secção/Vida Artística. p. 5.

Quarenta crianças numa peça teatral. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 18 de março de 1941. p. 1 e 3.

Reentra, hoje, no Santa Isabel, o Theatro Infantil/"Em Marcha, Brasil!" e' a peça de estreia. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de março de 1941. Segunda Secção/Vida Artística. p. 5.

"Em Marcha, Brasil!", hoje, em segunda representação. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de março de 1941. Segunda Secção/Vida Artística. p. 5.

Novo spectaculo do theatro infantil/"O Triunpho da Medicina". *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de abril de 1941. Segunda Secção/Vida Artística. p. 5.

"O Dr. Knock" em segunda e ultima representação, quinta-feira, em beneficio da futura sede da Sociedade de Medicina/Novamente em scena, "Em Marcha Brasil!". *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de abril de 1941. Segunda Secção/Vida Artística. p. 5.

Mais uma vez, no Theatro Santa Isabel, "Em Marcha, Brasil!"/"Yaya' Boneca" sera' o cartaz de estreia da Companhia Delorges Caminha. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de abril de 1941. Segunda Secção/Vida Artística. p. 5.

Retrospecto do Recife Artístico, em 1941. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de fevereiro de 1942. Segunda Secção/Vida Artística. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de fevereiro de 1943. Notas de Arte. p. 8.

Companhia Heros Arruda/Grupo Infantil de

- Comédias. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de fevereiro de 1943. Telas e Palcos. p. 8.
- Grupo Infantil de Comedias. *Folha da Manhã*. Recife, 23 de maio de 1943. Teatro. p. 12.
- Espetáculo de variedades, no "Santa Isabel". *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de junho de 1943. Telas e Palcos. p. 6.
- Núcleo Teatral Getúlio Vargas. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de junho de 1943. Telas e Palcos. p. 8.
- Espetáculo de variedades, no "Santa Isabel". *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de junho de 1943. Telas e Palcos. p. 6.
- Grupo Infantil de Comedias. *Folha da Manhã*. Recife, 20 de junho de 1943. Teatro. p. 12.
- Prossegue com pleno êxito a sétima Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de novembro de 1943. p. 5.
- Teatro de Amadores/"Um Dia no Brasil", em segunda representação. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de novembro de 1943. Telas e Palcos. p. 8.
- "Ritmos e Sons", de 1943. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de novembro de 1943. Notas de Arte. p. 10.
- O "Teatro de Guerra"/"Um Dia no Brasil"/Teatro de Amadores. Recife, 30 de novembro de 1943. Telas e Palcos. p. 10.
- Anúncio Império/Centro Educativo de Água Fria/Presepio de 1888. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de dezembro de 1943. p. 8.
- Anúncio Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de dezembro de 1943. p. 11.
- Retrospecto do Recife Artístico, em 1943. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de janeiro de 1944. Segunda Secção/Vida Artística. p. 5.
- Grupo Infantil de Comédias. *Diário da Manhã*. Recife, 9 de fevereiro de 1944. Teatro. p. 6.
- A Campanha do Ginásiano Pobre. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de abril de 1944. p. 6.
- Vitorioso, o Teatro Escola/Um "Serviço Carioca de Teatro". *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de maio de 1944. Segunda Secção/Vida Artística. p. 6.
- Grupo Infantil de Comédias. *Diário da Manhã*. Recife, 27 de maio de 1944. Teatro. p. 4.
- Teatro Infantil/Grupo Infantil de Comédias. *Diário da Manhã*. Recife, 3 de junho de 1944. Teatro. p. 2.
- Amazonas. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de outubro de 1944. Segunda Secção/Vida Artística. p. 5.
- Festa da Vitória/Matinée infantil, hoje, com um programa especial. *Folha da Manhã*. Recife, 5 de novembro de 1944. p. 2.
- Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de novembro de 1944. p. 5.
- Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 26 de novembro de 1944. Segunda Secção/Cinema-Rádio-Teatro. p. 4.
- "No País do Sonho". *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de novembro de 1944. Telas e Palcos. p. 7.
- Anúncio VIII Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de novembro de 1944. p. 10.
- Centros Educativos. *Folha da Manhã*. Recife, 1 de dezembro de 1944. p. 9.
- Festa da Mocidade/Grande "Matinée" Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de dezembro de 1944. p. 6.
- Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Brasileira de Teatro Musicado/Vai Ser de Colher/Qué Matá Papai Oião?. *Folha da Manhã*. Recife, 9 de janeiro de 1945. p. 10.
- Companhia Brasileira de Teatro Musicado/Presépio de 1865 em Vitória. *Folha da Manhã*. Recife, 20 de janeiro de 1945. Teatro. p. 10.
- Anúncio Cine Encruzilhada/Companhia de Revistas João Fernandes/Fóra do Eixo/Qué Matá Papai Oião?. *Diário de Pernambuco*. Recife, 31 de janeiro de 1945. p. 9.
- Um espetáculo carnavalesco do Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 4 de fevereiro de 1945. Teatro. p. 7.
- O Martir do Calvario, hoje, no palco do Cine-Teatro Olinda do Feitosa. *Folha da Manhã*. Recife, 1 de abril de 1945. Teatro. p. 5.
- Sucessivos êxitos da Grande Feira de Atrações. *Folha da Manhã*. Recife, 7 de abril de 1945. p. 8.
- Vesperal infantil e juvenil. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de agosto de 1945. p. 5.
- Companhia de Comédias Barreto Junior/Grupo Infantil de Comédias. *Jornal Pequeno*. Recife, 23 de agosto de 1945. Teatros e Cinemas. p. 2.
- IX Festa da Mocidade. *Jornal Pequeno*. Recife, 25 de agosto de 1945. p. 3.

Companhia de Comédias "Barreto Júnior"/ Circo Alegria. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de agosto de 1945. Telas e Palcos. p. 10.

Formidáveis trabalhos de ilusionismo. *Folha da Manhã*. Recife, 13 de novembro de 1945. p. 5.

Grande espetáculo, hoje, na Festa da Mocidade. *Folha da Manhã*. Recife, 25 de novembro de 1945. p. 2.

Lançamento do Teatro do Estudante, em 1946. *Diário de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1946. p. 3.

Teatro do Estudante de Pernambuco. *Jornal Pequeno*. Recife, 16 de janeiro de 1946. p. 2.

Últimos dias da Festa da Mocidade/Despedem-se do Recife as "Dorian Sisters". *Jornal Pequeno*. Recife, 9 de fevereiro de 1946. p. 2.

"Melpomene Pernambucana". *Folha da Manhã*. Recife, 8 de março de 1946. Teatro. p. 4.

Abertura da feira de atrações no Parque 13 de Maio. *Folha da Manhã*. Recife, 16 de março de 1946. p. 2.

Grupo Infantil de Comédias. *Jornal Pequeno*. Recife, 19 de março de 1946. Teatro. p. 2.

Grande "Matinée" Infantil, hoje, na Feira de Atrações. *Folha da Manhã*. Recife, 24 de março de 1946. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Chang/Uma Viagem ao Inferno. *Jornal Pequeno*. Recife, 12 de abril de 1946. p. 2.

Teatro do Estudante/Chang estreia, hoje, no Santa Isabel. *Diário de Pernambuco*. Recife, 12 de abril de 1946. Teatro. p. 6.

X. Teatro/Chang/Grupo Infantil de Comédias. *Jornal Pequeno*. Recife, 13 de abril de 1946. p. 2.

"Avant-première" do Teatro do Estudante/ Duas peças serão encenadas, hoje, na Faculdade de Direito: "Um Segredo", de Ramon Sender e "O Urso" de Tchekov. *Jornal Pequeno*. Recife, 13 de abril de 1946. p. 6 e 5.

J. Chang. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de abril de 1946. Telas e Palcos. p. 10.

Centro Educativo de Campo Grande. *Folha da Manhã*. Recife, 14 de abril de 1946. p. 2.

Três espetáculos de Chang hoje, no Santa Isabel. *Folha da Manhã*. Recife, 14 de abril de 1946. Teatro. p. 11.

Teatro do Estudante. *Jornal Pequeno*. Recife, 15 de abril de 1946. p. 1 e 5.

Chang continua aplaudido, mesmo sem as escamoteações do bilheteiro/Últimas representações de "Uma Viagem ao Inferno". *Jornal Pequeno*. Recife, 22 de abril de 1946. p. 2.

Grupo Infantil de Comédias. *Jornal Pequeno*. Recife, 15 de maio de 1946. Teatro. p. 2.

O "Grupo Infantil de Comédias" comemora, hoje, o 5.º aniversário. *Folha da Manhã*. Recife, 19 de maio de 1946. p. 8 e 10.

Festival no Salão Pio X, em Olinda. *Folha da Manhã*. Recife, 16 de junho de 1946. Teatro. p. 11.

Anúncio Boa-Vista/Chang. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de julho de 1946. p. 8.

"Tarzan e Sua Companheira" na "Feira de Atrações". *Folha da Manhã*. Recife, 13 de julho de 1946. p. 2.

Comissão de Censura das Casas de Diversões Públicas. *Folha da Manhã*. Recife, 9 de agosto de 1946. p. 2.

MENDONÇA, Waldemar. Grupo Infantil de Comédias. *Jornal Pequeno*. Recife, 10 de agosto de 1946. Teatro – Musica e Cinema. p. 2.

Parada das Estações/Revista Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de outubro de 1946. Telas e Palcos. p. 6.

Teatro Infantil de Olinda. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de janeiro de 1947. Notícias de Olinda. p. 5.

X Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de janeiro de 1947. p. 6.

Novo sucesso da Troupe Pan-Yan-Chuin. *Folha da Manhã*. Recife, 1 de fevereiro de 1947. p. 7.

Grupo Infantil de Comedias. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de abril de 1947. De Olinda. p. 5.

Grupo Infantil de Comédias. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de junho de 1947. Telas e Palcos. p. 10.

Circo Nerino/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de agosto de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Circo Nerino/Grupo Infantil de Comédias. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de agosto de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Baby Cinema Sonoro. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de setembro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Inauguração do Cine-Teatro "Samuel Campelo" em Jaboatão. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de setembro de 1947. p. 7.

- Reunião estudantil, hoje, no Teatro Santa Isabel. *Diario da Noite*. Recife, 22 de setembro de 1947. p. 2.
- Grupo Infantil de Comédias. *Diario da Noite*. Recife, 24 de setembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.
- A semana da criança. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de setembro de 1947. p. 3.
- Grupo Escolar "Amaurí de Medeiros". *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de outubro de 1947. Pela Instrução. p. 2.
- Festival em beneficio da matriz de São José. *Folha da Manhã*. Recife, 4 de outubro de 1947. Teatro. p. 4.
- Grupo Escolar "José Maria". *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de outubro de 1947. Pela Instrução. p. 6.
- A semana da criança no Grupo Escolar "Pedro Celso". Recife, 8 de outubro de 1947. p. 3.
- Cartaz do dia/Grupo Infantil de Comédias. *Diario da Noite*. Recife, 17 de outubro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.
- Teatro de Bonecos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de outubro de 1947. Teatro. p. 6.
- XI Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de novembro de 1947. p. 6.
- Grupo Infantil de Comédias. *Diario da Noite*. Recife, 22 de novembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.
- Preventório "Bruno Veloso". *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de novembro de 1947. Pela Instrução. p. 2.
- Na Casa do Estudante. *Diario da Noite*. Recife, 27 de novembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.
- Estréia dos cômicos "Los Colegiales", na Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de novembro de 1947. p. 8.
- Grupo Infantil de Comédias/Orfeão Infantil Mexicano. *Diario da Noite*. Recife, 19 de dezembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.
- XI Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de dezembro de 1947. p. 3.
- Sabatina/Concurso de frases/Concurso de peças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1947. Teatro. p. 6.
- Orfeão Infantil Mexicano. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de dezembro de 1947. p. 16.
- Festa da Mocidade. *Diário da Manhã*. Recife, 1 de janeiro de 1948. p. 4.
- O sucesso de "Ritmos e Canções". *Diário da Manhã*. Recife, 20 de janeiro de 1948. No Mundo das Artes. p. 8.
- G. H. "A Caravana da Alegria". *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de abril de 1948. Teatro. p. 5.
- J. B. [Júlio Barbosa]. Falta de teatros no Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de maio de 1948. Teatro. p. 2.
- J. B. [Júlio Barbosa]. No "Horto dos Oliviras". *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de maio de 1948. Teatro. p. 6.
- Pirandello, pela primeira vez, no Recife/O sétimo aniversário do Grupo Infantil de Comédias. Recife, 20 de maio de 1948. Artes e Artistas. p. 4.
- Teatro, arte do povo. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 20 de maio de 1948. p. 5.
- Grupo Infantil de Comedias. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 20 de maio de 1948. Folha Nos Teatros. p. 5.
- Teatro da Mocidade Evangélica/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de maio de 1948. Telas e Palcos. p. 2.
- Pirandello no Recife/Grupo Infantil de Comédias/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de maio 1948. Teatro. p. 6.
- J. B. [Júlio Barbosa]. Grupo Infantil de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de maio de 1948. Teatro. p. 5.
- De Hollywood para o palco do Teatro Santa Isabel/Fu-Manchú, em carne e osso, no Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de maio de 1948. Teatro. p. 2.
- Festival promovido pela Escola "D. Bosco"/Diversões. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de maio de 1948. Notícias do Interior/Cabo. p. 11.
- Fu-Manchu e Sua Companhia de Mágicas e Maravilhas/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de junho de 1948. Telas e Palcos. p. 4.
- Anúncio Teatro Santa Isabel/Fu-Manchú/O Dragão de Fogo. *Diario da Noite*. Recife, 2 de junho de 1948. p. 2.
- Teatro do Estudante/O Teatrinho/Ziembinsky no Recife?/Grupo Infantil de Comédias/Carbel não vira' mais/Fú Manchú no Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de junho de 1948. Teatro. p. 6.
- J. B. [Júlio Barbosa]. A estréia de Fú Manchú. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de junho de 1948. Teatro. p. 6.
- Teatro do Estudante/Nota oficial do "Teatro do Estudante"/Teatro do Estudante/O Teatrinho/Fú Manchú no Recife/Grupo Infantil

- de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de junho de 1948. Teatro. p. 6.
- J. B. [Júlio Barbosa]. Amparo ao teatro provinciano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de junho de 1948. Teatro. p. 7.
- Teatro do Estudante/O Teatrinho/Grupo Infantil de Comedias/Companhia Fú Manchú. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de junho de 1948. Teatro. p. 6.
- Anúncio Fú Manchú. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de junho de 1948. p. 9.
- Teatro do Estudante/Grupo Infantil de Comedias/Fú Manchú. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de junho de 1948. Teatro. p. 6.
- Grupo Infantil de Comedias/Companhia Fú-Manchú. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de junho de 1948. Teatro. p. 6.
- Grupo Infantil de Comedias. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 5 de julho de 1948. Folha Nos Teatros. p. 7.
- BORBA FILHO, Hermilo. Bonecos. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 6 de agosto de 1948. Fora de Cena. p. 5.
- Festa Infantil promovida pelo "Rádio Jornal do Commercio". *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de agosto de 1948. p. 10.
- Haja Pau. *Folha da Manhã*. Recife, 15 de agosto de 1948. 2ª Secção. p. 1.
- Inveja, hoje, pelo "Grupo Infantil de Comedias"/Mesa Redonda de Teatro. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 27 de agosto de 1948. p. 5.
- Os "Estudantes" inauguraram, amanhã, a sua Barraca de Arte. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 17 de setembro de 1948. p. 2.
- Lançamento da Barraca do TEP. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 18 de setembro de 1948. p. 1.
- Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de setembro de 1948. Telas e Palcos. p. 2.
- J. B. [Júlio Barbosa]. A vitoria da Barraca. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de setembro de 1948. Teatro. p. 6.
- Teatro do Estudante/Theatro de Marionetes. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de novembro de 1948. Telas e Palcos. p. 4.
- Grupo Infantil de Comedias/Theatro de Marionetes/Theatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de novembro de 1948. Teatro. p. 6.
- Teatro de Marionetes. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de novembro de 1948. Teatro. p. 6.
- Revista Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de novembro de 1948. Telas e Palcos. p. 2.
- Bonecos do Teatro de Marionetes. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de novembro de 1948. Segunda Seção. p. 5.
- "No País do Sonho". *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de novembro de 1948. Teatro. p. 9.
- Recital artístico/Um espetáculo em favor da criança. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de novembro de 1948. p. 9.
- Grupo Teatral de Amadores/Grupo Cenico do Colegio Marista. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.
- Grupo Infantil de Comedias/Theatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.
- BORBA FILHO, Hermilo. Notas. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 16 de dezembro de 1948. Fora de Cena. p. 4.
- Grupo Infantil de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.
- Domingo, a última apresentação, êste ano, do Grupo Infântil de Comédias. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 18 de dezembro de 1948. p. 7.
- Presépio à moda dos fins do século XIX. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de janeiro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.
- Encerra-se amanhã, a Festa da Mocidade. *Folha da Manhã*. Recife, 8 de janeiro de 1949. p. 5.
- Anúncio Rádio Jornal do Commercio. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de janeiro de 1949. p. 6.
- De um para outro teatro o Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 16 de fevereiro de 1949. Espetáculos/Teatro. p. 8.
- Anúncio Teatro Santa Isabel/Os Artistas Unidos/O Casaco Encantado. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de março de 1949. p. 10.
- "Os Artistas Unidos". *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de março de 1949. Telas e Palcos. p. 2.
- Voltaõ, domingo, á ribalta, as crianças do Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 17 de março de 1949. Espetáculos/Teatro. p. 9.
- BORBA FILHO, Hermilo. O Casaco Encantado. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*.

- Recife, 17 de março de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 9.
- "Fim de temporada"/"O Casaco Encantado". *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de abril de 1949. Teatro. p. 6.
- Teatro de Brinquedo/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de maio de 1949. Teatro. p. 6.
- O oitavo aniversário do "Grupo Infantil de Comédias". *Folha da Manhã*. Recife, 19 de maio de 1949. Teatro. p. 5.
- L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Enfim, o Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de junho de 1949. Teatro. p. 6.
- Grupo Infantil de Comedias/Curso de Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de junho de 1949. Teatro. p. 6.
- L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Teatro para rir. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de junho de 1949. Teatro. p. 6.
- No Centro Educativo do Cordeiro o Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 15 de junho de 1949. p. 6.
- J. B. [Júlio Barbosa]. Espetaculo para rir. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de agosto de 1949. Teatro. p. 6.
- A festa de hoje em Catende. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.
- Teatro Infanto Juvenil da Melpomene. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de outubro de 1949. De Olinda. p. 5.
- Teatro de Emergência/Teatro de Brinquedo. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de outubro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.
- Anúncio Teatro de Emergência Almare/Juracy Camargo e Hekel Tavares/Cidade Maravilhosa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de novembro de 1949. p. 11.
- Baby Cinema. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.
- W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de novembro de 1949. Notas de Arte. p. 13.
- Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de novembro de 1949. Notas de Arte. p. 13.
- Visita, hoje, a cidade do Cabo, o Teatro de Amadores de Catende. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de novembro de 1949. Notícias do Interior. p. 9.
- W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de dezembro de 1949. Notas de Arte. p. 7.
- Estreará brevemente o "Teatro de Brinquedo". *Folha da Manhã*. Recife, 11 de agosto de 1950. Teatro, Rádio e Cinema. p. 7.
- Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 24 de agosto de 1950. Teatro, Rádio e Cinema. p. 12.
- W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de novembro de 1950. Notas de Arte. p. 8.
- GONDIM FILHO, Isaac. Com o Grupo Infantil de Comédias. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de novembro de 1950. De Teatro. p. 4.
- Teatro Almare. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de setembro de 1951. Telas e Palcos. p. 2.
- W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de outubro de 1951. Notas de Arte. p. 13.
- J. B. [Júlio Barbosa]. As 3 peças do T.E.P. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de abril de 1952. Artes e Artistas/Teatro. p. 4.
- "Teatro de Marionetes Monteiro Lobato". *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de abril de 1952. Artes e Artistas. p. 4.
- J. B. [Júlio Barbosa]. "Nossos avós contaram...". *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de junho de 1952. Artes e Artistas/Teatro. p. 4
- Teatro Marista, domingo, em matinal/Teatro nos colégios. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de setembro de 1952. Artes e Artistas/Teatro. p. 4.
- Última récita de "A Vida Continua Amanhã". *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de setembro de 1952. Artes e Artistas/Teatro. p. 4.
- "O Despertar da Princesa". *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de outubro de 1952. Artes e Artistas/Teatro. p. 4.
- GONDIM FILHO, Isaac. Com o Grupo Infantil de Comédias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de março de 1953. Teatro. p. 6.
- GONDIM FILHO, Isaac. "O Baile na Flôr". *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de junho de 1953. Teatro. p. 2.
- Grupo Infantil de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de julho de 1953. p. 6.
- Teatro de Brinquedo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de agosto de 1953. p. 10.
- GONDIM FILHO, Isaac. Três espetaculos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de agosto de 1953. Teatro. p. 9.
- "O Príncipe Medroso" pelo "Teatro de Brinquedo" amanhã, às 10hs. no Sta. Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de agosto de 1953. p. 11.

GONDIM FILHO, Isaac. Graça Melo deixa-nos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de agosto de 1953. Teatro. p. 8.

Grandioso espetaculo para crianças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de agosto de 1953. p. 5.

Especialmente para crianças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de agosto de 1953. p. 5.

Um elenco de estrelas num espetaculo infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de setembro de 1953. p. 10.

O Teatro de Brinquedo apresentará a sua segunda peça domingo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de setembro de 1953. Teatro. p. 6.

Teatro para crianças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de setembro de 1953. Teatro. p. 8.

GONDIM FILHO, Isaac. O Soldadinho do Rei. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de outubro de 1953. Teatro. p. 2.

GONDIM FILHO, Isaac. Teatro para crianças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de setembro de 1953. Teatro. p. 8.

GONDIM FILHO, Isaac. A estréia de hoje. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de novembro de 1954. Teatro. p. 5.

GONDIM FILHO, Isaac. "Senhorzinho de Engenho". *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de novembro de 1954. Teatro. p. 13.

GONDIM FILHO, Isaac. Grupo Infantil de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de novembro de 1954. Teatro. p. 5.

GONDIM FILHO, Isaac. O Teatro de Brinquedo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de dezembro de 1954. Teatro. p. 9.

GONDIM FILHO, Isaac. Teatro Universitário. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de dezembro de 1954. Teatro. p. 5.

Teatro Universitário. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de dezembro de 1954. Teatro. p. 6.

Anúncio Marionetes/Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de dezembro de 1954. p. 3.

GONDIM FILHO, Isaac. Martin Gonçalves x T. U. P. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de janeiro de 1955. Teatro. p. 11.

Anúncio Teatro Marrocos/Italo Cúrcio e sua Cia. de Comedia com Nair Ferreira/Filho de Sapateiro/A Bonequinha do Rei. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 maio de 1955. p. 25.

14º Aniversário do Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 4 de maio de 1955. Os Espetáculos – As Artes/Teatro. p. 11.

Anúncio Teatro Marrocos/Italo Cúrcio e sua Cia. de Comedias com Nair Ferreira/Filho de Sapateiro/A Bonequinha do Rei. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 maio de 1955. p. 27.

Anúncio Teatro Marrocos/Italo Cúrcio e sua Cia. de comedias com Nair Ferreira/A Princesinha e a Bruxa Maldita. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 maio de 1955. p. 15.

GONDIM FILHO, Isaac. Grupo infantil de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 maio de 1955. Teatro. p. 5.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 21 de maio de 1955. Os Espetáculos – As Artes/Teatro. p. 11.

GONDIM FILHO, Isaac. "A Princesa Maluca". *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 maio de 1955. Teatro. p. 11.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 22 de maio de 1955. Os Espetáculos – As Artes/Teatro. p. 11.

Nova peça do autor Isaac Gondim Filho. *Folha da Manhã*. Recife, 1 de junho de 1955. Os Espetáculos – As Artes/Teatro. p. 11.

GONDIM FILHO, Isaac. Primeiro Festival Nortista de Teatro Amador. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de junho de 1955. Teatro. p. 5.

Anúncio Teatro Marrocos/Italo Cúrcio e sua Cia. de Comedias/A Princesinha e a Bruxa Maldita. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de junho de 1955. p. 25.

GONDIM FILHO, Isaac. Grupo infantil de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de junho de 1955. Teatro. p. 5.

Teatro Marrocos – Cia. de Comédias Italo Cúrcio/Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 24 de junho de 1955. Os Espetáculos – As Artes/Teatro. p. 9.

Anúncio Teatro Marrocos/Italo Cúrcio e sua Cia. de Comedias/A Princesinha e a Bruxa Maldita. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de junho de 1955. p. 27.

CAVALCANTI, Otávio. O Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 28 de junho de 1955. Os Espetáculos – As Artes/Teatro. p. 11.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 24 de setembro de 1955. Os Espetáculos – As Artes/Artes. p. 10.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 18 de outubro de 1955. Os Espetáculos - As Artes/Teatro – Arte. p. 9.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 20 de outubro de 1955. Os Espetáculos – As Artes. p. 9.

- Teatro Marista/Musica, Divina Musica. *Folha da Manhã*. Recife, 5 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 6.
- Nova peça de Isaac Gondim Filho em cartaz. *Folha da Manhã*. Recife, 6 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 12.
- “Meus Santos Diabinhos” – Uma comédia para crianças. *Folha da Manhã*. Recife, 8 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 6.
- Uma comédia para crianças/“Teatro de Amadores Mirim”/“Música Divina Música”. *Folha da Manhã*. Recife, 9 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 6.
- “Música, Divina Música” amanhã, no Santa Isabel/“A Pequena Cigana”, no Santa Isabel. *Folha da Manhã*. Recife, 10 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 6.
- “Meus Santos Diabinhos” em quatro récitas apenas/Hoje, no Santa Isabel “Música, Divina Música”/Festival Artístico no Santa Isabel. *Folha da Manhã*. Recife, 11 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 6.
- “Meus santos diabinhos” – Uma comédia para crianças de todas as idades/Transferido o espetáculo de “Música, Divina Música”. *Folha da Manhã*. Recife, 13 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 12.
- Irá ao Santa Isabel o Grupo Infantil/Música, Divina Música/“Meus Santos Diabinhos” estreia hoje, no Sta. Isabel. *Folha da Manhã*. Recife, 15 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p.13.
- Música, Divina Música. *Folha da Manhã*. Recife, 17 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 9.
- “Música Divina Musica”/Teatro dos Maristas. *Folha da Manhã*. Recife, 18 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 9.
- MARQUES, José Maria. “Música Divina Música”. *Folha da Manhã*. Recife, 23 de novembro de 1955. Os Espetáculos – As Arte. p. 11.
- Permanência de menores na Festa da Mocidade/a “Pequena Cigana” no Santa Isabel. *Folha da Manhã*. Recife, 23 de novembro de 1955. Os Espetáculos – As Arte. p. 11.
- “Meus Santos Diabinhos”/“A Pequena Cigana”. *Folha da Manhã*. Recife, 24 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 11.
- GONDIM FILHO, Isaac. “Musica, Divina Musica”. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de novembro de 1955. Teatro. p. 5.
- GONDIM FILHO, Isaac. “Música, Divina Música” – II. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de novembro de 1955. Teatro. p. 5.
- SOUZA, Sotero de. Os diabinhos de Aderbal. *Folha da Manhã*. Recife, 25 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 6.
- Atrizes infantis. *Folha da Manhã*. Recife, 25 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 6.
- Artistas infantis. *Folha da Manhã*. Recife, 26 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 11.
- Hoje, no Santa Isabel, o Grupo Infantil de Comédias/“Musica, Divina Musica”. *Folha da Manhã*. Recife, 27 de novembro de 1955. Os Espetáculos – As Artes. p. 11.
- Voltará ao Santa Isabel o espetáculo musicado da DECA/“Musica, Divina Musica”. *Folha da Manhã*. Recife, 29 de novembro de 1955. Teatro – Arte. p. 13.
- Festival Infantil/Maria Auxiliadora. *Folha da Manhã*. Recife, 6 dezembro de 1955. Teatro – Arte. p. 8.
- Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 17 de dezembro de 1955. Teatro – Arte. p. 6.
- O Grupo Infantil de Comédias vence mais um ano de lutas. *Folha da Manhã*. Recife, 29 de dezembro de 1955. Teatro – Arte. p. 8.
- GONDIM FILHO, Isaac. Duas que chegam. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de janeiro de 1956. Teatro. p. 5.
- GONDIM FILHO, Isaac. Em torno de um espetáculo infantil – I. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de janeiro de 1956. Teatro. p. 5.
- GONDIM FILHO, Isaac. Uma peça infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de fevereiro de 1956. Teatro. p. 5.
- GONDIM FILHO, Isaac. “Festa dos melhores”. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de março de 1956. Teatro. p. 5.
- W. [Valdemar de Oliveira]. A Propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de maio de 1956. Artes e Artistas. p. 6.
- GONDIM FILHO, Isaac. Bibi, Procópio e o público. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de agosto de 1956. Teatro. p. 8.
- CAVALCANTI, Medeiros. O teatro vai bem, obrigado. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de agosto de 1956. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.
- GONDIM FILHO, Isaac. Graça Mello vem aí. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de agosto de 1956. Teatro. p. 5.
- CAVALCANTI, Medeiros. “A Compadecida” – I. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de setembro de 1956. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.
- MORAIS, Otávio. À margem do festival. *Diário da Noite*. Recife, 15 de outubro de 1956. p. 5.

- SUASSUNA, Ariano. A Crônica e a A. C. T. P. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1957. Teatro. p. 6.
- Grupo Infantil de Comédias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1957. Teatro. p. 6.
- LEITE, Adeth. Espetáculos/O novo Marrocos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de janeiro de 1957. Teatro. p. 9.
- CAVALCANTI, Otávio. Mais teatros para o Recife/"O Rei Mentiros". *Folha da Manhã*. Recife, 17 de março de 1957. Teatro – Arte. p. 11.
- Teatro Marrocos – Estréia hoje, na Praça da República, o novo teatro da Cia. Barreto Júnior. *Folha da Manhã*. Recife, 28 de março de 1957. Teatro – Arte. p. 2.
- Teatro de Brinquedo – Domingo no Santa Isabel, com o "Rei Mentiros", de volta ao palco/Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, de abril de 1957. Teatro – Arte. p. 8.
- Grupo Infantil de Comedias. *Folha da Manhã*. Recife, 28 de abril de 1957. Teatro – Arte. p. 11.
- Anúncio Teatro de Santa Isabel/Teatro de Brinquedo/O Rei Mentiros. *Folha da Manhã*. Recife, 28 de abril de 1957. p. 8.
- Teatro de Brinquedo hoje, em matinal. *Folha da Manhã*. Recife, 1 de setembro de 1957. Teatro – Arte. p. 9.
- Teatro de Brinquedo domingo, em matinée. *Folha da Manhã*. Recife, 5 de setembro de 1957. Teatro – Arte. p. 8.
- Teatro de Brinquedo hoje, no Santa Isabel, em vesperal, mais um espetáculo. *Folha da Manhã*. Recife, 22 de setembro de 1957. Teatro – Arte. p. 11.
- Teatro de Brinquedo – hoje, último espetáculo. *Folha da Manhã*. Recife, 6 de outubro de 1957. Teatro – Arte. p. 13.
- Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 22 de outubro de 1957. Teatro – Arte. p. 8.
- LEITE, Adeth. "O Rapto das Cebolinhas". *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1957. Espetáculos. p. 23-24.
- Festa da Mocidade. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de dezembro de 1957. p. 6.
- LEITE, Adeth. "A Princesa e o Feiticeiro". *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de dezembro de 1957. Espetáculos. p. 6.
- LEITE, Adeth. O mês teatral. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de dezembro de 1957. Espetáculos. p. 6.
- LEITE, Adeth. Falta de pauta. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de dezembro de 1957. Espetáculos. p. 15.
- LEITE, Adeth. Os melhores interpretes de 1957. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de janeiro de 1958. Espetáculos. p. 6.
- LEITE, Adeth. Grupo Infantil de Comédias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de janeiro de 1958. Espetáculos. p. 6.
- LEITE, Adeth. A premiação. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de janeiro de 1958. Espetáculos. p. 6.
- As crianças dos orfanatos – Dois espetáculos, no Sta. Isabel, com o "Grupo Infantil de Comédias". *Folha da Manhã*. Recife, 8 de setembro de 1958. Teatro. p. 3.
- Eseptáculos Infantil, no Santa Isabel. *Folha da Manhã*. Recife, 5 de outubro de 1958. Teatro – Artes. p. 13.
- Comemorações do "Dia das Crianças". *Folha da Manhã*. Recife, 12 de outubro de 1958. Teatro – Artes. p. 13.
- Surgiu o A P D – "O Violino Encantado". *Folha da Manhã*. Recife, 26 de outubro de 1958. Teatro – Artes. p. 7 e 13.
- Chegou a vez da petizada na Rádio Tamarandaré. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de novembro de 1958. Segunda Secção. p. 4.
- LEITE, Adeth. I Festival Brasileiro de Teatro de Bonecos/O Violino Encantado. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de novembro de 1958. Espetáculos. p. 22.
- LEITE, Adeth. "O Violino Encantado". *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de novembro de 1958. Espetáculos. p. 17.
- LEITE, Adeth. Os Atores Profissionais Unidos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de novembro de 1958. Espetáculos. p.14.
- LEITE, Adeth. "As Astacias do Primo Zeca". *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 e 16 de novembro de 1958. Espetáculos. p. 22.
- LEITE, Adeth. "O Violino Encantado"/Duas peças infantis. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de novembro de 1958. Espetáculos. p. 20.
- LEITE, Adeth. Movimento Teatral de outubro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de novembro de 1958. Espetáculos. p. 6.
- LEITE, Adeth. Falta de teatros/Companhia de Marionetes. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de novembro de 1958. Espetáculos. p. 14.
- Anúncio A nova festa da Mocidade. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de novembro de 1958. p. 14.

- LEITE, Adeth. O Teatro de Marionetes encerrará domingo sua temporada no Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1959. p. 14.
- Anúncio Teatro Marrocos/Companhia Internacional de Marionetas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1959. p. 27.
- LEITE, Adeth. Dezembro teatral. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de janeiro de 1959. Espetáculos. p. 8.
- LEITE, Adeth. O certame de Maceió/Excursionista o Teatro do DECA. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de janeiro de 1959. Espetáculos. p. 8.
- LEITE, Adeth. Artes e artistas – III Festival Nortista de Teatro Amador. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de janeiro de 1959. Espetáculos. p. 9.
- LEITE, Adeth. Nos bastidores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de dezembro de 1959. p. 3.
- LEITE, Adeth. Nos bastidores/Os melhores de 1959. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1959. p. 3.
- LEITE, Adeth. Nos bastidores/Estréia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de dezembro de 1959. p. 3.
- Inaugura-se, hoje, o Teatro de Arena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de maio de 1960. Primeiro Caderno. p.3.
- PONTES, Joel. Ficou para 15. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de dezembro de 1960. Segundo Caderno/Diário Artístico. p. 3.
- PONTES, Joel. "O Pequeno Príncipe". *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de dezembro de 1960. Segundo Caderno/Diário Artístico. p. 3.
- PONTES, Joel. Balanço do ano (1). *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de janeiro de 1961. Primeiro Caderno/Diário Artístico. p. 9.
- PONTES, Joel. Balanço do ano (3). *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de janeiro de 1961. Segundo Caderno/Diário Artístico. p. 5.
- PONTES, Joel. Em Caruaru. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de janeiro de 1961. Segundo Caderno/Diário Artístico. p. 3.
- PONTES, Joel. Balanço do ano (5). *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de fevereiro de 1961. Segundo Caderno/Diário Artístico. p. 2.
- PONTES, Joel. Balanço do ano (6). *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de fevereiro de 1961. Segundo Caderno/Diário Artístico. p. 3.
- 20 conjuntos amadoristas no I Festival de Teatro do Recife. *Diario de Pernambuco*.
- Recife, 6 de setembro de 1961. Segundo Caderno. p. 8 e 7.
- PONTES, Joel. O semestre no teatro (3). *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de julho de 1962. Segundo Caderno/Diário Artístico. p. 3.
- LEITE, Adeth. Inicia-se, no próximo dia 7, em Caruaru, o Festival de Teatros Estudantis do NE. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de julho de 1962. Segundo Caderno. p. 3.
- PONTES, Joel. Programa do Festival. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de julho de 1962. Segundo Caderno/Diário Artístico. p. 11.
- LEITE, Adeth. Considerações em torno do Festival de Caruaru, a ter início no dia 7. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de julho de 1962. Segundo Caderno. p. 11.
- PONTES, Joel. Os premiados. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de julho de 1962. Segundo Caderno/Diário Artístico. p. 3.
- PONTES, Joel. Acontecimentos do Festival (8). *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de julho de 1962. Segundo Caderno/Diário Artístico. p. 11.
- PONTES, Joel. Programas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de julho de 1962. Segundo Caderno/Diário Artístico. p. 3.
- PONTES, Joel. Espetáculo cancelado/Domingo, para crianças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de novembro de 1962. Segundo Caderno/Diário Artístico. p. 3.
- PONTES, Joel. O violino das crianças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de novembro de 1962. Segundo Caderno/Diário Artístico. p. 3.
- LEITE, Adeth. Operetas infantis/Cartazes do dia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de novembro de 1962. Segundo Caderno. p. 3.
- LEITE, Adeth. Hoje, no Santa Isabel, serão montadas duas operetas infantis pelos alunos do Colégio A. Batista. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de novembro de 1962. Segundo Caderno. p. 3.
- LEITE, Adeth. Total desrespeito das autoridades pela conservação e restauração dos teatros locais: os fatos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1962. Segundo Caderno/Diário Artístico. p. 3.
- PONTES, Joel. "O Boi e o Burro no Caminho de Belém". *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de janeiro de 1963. Diário Artístico. p. 11.
- Teatro infantil nos asilos e orfanatos, a partir da próxima semana, com o "Palhacinho Pimpão". *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de abril de 1963. Segundo Caderno. p. 3 e 7.

- PONTES, Joel. O semestre no teatro (1). *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de julho de 1963. Segundo Caderno/Diário Artístico. p. 3.
- PONTES, Joel. O semestre no teatro (2). *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de julho de 1963. Segundo Caderno/Diário Artístico. p. 3.
- PONTES, Joel. Um do Casaco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de julho de 1963. Segundo Caderno/Diário Artístico. p. 1.
- LEITE, Adeth. Pluft – O Fantasminha. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de outubro de 1963. Segundo Caderno. p. 3.
- LEITE, Adeth. Festival de Teatro Infantil deveria ser realizado nesta capital: de pé a sugestão. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de outubro de 1963. Segundo Caderno. p. 2.
- LEITE, Adeth. Festival de Teatro Infantil será realizado nesta capital. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de outubro de 1963. Segundo Caderno. p. 3.
- LEITE, Adeth. Festival de Teatro Infantil será realizado no Recife, em novembro/Operetas infantis. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de novembro de 1963. Segundo Caderno. p. 1.
- LEITE, Adeth. Teatro Phoenix. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1963. Segundo Caderno. p. 1.
- LEITE, Adeth. Será encerrado hoje o I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de dezembro de 1963. Segundo Caderno. p. 3.
- Escolhidos ontem à noite, os "melhores do teatro em 1963". *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de janeiro de 1964. Segundo Caderno. p. 3.
- LEITE, Adeth. Cachos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de janeiro de 1964. Segundo Caderno/Teatro Quase Sempre. p. 1.
- LEITE, Adeth. Retrospecto do ano teatral. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de dezembro de 1964. Segundo Caderno/Teatro Quase Sempre. p. 3.
- LEITE, Adeth. Apontamentos de nomes para escolhas dos "melhores" de nossas ribaltas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de dezembro de 1964. Segundo Caderno/Teatro Quase Sempre. p. 1.
- LEITE, Adeth. Cenaristas pernambucanos na temporada teatral de 1964. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de dezembro de 1964. Segundo Caderno/Teatro Quase Sempre. p. 3.
- LEITE, Adeth. Inqualificável, artisticamente o teatro rebolado exibido no Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1965. Segundo Caderno/Teatro Quase Sempre. p. 3.
- LEITE, Adeth. ACTP escolherá hoje "os melhores" do teatro pernambucano em 1964. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de janeiro de 1965. Segundo Caderno/Teatro Quase Sempre. p. 1.
- Voltou à estaca zero o movimento teatral. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de janeiro de 1965. Segundo Caderno/Teatro Quase Sempre. p. 3.
- LEITE, Adeth. Presepio do Seculo XIX. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de dezembro de 1965. Segundo Caderno/Teatro Quase Sempre. p. 3.
- Anúncio Teatro Popular do Nordeste/A Revolta dos Brinquedos. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de setembro de 1966. p. 7.
- "O Inspetor" é recordista em representações teatrais. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de setembro de 1966. p. 7.
- SOARES, Ivan. Dois assuntos. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de setembro de 1966. Caderno IV/Teatro. p. 2.
- W. [Valdemar de Oliveira]. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de outubro de 1966. A propósito... p. 6.
- Anúncio Festa da Criança. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de outubro de 1966. p. 6.
- Colégio das Damas encenará Exupéry. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de outubro de 1966. p. 12.
- Data universal das crianças é comemorada hoje, com festividades. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de outubro de 1966. p. 20.
- SOARES, Ivan. Movimento. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de outubro de 1966. Caderno IV/Teatro. p. 2.
- CAVALCANTI, Medeiros. A semente que morreu. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de outubro de 1966. Teatro. p. 7.
- CAVALCANTI, Medeiros. Curtinho... pra sair. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de outubro de 1966. Teatro. p. 7.
- CAVALCANTI, Medeiros. Várias. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de outubro de 1966. Teatro. p. 7.
- CAVALCANTI, Medeiros. Vem ai "O Cavalinho Azul". *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de dezembro de 1966. Teatro. p. 7.
- W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de dezembro de 1966. p. 7.
- Anúncio Teatro Popular do Nordeste/O Cavalinho Azul. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de dezembro de 1966. p. 13.

- LEITE, Adeth. Movimento teatral de Recife em 1966. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de janeiro de 1967. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 3.
- LEITE, Adeth. Hoje a escolha dos "melhores" no teatro de Pernambuco em 66. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de janeiro de 1967. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 3.
- LEITE, Adeth. Desinteresse pelos teatros do Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de janeiro de 1967. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 3.
- LEITE, Adeth. Anúncios Teatro de Brinquedo/O Rei Mentirosa e Teatro Popular do Nordeste/O Cavalinho Azul. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de janeiro de 1967. Segundo Caderno. p. 7.
- LEITE, Adeth. Espetáculos itinerantes no Recife durante este ano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1967. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 11.
- LEITE, Adeth. A Árvore que Andava. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 9.
- Anúncio Teatro Santa Isabel/Clube de Teatro Infantil/A Árvore Que Andava. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de janeiro de 1968. p. 9.
- LEITE, Adeth. 40 anos de batente profissional do velho ator Barreto Júnior/Suspensa a temporada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 13.
- LEITE, Adeth. Íntegra do decreto que tornou inacessível o acesso ao teatro/Bôca de Cena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 11.
- LEITE, Adeth. No Recife, teatro oficial é fonte arrecadadora de taxas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 9.
- LEITE, Adeth. Movimento cênico no Recife durante o exercício de 1967. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 9.
- LEITE, Adeth. Amanhã a escolha dos "melhores" do teatro em Pernambuco em 1967/Bôca de Cena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 15.
- LEITE, Adeth. Bôca de Cena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 9.
- LEITE, Adeth. O trôco e mais um cruzado. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 9.
- LEITE, Adeth. V Festival Nacional de Teatros de Estudantes/Escolha dos melhores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 15.
- LEITE, Adeth. Pela primeira vez a ACTP não distribuiu o prêmio "Vânia Souto Carvalho". *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de janeiro de 1968. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 11.
- Anúncio Teatro Santa Isabel/Clube de Teatro Infantil/A Árvore que Andava. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de janeiro de 1968. p. 9.
- LEITE, Adeth. Movimento teatral no Recife em 1968. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1969. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 5.
- LEITE, Adeth. Bôca de Cena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de janeiro de 1969. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 6.
- LEITE, Adeth. Teatro do Parque e Cine-Teatro do Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de janeiro de 1969. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 5.
- LEITE, Adeth. Bôca de Cena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de janeiro de 1969. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 17.
- Anúncio Teatro Santa Isabel/Clube de Teatro Infantil/A Árvore Que Andava. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de janeiro de 1969. Segundo Caderno. p. 9.
- LEITE, Adeth. A Bôca de Cena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de março de 1969. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 4.
- LEITE, Adeth. Clube de Teatro Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de maio de 1969. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 4.
- SOARES, Ivan. Teatro para crianças. *Diário da Noite*. Recife, 22 de maio de 1969. 2º Caderno/Cinema & Teatro. p. 2.
- LEITE, Adeth. O Jacaré Azul. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de maio de 1969. Primeiro Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 16.
- ISNAR. Aplausos para Otto &. *Jornal do Commercio*. Recife, 31 de maio de 1969. Caderno II, Registro. p. 2.
- LEITE, Adeth. Clube de Teatro Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de junho

- de 1969. Primeiro Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 16.
- LEITE, Adeth. Verbas – eis a questão. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de dezembro de 1969. Segundo Caderno. p. 5.
- LEITE, Adeth. Retrospectiva de 1969 – Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de dezembro de 1969. Segundo Caderno. p. 5.
- Anúncio Teatro Popular do Nordeste/Teatroneco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de dezembro de 1969. Segundo Caderno. p. 15.
- Anúncio I FEBRAC – Feira Brasileira da Criança. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de dezembro de 1970. Primeiro Caderno. p. 9.
- LEITE, Adeth. "Piccolo Show" fêz sucesso em Fortaleza. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de dezembro de 1970. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 6.
- LEITE, Adeth. Teatro de Marionetes Monteiro Lobato. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de janeiro de 1971. Segundo Caderno. p. 2.
- LEITE, Adeth. Grupo Aprendizagem. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de janeiro de 1971. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre/Flashes Artísticos. p. 9.
- Anúncio Nossa Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1971. Segundo Caderno. p. 4.
- LEITE, Adeth. Temporada circense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1971. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre/Flashes Artísticos. p. 8.
- LEITE, Adeth. Plano de montagens de Otto Prado para êste ano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de janeiro de 1972. Segundo Caderno/Teatro, Quase Sempre. p. 8.
- Circo da Raposa Malhada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1972. Segundo Caderno. p. 11.
- Festa infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de dezembro de 1972. Segundo Caderno. p. 13.
- Anúncios Nossa Teatro/Teatros Municipais. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de dezembro de 1972. Terceiro Caderno. p. 2.
- Anúncios Teatros Municipais/Nossa Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de dezembro de 1972. Segundo Caderno. p. 5.
- Hoje tem espetáculo no "Circo da Raposa Malhada". *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de dezembro de 1972. Suplemento Infantil do *Diario de Pernambuco*. p. 25.
- Anúncios Teatros Municipais/Nossa Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de dezembro de 1972. Segundo Caderno. p. 5.
- O Coelhinho Falador. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1972. p. 21.
- Teatro infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de dezembro de 1972. Segundo Caderno. p. 15.
- LEITE, Adeth. Teatro infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de dezembro de 1972. Segundo Caderno. p. 14.
- Anúncio Teatros Municipais Programação. *Jornal de Commercio*. Recife, 18 de março de 1973. Caderno I. p. 10.
- Teatro Infantil faz cinco anos e leva "Coelhinho Falador". *Jornal de Commercio*. Recife, 18 de março de 1973. Caderno III. p. 8.
- Você gosta de sopa? E de flores? *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de julho de 1973. Segundo Caderno/Diversões/Leia Léa. p. 4.
- A Pantera. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de julho de 1973. Segundo Caderno/Diversões/Leia Léa. p. 4.
- Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1973. Segundo Caderno/Roteiro. p. 5.
- Anúncio Nossa Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de dezembro de 1973. Segundo Caderno. p. 2.
- Anúncio Parque da Fecin. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de dezembro de 1973. Primeiro Caderno/Esportes. p. 20.
- Anúncio Teatros Municipais Programação. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de dezembro de 1973. p. 20.
- Tem versão de Otto Prado. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de março de 1974. Caderno III. p. 8.
- JÚNIOR, Antonio Aguiar. Teatroneco no Teatro Nacional de Comédias. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de agosto de 1974. Caderno IV/Teatro. p. 2.
- "Terra Adorada" estréia e faz muito sucesso junto ao público infantil presente. *Jornal do Commercio*. Recife, 31 de agosto de 1974. Caderno II. p. 2.
- AGUIAR, Tonico. Um Menino Jesus Dorminhoco – Auto de Natal! *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de dezembro de 1974. Caderno IV/Teatro. p. 3.
- AGUIAR, Tonico. O ano teatral 1975. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de dezembro de 1974. Caderno IV/Teatro. p. 3.
- COUTINHO, Valdi. A verba do SNT/Festival de Bonecos. *Diario de Pernambuco*. Recife,

- 6 de janeiro de 1975. Quinto Caderno/Diversões/Cena Aberta. p. B-10.
- LINS, Celso Marconi. Filha de Bruxa Não é Bruxinha. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de janeiro de 1975. Caderno II. p. 4.
- "Lute Ratinho" começa temporada no Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de julho de 1975. Terceiro Caderno/Roteiro. p. 2.
- AGUIAR, Tonico. O festival está aí. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de setembro de 1975. 4º Caderno/Teatro. p. 3.
- Coragem da Formiguinha Fifi no Teatro do Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de outubro de 1975. Segundo Caderno/Roteiro. p. 6.
- Grupo "Pinóia" traz Espantalhos Encantados. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de outubro de 1975. Segundo Caderno/Roteiro. p. 6.
- TEA em Limoeiro. *Jornal Vanguarda*. Caruaru, 19 de outubro de 1975. p. 1.
- Sepultamento de Adeth será hoje à tarde. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de novembro de 1975. Primeiro Caderno/Local Estadual. p. 3.
- Teatro Infantil lança "O Coelhinho Falandor". *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de novembro de 1975. Segundo Caderno/Roteiro. p. 6.
- COUTINHO, Valdi. Teatro infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de novembro de 1975. Quarto Caderno/Arte. p. 4.
- COUTINHO, Valdi. Uma elogiável experiência. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de novembro de 1975. Segundo Caderno/Diversos/Arte. p. 10.
- Anúncio Nossa Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1975. Esportes. p. 6.
- Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1975. Primeiro Caderno. p. 6.
- Febem oferece peça infantil a garotos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de dezembro de 1975. Primeiro Caderno/Educação e Cultura. p. 6.
- COUTINHO, Valdi. O Castelo do Mulu-mi. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de dezembro de 1975. Diversões/Arte. p. 10.
- Anúncio TAP – Júnior. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1975. Segundo Caderno/Local Estadual. p. 11.
- COUTINHO, Valdi. Maria Minhoca/Marca do sucesso. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1975. Terceiro Caderno/Cena Aberta. p. 9.
- Teatros e retreta na programação infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1975. Quarto Caderno. p. 2.
- Teatro: o êxito veio do Sul para atingir Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1976. Retrospectiva Cultura/Teatro. p. 6.
- COUTINHO, Valdi. Mensagem teatral. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1976. Segundo Caderno/Diversões/Cena Aberta. p. 11.
- COUTINHO, Valdi. Troupe Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de janeiro de 1976. Diversões/Cena Aberta. p. 10.
- Festival de Marionetes reúne grupos no Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de janeiro de 1976. Segundo Caderno/Roteiro. p. 6.
- COUTINHO, Valdi. Hoje tem festival. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de janeiro de 1976. Segundo Caderno/Diversões/Cena Aberta. p. 10.
- COUTINHO, Valdi. Infantil no Parque/Uma nova experiência/Pioneiro em Bonecos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de janeiro de 1976. Segundo Caderno/Diversões/Cena Aberta. p. 10.
- MARCONI, Celso. Peça infantil continua no Parque, aos domingos. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de fevereiro de 1976. Caderno II. p. 6.
- Teatro do Parque tem show de Luiz Gonzaga. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de maio de 1976. Segundo Caderno/Roteiro. p. 8.
- PIMENTEL, José. "Na criança o futuro do teatro". *Jornal da Cidade*. Recife, 12 a 18 de junho de 1976. p. 14.
- COUTINHO, Valdi. Supimpa fará teatro infantil pela manhã. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de setembro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.
- COUTINHO, Valdi. Mamulengo vai para Teresina. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de outubro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.
- Teatro do Parque tem hoje peça infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de outubro de 1976. Caderno Viver/Roteiro. p. B-8.
- DANTAS, Anamélia. Leandro: "Teatro infantil desperta o instinto criativo". *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de outubro de 1976. Gente. p. 2.
- COUTINHO, Valdi. Associação do Bandepe promove peça infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de outubro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

"A Lesma e o Caracol" na Festa da Criança. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de outubro de 1976. Caderno Viver/Roteiro. p. B-8.

COUTINHO, Valdi. Fetape indica dois grupos para representar o Estado/Bons espetáculos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de outubro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

Festa da criança. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1976. Caderno Viver/Diversões. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. Peça infantil no Sítio do Pica-Pau-Amarelo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de dezembro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

"Pirata Tubarão" no Nossa Teatro dia 26. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1976. Caderno Viver/Roteiro. p. B-7.

COUTINHO, Valdi. Estréia de Piolin. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de dezembro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de dezembro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. "O Pirata Tubarão" amanhã no Nossa Teatro/Outro infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de dezembro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

"A Lesma e o Caracol" anima a garotada hoje. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de dezembro de 1976. Caderno Viver/Roteiro. p. B-7.

COUTINHO, Valdi. Pedacinho de Lua tem estréia adiada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de dezembro de 1976. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. A festa, o circo, a reflexão: tem boneco no "Pedacinho de Lua". *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de dezembro de 1976. Caderno Geral/Viver. p. B-8.

GUIMARÃES, Anamaria. Paulo de Castro, o Teatro da Criança e o pirata tubarão. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de janeiro de 1977. Domingo/Arte. p. 2.

COUTINHO, Valdi. Mamulengo: brincadeira teatral do "Só-Riso". *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de março de 1977. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. "Planeta das Bruxas" tem estréia domingo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de maio de 1977. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. Pluft, com 22 anos, faz o mesmo sucesso. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de outubro de 1977. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-9.

CABRAL, Sanelvo. Cordel Três inaugura Teatro Casa da Cultura. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de novembro de 1977. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. "A Oncinha Vermelha" se despede e volta em janeiro/A Duquesa dos Cajus. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1977. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-9.

COUTINHO, Valdi. Teatro da Criança do Recife promove espetáculo especial. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1977. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

Pimpão é atração de circo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de dezembro de 1977. Educação e Cultura. p. E-8.

COUTINHO, Valdi. Arena Guararapes. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de dezembro de 1977. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. Teatro em Pernambuco foi bem quantitativo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de dezembro de 1977. Cinema/Teatro. p. B-8.

Grupo Cênico do Núcleo das Bandeirantes de Caruaru/Pluft, o fantasminha, no palco da Rádio Difusora. *Jornal Vanguarda*. Caruaru, 15 de abril de 1978. p. 1.

CABRAL, Sanelvo. Teatro infantil tem festival no Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de junho de 1978. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

COUTINHO, Valdi. Festival de Teatro Infantil termina hoje no Parque/"Maria Minhoca". *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de junho de 1978. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-9.

COUTINHO, Valdi. Uma montagem infantil de "Os Saltimbancos". *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de julho de 1978. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-5.

A volta da alegria de "Os saltimbancos". *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de julho de 1978. Caderno C. p. 1.

COUTINHO, Valdi. Teatro infantil tem nova faixa de horário. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de agosto de 1978. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. B-9.

BELO, Reinaldo. "Pipoquinha": um palhaço que quer educar fazendo graça. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de agosto de 1978. Caderno Viver/Secção B, Página Um.

COUTINHO, Valdi. Teatro da Criança encena "A Revolta dos Brinquedos". *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de outubro de 1978. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de dezembro de 1978. Caderno Viver/Roteiro. p. C-6.

COUTINHO, Valdi. Duas encenações para os festejos de época. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de dezembro de 1978. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

COUTINHO, Valdi. Associação de Servidores da Sudene tem um grupo teatral. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de janeiro de 1979. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

COUTINHO, Valdi. Teatro infantil tem novo horário no Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de março de 1979. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

Palhaço Pipoquinha anima as tardes da TV Tupi. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de março de 1979. Caderno Viver/Diversões/Telenotícias. p. C-8.

COUTINHO, Valdi. Pipoquinha anima o Domingo Alegre. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de abril de 1979. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-9.

Morre fundador do Teatro de Arena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de junho de 1979. Educação. p. B-8.

COUTINHO, Valdi. Direitos humanos no palco também para a criançada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de julho de 1979. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

RIVAS, Lêda. "Domingo Alegre nº 2". *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de outubro de 1979. Caderno Viver/Secção C, Página Um.

COUTINHO, Valdi. Um Auto de Natal no Teatro do Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de dezembro de 1979. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-9.

COUTINHO, Valdi. Campanha das Komabis. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de dezembro de 1979. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

Teatros. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de dezembro de 1979. Caderno Viver/Roteiro. p. C-6.

COUTINHO, Valdi. Um espetáculo com espírito de Natal. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de dezembro de 1979. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

A mensagem natalina de Maria Clara pelo Clube de Teatro Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de dezembro de 1979. Caderno Viver Domingo/Secção C, Página Um.

COUTINHO, Valdi. Teatro de marionetes começa tudo de novo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de dezembro de 1979. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-5.

COUTINHO, Valdi. Final da temporada do Grupo Pipoquinha. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de dezembro de 1979. Caderno Viver/Diversões/Cena Aberta. p. C-9.



Este livro foi impresso em junho de 2016,
pela Gráfica Santa Marta,
em papel Couchê Fosco IMUNE 115 gr/m² no miolo,
utilizando a família tipográfica Avenir para os textos
e Mental Freak para os títulos.





Incentivo:

FUNCULTURA



SECRETARIA
DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.